

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
Instituto de Letras  
Departamento de Teoria Literária e Literatura  
Programa de Pós-Graduação em Literatura

**Movimentos e (re)mapeamentos de mulheres negras  
na literatura brasileira contemporânea**

Calila das Mercês Oliveira

Orientadora: Regina Dalcastagnè

Brasília - DF  
2020

Universidade de Brasília  
Departamento de Teoria Literária e Literatura  
Programa de Pós-Graduação em Literatura

**Movimentos e (re)mapeamentos de mulheres negras  
na literatura brasileira contemporânea**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura (PósLit) do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL) do Instituto de Letras (IL) da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de doutora.

**Área de Concentração:** Literatura e Práticas Sociais

**Linha de Pesquisa:** Representação na Literatura Contemporânea

**Orientadora:** Regina Dalcastagnè

Brasília - DF  
2020

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

dM554m      das Mercês, Calila  
Movimentos e (re)mapeamentos de mulheres negras na  
literatura brasileira contemporânea / Calila das Mercês;  
orientador Regina Dalcastagnè . -- Brasília, 2021.  
220 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Literatura) --  
Universidade de Brasília, 2021.

1. Autorias literárias. 2. Literatura brasileira  
contemporânea . 3. Movimentos e (re)mapeamentos de mulheres  
negras. 4. Poética das águas. 5. Projeto Escritoras Negras  
da Bahia. I. Dalcastagnè , Regina, orient. II. Título.

Calila das Mercês Oliveira

**Movimentos e (re)mapeamentos de mulheres negras  
na literatura brasileira contemporânea**

Banca Examinadora

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Regina Dalcastagnè - TEL/UnB  
(Orientadora e Presidente da Banca)

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Patrícia Trindade Nakagome - TEL/UnB  
(Membro interno)

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Ana Flávia Magalhães Pinto - PosHis/UnB  
(Membro externo)

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Lívia Maria Natália de Souza Santos - UFBA  
(Membro externo)

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Edma Cristina Alencar de Góis - Uneb  
(Membro suplente)

*Dedico às/aos que entendem a terra como paraíso  
e as águas como conhecimento.*

## Agradecimentos em movimentos

"Eu aprendi que as pessoas vão esquecer o que você disse, as pessoas vão esquecer o que você fez, mas nunca esquecerão o que você fez elas sentirem."  
- Maya Angelou

Eu não deveria ser considerada a única autora desta tese. Porque aqui tem tantas colaborações, diálogos, ideias, com cheiros, músicas, viagens reais e de pensamentos, artes, encontros, trocas... Algumas que formariam rodas tão grandes de gente boa que surgiram nesta caminhada; outras que lembrariam as cores vivas dos pratos, copos e doces embalados em papel-festa do *caruru de sete meninos*, já tão distante na minha memória, que fazia a minha vó Carlinda lá em Berimbau durante anos seguidos; ou que me fazem recordar as tantas reuniões de mulheres, no Ariri, próximo ao centenário fogão de lenha na casa de vovó Miguelina, com suas comidas deliciosas e chás que gabava tomar na xícara que uma neta-viajante lhe dera de presente. Ela que partiu "como um passarinho" em julho de 2018...

Rodas que me lembram as do samba lá de Cachoeira, ou a de capoeira que tento praticar no meu íntimo, compreendendo o poder de gingar, ou ainda, as rodas na varanda de um cantinho que foi meu em Brasília e reuniu, durante noites chuvosas e dias quentes, datas festivas e até as mais chorosas, amigas/os, muitas/os delas/es artistas, e parceiras/os de caminhada... São tantas memórias antes de chegar aqui que estes agradecimentos não poderiam ser diferentes.

Lembrar da *terra que me pariu*, da terra que desde pequena vejo minha mãe ter prazer em tocar, plantar, cuidar, e que somente mais tarde entendi o porquê amar a *terra* e a chuva. O silêncio no trovejo. O mar, o rio e o tanque de terra. O vento, o sereno e o sol, e todos que de alguma maneira pousam em nosso ninho-afetivo. Recordar das mensagens carinhosas vindas de casa, com cheiro de café, e até mesmo a castanha torrada que meu pai mesmo fez, descascou e enviou pelos correios e que foram rapidamente engolidas pela saudade do abraço. E, claro, lembrar do carnaval que consegui brincar com minha irmã em uma vinda única dela aqui para me alegrar, em dias que parecíamos morrer aos pouquinhos com o país descendo ladeira abaixo e tanta gente próxima da nossa cor entrando nos índices do genocídio que, segundo a ONU, mata a cada 23 minutos uma pessoa negra.

Estou viva para trazer as reflexões-nossas que se sucedem após estas palavras que podem soar exageradas (e como gostaria que fossem!). Mas os que sentem na pele sabem

que não, não são. Eu anotei na memória durante estes anos, nomes de muitas pessoas que cruzaram os caminhos comigo durante este percurso. Algumas que jamais irei esquecer o que me fizeram sentir.

Agradeço aos meus ancestrais que tocaram o meu coração para seguir. Às minhas avós, griôs e yabás que me ensinaram a ter os pés no chão e a crer no poder da terra. À minha mãe, dona do abraço mais gostoso, Maria do Carmo e ao meu pai Luiz Carlos, parceiro de tantas idas a escola e leituras, por serem meus heróis, faróis, sóis e luas, flores e raízes, meus amores, de frente para o mar e caminhando comigo nos braços quilômetros no sertão. Obrigada por toda autonomia que me deram para eu me movimentar de verdade, sem esconderijos, sem dor... obrigada por todo conhecimento, pelo amor.

Agradeço a minha irmã Tainá das Mercês, por ser inspiradora, amiga em todos os momentos, sempre com suas *hashtags* cheias de #alegria, #diversão e #paz, mesmo quando os dias nem eram tão assim. Tem muito da sua força, da sua fé e do seu carinho nesses escritos.

Agradeço às/aos mestras/es, amigas/os, ativistas, artistas, professoras/es, familiares por toda a fé que fizeram eu seguir até aqui nesta jornada acadêmica que respinga nas ruas, as nossas casas, as roças, terreiros, escolas, favelas, interiores, as tantas RA's, cidades que pude transitar e lugares que nunca imaginei que pudesse pisar.

Agradeço a Conceição Evaristo e Tatiana Nascimento, pelo incentivo a escrita, e a todas/os as/os escritoras/es negras/os e às/aos antirracistas que olham com sensatez para as questões estruturais sociais. Que nos nutrem de sentimentos bonitos, de força e integridade em discursos, atuações, personagens que percorrem trilhas-liberdades.

À Regina Dalcastagnè, minha orientadora, pela generosidade da acolhida e pelas partilhas nesses anos de muitas lutas. Lembro de um esboço-retrato meu, feito por Francisco, enviado por ela em um dia tão difícil, e logo que me vi ali, naquele papel dividindo o espaço com mais rostos, lembrei do porquê estou aqui. Obrigada pelos direcionamentos da pesquisa, obrigada por abraçar os movimentos...

À Ana Flávia Magalhães Pinto por ter sido generosa na leitura, por ter me feito enxergar que eu sou o “mágico da diáspora”. Que a minha luta só positiva e amplia as minhas-nossas caminhadas. Obrigada por ser transformadora e divisora de águas para tantas/os de nós.

À Patrícia Nakagome, por desde nosso primeiro encontro, ter abraçado o meu texto, e a minha forma de estar e ver o mundo. Por ter ido assistir falas minhas em eventos “lado B” da academia. Muito obrigada pela parceria, e por somar no coro e na leitura.

À Livia Natália, poeta e escritora, inspiradora muito antes de conhecê-la. Que me faz acreditar que eu posso ser, escrever, falar e continuar. Agradeço por aceitar ler meu trabalho e participar desta jornada. Obrigada pelas poesias cheias de águas e afeto.

À Fernanda Pinheiro, um amor-água em vários dias nesta Bras-ilha, na nossa Bahia, no nosso mundo.

Sou grata também a mulheres-inspiração: Kênia Freitas, por existir enquanto pesquisadora e pessoa referência e fazer com que eu pudesse acreditar que eu poderia fazer um doutorado mesmo com todas as adversidades da vida. A Tássia Nascimento, uma das pessoas mais maravilhosas que conheci, de uma generosidade imensa e de poesias nos textos e nos abraços. A Raquel Galvão por ser tão importante nesses anos de imersão acadêmica, pela parceria-amor de tantos projetos e sonhos que se seguem. A Analee Sales por todo aconchego e poesias feitas com a câmara fotográfica que me marcaram para sempre. Obrigada a vocês por deixarem meu coração com mais esperança em relação a vida e a jornada profissional.

Ao meu amigo-irmão que escolhi para a vida inteira, Anderson Gonçalves, pela ternura e por ser sempre presente em todos os sentidos e espaços. É também por sua causa que segui até aqui. Agradeço pelo axé, por ter olhado comigo para o rio Paraguaçu, por termos nos escolhido em dias de sol, chuva e em quaisquer dias.

Agradeço a Edma de Góis pela acolhida, pelas prosas, trocas, por aceitar também ler este trabalho, e estar sempre por perto enquanto colega jornalista, pesquisadora, professora de literatura que vem do nordeste, como eu, e luta junto por uma sociedade digna.

Quero agradecer a três amigos-professores e professores-amigos que fizeram parte deste processo: a Andressa Marques, por dividir tanto comigo, sua (nossa) história ancestral de movimentos sempre pensando em construir caminhos para o coletivo, pela parceria, acolhida-positiva e muitos abraços; aos também professores e amigos Humberto Torres, por insistir na luta, afirmar nosso nordeste, nossas origens, por acreditar na profundidade dos nossos sonhos; e Humberto Santana Jr., ele que chegou junto, e me apresentou tanta gente nossa que está neste trabalho e na minha vida, e vibra a cada conquista ou 'triufo' meu-nosso, como ele prefere dizer.

Às/aos amigas/os e colegas da UnB e de Brasília que com generosidade acreditaram na força destes movimentos, são muitas/os marcados aqui neste coração baiano. Aos amigos de agora e sempre, que estão presentes na minha jornada antes de Brasília e às pessoas que eu conheci neste intervalo de tempo e se tornaram parceiras de

leituras, de conversas, de poesias, de viagens, de olhar para o mar, de eventos, de inventar canções, de festas, de despedidas, de abraços, de aconchegos, de desabafos, de cafés, de #EleNão, de intervenções, do projeto *ENB*, de acolhidas, de amar... E são muitas pessoas-mapas. Quem me conhece, sabe o quanto valorizo a amizade de cultivo, as leituras honestas, e a fé nestes movimentos todos. Como diz o poeta e escritor Alan da Rosa: “Sabem quem são. Ninhada grande”.

Agradeço ao Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea pelos encontros generosos com tanta gente que antes somente lia nos livros e que se tornaram próximas e acessíveis.

À CAPES, pelos meses de apoio à pesquisa. O que me faz acreditar na força da educação pública, gratuita e de qualidade para pessoas diversas que compõem este país também diverso. À BCE e à UnB, por terem sido casa e terem me dado muito, muitos encontros aos quais transbordam para além do grande ICC. Agradeço a todas as mãos da limpeza e as que construíram estes espaços preciosos de conhecimento e de trocas, vocês são as/os grandes doutoras/es e mestras/es deste mundo.

## Lista de figuras

Imagem 1: *Epígrafe 1*- Maria do Carmo das Mercês, 13-14 anos, 1978-9, Coração de Maria – BA (Arquivo pessoal da família)

Imagem 2: *Epígrafe 2*- Miguelina Borges dos Santos e Adelina Borges dos Santos, 196x - Bom Jesus da Lapa-BA (Arquivo pessoal da família)

Imagem 3: *Adinkra Sankofa*

Imagem 4: *Adinkra Aya*

Imagem 5: Escritos de Conceição Evaristo sobre *Becos da memória*

Imagem 6: Capa de *Becos da memória* – Editora Mazza (2006)

Imagem 7: Capa de *Becos da memória* – Editora Mulheres (2013)

Imagem 8: Capa de *Becos da memória* – Editora Pallas (2017)

Imagem 9: Assentamento n.3 de Rosana Paulino

Imagem 10: Clarice Lispector e Carolina Maria de Jesus

Imagem 11: Fotografia de Analee Sales - Roda de conversa sobre literatura de mulheres negras -Alcobaça-BA

Imagem 12: Imagem de Ani Ganzala para o Projeto *ENB*

Imagem 13: Quantas escritoras negras você já leu? – Caravelas-BA, por Analee Sales

Imagem 14: Recorte do site *Escritoras Negras da Bahia*

Imagem 15: Recorte de parte do site do *ENB* onde arquivava as últimas escritoras cadastradas e abaixo onde ficava a longa lista de todas as escritoras.

Imagem 16: Gráfico sobre a quantidade de escritoras na capital e fora dela

Imagem 17: Gráfico sobre Publicação autoral

Imagem 18: Gráfico sobre grau de escolaridade

Imagem 19: Fotografia de Analee Sales - Roda de conversa sobre literatura de mulheres negras – Alcobaça-BA

Imagem 20: Fotografia de Analee Sales - Roda de conversa sobre literatura de mulheres negras – Caravelas-BA

Imagem 21: Fotografia de Analee Sales - Roda de conversa sobre literatura de mulheres negras – Caravelas-BA

Imagem 22: Fotografia de Analee Sales - Roda de conversa sobre literatura de mulheres negras – Alcobaça-BA

Imagem 23: Fotografia de Analee Sales - Roda de conversa sobre literatura de mulheres negras – Alcobaça-BA

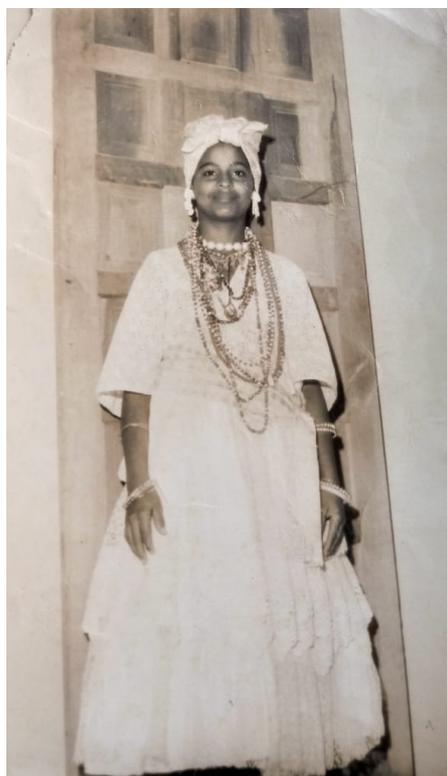
Imagem 24: Fotografia de Analee Sales – Palestra sobre autoria negra Uneb– Teixeira de Freitas –BA

Imagem 25: Fotografia de Analee Sales – Palestra sobre autoria negra Uneb– Teixeira de Freitas – BA

Imagem 26: Fotografia de Analee Sales - Roda de conversa sobre literatura de mulheres negras – Cumuruxatiba-Prado-BA

Imagem 27: Fotografia de Analee Sales – Intervenção artística – colagens de lambes-lambes em Alcobaça-BA

*Imagem 1: Maria do Carmo das Mercês, 13-14 anos, 1978-9, Coração de Maria – Bahia*  
Arquivo pessoal da família



*Imagem 2: Miguelina Borges dos Santos e Adelina Borges dos Santos, 196x - Bom Jesus da Lapa-Bahia*  
Arquivo pessoal da família



**Resumo:**

Por meio desta tese, compartilho movimentos de pessoas negras, especialmente mulheres negras – escritoras, pesquisadoras e personagens – na literatura brasileira contemporânea. Apresento (re)mapeamentos que possibilitam ampliar olhares e realizar conexões com a pluriversalidade das mulheres negras nos campos literário e social. A trilha, abraçada pela poética das águas, perpassa por obras, personagens e trajetórias de autoras-faróis da literatura brasileira e negra como Maria Firmina dos Reis, Ruth Guimarães, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Mãe Stella de Oxóssi e Aline França. Desagua por marcas e escritos que seguem a ideia de individual-coletivo de Ana Maria Gonçalves, Geni Guimarães, Marilene Felinto, dentre outras ialodês e pessoas afrodiáspóricas. Com o desenvolvimento do projeto *Escritoras Negras da Bahia*, este movimento desembocou ainda em falas e obras literárias de Aidil Araújo Lima, Jovina Souza, Rita Santana, Lívia Natália, Deisiane Barbosa, Louise Queiroz, Vânia Melo e Érica Azevêdo. A tese tem o compromisso de *trançar pensamentos* com epistemes negras de teóricas/os, pesquisadoras/es e com outras/os artistas negras/os contemporâneas/os, evidenciando as interlocuções com a literatura e com demais conhecimentos. Nesse percurso, o mover-se negro contemporâneo aqui descrito utiliza-se de recursos – escrevivências, oralitura, biointeração, encruzilhadas, dentre outros – e possibilidades de distanciamento das amarras coloniais, optando por estratégias de reintegração de posse e de ensinamentos que se baseiam, por exemplo, em *adinkras* como *sankofa* e *aya* e na metodologia de colocar água dentro de casa. As águas – dos mares, das chuvas, dos rios e tanques de terra - assim como os movimentos de mulheres negras nos convidam a observar a circularidade e a (in)constância presentes nelas e, com isso a necessidade de remapearmos para extrapolar escalas reduzidas e atentarmos às imagens que as pessoas negras estão produzindo sobre si mesmas.

**Palavras-chave:** Autorias negras; Literatura contemporânea; Mulheres negras; Remapeamentos; Trançar pensamento.

**Abstract:**

Through this thesis, I share movements of Black people, especially Black women - writers, researchers and characters - in contemporary Brazilian literature. I present some epistemic remappings, which make it possible to broaden views and make connections with the pluriversality of Black women in the literary and social fields. The trail, embraced by the poetics of water, runs through works, characters and trajectories of leading authors of Brazilian and Black literature such as Maria Firmina dos Reis, Ruth Guimarães, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Mãe Stella de Oxóssi and Aline França. It flows through impressions and writings that follow the idea of individual-collective of Ana Maria Gonçalves, Geni Guimarães, Marilene Felinto, among other *ialodês* and afro diasporic people. On account of the development of the project *Black Writers from Bahia State* [Escritoras Negras da Bahia], this movement also leads to speeches and literary works of Aidil Araújo Lima, Jovina Souza, Rita Santana, Lívia Natália, Deisiane Barbosa, Louise Queiroz, Vânia Melo and Érica Azevêdo. The thesis is committed to braiding thoughts with Black epistemes of theorists, researchers and with other Black artists / contemporaries, showing its interlocutions with literature and other knowledge. In this way, the contemporary Black movement described here take hold of resources - *escrevivência*, *oralitura*, *encruzilhada*, among others - and possibilities of distancing from colonial ties, opting to implement ownership repossession and lessons that are based on, for example, *adinkras* like *sankofa* and *aya* and in the methodology to put water inside the house. The waters - of the seas, rains, rivers and water tanks - as well as the movements of Black women invite us to observe the circularity and (in)constancy present in them and, thus, the need to remap, to extrapolate reduced scales and pay attention to the images that Black people are producing about themselves.

**Keywords:** Black authorship; Black women; Braiding thoughts; Contemporary literature; Remapping.

## Sumário

ANTES DE SAIR DE CASA .....	14
Um vendaval ou o que escrevi para você ler .....	15
A arte de remapear a vida .....	20
1. BUSCAR ÁGUA NO TANQUE .....	30
1.1 Um corpo no mundo.....	31
1.2 Trançando pensamento.....	51
1.3 Como se fossem folhas espalhadas pelo vento .....	72
1.4 O (mo)ver-se contemporâneo de mulheres negras.....	81
2. LEVANDO ÁGUA PARA CASA.....	95
2.1 Letras negras .....	96
2.2 Vozes-mulheres.....	104
2.3 O corpo pede terra.....	120
2.4 A ternura é negra.....	129
2.5 Becos e diários que nos pertencem .....	139
3 COLOCANDO ÁGUA NO FILTRO DE BARRO .....	152
3.1 (Re)mapeamentos de escritoras negras .....	153
3.2 Rodas em movimentos .....	162
3.3 Escritoras Negras da Bahia .....	168
3.4 Quantas escritoras negras você já leu?.....	189
BEBENDO ÁGUA .....	196
Considerações em movimentos ou notas para (con)seguir a travessia .....	197
Próximo-distante .....	201
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	204
MORINGAS .....	216

## **ANTES DE SAIR DE CASA**

## Um vendaval ou o que escrevi para você ler

Brasília-DF, verão de 2016 a verão de 2020

engatinhei em  
chão de cimento  
vi uma casa de uma única janela ser  
ninho de passarinho  
quando aprendi a andar, voei  
quando aprendi a falar, chorei  
vou ali e volto, mainha  
voo ali e volto  
um dia voo para casa.  
- “Notas de um interior circundante e outros afetos (2019)”

Escrevo, especialmente, para você que nunca leu livros e que sempre guardou todas as informações na memória. Eu escrevo para você que precisou por algum motivo se deslocar na vida, não como parte de um bel-prazer, mas que saiu de casa em busca de melhores condições para você e as suas pessoas. Eu escrevo para você que sabe desde menina/o que *a hora* de acender o fogão de lenha para fazer o feijão do almoço é cedinho, muito antes do café da manhã, e que a lenha necessita ser localizada, cortada, separada, secada, ao menos, no dia anterior.

Para você que teve que estudar a luz de velas, e chorava baixinho com saudades de casa. A você que era excluída/o de grupos, trabalhos, viagens, confraternizações porque não se enquadrava, não tinha a cor certa para aqueles espaços. Para você que lavou roupas de roupas de donas e que, apesar de entrar pelos portões dos fundos era quem cuidava inteiramente das casas. Para você que não pode estudar ou teve de atrasar os estudos porque seus pais não tinham condições de manter todas/os as/os filhas/os estudando ao mesmo tempo. A você que reciclava folhas de papel e costurava o próprio caderno.

Escrevo para você que respeita que esta pesquisa é totalmente individual-coletiva, *pluriversal*: aqui tem uma multidão de gente por detrás destas letras, palavras, movimentos e pensamentos. Para você que precisou sair para encontrar respostas em outros locais a respeito da própria casa. E escrevo para você também que se preocupa com a memória e o futuro do lugar que estamos.

Querida pessoa leitora/ouvinte,

No Ariri, a minha avó era quem organizava tudo de uma casa na zona rural no sertão baiano, onde chuva é tesouro. Ela dava conselhos, fazia partos, rezava gente, direcionava os afazeres das roças, da organização da casa, e isso incluía a lógica de buscar água no tanque de terra. Quando crianças, minha mãe e as/os irmãs/ãos iam buscar água, cada uma/um com um recipiente de acordo com a idade e a estrutura física. Todos, sem exceção, faziam a tarefa. Algumas/ns com os vasilhames de água na cabeça, outras/os reversando nos braços e nas mãos, faziam em média, duas viagens cada uma/um, levando água para casa.

Na casa da minha avó tinha uma salinha somente para água. Eram dois filtros de barro grandes e copos de alumínio bem areados em uma bandeja coberta por um pano de prato alvíssimo, contraponto aquele telhado velho e escuro que testemunhou muitos tempos. E eu, sabendo desta história e da labuta, bebia aquela água fresca, gole por gole, sem deixar uma gota no fundo do copo, porque aquela água não era qualquer água. Hoje, aquele Ariri *não existe* mais.

Este trabalho foi como me preparar, buscar água no tanque de terra, colocar no filtro de barro e depois beber em um copo de alumínio. E eu não poderei simplesmente oferecer a você *desta* água fresca em um copo areadíssimo sem dizer como foi/é o caminho destas águas, as paradas que fizemos para enxugar o suor, os respingos do corpo, os respiros das pessoas que pararam para descansar, as que conversaram, as que seguiam em silêncio, os nossos olhares para ver se estavam todas/todos ali, e para aquela/e que caiu e sangrou na estrada, e ainda o trafegar até chegar em casa, cumprimentando pessoas no caminho, pedindo a benção como foi ensinado, assistindo e participando dos movimentos.

Desejo que este seja um espaço especial de aconchego, como a salinha exclusiva de água da casa minha avó, que as pessoas se sintam à vontade para dialogar, conhecer, discordar, abraçar e, beber com respeito e cuidado. Aqui beberá águas que necessitei filtrar com paciência, gota a gota. Hoje eu poderei mostrar a você estas perspectivas. Algo que se assemelha a experiência de alguém que sabe pouco sobre sua própria história, oriunda do nordeste do Brasil, de uma cidade do interior da Bahia que tem aproximados 33 mil habitantes, de um lugar em que apesar de elementos infindos da negritude, a *negação* dela está também muito marcada. Sou a primeira a fazer estudos formais tão duradouros graças a uma rede de muitas outras gerações que vieram antes imprimindo suas histórias para que os movimentos prosseguissem.

Conversando com uma ialodê, a quem um dia chorei sobre esta saga, ela me disse: “Sabe por que *nós fica* em silêncio quando troveja? Em sinal de respeito, minha filha. Aqui o

trovão vem quase sempre acompanhado de vento e chuva. *Nós fica quieto* para que a chuva e os raios caiam em paz. *Nós têm* que respeitar a natureza. *Nós não deve* brincar com ela, porque ela devolve pra nós com o mesmo apreço que damos a ela. E quando ela devolve com chuva, é alegria pra nós. Água quando cai no tempo dela é felicidade pra nós. Então, por isso, *nós fica* quieto e em silêncio, porque só a natureza pode trovejar primeiro para tudo dar certo”.

Talvez, eu não devesse me preocupar tanto com esta (con) fusão escrita.

Com a necessidade de água, tudo foi pensado: pegar recipientes, distribuir para as/os minhas/meus de acordo com as possibilidades de cada uma/um, para buscar e trazer água. Porém, o caminho apresenta suas distinções e necessidades: tiveram dias que dentre elas/eles, uma/um foi dar um recado em outra rota, ou foi a casa de outra pessoa nossa para levar umas folhas de chá e de banho para curar um quebranto, dias de estrada deserta, noutros que seguiram cumprimentando as pessoas, pedindo bênção aos que encontraram.

Aprendi com minha avó que podemos até organizar as coisas, mas cada uma/um vai fazer sua jornada como deve ser feita. Algumas paradas podem ser necessárias para respirar e depois seguir. E a minha é esta, atravessada, encruzilhada de muitos eventos por dentro e por fora.

Cara pessoa leitora/ouvinte, Brasília me fez (des)(re)construir tanto... Para começar: trovão, vento e chuva aqui não chegam do mesmo jeito e nem sempre no mesmo período do lugar onde nasci e fui criada. E foi no cerrado que tive a oportunidade de dialogar e verificar a potência de conhecimentos que foram passados nestes anos todos nas minhas primeiras casas-escolas: sertão e recôncavo.

É indiscutível a *pluriversalidade* evocada pelas narrativas do povo que fez e faz de mim alguém capaz de vibrar junto com *a terra*: palavras, imagens, canções, filmes, cujas tessituras fluem, molham, envolvem... tais quais as águas do mar, do rio e da chuva. Embora todas sejam águas, todas elas são peculiares e chegam na gente de formas diferentes. Algumas mansas, outras mais bravias, frias, mornas, geladas, inconstantes, serenas, noturnas, rasas, pesadas, instáveis, profundas, frescas, brilhantes, respingadas, doces, salobras, espumadas, frescas, geadas... E elas podem se entrançar, confluir.

Toda vez que leio tais narrativas esta ideia vai se tornando mais fixa dentro das leituras, análises e críticas literárias. Lê-las é sempre lidar com um (im)provável. Provável do ponto de vista de apresentação do cotidiano, da pluralidade de situações e variedade de personagens, do reconhecimento e comprometimento com o coletivo, e improvável, porque se

tratam de propostas que nunca antes tive a oportunidade de encontrar em literaturas da dita norma, ou que demoraram de chegar ao meu conhecimento enquanto leitora e estudante.

Como as águas que se movimentam, os conceitos aqui dispostos neste trabalho também são móveis. E eles podem ser alterados com o tempo. A ideia de mares e oceanos, como metáfora de movimento, aqui exposta, pode ser alterada. A cadência dos encontros de águas não é fixa, e não é somente sobre o mar salgado a que me refiro, porque sabemos que as águas de rios correm para o mar ou águas do mar abraçam águas de rios. E até as águas das chuvas dialogam com a dos tanques, lagos, rios e mares que dialogam com as dos nossos corpos e com outros elementos. E por ser assim, não somente os conceitos, ideias, teorias, a *espiritualidade* que emerge e imerge das águas doces, salobras e salgadas, as que caem dos céus ou *as móveis na litosfera* podem se encontrar em pontos, distanciar-se, e não se parecerem em nada em outros.

As (contr)adições estão cá presentes e mesmo pensando especificamente no oceano Atlântico como espaço de encontros, de confluências e circulação, é necessário lembrar que os oceanos – Índico e Pacífico – também foram e ainda são espaços de trânsitos recorrentes. Então, sempre há perigo na unicidade das análises, da história única, como Chimamanda Adchie (2009) nos lembrou, como também em generalizações e exclusões de perspectivas.

“Água abre as fronteiras do tempo”, disse a escritora, jornalista e filósofa baiana, Aidil Lima Araújo. A busca pela travessia e os movimentos que as águas provocam nos conectam com o (in)visível capaz de interseccionar presente, passado e futuro. Nestas fronteiras, por necessidade e desejo pela travessia, comecei a construir remapas. E encontrei também na minha avó paterna, que nasceu em terras quilombolas do Recôncavo, algumas articulações e convocações com o *nosso chão*. Minha avó também era rezadeira, tinha um conhecimento infundo sobre folhas e ervas, sobre plantas e gente, e contava histórias.

Foi a lembrança da voz da minha avó, da frase rítmica do manusear as folhas com a mão antes do sol descer, que foi semeado o projeto *Escritoras Negras*, que também será discutido aqui. A necessidade de remapear, de conhecer dezenas de outras mulheres negras que articulam o pensamento como manto, que ficam juntas mesmo distantes, que se conectam com fluidez de quem compreende que os passos vieram de longe e seguirão adiante.

O *Escritoras Negras* nasceu de um emaranhado de questões, silêncios e cacofonias que nunca foram somente minhas. Resolvi investigar, e por mais que quisesse me debruçar mais e mais, sempre ficariam faltando perguntas e respostas, e encontros com tantas mulheres escritoras negras que vibram apesar dos estilhaços, que caminham junto comigo apesar de

ainda não nos (re)conhecemos. O *Escritoras Negras* é remapa, vent-ar, semente, roda, encruzilhada, fogo, semeadura-afeto, terra e água: (r)existência.

Convido você a me acompanhar nestas expansões e quietudes, em tantas imagens, oralituras, sons e escritas que me levaram a chegar aos *movimentos e remapeamentos* e compreendê-los como um espaço coletivo de trocas, de conexões e de estratégias de assegurar a expansão e continuidade da travessia. E antes de seguir esta trilha, deixo alguns avisos sobre escolhas de palavras e/ou expressões e também *escurecido* que sempre respeitei os trovões, a terra e as águas de todos os lugares que atravessei:

*Gênero*: Fiz um esforço neste trabalho para utilizar um substantivo neutro: pessoa negra, indivíduo negro, gente negra. Nos espaços que se fez necessário pontuar gêneros, eu optei em seguir essa ordem, por exemplo: pesquisadoras/es negras/os. (Peço desculpas e compreensão por eventuais falhas e ausências.)

*EN / ENB*: *Escritoras Negras, Escritoras Negras da Bahia*, projetos que me refiro diversas vezes. Para não ficar excessivamente repetitivo, inseri as siglas EN e ENB.

*Rodapé e [colchetes]*: Sugiro que leiam sempre as notas de rodapé, digo isto, porque além de eu inserir sugestão de textos amplificadores, é neste espaço que me comunicarei com você direcionando para outras expansões e acréscimos de informações. Nas notas também inseri informações resumidas sobre a vida de pesquisadoras/es negras/os e acréscimos que julgo valiosos, como indicações de trabalhos relevantes, hiperlinks para movimentos. E, terão alguns textos que serão a continuidade desta carta, estarão dentro de colchetes, sem recuo de parágrafo, que contam com uma marcação da oralidade. Não deixem de navegar pelos espaços intertextuais que incluem músicas, vídeos, obras artísticas, blogs, textos e imagens.

A partir daqui você encontrará intervenções literárias e linguísticas, por vezes, na primeira pessoa do plural, noutras do singular, sem perder de vista o individual-coletivo, movimentando e remapeando narrativas, sentidos, olhares e afetos.

## A arte de remapear a vida

[Antes de me acompanhar na travessia, começo com um naufrágio (ou *now* frágil) de dentro. Estou ancorada em algumas histórias afetivas e de grandezas, outras negadas e estilhaçadas, e é compreendendo que “eu sei ser trovão” porque antes eu já fui, por meio dos meus ancestrais que resistiram, que é necessário seguir reafirmando “o eco da vida-liberdade”, como afirmou Conceição Evaristo.]

Me arde o sal  
Me arde o sal  
Me espalha o sal  
Me espelha o mar  
Me acolhe o mar  
Me abraça o mar  
Me afaga o mar  
Me afoga o mar  
Me afunda o mar  
Me morre o mar  
Me a funda dor  
Fundo de nau  
Funda turva escura dura  
Funda dura tumba escura  
Corta o vento cala chuva  
Orí zonte é todo sal  
É todo longe  
É todo mágua  
É todo roubo  
Colonial  
Não há cura, morto tomba  
(Dom esconde)  
A pele escura  
Egungun  
Bom  
(De voar)  
E evadir  
A turba alva  
Aos tubarões  
Y os porões  
Do alto  
Mergulhar  
y now, frágil,  
frágil, frágil...  
a lógica da deriva: num  
olhar pro  
atrás  
o mágico da diáspora: des  
membrar terra-chão  
mas se eu já fui trovão  
que nada desfez  
eu sei ser trovão  
que nada desfaz, nem  
o capataz  
nem a solidão  
nem estupro corretivo contra

sapatão  
os complexo de contenção:  
hospício é a mesma coisa que presídio é a mesma coisa  
que  
escolamesmacoisaquepresídioamesmacoisaquehospício  
amesmacoisqu  
as políticas  
uterinas  
de extermínio  
dum povo que não é  
reconhecido como civilização  
(mas eu sei ser trovão,  
porque já fui, trovão,  
eseuseisertrovão  
que nada desfaz  
eu vou ser t r o v ã o  
que nada diz-  
faz)  
nemsolidãonemcapatazestuprocorretivocontra  
sapatão a loucura da  
solidão capataz queimarem  
a herança  
de minhas  
ancestrais  
cláudia  
arrastada pelo camburão  
rafael braga  
na prisão  
amarildo sum  
ido pelo  
caveirão  
111 tiros contra  
5 corpos  
111 corpos  
mortos  
na prisão  
eu sei ser trovão  
que nada desfaz  
eu já fui trovão e se eu já fui trovão eu sei ser  
trovão:  
eu sei ser trovão que nada,  
nada  
desfaz  
eu sei ser trovão  
y nada  
me desfaz  
epahey  
oyá.

- Tatiana Nascimento “Iodo + Now frágil1” -

---

<sup>1</sup> *Now frágil*, de autoria da multiartista Tatiana Nascimento, está no livro *Mil994* (2018, Editora Padê). E a canção *Iodo + Now frágil* composta também por Tatiana Nascimento está no álbum *Um corpo no mundo* de Luedji Luna (2017). Sugestão de escuta antes de começar a leitura: <https://youtu.be/v06Ky3bnwJg>.

Ser uma pessoa negra no Brasil significa aprender a remapear a vida. Não renovar, não reconstruir apenas, mas mapear novamente extrapolando a ideia de escalas reduzidas. “É preciso traçar uma nova geografia, (...) traçar novas linhas, novas margens, outras parábolas”<sup>2</sup> quando uma nau frágil consegue atravessar o oceano de dentro.

Nau frágil (ou *now* frágil) pode ser quando uma pessoa está ligada a vivências de aproximados 400 anos de violências, reduções, dores, sensação de não pertencimento, inseguranças, silenciamentos, mas também de reconstruções, remapeamentos e resistências. E se “a lógica da deriva: num/ olhar pro/ atrás” e “o mágico da diáspora: des/ membrar terra-chão”<sup>3</sup>, se alguns espaços e dinâmicas sociais mudaram, nesse contexto, pessoas negras remapearam e remapeiam suas vidas, exigem liberdade para ser e expressar narrativas, por vezes, furtadas e negadas. Mas, será possível sermos livres em séculos de fomento sistemático opressivo pouco camuflado?

Em muitas famílias negras, mães e avós, pais e avôs, eram e ainda são bibliotecas vivas, livros falados, as ialodês, as/os griôs<sup>4</sup>. As narrativas nem sempre seguem a lógica que os ocidentais (e ditos ocidentais) inserem. Alguns conhecimentos são ações, às vezes em silêncio, outras, em gestos guturais, cantadas, escritas, ou em banhos de folhas e rezas para o quebranto, e parte são em *pretuguês*. “Em uma palavra ou toque de tambor: o tempo-espaço da linguagem é a arena de luta”, disse a professora Denise Carrascosa<sup>5</sup>, e complemento que em uma ação cotidiana como preparar o chá de losna ou em um banho para espantar o mau-olhado e até no silêncio ou saudação quando tropeja nos céus, nós lutamos e trançamos o pensamento.

---

<sup>2</sup> Este trecho é do romance *Minha casa é onde estou* da afro-italiana Igiaba Scego (2018, p. 58). Igiaba Scego, de origem somali, nasceu em Roma em 1974, é formada em literatura pela Universidade La Sapienza, atua como jornalista e escritora, tendo no Brasil três obras publicadas: *Adua* (2018) e *Caminhando contra o vento* (2018).

<sup>3</sup> (NASCIMENTO, T. 2018, p. 37). Tatiana Nascimento (1981), (que assina e é conhecida como tatiana nascimento), tradutora de formação, é poeta, slammer, compositora, cantora, editora, pesquisadora e professora. Co-fundadora da padê editorial, onde publica livros de autoras negras e LBT.

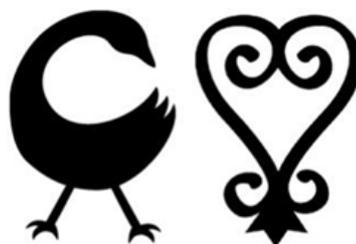
<sup>4</sup> *Griôs* ou *griots* (griô, jali, djeli ou jeli) nome dado aos indivíduos que têm o compromisso de preservar e transmitir as histórias e conhecimentos do seu povo. Ler: *Sundjata; ou, a epopeia mandinga* do escritor, domo e professor de história da Universidade de Dakar, Djibril Tamsir.

<sup>5</sup> Denise Carrascosa, que se autodefine afro-baiana, é professora de Literaturas Anglófonas do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutora e Mestre em Crítica Literária e Cultural pela UFBA. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Traduzindo no Atlântico Negro e do Trabalho de Extensão Corpos Indóceis e Mentis Livres.

A arte de remapear envolve a percepção de pessoas negras marcadas por ambientes que já estivemos antes, por meio dos que vieram antes de nós, mas também do novo, dos ambientes que nunca foram familiares, e podem se tornar. Colocar no papel ou na fala imagens dos que já narraram é uma tentativa de não esquecermos caminhos já visitados, mas que é permitido ao encontrar o mar ou uma montanha escolher outras maneiras, além do mergulho ou da escalada, para traçar novas rotas e percepções, ou seguir observando por outros ângulos e ampliando perspectivas.

É complexo escrever um texto sobre população negra que seja unânime a todas as pessoas negras, já que existem experiências plurais sobre o que é ser negra/o, sobre formação de consciência, e como cada pessoa se compreende estando em um país em que uma pessoa negra pode ser a própria embarcação e se sentir fora de lugar, e que também pode ser uma criadora de instrumentos de enfrentamentos, encarando monstruosos índices de violência de uma estrutura racista. Pode ser alguém que ainda nega as próprias raízes por ignorância, ou que as afirma, compreendendo (ou não) as dinâmicas de classes sociais, de gêneros e de tantas outras relações que se inter cruzam. E apesar de experiências plurais, ser pessoa negra no Brasil é ter muitos pontos de encontro com tantas outras pessoas negras. Mais pontes que muros.

Imagem 3: *Adinkra Sankofa*



Como se dão os movimentos de mulheres negras<sup>6</sup> na literatura brasileira contemporânea? Trago o símbolo-ideia *sankofa*<sup>7</sup>, de que precisamos olhar para atrás, voltar ao

---

<sup>6</sup> É responsável aqui assumir o compromisso com o recorte do trabalho que é especialmente sobre mulheres negras, mas não deixar de ratificar que as mulheres e pessoas originárias existem e resistem – são as primeiras moradoras do território que hoje é Brasil – e que as lutas pelas terras e por (auto)re/a-presentações dialogam com as lutas dos indivíduos negros em diáspora. Nós, pessoas negras, também trazemos em nossas histórias a perda e a relação direta com nossos lares iniciais, com o nosso verdadeiro *chão*. Percebemos que as histórias das comunidades originárias e afrodiaspóricas no Brasil se encontram, pois, ambos os grupos tiveram que refazer suas histórias e ter uma relação com um novo *locus* imposto, mesmo com poucos recursos, trouxeram consigo os conhecimentos e as narrativas ancestrais. Ler: Graça Graúna (*Contrapontos da Literatura Indígena*

passado para seguir em frente, ressignificando o presente. Foi necessário pensar nos mais velhos, nos ensinamentos já deixados, antes de *dizer* algo aqui, por isso, a ideia de refletir *movimentos e remapeamentos de mulheres negras na literatura brasileira contemporânea*, com foco nas mulheres negras personagens, na atuação-criação das escritoras/autoras negras e também sobre ser pesquisadora negra no ambiente acadêmico.

Por compreender diferentes e complementares perspectivas que não definem a sociedade somente por vieses brancos e eurocêntricos. E em especial, por emergir sobre aspectos que compõem e articulam a respeito das pessoas negras na sociedade e meio acadêmico, que apresento este estudo literário que tem como ênfase práticas sociais, não somente afirmando um *corpus* que representa um grupo *invisibilizado*, e muitas vezes aprisionado “por um fator de ficção”, como ilustração de desigualdade social e/ou para afirmar a “diversidade” em um estudo.

Com exceções, existe por parte de quem insere as pessoas negras como objetos oprimidos, de identidade limitante e que necessitam ser mostrados “para afirmar a pluralidade de narrativas”, o engessamento das leituras que sequer trazem as percepções e trabalhos de pesquisadoras/es, teóricas/os e críticas/os também pertencentes a estes grupos.

Por isso, este trabalho será dividido em cinco partes: seguindo a metodologia da ialodê Miguelina Borges dos Santos, faremos a travessia das águas: organizar e instruir os afazeres do grupo antes de sair de casa; buscar água no tanque de terra; levar água para casa, colocar as águas nos filtros, esperar a filtragem; e beber água no copo de alumínio.

Seguindo esta cartografia circular que não finda, este conjunto de introdução, formado pela carta *O vendaval ou o que eu escrevi para você ler* e esta breve apresentação *A arte de remapear a vida* pode também ser chamada de **Antes de sair de casa**. Note que já apresento algumas chaves de leituras que são necessárias, já fazem parte da travessia, já nos conecta para o que está por vir. Atentemos para a compreensão da ialodê Miguelina Borges dos Santos, os dizeres poéticos de Aidil Araújo Lima, Tatiana Nascimento e Igiaba Scego, e o *adinkra sankofa*.

---

*Contemporânea*, Mazza, 2013); Álvaro Tukano (*O mundo tukano antes dos brancos*, 2017); Eliane Potiguara (*Metade cara, metade máscara*, Global, 2010) e Dani Kopenawa (*A queda do céu*, Companhia das Letras, 2015).

<sup>7</sup> *Sankofa* é um dos *adinkras* – conjunto de ideogramas que fazem parte da escrita dos povos *akan* da África Ocidental. Significa que nunca é tarde para olhar para trás, e buscar o que foi deixado.

Romper ciclos que nos violentam e remapear é premissa para nos movimentarmos. Por isso, seguindo à travessia, em **Buscar água no tanque** (capítulo 1), proponho discutir sobre ser uma pessoa negra no mundo, os passos que precisamos compreender enquanto saímos na estrada, a reflexão sobre as armadilhas da colonialidade, e como estas afetam ser *Um corpo no mundo*. Sinalizo a crise da supremacia branca e coloco no trânsito diálogos sobre mulheres e comunidades negras em diáspora convocando as articulações das/dos pesquisadoras/es e teóricas/os Denise Carrascosa, Beatriz Nascimento, Achille Mbembe, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Livia Natália, Conceição Evaristo, Franz Fanon, Toni Morrison, Muniz Sodré, Kabengele Munanga, e artistas como Luedji Luna, Baco Exu do Blues, Ana Maria Gonçalves, Alex Haley, para pensarmos em como é possível dialogar na sociedade que se afoga em problemas estruturais e parece, por vezes, desdenhar das boias sinalizadoras dos que têm dito tanto há centenas de anos.

Ainda no começo da trilha, em *Trançando pensamento* sugiro estratégias para a luta contra-hegemônica, contra o racismo epistêmico, e que cada vez mais tencionemos sobre a necessidade de lermos bibliografias plurais, tanto em termos de obras literárias, quanto de textos científicos e acadêmicos. Trançar pensamento não é somente destacar personagens negras em obras de autoria branca, ou em leituras e menções de pesquisadoras/es negras/os dentro de um escopo da consciente “cota”. Com argumentos ancorados em escritoras/es, mestras/es e pesquisadoras/es como Maria Firmina dos Reis, Cruz e Sousa, Ruth Guimarães, Lêda Maria Martins, Antônio Bispo dos Santos, reafirmo o que já tem sido dito há centenas de anos: a nossa perspectiva *circular* existe e é praticável. Sigo em *Como se fossem folhas espalhadas pelo vento* navegando por mais observações que vão de contra a invisibilização dos pensamentos negros dentro da sociedade e do campo literário, dialogo com obras, como as de Carolina Maria de Jesus, Geni Guimarães, Mãe Stella de Oxóssi, Conceição Evaristo, a fim de observarmos suas construções e contribuições para a tradição literária, para discussões sobre problemas estruturais e sistêmicos, e também a respeito das subjetividades das personagens/pessoas negras.

Em *O (mo)ver-se contemporâneo de mulheres negras*, e em todo argumento deste trabalho, utilizei pensamentos, teorias de documentos escritos e falados que transcorrem literatura, história, sociologia, antropologia, psicologia, filosofia, especialmente, epistemes africanas e da diáspora negra para discussão sobre literatura contemporânea feita por mulheres negras e suas comunidades. Atentaremos para pensar no (mo)ver-se para além dos

trânsitos geográficos, inserindo ideias relacionadas à *memória*<sup>8</sup>, subjetividades, e os plurais movimentos existentes.

No decorrer destes movimentos, após diálogos contínuos sobre buscar o que somos capazes de carregar, de compreender, mesmo com possíveis respingos de água na *terra* e no corpo, apresento em **Levando água para casa** (capítulo 2), a ideia de literatura de autoria negra escrita por mulheres que potencializam a forma de encararmos a literatura brasileira, que, majoritariamente, ainda seleciona quais autorias e discussões carecem de serem racializadas. Escolho transitar, especialmente, entre obras de escritoras negras como *Um defeito de cor* (2006) de Ana Maria Gonçalves, *A cor da ternura* de Geni Guimarães (1989) e *As mulheres de Tijuapapo* (1982) de Marilene Felinto, para dialogarmos sobre as diferentes formas do mover-se. Ênfase na ocasião *Diário de Bitita* (1986), de Carolina Maria de Jesus (1913-1977), e *Becos da memória* (2006), de Conceição Evaristo (1946), como marcos na literatura brasileira, e pulsões de *escrevivências* – categoria-conceito alcinhada por Evaristo.

As duas obras escritas e publicadas em momentos diferentes, além de trazer personagens negras com subjetividades particulares, contextualizam o período histórico, a

---

<sup>8</sup> A ideia de *memória* foi bastante difundida em estudos literários dos quais falei na minha dissertação *Antônio, o menino que queria ser Castro Alves* (2015), em que trabalho dentro de um viés *autoficcional*, articulado por teóricos franceses como Philippe Lejeune e Serge Doubrovsky. No trabalho sobre o escritor sertanejo baiano Antônio Torres, eu utilizei parte epistêmica de base eurocêntrica, outra dos estudos culturais sobre reflexões sobre memória (autoficção, autobiografia e escrita de si), hibridismo, entre-lugar, e também sobre o gênero crônica, que, ora vista como menor, dentro das análises literárias. Durante a minha pesquisa entre 2013-2015, os meus debates giravam em torno sobre algumas dúvidas que tinha sobre até aonde cabe ao pesquisador a aproximação com o *corpus* de estudos. Compreendo hoje que, por mais que evitemos (ou até não gostemos pessoalmente do que escolhemos como *corpus* de estudo), as escolhas subjetivas também ocorrem ao pesquisador, que decide ou não quais bases teóricas utilizará para discutir em determinada pesquisa/trabalho. Na dissertação, eu já estava marcando muito sobre o que alguns teóricos europeus como Roland Barthes, Umberto Eco, já sinalizavam sobre as armadilhas do próprio espaço criado pela branquitude quando nos recordam sobre “humildade acadêmica” (ECO, 1977) e sobre “o falar de si necessário” (BARTHES, 1975). Percebo que é cada vez mais importante encaminarmos em discussões que trafegam para não retirar a sobriedade da/o pesquisadora/pesquisador acadêmica/o, como nos lembra Giorgio Agamben, Benedict Anderson, Edward Said, Leonor Arfuch, Carlo Ginzburg, com os dilemas da subjetividade, da necessidade de olhar para pessoas invisibilizadas pela história oficial, e nos lembra também as/os pesquisadoras/es brancas/os presentes na minha tese. Na época que me dediquei a pesquisa sobre o Antônio Torres, embora já sentisse na pele, consciente das minhas limitações e negociações no espaço acadêmico, ainda não estava marcando sobre problemáticas que muitos dos espaços acadêmicos ainda insistem em esconder, que é sobre esta fissura incessante dos estudos com base eurocentrada. Finalmente, pude ampliar as perspectivas carregando comigo teorias, conceitos, observações que expandem, e que até contradizem alguns dos encontros que tive no período da dissertação. Na dissertação, eu já dizia sobre o que para mim ainda é regra, a respeito que o ambiente acadêmico precisa e deve ser construtivo para além dos seus muros, e isso eu continuarei dizendo/fazendo. E esta discussão será retomada em outro momento.

construção e o desenvolvimento, no século passado, do Estado brasileiro e como os grupos sociais, aos quais as narradoras pertenciam, estavam destinados aos quartos de despejo. Se em *Diário de Bitita* temos a noção do Brasil entre os primeiros anos do século XX, em que o país caminhava para a modernização com a urbanização e promessas de progresso com Getúlio Vargas (1930-1945), em *Becos da memória*, escrito entre os anos de 1987-1988, logo após a Ditadura militar no Brasil (e publicado somente 20 anos depois), período turbulento, cheio de feridas e cicatrizes, temos uma narrativa ocorrida como continuidade histórica da primeira.

Evaristo escreve um romance inspirado em uma crônica autoral de 1968, e a história compreende o contexto em que o desfavelamento se ratifica como necessidade dos que estão no poder de “limpar” os centros urbanos e de punir, como fizeram antes com os escravizados, aquelas pessoas negras e pobres por estarem “no lugar errado” e, especialmente, por olharem como forma de resistência (HOOKS, 2019). Ainda trago para este entrançamento, *As mulheres de Tijuapapo* (1982), escrito em período que estava vigente um dos governos ditatoriais no Brasil, e *A cor da ternura* de Geni Guimarães, compreendendo nesta obra, publicada em 1989, no pós-ditadura brasileira, como as imagens ligadas à subjetividade negra estava carregada de racismo estrutural, institucional e recreativo. Há 31 anos atrás, ela lançava esta novela, que trazem marcas sociais fortes, afirmando em sua personagem menina negra que se torna mulher, a literalidade que temos de ser morada de quem somos.

Dando continuidade aos movimentos, em **Colocando água no filtro** (capítulo 3), certifico que a escassez faz com que pensemos em soluções. *Remapeamentos de escritoras negras* são as maiores provas disso. Existem vários, de diferentes pontos de vista, métodos, usos de tecnologias, cronogramas, pensamentos sobre o tempo, e o que apresento nasce de um emaranhado de situações e questões que me ocorreram de modo muito específico. O projeto *Escritoras Negras* teve início em 2016, e inicialmente não foi pensado para o meio acadêmico. É um remapa, uma tentativa de responder questões sobre como se dão os movimentos de mulheres negras na literatura contemporânea. E que necessitei fazer inicialmente por questões pessoais, e que depois soube serem coletivas, e desde sempre foi pensado para partilhar na esfera pública com quem quisesse participar destes encontros que estávamos conseguindo ter. Era necessário formar um quilombo, ampliar as escalas que foram reduzidas por uma série de questões estruturais. Não eram mais as vozes de personagens mulheres negras e das nossas comunidades criadas por escritoras/es brancas/os que desejava ter ciência.

As contribuições literárias das ialodês que construíram o alicerce social não lembrado, mas que edifica muito do que notamos, precisam mais do que visualizações e *likes*, necessitam ser consideradas por nós mesmas/os e no campo literário, uma vez que fazemos parte dele. O que planejei em 2016, não era somente sobre eventos, publicações, um site-catálogo com fotos e resumos de autoras e suas obras, não era somente redes sociais recheadas de informações sobre negritude, sobre ser “antirracista” e ser “não preconceituosa/o”, embora tudo isto esteja agregado.

O que escrevi em 2016, enquanto projeto além academia, é sobre reintegração de posse, reconhecimento de trajetórias, literatura enquanto espaço de debates e de pertencimento de quem sempre esteve falando, criando, transformando. São mulheres negras e suas comunidades, afirmando a *pluriversalidade*<sup>9</sup>, de pensar, de criar conhecimentos capazes de reinventar, desenvolver soluções, inserir tecnologias ancestrais no aqui e agora, que é sempre<sup>10</sup>.

O isolamento está presente para quem nasce negro dentro da esfera social, para quem é de cidades menores, bairros periféricos, quilombos, zonas rurais, longe das grandes metrópoles onde “as coisas acontecem”. E ainda nesses espaços megalomaniacos de interações globais, as pessoas negras precisam de efusão com as tantas corridas para se colocar no mundo. Ser escritora/escritor negra/o no Brasil, na Bahia, no nordeste, numa cidade pequena, numa zona rural, num bairro periférico, numa cidade do interior do norte e nordeste é guerrear para se inserir na cadeia produtiva do livro na tentativa de fazer suas palavras transitarem como o vento, a água ou fogo sobre a terra. Não é somente a geografia que está em jogo, mas que ela está, está.

---

<sup>9</sup> Sugiro leitura de *Sobre a legitimidade e o estudo da filosofia africana* do filósofo sul-africano Mogobe Ramose onde apresenta a ideia de pluriversalidade, para abranger não a ideia centrista e ocidentalista de “universal”, mas a ideia múltipla e plural existente em sociedades no mundo.

<sup>10</sup> Segundo o líder indígena e filósofo, Ailton Krenak: “A verdade é que vivemos encurralados, refugiados no nosso território há muito tempo, (...) e esse confinamento involuntário nos deu resiliência, nos fez mais resistentes. Como posso explicar a uma pessoa que está fechada há um mês num apartamento numa grande metrópole o que é o meu isolamento? (...) Vivemos hoje esta experiência de isolamento social, como está sendo definido o confinamento, em que todas as pessoas têm de se recolher. Se durante um tempo éramos nós, povos indígenas, que estávamos ameaçados da ruptura ou extinção do sentido da nossa vida, hoje estamos todos diante da iminência de a Terra não suportar a nossa demanda” (KRENAK, 2020, posição 21). Esse entendimento também se aplica a realidades de comunidades negras apresentada por Antônio Bispo dos Santos (2015).

Soube das escritoras baianas Mãe Stella de Oxóssi e Aline França (que nasceu numa cidade que faz fronteira na qual nasci) muito depois de ter lido autoras negras do sul-sudeste ou que migraram para estas regiões, e isso não é mero acaso. Eu precisava ampliar as perspectivas de onde eu vinha, além das preciosas que já carregava de outras *terras*. Decidimos nos (mo)ver.

O *ENB* imergiu em formas de rodas na região do extremo-sul baiano, marco das primeiras narrativas do que convencionou-se chamar de Brasil, espaço onde se visitam os primeiros pontos espaciais em que os colonizadores pisaram, mas que pouco é observada como espaço das/dos herdeiras/os da resistência. Este observar o extremo-sul, como uma oportunidade de dialogar com mulheres negras e afro-indígenas de comunidades que se veem de forma plural enquanto pesquisadoras, artistas, educadoras e mulheres negras na sociedade. O *Escritoras Negras da Bahia*, como uma possibilidade de solucionar a escassez de repertório de autoras negras baianas que existem, mas que ficam em suspenso, por sempre serem acionados homens brancos cis de classe social alta, que contribuíram na ideia de literatura brasileira, mas que não são os únicos, para serem lidos, estudados, reconhecidos, canonizados.

Apresentarei partes do remapeamento que realizei, e trarei algumas leituras e diálogos com obras que foram publicadas no período de atividades do projeto, como Aidil Araújo Lima com as obras de contos *Mulheres Sagradas* (2017) e *Páginas Rasgadas* (2020), e as poetisas, Jovina Souza com *O caminho das estações* (2018) e *O amor não está* (2019), Livia Natália com *Água negra e outras águas* (2017) e *Um dia bonito para chover* (2018), Rita Santana com *Cortesias* (2019), Érica Azevedo com *A chuva e o labirinto* (2017) e *Cata-vento de sonhos* (2019), Louise Queiroz com *Girassóis estendidos na chuva* (2019), Deisiane Barbosa com *Refugos* (2020) e Vânia Melo com *Um breve voo da borboleta e suas esquinas* (2019).

*Considerações em movimentos ou notas para (con)seguir a travessia*, junto com o *Próximo-distante* forma o conjunto de dois breves textos que compõe **Bebendo água**, alguns pontos de encontro de águas com o corpo, com o que está dentro e precisa ser molhado, irrigado, hidratado.

Ser uma pessoa negra no Brasil significa aprender a remapear a vida. Remapear o passado, o presente e, possivelmente, o futuro. Porque, apesar de ter uma história ligada a movimentos e naufrágios causados pela colonização, escravização e escravidão, “eu já fui trovão e se eu já fui trovão eu sei ser trovão: (...) eu sei ser trovão e nada me desfaz” (NASCIMENTO, 2018) em qualquer tempo e lugar, para manter em curso os movimentos em busca da vida-liberdade.

## **1. BUSCAR ÁGUA NO TANQUE**

## 1.1 Um corpo no mundo<sup>11</sup>

[O alicerce deste trabalho literário são terras e águas (embora também tenha ar e fogo). São leituras teóricas e ficcionais que dialogam com variadas narrativas contemporâneas, como músicas, artes plásticas, visuais, cênicas e cinematográficas de artistas negras e negros. Nossas interlocuções fazem parte das nossas práticas sociais, algumas delas ligadas a visões circulares e complementares umas às outras, algo visceral em algumas comunidades negras. Outras intervenções surgem como quebras, ou como encruzilhadas, como a não aceitação dos estereótipos armados pelo patriarcado para nós, pessoas negras. Em diálogos constantes com artistas negras/os de outros campos, e com pesquisadoras/es negras/os e indígenas, tenho aprendido a não ter receio de questionar o porquê do meu pertencimento-conhecimento ainda ser visto como alternativo, anexo, peculiar, excêntrico e suplementar. Não deveriam chamar de optativos estudos sobre/de pessoas que resistiram e ainda alicerçaram uma sociedade. Quando saímos para buscar água no tanque não nos deparamos apenas com as águas translúcidas nas nossas mãos. É preciso caminhar, e nesse caminho de ida, lidamos ainda com os baldes vazios de águas, mas com a possibilidade de visualizar um trajeto que percorreremos outras vezes, e com outros olhares.]

Atravessei o mar  
Um sol da América do Sul me guia  
Trago uma mala de mão  
Dentro uma oração  
Um adeus

Eu sou um corpo  
Um ser  
Um corpo só  
Tem cor, tem corte  
E a história do meu lugar  
Eu sou a minha própria embarcação  
Sou minha própria sorte

E Je suis ici, ainda que não queiram não  
Je suis ici, ainda que eu não queria mais  
Je suis ici agora

Cada rua dessa cidade cinza sou eu  
Olhares brancos me fitam  
Há perigo nas esquinas

---

<sup>11</sup>Sugiro que assista este vídeo, antes de dar continuidade a leitura deste trabalho: <https://youtu.be/V-G7LC6QzTA>.

E eu falo mais de três línguas

E palavra amor, cadê?  
Je suis ici, ainda que não queiram não  
Je suis ici ,ainda que eu não queira mais  
Je suis ici, agora  
Je suis ici  
E a palavra amor cadê?

- Luedji Luna “Um corpo no mundo”

(Des)pertencimentos. Falar de pessoas negras em diáspora sem mencionar a ligação com África? Como estudar o tema *deslocamentos* e omitir a chegada das primeiras pessoas negras escravizadas no Brasil? Ou como ainda se dão os movimentos de indivíduos negros no mundo contemporâneo? Como estudar literatura feita por mulheres negras em diáspora e não pensar em uma *terra negra* como alicerce de todas as outras que foram percorridas ou encontradas? É possível falar de andanças negras sem falar de racismo?<sup>12</sup>

Este olhar para os enfrentamentos pungentes, especialmente, das mulheres negras está marcado em análises e discussões desenvolvidas por pesquisadoras/es e teóricas/os negras/os em diferentes partes do mundo. Em 1976, a historiadora e professora Beatriz Nascimento<sup>13</sup>, escreveu *A mulher negra no mercado de trabalho* publicado originalmente no *Jornal Zero Hora* em que revela a situação profissional da mulher negra frente a uma sociedade cheia de resquícios escravagistas do período colonial, o que ela denomina de herança escravocrata com aspas.

Se retomarmos historicamente a este período, observaremos que a estrutura social,

---

<sup>12</sup> É possível falarmos de pessoas negras sem falarmos de racismo, se considerarmos os deslocamentos das pessoas na própria África antes da colonização e dos sequestros, ou seja, pessoas africanas que puderam gozar da liberdade sem efeitos da devastação e exploração das suas terras e do seu povo; e esse é um ponto importante para refletir sobre pessoas africanas para além do estigma desenvolvido pela escravização que muitas vezes apresentam narrativas únicas, ligadas sempre à miséria e como se pessoas africanas não tivessem histórias de desenvolvimento e sucesso. Se tratando de povos diaspóricos, como ratifica o sociólogo, cientista políticos e professor ganhês Anani Dzidzienyo (1941-2020), “qualquer discussão sobre os afro-latino-americanos envolverá, de forma inevitável, uma reflexão sobre a questão racial e as relações raciais” (NASCIMENTO, 2008, p. 206).

<sup>13</sup> Maria Beatriz Nascimento ou Beatriz Nascimento, como é costumeiramente conhecida, é uma das grandes pensadoras negras brasileiras contemporâneas. “Mulher, negra, nordestina, migrante, professora, historiadora, poeta, ativista, pensadora” como afirma o professor e antrpólogo Alex Ratts (1964) que publicou, em coautorias, livros sobre a trajetória dela. Nordestina, nasceu em Sergipe em 1947 e teve no Rio de Janeiro como lugar para travar lutas e questionamentos sobre a forma como os negros eram tratados na academia e fora dela. Foi assassinada aos 52 anos ao defender uma colega de violência doméstica. Apesar da morte precoce, deixou um legado significativo sobre a história brasileira, e alguns conceitos que apresentarei mais a frente.

alicerçada em paternalismo, patriarcado e hierarquia, mantém-se até os dias atuais. A “herança escravocrata” está ligada às psicopatologias branco-supremacistas<sup>14</sup> e seu “instinto de destruição e da morte”. Este grupo se autodetermina “sujeito”, e determina quem é “o outro”, ou seja, todas as pessoas que não são e não agem como elas/eles. Mesmo afirmando a própria subjetividade em qualquer feito, apelidam-na de universal, e agem como se somente coubessem às/aos herdeiras/os “de um comportamento tão brutal”, e que se veem como “comunidade civilizatória”, saber o que é melhor para si e para “o outro”, o que inclui matar, escravizar, colonizar, (in)visibilizar, objetificar, tokenizar, apropriar-se de corpos e pensamentos “do outro”, visto como ser racializado, e ao mesmo tempo como alvo, selvagem, inimigo, “objeto fóbico” (MBEMBE, 2017).

Beatriz Nascimento menciona os formatos de seleção da sociedade moderna para atividades profissionais e cita o fator racial como um dos mecanismos para a manutenção das pessoas negras na base da pirâmide hierárquica social, do domínio social e de privilégios nas mãos dos brancos, graças à discriminação e, por conseguinte, à deslegitimação. Observar onde estão as pessoas negras a nossa volta exemplifica até nos dias atuais o que este texto escrito há mais de 40 anos explicita, no período em que o Brasil estava sob golpe militar.

No artigo, ela ainda revela mecanismos ideológicos criados para naturalizar a exploração sexual da mulher negra, ou seja, representações desenvolvidas no intuito de alicerçar estereótipos, como o “de que o fato de pertencer às classes pobres e a uma raça ‘primitiva’, a faz menos reprimida sexualmente, facilita-se a tarefa do homem de exercer sua

---

<sup>14</sup> Aqui, sugiro ainda a leitura de MBEMBE. Achille. *Brutalisme*. La Découverte, 2020.; MILLS, Charles W. *The racial contract*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1997. E também *O contrato de dominação* do mesmo autor, Charles W. Mills, em que ele apresenta uma teoria que está “longe de ser marginal” determina a realidade da maioria da população. Primeiro ponto é compreender que “a sociedade política é um construto humano, e não um desenvolvimento orgânico”. O que se aplica também ao entendimento de gênero e raça, segundo Mills. Quando se compreende o contrato enquanto criação humana da sociedade, tendo em vista, nós, enquanto seres sociais, fica compreensível que o que vivemos faz parte de resultados desenvolvidos “por um grupo privilegiado de homens brancos hegemônicos na teoria política que tem tido nenhuma motivação para extrapolar a sua lógica” (MILLS, 2013, p. 15-16). Ver também: *O racismo como arma ideológica de dominação* de Clóvis Moura, em que na sua análise nos apresenta o racismo como uma ideologia que garante dominação. Ele cita a “reforma eugênica dos salários”, em que pessoas brancas ganham mais que pessoas negras, por exemplo. O que faz pensar nos silêncios constantes em relação a este dado. O que as pessoas com privilégios fazem em relação a isso? “O racismo é um multiplicador ideológico que se nutre das ambições políticas e expansionistas das nações dominadoras e serve-lhe como arma de combate e de justificativa para os crimes cometidos em nome do direito biológico, psicológico e cultural de “raças eleitas”. Há também o racismo interno em várias nações, especialmente nas que fizeram parte do sistema colonial, através do qual suas classes dominantes mantêm o sistema de exploração das camadas trabalhadoras negras e mestiças” (MOURA, 1994).

dominação livre de qualquer censura (NASCIMENTO, 1977)<sup>15</sup>. São acrescentados, além dos estigmas servis, os de animalização e os de objetificação sexual do corpo da mulher negra. Por estar envolvido num arcabouço social complexo e desenvolvido pela psique doentia e adoecedora da *branquitude*<sup>16</sup>, “hoje em dia, ainda não é claro para o senso comum que a escravatura dos negros e as atrocidades coloniais fazem parte da memória do mundo; ainda menos que esta memória (...) não é propriedade apenas dos povos que foram vítimas destes acontecimentos (...)”. As atrocidades e crueldades seguem permanentes, a custa de uma neurose social (MBEMBE, 2017).

A historiadora chama a atenção de que o acesso à educação pode ser uma chave de mudança da situação das mulheres negras. Ela apresenta dados de quando as brancas passaram a ter acesso ao ensino superior e a ganhar mais próximo de seus pares homens brancos, e marca que esta aproximação de reconhecimento não aconteceu da mesma maneira com as mulheres negras, pois estas estão anexas a pelo menos três pontos da estrutura social que as dominam: são pessoas negras do gênero feminino, e a maioria pertence à classe de renda mais baixa. Com isso, o acesso à educação fica mais difícil, já que necessitam trabalhar para sobreviver, e o papel de fornecedora de mão de obra em cargos inferiores é quase sempre a única opção oferecida, com cargas horárias maiores, que diminuem a chance de ingresso aos estudos e a conclusão deles para obtenção de títulos.

A filósofa e antropóloga Lélia Gonzalez<sup>17</sup> em estudos sobre o lugar da mulher negra na força de trabalho e nas relações raciais, afirma que numa aquisição de emprego, os itens "educação e boa aparência" eram (e ainda são) fortemente requeridos, e mesmo quando mulheres negras alcançam os mais altos níveis de escolaridade e capacitação, ainda assim a seleção racial ocorre, por esta não ter "a cor que combina" com ascensão. Gonzalez reflete ainda sobre o simbólico que está envolvido com a “abolição da escravatura”, e reforça que o

---

<sup>15</sup> Algumas notas de rodapé constam apenas a autoria e o ano, pois não possuíam páginas enumeradas em alguns livros, artigos, especialmente os digitais.

<sup>16</sup> BENTO, Maria Aparecida Silva. *Branqueamento e branquitude no Brasil*. In: Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58). SCHUCMAN, L. V. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo*. São Paulo: Annablume, 2014.

<sup>17</sup> Lélia Almeida Gonzalez (1935-1994) nasceu em Belo Horizonte (MG), foi filósofa, antropóloga e professora. Em seus trabalhos denunciou o racismo e o sexismo como formas de violência contra mulher. É uma das grandes referências de estudos sobre sociedade brasileira e negritude.

ato formalizado somente ocorreu graças a luta incessante da comunidade negra, luta que foi e é invisibilizada pela *branquitude*<sup>18</sup>. Para ela é necessário o reconhecimento das contradições e desigualdades raciais que vivem as pessoas negras para que mudanças no Brasil e no continente *amefricano* ocorram veementemente. Tratando-se especialmente das mulheres negras, ela aponta para um aspecto que enfraqueceu o movimento de mulheres latino-americanas, quando nas discussões sobre divisão sexual do trabalho não existia a questão racial sublinhada, algo que soa “racionalismo universal abstrato”, recorrente de um sistema patriarcal-racista. “Falar de opressão das mulheres latino-americanas é falar de uma generalidade que esconde, enfatiza, que tira da cena a dura realidade vivida por milhões de mulheres que pagam um preço muito alto por não serem brancas” (GONZALEZ, 2018, p. 310-311).

Lélia Gonzalez desenvolve então a categoria-chave *amefricanas/os* que serve para nomear todos os descendentes de africanos e os povos originários que vivem no continente americano, com o objetivo de inserir discussões da formação histórico-cultural brasileira, que fixada na ideia “latina”, excluem as presenças de negros e indígenas, não somente na nomenclatura. É válido aqui lembrarmos os estudos sobre epistemicídio, conceito trabalhado pela filósofa Sueli Carneiro<sup>19</sup> para explicitar as tentativas do extermínio do

---

<sup>18</sup> Um dos movimentos que este trabalho reivindica é o compromisso de ao falarmos de pessoas brancas considerarmos estudos sobre branquitude. Branquitude não é só um adjetivo para indicar o coletivo de pessoas brancas, mas a possibilidade de vermos pessoas brancas também racializadas. Pensar branquitude através da racialização é um convite para romper com ideias de normas, padrões, e universalidade em relação ao que foi construído por/para pessoas brancas. Segundo Lia Vainer Schucman (2012), mulher branca, pesquisadora e doutora em psicologia social pela Universidade de São Paulo (USP), existem produções acadêmicas sobre a temática em várias partes do mundo além do Brasil, como África do Sul, EUA, Inglaterra e Austrália, por exemplo. Temática estudada há algum tempo e com literaturas geográficas diversas, os estudos críticos sobre branquitude se apresentam como uma forma de entender os conhecimentos produzidos pelo grupo branco como uma particularidade e não como um princípio, ou seja, como mais um conhecimento e não “o” conhecimento que pode ditar tudo. Dentre os variados debates, o conceito de branquitude, quer reforçar que o mito da democracia racial alavanca à ideia de meritocracia, o que faz com que pensemos que os espaços ocupados por pessoas brancas – maioria dos espaços de legitimidade – são sempre “conquistas individuais”, e que não são na verdade o fato que a branquitude, enquanto coletivo, possui privilégios na sociedade, e que, por isso, espaços de legitimidade são mais facilitados às suas presenças e permanências. E se pensarmos assim, considerando as pessoas brancas somente enquanto indivíduos e suas conquistas ocorrem somente devido ao mérito, estaremos de mãos dadas com a ideia de que existe uma raça superior. Por que somente as pessoas brancas teriam o mérito de ocupar a maior parte das vagas da docência nas universidades, dos cargos políticos, por exemplo? Pensar em meritocracia, saber da existência do racismo e comungar na manutenção do racismo por interesse, é assumir a ideia da supremacia branca.

<sup>19</sup> Sueli Carneiro (1950), mulher negra, filósofa, ativista do movimento social negro brasileiro, nascida em São Paulo, é fundadora do Geledés - Instituto da Mulher Negra e uma das grandes referências brasileiras em estudos étnico-raciais e de filosofia.

conhecimento de pessoas negras e povos originários, e como a hierarquia está ligada às reproduções da relação de poder em que se encarcera subjetividades.

A poeta, pesquisadora e professora de literatura Livia Natália<sup>20</sup> enfatiza o caminho pedregoso que é ocupar o espaço de intelectual negra em um sistema branco, e que “estar na academia é compreender que o saber liberta, mas que sua função primordial é a de nos oprimir”. Ser pessoa negra neste espaço<sup>21</sup> não se trata de meritocracia e esforço, embora se pensa que uma mulher negra que trabalha com produção e disseminação de conhecimentos seja raridade. Ela aponta para o enfrentamento constante pela “afirmação da validade e importância do nosso conhecimento, assim, não há lugar confortável nem dentro das salas de aula, onde somos constantemente testadas, nem nos corredores, nem nas reuniões”, Natália abraça ideias de bell hooks<sup>22</sup> e Angela Davis<sup>23</sup> reafirmando o quanto a mulher negra é, dentro

---

<sup>20</sup> Livia Natália (1979) é poeta baiana, pesquisadora e professora de teoria literária da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutora, mestra e graduada em Letras também pela UFBA. Trarei mais referências sobre ela no decorrer deste trabalho.

<sup>21</sup> A professora estadunidense Patricia Hill Collins (1948) também traz uma perspectiva das mulheres negras no ambiente acadêmico em *Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro*. O termo *outsider within* figura a ideia da mulher negra em sociedades que passaram pelo sistema escravagista; é ser estrangeira/forasteira mesmo participando, estando dentro da sociedade. Hill Collins apresenta a autodefinição das mulheres negras como estratégia contra representações e estereótipos negativos, ou mascarados de bem-intencionados, inventados por ideologias racistas. Toda vez que mulheres negras se autodefinem, são colocadas a contraprova, através das nossas reais experiências e produções subjetivas, as mentiras que criaram para sonegar quem somos. Além das representações, algo possível de regulação na sociedade é a criação de dualidades que servem como critérios hierárquicos para ratificar a dominação, e dentro destas opções, as mulheres negras estão sempre inseridas na parte ligada à subordinação, ou seja, homens dominam mulheres, brancos dominam negros, ricos dominam pobres, heterossexuais dominam as demais identidades de gênero, etc. Essa visão da opressão interligada faz com que reflitamos a respeito do patriarcado e todas as estratégias de manutenção do poder à permanência e à naturalização das posições sociais. Uma vez que as pessoas negras questionam e passam a se autoafirmar-definir-avaliar, outros movimentos são formados e as imagens opressoras e paralisantes que antes serviam para controlar se tornam mais incoerentes. As mulheres negras nos Estados Unidos, por exemplo, transmitiram a irmandade (*sisterhood*) existente entre elas, como estratégia de fortalecimento e proteção que vai totalmente contra a ideia de que mulheres não são unidas umas com as outras. No Brasil, existem movimentos de mulheres negras: grupos, encontros, (re)mapeamentos, que são mobilizações que dialogam, reivindicam (auto)representações e que fomentam a pluralidade da negritude em espaços múltiplos. A respeito da autonomia do pensamento, Patricia Hill Collins afirma que “a autodefinição e a autoavaliação não são luxos, são necessárias para a sobrevivência da mulher negra” (COLLINS, 2016, p. 106), caso contrário, aparecem o controle carregado de opressões físicas e psicológicas, objetificações e desumanização dos que conduzem a continuidade de “fantasias dominantes sobre raça e territorialidade” (KILOMBA, 2019, p. 111).

<sup>22</sup> Neste trabalho escreverei bell hooks (1952) em minúsculo como a autora, professora e pensadora negra estadunidense opta em assinar. Sobre o uso de nome próprio em caixa baixa, é comum no meio literário, como uma forma que artistas encontram de desafiar a norma ou a estrutura textual, “dos exemplos mais proeminentes é bell hooks, autora, ativista e feminista americana que escolheu adotar o nome da avó escrito apenas em minúsculas. Ao romper com a convenção patriarcal da linguagem, ela afirmou que é a ‘substância de seus livros, e não quem eu sou’ que deve ser enfatizada” (PATER, 2020, p. 66).

deste espaço, “constantemente, um corpo fora de lugar”, por durante muito tempo lidas como inferiores, destinadas a “tríade trabalho braçal-procriação-sexo” e que, por isso, “este corpo, permanentemente varado de perguntas, é também um corpo não mapeável, todo feito de vulnerabilidades e potências (NATÁLIA, 2016, p. 115-117).

Lívia Natália apresenta alguns pontos que gostaria de grifar: *o motivo de termos raiva*, “a raiva indociliza os corpos (...) e revela a potência que temos; *como a nossa subjetividade foi creditada como equivocada e defeituosa*; e que *precisamos “furar o bloqueio do racismo institucional”<sup>24</sup> com o corpo*” (Idem).

Beatriz Nascimento nos lembra que “autores negros possibilitam em sua obra a análise da própria psicologia, dinamizada por se debruçar sobre o preconceito racial, como uma dinâmica e não como uma característica fina, os grandes literatos que fazem uso do tema negro não adentram a esse propósito”. Visualiza-se um projeto político que insiste em doutrinar a sociedade a crer que a cor de pele escura é sinônimo de impotência, subalternidade e ignorância. Este mesmo projeto racista ainda continua atuando nas comunidades negras e de povos originários com epistemicídio e genocídio permanentes. Em movimentos de inserir escritas dos nomeados “subalternos”, muitos destes literatos brancos se aprisionam a marcar a desigualdade social por meio do lugar-objeto, da geografia, e pouco localiza a inserção de pessoas negras numa dimensão da esfera íntima. “É como se o personagem, despossuído ou “doutor” não tivessem uma psique que se atualiza, sendo somente possuidor de um pensamento mágico ou vítima passiva de um fatalismo” NASCIMENTO, B., 2018, p. 318).

---

<sup>23</sup> Angela Davis (1944) é professora, filósofa e ativista negra estadunidense. Conhecida como integrante do Panteras Negras, é uma das grandes referências negras contemporâneas, por suas atuações e publicações, a favor do direito das mulheres e contra a discriminação racial e social. Em última visita ao Brasil, em 2019, destacou enquanto referências Lélia Gonzalez, Luiza Bairros, Érica Malunginho e Preta Ferreira.

<sup>24</sup> A pedagoga e antropóloga Eliane de Oliveira em *Mulher negra professora universitária: trajetória, conflitos e identidade analisa*, por meio de 12 depoimentos, trajetórias de mulheres negras acadêmicas, trabalha os aspectos que envolvem as relações raciais e de gênero, os processos de (re)construção de identidades e como os problemas estruturais sociais interferiram na vida de cada uma delas.

Ao analisar o depoimento de uma das pesquisadoras que estuda questões raciais, Eliane Oliveira observa que existem diferentes tipos de preconceitos quanto à recepção de pessoas negras e suas atuações na academia. Assim como em outras instâncias sociais, nas instituições também são afirmados estereótipos para inferiorizar e desqualificar as acadêmicas negras. De acordo com uma das pesquisadoras entrevistadas, “paira certa desconfiança na academia sobre a manipulação de dados, ou seja, informações coletadas por um[a] pesquisador[a] negro[a], nesse caso, no imaginário social, não são vistos como muito confiáveis” (OLIVEIRA, 2006, p. 57). Talvez explique a timidez de pesquisadoras negras nas referências bibliográficas de pesquisadores brancos.

A escritora e doutora em Literatura, Conceição Evaristo, reflete em seus estudos sobre a representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira, a respeito do poder da linguagem ao atribuir identidades e diferenças aos indivíduos e como a literatura atua como “espaço privilegiado de (re)produção simbólica de sentidos” (EVARISTO, 2005, p. 52). Na literatura criada pela elite branca, ancoram-se à mulher negra características negativas tanto para as identidades quanto para as diferenças. Com isso, faz-se necessário reforçar perspectivas criadas por comunidades negras sobre si e sobre o mundo que vê e participa, sobre seus marcos e suas formas de garantir a transmissão de vozes e experiências.

*Um corpo no mundo* (2017)<sup>25</sup>, da cantora e compositora baiana Luedji Luna (1987), que segundo Tiganá Santana<sup>26</sup> "além de ser uma autora negra, é a fala, a escrita, o lirismo, a força de uma mulher negra dizendo as palavras que criou" (*apud* LUNA, 2018, online)<sup>27</sup>, reflete como pessoas de tez escura se movimentam em outras localidades – na tentativa de melhorar as condições de vida – e se deparam com o racismo, que segundo Lélia Gonzalez, é "uma construção ideológica, cujas práticas se concretizam nos diferentes processos de discriminação racial. Enquanto discurso de exclusão que é, ele tem sido perpetuado e reinterpretado, de acordo com os interesses dos que dele se beneficiam" (GONZALEZ, 2018, p. 41).

O corpo negro em movimento com destino para seguir livre e solto, como diria o psiquiatra e filósofo martinicano Frantz Fanon<sup>28</sup>, é visto como desconfiança numa cidade em que os seus pares negros ajudaram a construir. "Cada rua dessa cidade cinza sou eu/ Olhares brancos me fitam/ Há perigo nas esquinas/ E eu falo mais de três línguas (...)", a poesia-canção reflete o que o processo civilizatório ocidental injetou fortemente nos países

---

<sup>25</sup> A música *Um corpo no mundo* (2007) faz parte do álbum homônimo. A cantora e compositora baiana Luedji Luna (1987) é um dos destaques da música brasileira contemporânea. Com este álbum, foi indicada e ganhou inúmeros prêmios, como o Prêmio Multishow, Prêmio Caymmi, Prêmio Bravo, Prêmio Afro, Prêmio Comunique-se, etc. Ver: [www.luedjiluna.com.br](http://www.luedjiluna.com.br). Em 2020, lançou *Bom mesmo é estar debaixo d'água*.

<sup>26</sup> Tiganá Santana (1982) é doutor em estudos da tradução (USP), cantor, compositor baiano, professor e pesquisador. É graduado em filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Poliglota, estudou as estruturas linguísticas dos idiomas kimbundu e kikongo, e é muito respeitado por compor e gravar canções em diferentes idiomas.

<sup>27</sup> Citação transcrita do documentário *Memórias de um corpo no mundo*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9WYnjuk9anI>. Acesso em: 3 de abril de 2019.

<sup>28</sup> Frantz Fanon (1925-1961), psiquiatra e filósofo martinicano. Apresentou temas relacionados a psicopatologia da colonização e sobre a descolonização. No trabalho *Peles negras, máscaras brancas* ele realiza análises sobre sua jornada pelo mundo, deslocamentos e exílio.

colonizados: a associação perversa da pessoa negra sempre com o que há de negativo e menor, e a manutenção dessa ideia por meio de dispositivos para fazê-la acreditar na naturalidade dessa posição.

Nessa mesma estrofe, o eu-lírico negro afirma dominar mais de três idiomas, o que nos faz crer que se trata de alguém versado culturalmente, e ainda assim as pessoas o encaram, afastam-se, atravessam a rua, com medo que este lhe possa fazer mal, pois a aparência negra não combina com segurança e credibilidade, tampouco com erudição. Afere-se que não importa a classe e o capital simbólico que carrega, a pessoa negra será sempre suspeita. Como ter estabilidade na sociedade que demonstra incômodos com a presença de pessoas negras em diáspora? Este cenário pode ser diferente no campo literário?

Aqui podemos observar o peso da melanina em face das dinâmicas sociais que se estabelecem entre pessoas negras e brancas. Percebemos que estes mecanismos violentos, dentre eles o que foi chamado por Fanon de transitivismo, projeta faces adoecedoras e diferenciadas para ambos interlocutores, porém, há um lucro dessa psicopatologia para os brancos que prosseguem para além do “racismo de superfície, grosseiro e primitivo”, assumindo o “racismo mais insidioso, sempre desvinculado de qualquer culpabilidade”. A lucratividade branca está também em transitar pelos espaços sociais sem que a cor da pele seja notada como motivo para depreciação, por mais horrenda que esta pessoa branca possa ser.

Segundo Luedji Luna, no documentário *Memórias de um corpo no mundo* (2018), em que destaca o processo criativo desta obra, quando migrou da Bahia para São Paulo<sup>29</sup> a fim de construir e consolidar sua carreira musical. Ao residir no bairro da capital paulista, Barra Funda, também observou a imigração de haitianos e africanos das várias Áfricas, questionou-se a quais dessas Áfricas ela era pertencente e qual lugar o seu corpo negro diaspórico ocupava nessa nova cidade. Ela afirma que a poesia-canção nasce fora da sua cidade natal: “é uma canção que traz no canto essa saudade e essa ausência de referência que Salvador me dá. Se eu não fosse de Salvador, que é a cidade mais negra fora da África, jamais eu teria esse

---

<sup>29</sup> “Não pode haver uma cidade sem as falas da África”, Chico César fala em entrevista para o ElPaís, ao relacionar a sua presença em São Paulo, que assim como Luedji Luna migrou do nordeste para o sudeste a fim de investir na sua carreira musical.

olhar da cidade de São Paulo e talvez essa canção não tivesse nascido” (LUNA, 2018, online)<sup>30</sup>.

As referências que são expressas em *Um corpo no mundo* levam-nos a pensar em alguns mergulhos mais profundos. O primeiro deles aparece com a consciência negra, agente, compreensiva das próprias raízes e de um projeto maior que envolve a criação de legados que se comprometem com a afirmação de imaginários potentes para a continuidade negra. Um segundo, e talvez, o que mais me mobiliza, é o que aponta a crítica negra, o olhar de quem compreende as armadilhas e lacunas da sociedade governada por condutas branco-supremacistas<sup>31</sup> que afirmam e têm interesse na manutenção na ideia de “humanidade” para todas as pessoas, mas que na prática, (in)visibiliza pessoas negras para a manutenção da lucratividade. É nítido que para esse grupo que se legitima universal, “a palavra amor”, como metáfora de cuidado, de proteção, de legitimidade, é seletivo dentro da ideia “humanidade”

---

<sup>30</sup> Citação transcrita por mim do documentário *Memórias de um corpo no mundo*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9WYnjuk9anI>. Acesso em: 3 de abril de 2019.

<sup>31</sup> Considerando as pessoas brancas como plurais, os estudos sobre branquitude também apresentam nuances interpretativas variadas ao observá-las enquanto grupo na sociedade. Baseando-se em diálogos com Maria Aparecida Bento (2002b) e Lia Vainer Schucman (2012), em que apresentam concepções sobre branquitude, ao refletirmos sobre supremacia branca, ou grupos branco-supremacistas, estamos destacando dentro da branquitude, uma parcela que conscientemente acredita na superioridade “moral, intelectual e estética” do seu grupo, em detrimento dos demais, os que se beneficiam dos privilégios e não questionam, e ainda protegem os interesses de seu grupo racial. Ao fazer estas leituras, compreendo como supremacia branca a apropriação de vivências racistas construídas por pessoas brancas em oposição a outros grupos raciais, tendo em vista uma compreensão histórica e social de poder deste grupo e o que ele causou e causa na contemporaneidade. Podemos associar a supremacia branca, ideologias políticas de domínio que se opõem a grupos que se diferem racial, político-social e culturalmente deles. O entendimento das identidades brancas enquanto hegemônica, normal, natural, amplia a ideia de supremacia racial branca, quando estas pessoas se compreendem como “o padrão”, e que os seus níveis intelectuais, de compreensão sobre o mundo devem ser estabelecidos por meio de sua régua, sua óptica, e suas narrativas “sempre corretas”. Não marcar racialmente a pessoa branca é uma forma de não questionar os privilégios materiais, simbólicos, os benefícios que pessoas brancas, independente de classe social, de local de nascimento, possuem, dentro de seus respectivos contextos, mesmo quando este não é a favor de opressões. Mas aqui, se tratando de supremacia branca, observamos às pessoas brancas que sabem que se beneficiam e seguem agindo como se esses privilégios não deveriam ser notados, como se sua cor não tivesse a ver com os espaços que ocupam. Supremacia racial branca também está correlacionada às pessoas brancas que com o poder de estar em posições de legitimidade usam somente da meritocracia para justificar seu sucesso, suas aquisições, e não compreendem que a pobreza tem sim a ver com efeitos do racismo. Lourenço Cardoso (2008) apresenta nos seus estudos sobre branquitude uma variação para se pensar o grupo de pessoas brancas. Ele emprega a classificação “branquitude crítica” e “branquitude acrítica”, resumidamente, a primeira que se beneficia socialmente mesmo sem concordar com o racismo ou se perceber sendo racista; e esta última diz respeito ao grupo que se apresenta conscientemente a favor da superioridade racial dos brancos. Outro ponto que gosto de refletir sobre supremacia branca está nos estudos da professora Maria Aparecida Bento (2002b), quando apresenta o conceito de pacto narcísico, em que as pessoas brancas seguem distribuindo os benefícios para seus pares, reforçando o simbólico da supremacia branca, por meio de suas atitudes diárias fixas que perpetuam o racismo e suas reproduções permanentes.

que este grupo muitas vezes prega pretensiosamente para manutenção dos privilégios sociais.

Dentro deste contexto, percebemos que existem estruturas sociais muito complexas que dissimulam as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares como “naturais”, como se não existissem patologias sociais e desordens institucionais. Dentro destas articulações, a *outremização* aponta como motivação de dominação, uma forma de pensar determinado indivíduo como diferente e inferior. “A raça tem sido um parâmetro de diferenciação constante, assim como a riqueza, a classe e o gênero, todos relacionados ao poder e à necessidade de controle” (MORISSON, 2019, posição 124). Segundo a escritora Toni Morrison<sup>32</sup>, a *outremização* está associada a criação de categorias de valor e status, e o aprendizado se dá por meio do exemplo. A literatura, enquanto exemplo, foi (e ainda é) espaço que a supremacia branca usa para ilustrar e naturalizar o que universalmente deveria ser compreendido como condição violenta, “desumana” a quaisquer pessoas. Mas é nela que, mesmo em ficções, expõe-se os lugares sociais e personagens, possibilitando ampliar e construir o imaginário de quem acessa<sup>33</sup>. “A literatura é especialmente e evidentemente reveladora ao expor/refletir sobre a definição de si, quer condene ou apoie o modo pelo qual ela é adquirida” (MORISSON, 2019, posição 140). Mecanismos como romantizar, criar uma atmosfera segura, afirmando a subserviência de pessoas negras, como é possível observarmos em obras de autores canônicos no contexto brasileiro, eram “cuidadosamente demarcados destinados a tranquilizar o temeroso leitor branco” (idem, posição 205). Levando em conta estas observações, em quais obras de arte podemos visualizar pessoas negras sendo agentes de seus sentimentos, expondo suas potencialidades que não reforçam os estereótipos construídos para outremizar e inferiorizar este grupo?

O professor, jornalista e sociólogo, Muniz Sodré (2017, p. 14-15), aposta no pensamento nagô e na alacridade<sup>34</sup> como "ponto de existência" social, e talvez seja um

---

<sup>32</sup> Toni Morrison (1931-2019) foi uma professora, editora e escritora estadunidense, primeira mulher negra vencedora do prêmio Nobel de Literatura, em 1993. Uma das principais vozes negras contemporâneas mundiais que fez do seu trabalho literário espaço para discussões sobre a negritude na sociedade. Poderia dizer que suas obras literárias, seus discursos, ensaios e artigos formam um legado comprometido com temas caros a sociedade.

<sup>33</sup> Ver pesquisas sobre o perfil da/o personagem/autoria/escritora/escritor brasileira/o no GELBC em [www.gelbc.com](http://www.gelbc.com).

<sup>34</sup> Alacridade, segundo Sodré, vem do conceito de alegria na cultura da Arkhé. Tem a ver com passado e futuro, com resistência, é a manutenção de um estado de espírito coletivo de alegria.

caminho ou encruzilhada<sup>35</sup> para refletir respostas para as perguntas feitas até aqui. A encruzilhada aqui não é compreendida como metáfora, porque na concepção filosófica nagô e iorubá “a encruzilhada é lugar radial de centramento e descentramento, interseções e desvios, texto e traduções, confluências e alterações, influências e divergências, fusões e rupturas, multiplicidade e convergência, unidade e pluralidade, origem e disseminação” (MARTINS, 1997). Sodré alerta que não vale muito apontar para um pensador, poeta ou um escritor do passado como nazi-fascista "se não se consegue enxergar a continuidade da ideologia nazi-fascista nas formas de produção de mentalidade ou de subjetividade continuamente orquestradas pela lei estrutural de organização do mundo, que é o capital"<sup>36</sup>. A manutenção dessa estrutura nazi-fascista está composta por uma série de elementos encontrados facilmente no arcabouço social a exemplo do fortalecimento de dogmas, cânones, influenciadores, e suas reinvenções mesmo diante da crise<sup>37</sup> branco-supremacista. Não é interessante nem lucrativo “fragilizar” quem é tido como “universal” em detrimento de quem é lido como “outro”.

Sodré (2017) apresenta a compreensão de filosofias alemãs ou ocidentais ou ainda as tidas como padrões lógicos, e situa que existe uma ideologia civilizatória que traz para a sociedade a violência, a corrupção e o genocídio. Ele afirma que "propor contornos teóricos para uma filosofia *afro* não nos parece um risco de incorrer na armadilha do etnocentrismo, por implícito reconhecimento do lugar privilegiado do pensamento filosófico, nem consistir na afirmação de uma 'identidade negra essencial'" (SODRÉ, 2017, p. 15).

Seguindo esta estratégia de pensar nagô, e da tentativa constante de se distanciar de uma ideologia "mercantil-colonialista" que valoriza especialmente o ego, o acúmulo econômico e somente o *stricto* do reconhecimento de lugar privilegiado, compartilho algumas

---

<sup>35</sup> Ver: MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória: o reino do Rosário no Jatobá*. Belo Horizonte: Mazza, 1997.

<sup>36</sup> Ele exemplifica com o texto *Introdução ao estudo do problema nacional (ou Império)*, de Fernando Pessoa, que, entre muitas frases a respeito do "caso típico do Brasil", afirma que a "escravatura é lógica e legítima: um zulu ou um landim não representa coisa alguma de útil nesse mundo [...] o legítimo é obrigá-lo, visto que não é gente, a servir os fins da civilização" (*apud* SODRÉ, 2017, p. 14).

<sup>37</sup> “Nós nos acostumamos com essa ideia [humanidade], mas ninguém mais presta atenção no verdadeiro sentido do que é ser humano. É como se tivéssemos várias crianças brincando e, por imaginar essa fantasia da infância, continuassem a brincar por tempo indeterminado. Só que viramos adultos, estamos devastando o planeta, cavando um fosso gigantesco de desigualdades entre povos e sociedades. De modo que há sub-humanidade que vive numa grande miséria, sem chance de sair dela – e isso também foi naturalizado”. (KRENAK, 2020, posição 29)

leituras<sup>38</sup> com o intuito de perceber por obras de artes de autorias negras, marcas de como o acolhimento do pensamento nagô pode trazer perspectivas que costumeiramente são postas de lado, para falar de silêncios e olhares plurais de pessoas negras de continente africano e em diáspora.

Seguindo esta ideia de ampliar as perspectivas, a série estadunidense *Roots* (1977) é inspirada no livro *Roots: the saga of an american Family* (traduzido em edição no Brasil como *Negras Vozes: a saga de uma família americana*), do escritor Alex Haley<sup>39</sup>, mostra uma versão da escravidão nos Estados Unidos e as inúmeras tentativas de sobrevivência dos indivíduos de diferentes regiões do continente africano. A série narra as centenas de vidas africanas roubadas no século XVIII por traficantes de pessoas negras e trazidas em porões de navios em condições míseras, para serem escravizadas por brancos na América. Situação que aconteceu também no Brasil entre os séculos XVI e XIX, com ademais particularidades, já que o país foi colonizado por portugueses e a exploração perdurou por mais tempo.

*Roots*, dividida em oito episódios, começa contando a história de Kunta Kinte, um adolescente que morava com sua família em Gâmbia, estava vivenciando sua formação civilizatória dentro daquele espaço, tornando-se um guerreiro. No processo de aprendizado para ocupar a posição que lhe cabia na comunidade, foi surpreendido com uma invasão e destruição de tudo que compreendia como lar.

Kunta Kinte foi sequestrado, transportado em condições insalubres e vendido para um senhor branco nos Estados Unidos, tendo o corpo exposto, animalizado, humilhado. Foi renomeado de Toby, mas não aceitava assim ser chamado. Já assimilando a “nova condição” e sem perder de vista o retorno da sua liberdade, Kunta Kinte, na primeira tentativa de fuga é rapidamente capturado. Preso, ele foi açoitado por outro homem negro a comando de um capataz branco e que repetidamente, de forma provocativa, perguntava ao jovem negro qual era o seu nome. Toda vez que Kunta Kinte falava o próprio nome, o empregado branco

---

<sup>38</sup> Em *Crítica da razão negra*, o historiador e filósofo Achille Mbembe, ao fazer referência ao livro do Immanuel Kant, *Crítica da razão*, entre discussões despertas, também questiona e denuncia a ideia tida como neutra e universal de se fazer filosofia, o imperativo da forma certa de ser, estar, pensar, viver. Mbembe explica os processos de imposição filosófica conectados a lógica política, econômica, social e cultural que foi catequizada e naturalizada. Ver: MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Traduzido por Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.

<sup>39</sup> Alex Haley (1921-1992), escritor afro-estadunidense, em anos de pesquisa construiu a história do seu descendente Kunta Kinte, último homem livre antes do sequestro ocorrido para fins de trabalho escravo.

ordenava que o outro escravizado lhe batesse. Ele foi chicoteado proporcionalmente à repetição do seu verdadeiro nome e só parou de apanhar quando já desfalecido falou “*Toby. My name is Toby*” (Toby. Meu nome é Toby).

Esta cena é uma metáfora de uma das tentativas do trituramento de subjetividade, de como o racismo foi construído em prol de um apagamento e redução de um grupo. Fanon (2008) fala que ao assimilarmos uma língua outra, com ela também chegam referências da cultura, dos valores da outra comunidade. Sendo assim, quando a língua do colonizador se tornou de forma imposta a oficial, foi perdido muito do que os grupos originários<sup>40</sup> e os africanos escravizados já (auto)denominavam. “Os colonizadores, ao os [sic] generalizarem apenas como ‘índios’, estavam desenvolvendo uma técnica muito usada pelos adestradores, pois sempre que se quer adestrar um animal a primeira coisa que se muda é o seu nome” (SANTOS, A. Bispo. 2015, p. 27).

A mesma técnica de dominação foi usada com os povos da África ao chamá-los somente de "negros". Assim como aos povos colonizados as denominações "pagãos", "coisas", "sem alma" lhes eram determinadas. “Ou seja, os colonizadores, ao substituírem as diversas autodenominações desses povos, impondo-os uma denominação generalizada, estavam tentando quebrar as duas identidades com o intuito de coisificar/desumanizar” (SANTOS, A. Bispo. 2015, p. 27). Estas designações são ratificadas em obras de arte, desde o período colonial, contribuindo para proposições negativas persistentes e doutrinadoras que perduram até os tempos atuais.

Mas, ao contrário dos que pensam ter sido redenção, ainda "estando" como Toby, Kunta Kinte conseguiu traçar estratégias de não deixar esquecido o seu nome, sobrenome e a história do seu povo, ele se recusou a renunciar as suas raízes. Na obra, as personagens negras aparecem como sinônimas de resistência, luta e sabedoria, como a esposa de Kunta Kinte, Bell, que sabia ler e escrever sem que o seu proprietário soubesse e compartilhava as notícias dos jornais sobre o que estava acontecendo no mundo e com os demais escravizados. Algo

---

<sup>40</sup> O mestre Antônio Bispo dos Santos (1959), ativista político e militante no movimento social quilombola e nos movimentos de luta pela terra. Também conhecido também como Nêgo Bispo, ele nasceu no Vale do Rio Berlingas, antigo povoado do Papagaio, hoje município de Francinópolis no Piauí, estado do nordeste brasileiro. É lavrador, formado por mestras e mestres de ofícios, morador do Quilombo Saco-Curtume, no município de São João do Piauí. Ele afirma que os povos de língua tupi chamam de Pindorama (Terra das Palmeiras), essa terra hoje chamada de Brasil. E utiliza o termo povos pindorâmicos com a intenção de "contestar a denominação forjada pelos colonizadores".

que a estudiosa afro-estadunidense bell hooks afirma ser a estratégia do olhar como resistência.

A filha do casal, Kizzy Kinte, também conseguiu ter acesso à leitura e à escrita, aprendendo escondido com a sobrinha do dono da fazenda que depois revela ao tio o conhecimento de Kizzy. E quando este poder foi desvendado, Kizzy foi imediatamente separada de seus pais, e vendida a outro fazendeiro escravocrata que logo a estuprou. Disso, nasceu Chicken George, e o pouco da leitura e da escrita que possuía, ela transmitiu ao seu filho. E o ensinou viver em segredo com este “poder” diante do senhor, mesmo este sendo biologicamente seu pai, algo que não era mencionado por ninguém.

A série vai relatando as vidas das gerações após Kunta Kinte, Kizzy Kinte, seu neto Chicken George, seus bisnetos, tetranetos, revelando os movimentos dos seus descendentes até recuperarem a liberdade novamente, ou relativamente reconquistarem, pois sobreviveram aos destroços, aos acordos, às negociações forçadas; e tiveram que remapear a vida com estas marcas, até chegar na geração do autor do livro, Alex Haley, cujo sangue Kinte se mantém vivo e a memória da família documentada. E, a partir desta, de muitas outras famílias. A narrativa torna-se individual-coletiva, pois não é apenas sobre o ancestral do autor que está sendo narrado, mas de genealogias de tantas famílias de afro-diáspóricos dos EUA, Haiti, e do Brasil, por exemplo.

*Um defeito de cor* (2006) da escritora negra brasileira Ana Maria Gonçalves<sup>41</sup>(1970) evidencia deslocamentos e movimentos, e o mar que aparece marcando os remapeamentos e trânsitos da personagem principal, Kehinde. A narrativa, contada em primeira pessoa, traz detalhes desde a infância no Reino de Daomé em África, sua organização familiar até passar pelas primeiras violências e a necessidade de mudanças geográficas, trânsitos com o objetivo de se manter viva. Por ser uma narrativa rica em detalhes de cada momento, a autora nos mostra uma enorme cartografia junto ao olhar circular de Kehinde. Mesmo diante do que se sucede ao ter sua vida sequestrada, separada de seus entes familiares, o deslocar-se dentro de um navio negreiro como muitas outras pessoas negras, que como ela, estavam ali em

---

<sup>41</sup> Ana Maria Gonçalves nasceu em Ibiá (MG) em 1970. Trabalhou com publicidade até 2001, quando se mudou para Ilha de Itaparica e escreveu *Ao lado e à margem do que sentes por mim* (2002) e *Um defeito de cor* (2006, Editora Record), ganhador do Prêmio Casa de las Américas (Cuba, 2007) e está sendo adaptada para a televisão em formato de série.

sofrimento sem saber do futuro, porém se nutrindo de pensamentos, memórias alicerçadas pela sua *terra*, crenças e afetos, vislumbrando continuidade pós-travessia, a retomada da liberdade.

Nas 952 páginas do romance<sup>42</sup> é possível transitar em diferentes espaços geográficos, temporais, afetivos, alguns muito doídos, de abismos, de crueldades, mas também onde se percebe a ternura, a esperança e a liberdade dentro e fora da narradora-personagem. Kehinde, descreve como vivenciou as experiências de escravizada durante e após a travessia, descreve os momentos de felicidade, de admiração do que era para ela bonito quando avistou a chegada a Ilha de Itaparica e seus primeiros e diferentes movimentos na Bahia. Ainda em situação degradante que foi imposta a ela, a mesma conseguia visualizar a riqueza do que poderia ser admirado, e também reagir, quando possível, em situações discordantes como a rejeição imediata do batismo sentenciado como obrigatório:

Nós não víamos a hora de desembarcar também, mas disseram que antes teríamos que esperar um padre que viria nos batizar, para que não pisássemos em terras do Brasil com a alma pagã. Eu não sabia o que era alma pagã, mas já tinha sido batizada em África, já tinha recebido um nome e não queria trocá-lo, como tinha feito com os homens. Em terras do Brasil, eles tanto deveriam usar os nomes novos, de brancos, como louvar os deuses dos brancos, o que eu me negava a aceitar, pois já tinha ouvido os conselhos da minha avó. (GONÇALVES, 2017, p. 63)

A narradora-protagonista pula no mar e consegue não passar pelo “ritual” do catolicismo. A obra não se atém somente às profundidades de crueldades da supremacia branca, na verdade, ela segue com o olhar de Kehinde-Luísa seus movimentos, estratégias, agência dentro do que não puderam roubar, do que não souberam lidar – a liberdade de dentro, as conexões com a *terra* e respeito às raízes, expressões em iorubá, as tradições e olhares de África que se apresentaram por meio da memória, ações e até do silêncio, o que não a impediu de retomar a sua liberdade e sonhar. Ela negociou para se manter presente, aprendendo novos idiomas, protegendo as próprias culturas e crenças dos colonizadores. Uma mulher negra que passou por violências horrendas, Kehinde-Luísa se aquilomba para resistir, traça rotas com estratégias que envolvia muitas articulações, até conquistar sua carta de alforria e de mais pessoas que viviam iguais a ela, que se tornam malungas/os, familiares,

---

<sup>42</sup> GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

transcendendo laços consanguíneos. Kehinde-Luísa vive uma grande temporada em busca do seu filho, Luís Gama, e das suas liberdades.

Nesta obra percebemos o desafio de ser *um corpo no mundo* de epiderme escura, em que se forja a naturalização da escravidão, em que a liberdade dentro dos aparatos da lei, por meio de uma carta de alforria era contestada e posta a prova. Na sociedade dezanovesca, transitar tendo o status de alforriado, liberto, era quase a todo tempo estar negociando. Pessoas negras nunca deixaram de ser perseguidas físico e psiquicamente, e nem de se mobilizarem. O antropólogo e professor congolês Kabengele Munanga<sup>43</sup> em proposição diz que "a identidade negra não surge da tomada de consciência de uma diferença de pigmentação ou de uma diferença biológica entre populações negras e brancas e/ou negras e amarelas" (2000). Ela é a junção de um processo histórico que começa desde a chegada dos portugueses no território africano e prossegue com narrativas já conhecidas com a exploração dos povos ameríndios e da própria América, e dos povos africanos.

Em seus estudos sobre diversidade, etnicidade, identidade e cidadania, Munanga (2000) reflete sobre a temática que, para ele, é infinita e sempre provisória, sobre identidades negras. Em palestra<sup>44</sup>, explicita a ausência de discursos ideológicos sobre as identidades branca, amarela, devido a estes não terem passado por algo similar aos negros que aqui chegaram – que foram roubados das suas comunidades originárias, trazidos de maneira violenta em navios negreiros e forçados a viver sob um regime de escravidão, "sem saber por onde estavam sendo levados e por que motivo estavam sendo levados".

O que se diferencia da história dos emigrados de tez clara, "europeus, árabes, judeus, orientais, que, voluntariamente decidiram sair de seus respectivos países, de acordo com a conjuntura econômica e histórica interna e internacional que influenciaram suas decisões para emigrar" (MUNANGA, 2000, p. 15). Indivíduos que de alguma forma romperam com suas vidas anteriores e podem também ter tido traumas por se deslocarem indesejadamente das suas terras natais, porém indivíduos em que não foram tirados a liberdade para construir suas identidades particulares, como a italiana, a japonesa, a judaica, entre outras, em novas

---

<sup>43</sup> Kabengele Munanga nasceu no Congo em 1942. É especialista em antropologia da população afro-brasileira. Kabengele é graduado pela Université Officielle du Congo e doutor em Antropologia pela Universidade de São Paulo.

<sup>44</sup> Palestra proferida no 1º Seminário de Formação Teórico Metodológica-SP em 2000.

geografias. “Em nenhum momento a cor de sua pele clara foi objeto de representações negativas e de construção de uma identidade negativa que, embora inicialmente atribuída, acabou sendo introjetada, interiorizada pelas próprias vítimas da discriminação racial” (Idem).

Pessoas negras tiveram e ainda têm que remapear, reconstruir memórias culturais identitárias, uma vez que especificidades e características coletivas foram e são preteridas pela sociedade. Notamos, por exemplo, que apesar de todos os dispositivos contra Kehinde-Luís, ela circulou, agenciou a própria vida e fortaleceu os seus pares. Ela conseguiu driblar os tantos desafios e desencontros, que a possibilitam traçar novas rotas, outras possibilidades, e ademais conexões que a levam a sentir pertencimentos plurais, nesse recontato com sua terra mãe e com a que lhe foi imposta.<sup>45</sup>

*Minha casa é onde estou* (2018) da escritora somali-italiana Igiaba Scego (1974) é um *remapa*, ela narra sobre pessoas negras que precisaram se exilar em um país cuja maior parte da população é branca, que teve uma relação conflituosa e de exploração com o país dela de origem. A obra apresenta pedaços de uma cartografia, uma retrospectiva histórica da Somália, que insere política, economia, dados culturais e sociais que são muitas vezes omitidos e apresentados por pontos de vistas convenientes e deturpados pela história dita oficial e pela mídia. Ela descreve trajetórias da família Scego que tem ligação direta com a história política da Somália. Conquistas e derrotas, encontros e desencontros, e até os sobrenomes, ela conta que a migração os fez perder alguns, entre outros elementos identitários.

Quantos afrodiáspóricos precisaram remapear suas vidas diversas vezes para poder seguir? Igiaba Scego nos coloca a par dos enfrentamentos dela e de entes familiares frente a uma chacina contínua que se entrelaça com ditadores, ambiciosos, guerrilheiros, políticos e que até hoje deixam marcas e soterram histórias.

Nessa cartografia afetiva, a narradora destaca seis lugares na Itália que têm ligação com sua história e de outros somalis refugiados e exilados. Ela fala sobre as dificuldades da sua família para se estabilizar em Roma, os desafios na escola, os enfrentamentos enquanto afro-italiana que é vista a todo tempo como estrangeira. Também relata, durante o romance,

---

<sup>45</sup> Sugiro a leitura de *Maternidade negra em um defeito de cor: história, corpo e nacionalismo como questões literárias* (2017) da professora doutora Fabiana Carneiro Silva, em que dentre várias perspectivas verifica a noção de maternidade e como ela se configura na obra, na contramão dos estereótipos da “mãe-preta” costumeiramente inseridos quando se trata de personagens mulheres negras.

como a mãe era vista por seus colegas de classe como "animal de zoológico" por usar véu islâmico, descreve a maneira como sofria na escola por conta da pele escura, sobre as vezes que foi chamada de macaco, e que ouvia até mesmo dos professores falas violentas mascaradas de piadas e brincadeiras.

Sobre suas experiências no início da vida escolar, a autora conta que os garotos mais velhos a chamavam de Kunta Kinte, referindo-se a série que em 1978 estava sendo exibida na Itália, como maneira de arrelia-la. Eles associavam a personagem a ela por causa da cor da pele e não compreendiam o personagem como símbolo de resistência e de luta contra a escravidão. "Um homem negro açoitado até sangrar por aqueles que tinham lhe roubado a liberdade, era isso que viam. (...) Em vez de me dizer: 'Que lindo, seu irmão negro é um herói, nós o admiramos', diziam-me 'Você é como Kunta Kinte, negra suja, vamos te açoiar. Você nasceu para ser escrava'". (SCEGO, 2018, p. 147-148). Ela tinha cinco anos.

Na fala dos colegas de escola da narradora de *Minha casa é onde estou*, percebe-se o esvaziamento do sentido de ser uma pessoa negra, independente de sua história de vida, de suas qualidades, do seu heroísmo, da sua luta pela existência da sua história. Ter a cor da pele escura ali foi o bastante para ser discriminada. E um dos recursos que ela utilizou como resistência, e não ter sido a caricatura que tantos gostariam que fosse, fora as histórias orais de sua mãe, as histórias da Somália, dos seus antepassados, dos cheiros, das cores, das texturas que a fizera perder o medo de ser, a fizera pessoa. "Somos o fruto de um encontro e de um afrontamento. Somos uma encruzilhada, pontos de passagem, pontes. Somos móveis. E podemos voar com as asas escondidas nas dobras das nossas almas celestiais" (SCEGO, 2018, p. 76).

Um olhar para os títulos destas obras já nos leva para dimensões do que é a arte de remapear a vida: *Um corpo no mundo*, *Raízes/Negras vozes (Roots)*, *Um defeito de cor e Minha casa é onde estou*. Estas narrativas reafirmam a todo tempo a arte de se remapear dentro da sociedade que outremiza, que tem estrutura sofisticada para inferiorizar pessoas negras e negar as violências realizadas e patrocinadas pela supremacia branca. A arte de remapear a vida não tem a ver necessariamente com final feliz, mas com narrativas que evidenciam a força dos silêncios e das palavras negras, das nossas vibrações com a terra, noções de pertencimento, o alinhar e navegar criando novas cartografias sem perder de vista as raízes. É a compreensão de que tencionamos, de que não está tudo resolvido e consentido, que nós, pessoas negras, estamos em constante movimento para se libertar das formas de controle. Decidir a continuidade da vida exige coragem, apesar do mundo.

*Antes de sair de casa*, que é como intitulei mais uma possibilidade de chamar o início deste percurso, tem a ver com a relação com a terra, de como não perder a conexão com os mais velhos, com os que (in)formaram sobre ancestralidade como afeto-pertencimento e subjetividades. Antes de sair de casa é necessário ouvir, tomar bênção, aprender se localizar, se conectar com formas e energias do que nem sempre é visível. É criar articulações dentro de travessias que não foram desejadas para tornar possível a continuidade. As obras mostram a lida com a estranheza com o mundo, todas as personagens principais não paralisam, não se dão como vencidas, elas moldaram os desafios, imprimiram tudo que foi aprendido dentro de casa.

Poderia citar muitas outras obras literárias que realizam esta travessia, como *Cachorro velho* (2005) e *Mãe Sereia* (2018) da escritora cubana Teresa Cárdenas, *O mundo se despedaça* (1958) do escritor nigeriano Chinua Achebe, *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola* (1969) da estadunidense Maya Angelou, *O caminho de casa* (2017) da ganense Yaa Gyasi, o conto *Nkala: um relato de bravura* (2018) da carioca radicada em Brasília, Cristiane Sobral, *Kindred* (1979) da estadunidense Octávia Butler, *O livro dos negros* (2007) do escritor canadense Lawrence Hill e até mesmo *Diário de Bitita* (1986) de Carolina Maria de Jesus, *Becos da memória* (2006) de Conceição Evaristo, *As mulheres de Tijucoapapo* (1983) de Marilene Felinto, *A cor da ternura* (1989) de Geni Guimarães.

São muitas histórias de negras/os em diáspora em vários locais do mundo, narrativas que remontam o retorno às origens, ao lugar que pertencia aos ancestrais, ou ainda formas intrínsecas de retornar, por meio da música – jazz, blues, samba, rap, batuque, maracatu, dentre outras – das artes, em geral, da espiritualidade, dos costumes, dos recentes testes de ancestralidade, e fotografias, cartografias e trajetórias de pares.

Seguiremos por estas rotas em constante movimento e ventania. Aprendi com uma mais velha que nossas bússolas são nós-circulares, e que nós mudamos e nos *mundamos*. É como diz a poesia-canção, "*Je suis ici*, ainda que não queiram não/*Je suis ici*, ainda que eu não queira mais/*Je suis ici* agora"<sup>46</sup>. Por isso, nós seguiremos, pois as águas e as terras negras não param. Não pararão.

---

<sup>46</sup> "Eu estou aqui, ainda que não queiram não. Eu estou aqui, ainda que eu não queira mais. Eu estou aqui agora." [Tradução minha].

[Acabamos de sair de casa, ainda estamos no caminho da primeira viagem ao tanque de tera, observando tudo que está ao nosso alcance, todos que cruzam nossos caminhos.]

## 1.2 Trançando pensamento<sup>47</sup>

Tranças estão diretamente ligadas à cultura negra africana e afro-diaspórica. Há relatos variados de que surgiram há mais de 3 mil anos a.C. no continente africano. Em regiões na África podiam indicar aspectos sociais como religião, parentesco, etnia, idade, gênero, entre outras características, assim como eventuais acontecimentos religiosos, casamentos e outras cerimônias.

Hoje existe infinidades de tipos e maneiras de se fazer tranças nos cabelos. Existe por parte de movimentos negros, o incentivo da manutenção natural dos fenótipos como uma forma de remapear as raízes. E trançar cabelos, assim como fazer penteados *afro*, *dreads*, deixá-los naturais e soltos, tem a ver com afirmação e marcação política<sup>48</sup> de características físicas e estéticas que por muito tempo foram expostas como negativas, feias ou exóticas.

Trançar pensamento é uma proposta associada ao ato de organizar ideias de maneira estratégica e política. E, com o tempo, como acontece com as tranças feitas nos cabelos, se faz necessário manutenção, que tanto pode se dar através do desmanche e reconstrução a partir da raiz ou com ajustes de algum ponto. Assim, podemos fazer com as nossas ideias e conhecimentos, lapidar sempre que for necessário com estudos, escutas e trocas. Trançar o pensamento pode ser revolucionário na condução de uma consciência negra emancipadora e que *contracolonize*<sup>49</sup> posturas naturalizadas à população negra.

---

<sup>47</sup> A ideia de “trançar o pensamento”, surgiu quando fui convidada para fazer provocações com este mesmo título a respeito de quatro curtas-metragens no *Cine Curta Brasil: o olhar da mulher negra*<sup>47</sup> somada a leitura da biografia *Lélia Gonzalez* de Flavia Rios e Alex Ratts, em que apresenta brevemente o legado de uma professora universitária com concepções de negritude e estratégias de se manter resistente ao modelo patriarcal e colonial da sociedade. O evento aconteceu entre junho e julho de 2018 na Caixa Cultural Brasília, com curadoria de Melina Bonfim. Os curtas-metragens eram todos protagonizados e dirigidos por mulheres negras. Cito-os: *Afronta* com Anelis Assunção (2018, 14min.), de Juliana Vicente, *Em busca de Lélia* (2017, 15 min.), de Beatriz Vieirah, *Das raízes até às pontas* (2016, 20 min.), de Flora Egécia e *Sobretudo* (2018, 6 min.), de Ana Paula Mathias.

<sup>48</sup> Ver: *Seu cabelo ainda é político?* (1990) da escritora caribenha-estadunidense Audre Lorde (1934-1992) em *Sou sua irmã: escritos reunidos* (2020); e *Alisando o nosso cabelo* (2005) de bell hooks.

<sup>49</sup> O mestre Antônio Bispo dos Santos utiliza o termo *contracolonização* para se referir a ação que os ditos pela história oficial como colonizados faziam e fazem, enfatizando com o prefixo *contra* a ideia de combate, de

No ambiente acadêmico, o movimento de trançar os pensamentos se faz necessário para refletir perspectivas diferentes e inserir observações que podem se encontrar ou não nos cruzamentos. E ainda, em tranças, assim como em pensamentos, podemos até fazer uso de fibras outras, dialogar com conhecimentos diferentes, mas é libertador que possamos, sempre que possível, utilizar os nossos próprios fios (e os dos nossos pares) para nossas tranças, as nossas próprias epistemes coletivas para pensamentos e pesquisas, a fim de que o que é realmente nosso não fique camuflado ou escondido, mas cada vez mais à mostra com todas as características visíveis que os fazem ser tão originais. Usar os nossos próprios fios de pensamentos é um compromisso de autoafirmação, de agência, de optar por movimentos próprios.

Nos dicionários da língua portuguesa-brasileira, o sentido de trança e trançar além do significado de penteado, também aparece como brigar, intrigar, enredar e fazer mexerico. O que transforma completamente um dos sentidos de tranças, que se apresenta como uma forma de escrita, cartografia de resistência, ou, no sentido convencional, como divisões de fios, fibras, em duas ou mais partes que se cruzam e se transforma em um conjunto.

Empregar uma palavra desassociando do sentido positivo ligado a um povo que dela fez e faz uso pode matar um conhecimento real, cultural e histórico. Existem sim palavras e ideias que correspondem a variadas definições, mas quando estas partem de uma significação relacionada a um grupo excluído socialmente, faz com que pensemos no quanto o racismo segue atrelado à linguagem. O termo denegrir poderia ter o sentido positivo nos dicionários, afinal, ficar mais escuro, enegrecer, é ruim para quem e para onde?

Gizêlda Melo do Nascimento e Elisa Larkin Nascimento, em *Reflexões sobre o “descobrimento” das Américas* (2008), nos chama atenção a utilização de determinadas terminologias para compreendermos a nossa contraditória situação, como a exemplo do termo "conquista", note que há uma inversão de quem é chamado de “outro”:

fomos realmente conquistados? Se conquistar significa apenas subjugar e anular, sim, fomos conquistados. O que para o Outro foi a história da conquista, para Nós foi a história de extermínios e desenraizamentos. Estudamos sempre a história do conquistador, e não nossa real história. É significativo o termo utilizado por alguns poetas caribenhos quando se referem a essa página da história: *désastre*.

---

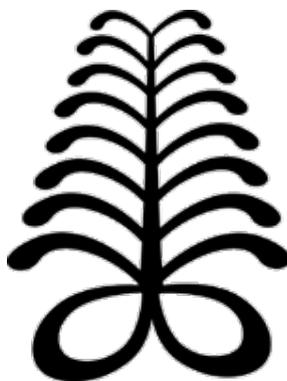
imposição e não de passividade. Os contra colonizadores, para o autor, são os povos originários das Américas e os que vieram de África.

“*Désastre/parle-moi du désastre/parle m’em*” [Desastre/fale-me do desastre/fale-me dele”], dirá Léon G.Damas em *Pigments, nevalgies* (1972). Desastre de vidas desviadas de seu curso natural; assalto brutal interferindo em processos sócio-históricos e culturais alheios. Ao salteador dá-se o nome de conquistador. (NASCIMENTO, G.; NASCIMENTO, E. 2008, p. 134)

Olhares negros de artistas contemporâneas/os também estão ligados ao movimento de trançar pensamentos, mostrando perspectivas circulares e outras que reivindicam reintegração de posse, ressignifica o ser/estar de comunidades negras, bem como a retomada de ações, histórias e palavras que foram/são silenciadas, deturpadas ou apropriadas pela branquitude, que ainda segue se naturalizando como a identidade social que deve ser considerada norma.

O curta-metragem *Sobretudo* (2018, 6’43’’) <sup>50</sup>, de Ana Paula Mathias, trança pensamento ao ascender reflexões sobre a mulher negra de pele escura que também materna e está em constante movimento. Uma pessoa negra em experimento e transformação que olha o horizonte, dança, cuida de si e do próprio filho em sua casa. Mulher negra que na dança da vida se redescobre a cada segundo: sente, ama, planta, rega, cuida, circunda, cuida-se e aprofunda-se em imersões subjetivas, por dentro e por fora, como o *adinkra aya* preso em sua pele e que significa resistência e perseverança.

Imagem 4: Adinkra Aya



---

<sup>50</sup> Ver em: MATHIAS, Ana Paula. *Sobretudo*. Disponível em: <<https://vimeo.com/263063011>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2020.

A antropóloga Aline Maia Nascimento<sup>51</sup> explicita em sua pesquisa a inserção do que ela chama de epistemologia destoante como estratégia de libertação das imposições do pensamento colonial. “Estamos falando da tarefa de reivindicar o fato que pessoas africanas e afrodiaspóricas – enquanto seres humanos – são capazes de formular racionalmente saberes legítimos, próprios e fundamentais ao mundo acadêmico”. (NASCIMENTO, A. 2017, p. 45)

Mesmo vivendo após o século XIX – em que a ideia de racismo científico se afirmava fortemente – percebe-se um esforço ainda hoje, por exemplo, para que pesquisadoras brasileiras afrodiaspóricas como a antropóloga Lélia Gonzalez e a historiadora Beatriz do Nascimento sejam associadas não apenas no quesito militância negra, mas como base epistemológica legitimada, uma vez que suas produções são contundentes para pensarmos o Brasil pós-colonial. Com as contribuições delas – como a criação da categoria-conceito de amefricanidade e *pretuguês*, e também toda imersão sobre o pensar a História do Homem Negro e sobre Quilombos – é possível percebermos como foram iniciados processos de discussões que estão em voga na contemporaneidade como se fossem novidades, e ainda com uma linha tênue de expor a população negra como não possuidora de agência, e que precisa sempre de uma perspectiva de fora que muitas vezes se apresenta mascarada de boas intenções.

O que faz uma "escola" mais potente que a outra ainda é a cor: interrogação ou afirmação? A ideia defendida por Aline Maia Nascimento serve para refletirmos também a crítica e o campo literários. Para ela, epistemologia destoante são os conhecimentos que se distanciam dos ditos universais, situam-se:

“na 'dobra' conceitual e explicativa das ciências sociais tradicionais construindo, portanto, análises de seu objeto de forma não-revisionista, mas inovadoras do ponto de vista de conceber o mundo e os processos de experiências africanas e afrodiaspóricas que nele habitam.” (NASCIMENTO, A. 2017, p. 45)

Seria revolucionário e libertador emplacar análises de obras de autoria negra e de povos originários com visões puramente eurocêntricas ou com viés embranquecido – parecido

---

<sup>51</sup> Aline Maia do Nascimento é antropóloga brasileira, doutoranda do Museu Nacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dentre seus trabalhos, realizou a pesquisa da minisérie *Falas Negras* (2020), dirigido por Lázaro Ramos.

com falar sobre capoeira usando apenas ideias de Merleau-Ponty sem citar as de Mestre Bimba ou Mestre Pastinha ou ainda outra/o Mestra/e?

O que artistas negras/os têm produzido de revolucionário ao trançar pensamentos, além da possibilidade de criar novos modelos de trançar, é exprimir experiências africanas e afro-diaspóricas no cerne de suas obras como em *Cartas para a minha mãe* (2010) de Teresa Cárdenas, que narra sob a perspectiva da experiência de uma menina negra que desconhece o pai e é órfã da mãe – esta, provavelmente vítima de violência doméstica –, e resolve se comunicar com a mãe por meio de cartas. Cartas em que a menina negra aprende a se autoafirmar e a se olhar como alguém que não é mera figurante da vida. E para uma mulher negra, independente da idade, escrever a própria vida em páginas de um caderno ou em um livro ainda nos é muito caro. Esta obra exprime a importância da autodefinição e do amor<sup>52</sup> restaurador em famílias negras.

No conto *Olhos d'água*, do livro homônimo (2016) da Conceição Evaristo, também vemos uma história pela perspectiva de uma filha negra que reflete sobre não lembrar qual é cor dos olhos de sua mãe. E com muitas andanças e movimentos geográficos e de memória, percebe que a cor dos olhos da mãe é cor de olhos d'água, que tem a ver com águas de Oxum, mas também com o inundar constante desses olhos que testemunharam muitos acontecimentos numa vida cheia de privações e luta pela sobrevivência. Olhos de mulheres negras mães que tiveram que afrontar as injustiças e ajudar seus filhos resistirem as dores de uma sociedade violenta para os que têm a pele escura. E que mesmo com as adversidades, conseguiram ser ternas e amorosas, passaram afeto e conhecimentos ancestrais de yabás. *Olhos d'água* é sobre tecnologias de resistência baseadas no afeto que atravessa gerações, nesse espiralar (a)temporal preto.

O fazer literário é uma forma de trançar pensamento. Estas obras literárias negras como as de Cárdenas, Evaristo, Scego, dentre várias que já citei e ainda virão, como as de Carolina Maria de Jesus, provam a força da palavra preta para além das análises focadas

---

<sup>52</sup> “Mas quando as pessoas falam sobre a vida das mulheres negras, raramente se preocupam em garantir mudanças na sociedade que nos permitam viver plenamente. Geralmente enfatizam nossa capacidade de “sobreviver” apesar das circunstâncias difíceis, ou como poderemos sobreviver no futuro. Quando nos amamos, sabemos que é preciso ir além da sobrevivência. É preciso criar condições para viver plenamente. E para viver plenamente as mulheres negras não podem mais negar sua necessidade de conhecer o amor”. (HOOKS, 2010, *online*)

somente em autorias. É necessário olharmos para as tradições que são criadas dentro do campo artístico negro, nesse caso mais especificamente no campo literário e na crítica literária quando estes últimos são inseridos no contexto da literatura brasileira. E mais que compromisso, existe urgência em tornar visível a fluidez e as imersões plurais de pesquisadoras/es negras/os que possibilitam entendimentos histórico-sociais de quem participa, e não de quem visualiza de longe. Fluir com águas que se somam não criando barragens controladoras em espaços que não há perigo de transbordar.

Lélia Gonzalez contribui na criação de sentidos, afirma que a nossa origem necessita ser marcada para pensar as experiências de mulheres negras e de comunidades negras no que é forjado como América Latina<sup>53</sup>. Ao expressar Améfrica, ou o que chamou de categoria político-cultural de Amefricanidade, está sendo feita a reivindicação do não apagamento das pessoas descendentes de África que não somente habitam o continente, mas que contribuíram para a formação histórico-cultural e de diversos movimentos sociais, já que a palavra “latina” se refere originalmente às pessoas descendentes de indo-europeus, o que mais uma vez apaga a nossa presença. E, além deste olhar, desenvolve a categoria pretuguês para tornar visível que nossas falas, expressões, modo de comunicar têm influências para além do que a língua portuguesa considera em suas gramáticas como origens “africanas” atribuídas a um conjunto de palavras específicas. Ela destaca a marca linguística da africanização do português oriundo de Portugal, mas que tem aspectos diferenciadas no Brasil, como por exemplo, o caráter tonal e rítmico das línguas africanas, ausência das consoantes como o L ou R e que são características pouco analisadas a respeito da influência de África na formação-cultural latino-americana. Ela também destaca a omissão das referências negras sendo sempre direcionadas a uma relação de cultura popular ou folclórica, como se fossem influências alegóricas, sempre coloquiais. “Desnecessário dizer o quanto tudo isso é encoberto pelo véu ideológico do branqueamento, é recalcado por classificações eurocêntricas do tipo ‘cultura popular’, ‘folclore nacional’, etc, que minimizam a importância da contribuição negra” (GONZALEZ, 2018, p. 322).

---

<sup>53</sup> “Não posso falar na primeira pessoa do singular, de algo dolorosamente comum a milhões de mulheres que vivem na região; Refiro-me aos ameríndios e aos africanos (Gonzalez), subordinados a uma latinidade que legitima a sua inferiorização”. (GONZALEZ, 2018, p. 308).

Diante de tantas contribuições, Beatriz Nascimento a respeito de quilombos nos lembra que o nosso movimento não se trata somente em conquistar espaços, mas reintegrar também, pois existe séries de criações e características negras que não são reconhecidas como nossas, a exemplo do pensamento, emocionalidade, intelectualidade e conhecimento. Construíram um imaginário em que a supremacia branca se confirma racional, universal, a cabeça, enquanto ao povo negro direcionam somente aos atributos, “o corpo, a intuição, o instinto” (NASCIMENTOS, 2018). Trazer o conceito de quilombola para os tempos contemporâneos e refletir sobre nossas tecnologias, (contr)adições, encaminhamentos em busca da continuidade têm muito a ver com as defesas realizadas no legado inserido por Beatriz Nascimento.

As construções de pensamentos de Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento desembocam em escrevivência. Ver, viver e se ver: escrevivência, categoria-conceito criado por Conceição Evaristo, reforça em literatura a ideia da marcação de um corpo negro de mulher negra que é autor e reescreve suas experiências e a dos seus ancestrais unindo isso às suas subjetividades e criações em formato de ficção. Perspectivas de criação artística e resistência de mulher negra, que pode ser estendida a comunidade negra, o olhar de quem se desloca social, espacialmente e em dimensão espiral.

O que difere a escrevivência de outros conceitos relacionados às escritas de si está no comprometimento com o individual-coletivo. As autorias negras nos lembram em suas obras que o “eu” ali marcado, representa a tantas/os nós, que o indivíduo, por mais que tenha o protagonismo, a autonomia, suas subjetividades, devido a condição sócio-histórica, não tem como se dissociar do conjunto, do coletivo. Aqui a angulação é de quem é de dentro e não de quem é de fora, é de quem está ancorado há mais de 400 anos de resistência e não de quem é herdeiro da colonização. E escrevivência é sobre isso: sobre corpos negros que precisaram ser também documentos, e se reinventar a cada transformação estrutural social, para carregar consigo as experiências, as marcas, as identidades, as diferenças, as raízes e as memórias.

Trançar pensamentos é uma tecnologia que evidencia nós e nós. Os nossos corpos e nossas experiências precisam ser entendidos como possuidores de agência, e as escrevivências, experiências negras, têm características plurais, (con)fusões, impulsos, afetos, e ao mesmo tempo assumem as necessidades potentes das nossas criações, formas de se ver e

ver o mundo. Nossas escrevivências, enquanto fazer literário, trançam pensamento negros e são como a terra, as águas, todos os elementos da natureza e seus movimentos<sup>54</sup>.

Ao trançarmos os pensamentos de amefricanidade e pretuguês de Lélia González, e o olhar para a História do Homem Negro junto às perspectivas de corpo-mapa e quilombos desenvolvidas por Beatriz Nascimento notamos que o trançar pensamentos de mulheres negras pensadoras, pesquisadoras e autoras/artistas transbordam na ideia chave que Conceição Evaristo desenvolve ao pensar *escrevivências*.

Quando lemos *Água funda* (1946), romance de estreia da escritora negra paulistana Ruth Guimarães (1920-2014), considerada por parte da crítica tradicional como uma obra que é precursora do realismo fantástico do continente – *amefricano* –, e apresenta nesta narrativa linguagem com influências do tupi e de línguas africanas, observamos, o que alguns críticos chamam de dialeto caipira, a presença marcante da *oralitura* e do *pretuguês*, e de elementos que transbordam a ideia do tempo linear, e do que é considerado fantástico, enquanto gênero literário, mas que ali, no contexto da trama, faz parte da crença-vivência daquelas pessoas. Trançar pensamento é envolver estas conexões de vários conhecimentos da própria cultura, de outras, e, também, da memória, não tem a ver somente com a invenção de uma linguagem outra, mas da utilização do que já existe em termos de gramáticas da própria gente.

A/O narradora/narrador onisciente de Ruth Guimarães passeia por personagens, encantados, por suas crenças e entendimentos da vida deixados ou observados pelos mais antigos, por exemplo, de quando acredita que os problemas e mortes que ocorreram em Olhos d'Água foram ocasionados devido a uma praga rogada; e quando o personagem Joca vê a Mãe de Ouro<sup>55</sup>. Este último, não é inserido na narrativa como uma ideia de lenda folclórica. O narrador conta:

---

<sup>54</sup> Ao refletir estes estudos compreendendo a literatura como práticas sociais, e acessar *A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)* de Mario Augusto Medeiros da Silva, tese defendida em 2002, em que realiza uma investigação sociológica sobre autoria e obra, e também discute as nuances sobre a negação de um lugar naturalizado para o ser negro e periférico por meio da literatura, por nesta pesquisa trazerem análises e os processos sobre a função social do estereótipo na e em torno da literatura negra, a importância do eu-enunciador, reflexões sobre a produção literária negra brasileira, etc., o que nos coloca de frente a discutir sobre aspectos da desigualdade social no Brasil contemporâneo (MEDEIROS, 2002). Este trabalho é de cuja relevância, sendo do campo da sociologia, para observarmos que passados quase 20 anos, ainda discutimos e vivenciamos processos desenvolvidos desde então. Ainda falamos da ausência de abordagens negras dentro no campo literário.

<sup>55</sup> “A mãe de ouro” é também um conto presente no livro *Contos negros* (2020), conjunto de contos escritos na década de 1980 de Ruth Guimarães e publicados em 2020, junto ao *Contos índios* (2020). Refere-se em algumas

No começo, Vicente pensou que era resto da bebedeira. Mas o homem estava são do juízo e repetia:

- Eu vi. Eu olhei bem, com estes olhos que a terra há de comer. Vi, por tudo quanto é mais sagrado, a Mãe de Ouro.

- Que jeito ela é?

- É alta, com jeito de santa, vestida de amarelo e com os olhos fuzilando. Tem uma coisa na mão.

- Que coisa?

- Não sei. Parece uma vela, mas é mais larga em cima.

(GUIMARÃES, 2018, p. 130-131)

Trançar pensamento pode ser visto também por meio do que Baco Exu do Blues, artista e rapper baiano, define como *bluesman*:

É ser o inverso do que os "outros" pensam. É ser contracorrente, ser a própria força, a sua própria raiz. É saber que nunca fomos uma reprodução automática da imagem submissa que foi criada por eles.

Foda-se a imagem que vocês criaram.

Não sou legível. Não sou entendível.

Sou meu próprio deus.

Sou meu próprio santo. Meu próprio poeta.

Me olhe como uma tela preta, de um único pintor.

Só eu posso fazer minha arte. Só eu posso me descrever.

Vocês não têm esse direito.

Não sou obrigado a ser o que vocês esperam! Somos muito mais!

Se você não se enquadra ao que esperam...

Você é um "Bluesman". (BLUES, 2018)

Baco Exu do Blues concebeu *Bluvsman* (2018, 8'15'')<sup>56</sup>, um curta-metragem musical<sup>57</sup> em que questiona a visão e o lugar das pessoas negras na sociedade, por meio de escrituras:

Eu sou o primeiro ritmo a formar pretos ricos

O primeiro ritmo que tornou pretos livres

Anel no dedo em cada um dos cinco

Vento na minha cara eu me sinto vivo

A partir de agora considero tudo blues

---

literaturas como uma entidade que protege as jazidas de ouro em minas, carrega consigo um espelho, veste branco e amarelo, e de uma bola de fogo transforma-se em uma mulher com os cabelos cor de ouro, e aparece e desaparece sempre perto de águas de rio.

<sup>56</sup> Disponível em: <<https://youtu.be/-xFz8zZo-Dw>>. Acesso em 12 de março de 2019.

<sup>57</sup> O rapper baiano Baco Exu do Blues venceu o Grand Prix do Cannes Lion na categoria entretenimento para música. Ele superou a megaprodução *Apeshit* de Beyoncé e Jay-Z. O curta-metragem *Bluesman* foi dirigido por Douglas Ratzlaff Bernardt, e produzido em parceria com a Coala.lab, AKQA, Stink e 999.

O samba é blues, o rock é blues, o jazz é blues  
 O funk é blues, o soul é blues  
 Eu sou Exu do Blues  
 Tudo que quando era preto era do demônio  
 E depois virou branco e foi aceito eu vou chamar de Blues  
 É isso, entenda  
 Jesus é blues  
 Falei mermo  
 Eu amo o céu com a cor mais quente  
 Eu tenho a cor do meu povo, a cor da minha gente  
 Jovem Basquiat, meu mundo é diferente  
 Eu sou um dos poucos que não esconde o que sente  
 Choro sempre que eu lembro da gente  
 Lágrimas são só gotas, o corpo é enchente  
 Exagerado eu tenho pressa do urgente  
 Eu não aceito sua prisão, minha loucura me entende  
 Baby, nem todo poeta é sensível  
 Eu sou o maior inimigo do impossível  
 Minha paixão é cativo, eu me cativo  
 O mundo é lento ou eu que sou hiperativo, oh?  
 Me escuta quem cê acha que é ladrão e puta  
 Vai me dizer que isso não te lembra Cristo (...)  
 Eles querem um preto com arma pra cima  
 Num clipe na favela gritando cocaína  
 Querem que nossa pele seja a pele do crime  
 Que Pantera Negra só seja um filme  
 Eu sou a porra do Mississipi em chama  
 Eles têm medo pra caralho de um próximo Obama  
 Racista filha da puta, aqui ninguém te ama  
 Jerusalém que se foda eu tô a procura de Wakanda, ah. (BLUES, 2018)

A trama começa e termina com um jovem negro correndo, o que desencadeia pluralidade de sentidos. É evidenciado um atraso do protagonista, e diante deste, apresenta-se ternura e afeto junto a quantidade de subjetividades presentes no homem negro. É com ele que a câmera se desloca, são os movimentos deles que são acompanhados e que interessam.

Na poesia-canção, o eu-lírico afirma não esconder o que sente, que ele chora sempre que se lembra do seu povo, e que cativo, para ele, é onde ele se cativa/encanta/envolve. Mudanças de paradigmas e da lógica eurocêntrica de estar e de se perceber no mundo, outros sentidos para palavras perturbadoras, e ressignificações podem ser vistas nessa poesia-canção fílmica em que critica o imaginário social que pouco imagina um homem negro como capaz de ter todos os sentidos e sentimentos, como alguém que chora, que se sensibiliza: “Eles querem um preto com arma pra cima/ Num clipe na favela gritando cocaína/ Querem que nossa pele seja a pele do crime/ Que Pantera Negra só seja um filme”. (Idem)

No curta os encantamentos estão presentes. E estes nada têm a ver com a ideia deslocada de gênero fantástico. Os atores Kelson Succi e Hilton Cobra contracenam no início, assistimos o afeto entre homens, entre famílias, no sentido afrocentrado de compreensão

civilizatória. Ele menciona o filme *Pantera Negra*, lançado em 2018, em que protagonizam personagens negros heróis com poderes, gramáticas e tecnologias próprias. Uma obra que vislumbra construções de valores sociais que ainda pontualmente encontramos em representações negras midiáticas. No curta, podemos observar, em alguns momentos, o arquétipo do orixá Exu presente, doce, sorridente, brincalhão, diferente da imagem demonizada das visões eurocristãs.

No final do filme, o que também difere do dito “universal”, recorrentemente afirmado pela branquitude, o rapaz negro estava correndo, não da polícia ou de um crime, mas por estar atrasado para tocar trompete com colegas de *blues*. O filme é sobre a potência negra, sobre o não se enquadrar no que é esperado pela supremacia branca e tudo que ela criou e manipula. Mesmo na segunda década do século XXI, com enorme empenho de anos em que se afirma a importância das nossas vidas negras, as notícias nos jornais não mudam, porém, continuamos trançando pensamentos, construindo narrativas que impulsionam as comunidades negras com suas vastas possibilidades de fazer e ser agente.

Notando que nós, pessoas negras da diáspora africana, ainda somos tratadas como o outro na *nossa própria terra*, a que nos foi imposta, é que o movimento de trançar os pensamentos também se torna uma prática para mostrar nossas perspectivas e reivindicar as nossas existências interpretativas. A compreensão de que grupos raciais que não são considerados normas – mesmo sendo maioria em quantidade populacional – possuem referências próprias sociais e artísticas sobre autoagenciamento, autoidentificação e autoafirmação é um caminho importante na luta de uma sociedade antirracista. Segundo a antropóloga, poeta e afro-costarriquenha, Shirley Campbell Barr (1965), há uma ausência da literatura afro-diaspórica no cânone, ao analisarmos a historiografia literária nos continentes americanos central e sul<sup>58</sup>. Para ela “é dada uma importância marginal, apesar de ser uma

---

<sup>58</sup> No contexto brasileiro temos os escritores Machado de Assis, Cruz e Sousa e Lima Barreto, três homens negros que fazem parte do cânone literário, e apesar desta frase ter um ponto final, não é tão simples fazer afirmações como esta. Importante enfatizar que não se trata de uma relação harmônica, repleta de pompas, sem violências, discriminações raciais e embranquecimentos. A presença desses três escritores negros, infelizmente, não fez com que colegas brancas/os das academias de letras, elites letradas e pessoas próximas refletissem a importância de pessoas negras nestes espaços. Existiu e ainda existe uma tendência de embranquecer pessoas negras em espaços de legitimidade e, das próprias pessoas negras, vítima de discriminação e racismo institucional, se embranquecerem para caberem nesses espaços. Machado de Assis, por exemplo, em fotografias e até mesmo sua certidão de óbito, quando a cor da pele era uma prática inexistente na época de seu falecimento, fora embranquecido. E no lugar de afirmar a infância, adolescência pobre no morro do Livramento, de um garoto negro autodidata, como costumam fazer até com Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, nos dias de hoje,

literatura que, em geral, apresenta uma série de características particulares que, sem sombra de dúvidas, permitem agrupar autores de diferentes países a partir de temáticas e estilos particulares”. (BARR, 2017, p. 23)

Estes ditos nos fazem atentar nas presentes confluências dos trânsitos e trançar de pensamentos. Existem situações que sequer as autorias/artistas têm conhecimentos das obras e dos processos uns dos outros, pertencem a lugares geográficos diferentes (que possuem até idiomas diferentes), e escrevem narrativas com experiências que as/os atravessam similarmente. Talhar textos que “se parecem”, quando se trata de pessoas negras em diáspora, costuma ser uma questão não bem recebida pela crítica literária, já no caso de autoria branca a repetição em temas e personagens talvez seja uma chave importante para publicação em grandes editoras, como apresentada em uma das pesquisas do Gelbc<sup>59</sup>.

---

no caso de Machado de Assis, insere-se sempre a figura do fundador da Academia Brasileira de Letras em 1908, residente do Cosme Velho, bairro de elite. Muitos associaram Machado de Assis como omissos em relação às lutas negras, como se, na sociedade da época, dessem destaque a ele se tivesse afirmado sua consciência negra enfaticamente. Como se na época e ainda hoje pessoas que fazem movimentações afirmando a necessidade de olhar as questões raciais não sofressem boicotes, e ademais exclusões, como ter trabalhos autorais taxados de militância e descreditados, por trazer para o centro problemas de ordem estrutural e sistêmica.

No caso de Lima Barreto observamos mais enfrentamentos para que seus escritos tivessem reconhecimento dentro do tal cânone. Assim como Carolina Maria de Jesus, ele ficou esquecido. Análises como as de Gilberto Freyre, e de tantos outros estudiosos eugenistas, por exemplo, serviram para reduzir figuras como Lima Barreto e trazer apagamentos, a ideia do classismo como motivação do não reconhecimento do escritor, sendo que na verdade, Lima Barreto, Luiz Gama, e outros que adentraram com críticas sobre a sociedade política e social da época incomodaram os que defendiam a “democracia racial”, a ideia de que “somos um só povo, portanto, somos iguais”, etc. Quando lemos, por exemplo, *Os bruzudangas*, de Lima Barreto, *O emparedado* de Cruz e Sousa, fica fácil compreender o porquê alguns trabalhos demoraram para serem legitimados.

Estas relações de pessoas negras inseridas em espaços em que grupos brancos estão presentes, enquanto a tal elite, fez com que muitas pessoas negras fossem ali presentes, tivessem que viver no *modus operandi* de embranquecimento. Se não se enquadrasse a este modo, eram rechaçadas, tiradas, reduzidas. Ver: SILVA, Simone da Conceição. *O preto-e-branco do escritor brasileiro. Machado de Assis, no plural ou no singular?* (monografia) Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2001.

<sup>59</sup> Pesquisadoras/es do Gelbc, coordenados por Regina Dalcastagnè – mulher branca, professora da UnB e orientadora também desta tese – investigaram durante 15 anos modelos sociais inseridos na literatura brasileira contemporânea. Dentro desta pesquisa podemos refletir sobre o perfil do autor, das personagens e das narrativas em geral. Segundo a pesquisa que investigou especialmente três editoras brasileiras grandes, 72, 7% dos escritores publicados são homens, 93,9% são brancos, 78,8% possuem ensino superior, 36,4% são jornalista e a maioria mora no eixo RJ-SP, a idade média é de 50 anos. Em 62,1% das obras os personagens são homens. Em 56,6% dos romances não existe sequer 1 personagem que não seja racialmente branca/o, apenas 7,9% dos personagens são negras/os. Nos 258 livros estudados, apenas 3 protagonistas eram mulheres negras. Ver: *A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004*, de 2005 na revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, no qual foram publicados todos os resultados da pesquisa citada: Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2123/1687>>. Acesso em 20 de novembro de 2019.;

Antônio Bispo dos Santos traz em suas palavras a experiência de quem vive e participa de decisões do seu quilombo, o Quilombo Saco-Curtume, localizado em São João do Piauí. Dentre vários tópicos que desenvolve, ele ressalta a potência da cosmovisão politeísta com os elementos da natureza, de como esses olhares são respeitosos, orgânicos e biointerativos com os elementos considerados vitais: terra, fogo, água, ar. Sem estes, para ele, não é possível cogitarmos em outras formas de vivências. Bispo dos Santos sempre afirma a biointeração, segundo ele nas tradições quilombolas e indígenas os movimentos são orgânicos<sup>60</sup>, contracolonizadores, circulares, em que a ideia de “universalizar a vida” faz sentido por não estar coberta de enganos e poderio.

Sueli Carneiro, no estudo *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser* (2005)<sup>61</sup>, parte de uma leitura das obras de Michel Foucault a respeito da aplicação dos conceitos de dispositivo e de biopoder<sup>62</sup>. Ela desenvolve a ideia de epistemicídio como uma ferramenta complexa, um dispositivo de racialidade. O poder e a produção de sujeitos estão imbricados no mundo moderno e são capazes de moldar sujeitos já existentes, mas também de criar sujeitos na sua configuração mais articulada. Carneiro (2005) se apropria de uma maneira crítica dos pensamentos foucaultianos, por entender a premissas que Foucault não desenvolve suas ideias levando em consideração o contexto do período colonial, o que não parece ser uma escolha inocente de quem se "esqueceu" que um dos momentos mais exemplificadores da ideia de poder se deu no período em que se coloniza e escraviza, criando dispositivos potentes para hierarquizar grupos em relação a outros.

Então, fica escancarada esta insuficiência no pensamento foucaultiano, que não se centra na experiência colonial, ele lê a experiência da formação do Estado e a experiência do

---

*Quem e sobre o que escreve o autor brasileiro.* Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/>>. Acesso em 25 de novembro de 2019.

<sup>60</sup> “Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade e nos alienamos desse organismo de que somos parte, a Terra, passando a pensar que ele é uma coisa, e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo que exista algo que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza”. (KRENAK, 2020, posição 53)

<sup>61</sup> Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de São Paulo, junto à área Filosofia da Educação, sob a orientação da professora doutora Roseli Fischmann, em 2005.

<sup>62</sup> Ver *Em defesa da sociedade* de Michel Foucault, no qual ele traça uma série de pontuações sobre biopoder e racismo. Em aulas públicas do professor de filosofia da Universidade de Brasília Wanderson (Uã) Flor do Nascimento em 2018, pudemos dialogar sobre pontos de vista histórico e filosófico da experiência colonial do Brasil, local onde são construídos os argumentos de Sueli Carneiro. O professor tem um blog <https://filosofia-africana.weebly.com>, onde é possível acessarmos um acervo sobre filosofia africana.

racismo a partir da formação das sociedades liberais na Europa, especialmente na Alemanha, França e Inglaterra. O que ocorre de maneira totalmente diferente nos continentes africano e americano, onde a experiência de colonização faz com que o Estado, instituição fundamental para o mundo moderno, tenha se constituído tendo ligação direta do capital ao racismo.<sup>63</sup>

A forma como a imagem da pessoa negra foi montada para ser naturalizada como inferior foi e ainda é instrumento utilizado nas tentativas de uma manutenção de hierarquias de poder. Nas obras de autoria negra, comprometidas em evidenciar aspectos histórico-sociais, a imagem negra construída é que mesmo inserida em ruínas de crueldade do grupo colonizador, os movimentos de pessoas negras ocorreram e a prova deles são as nossas permanências, as nossas continuidades – físicas e de conhecimentos.

Nas obras de Alex Harley e Ana Maria Gonçalves, em que as personagens principais, Kunta-Toby e Kehinde-Luísia interromperam o lugar de indivíduo que possuíam em seus lares, passaram por situações de negociação (em que tiveram que “negar” os próprios nomes, línguas e culturas), obrigados a assimilar que ali seus corpos negros eram ali vistos como propriedades de pessoas brancas, e apesar destas inúmeras violências, ambos os personagens fazem inúmeros agenciamentos individuais-coletivos, para garantir que suas raízes não fossem esquecidas. Eles não foram paralisados. As narrativas evidenciam a força existente em espaços negros que os colonizadores nunca puderam adentrar e furtar.

Esse dispositivo de racialidade insere a ideia que, além de apenas constituírem as pessoas negras e indígenas como comunidades subalternas, quando se compreendem como “humanas”, tem uma característica importante, que é oferecer uma espécie de anteparo, obstáculo não permissivo, que personaliza a subjetividade, moldando-nos nos espaços sociais, indicando como negativo aspectos e características que são diferentes dos da branquitude.

---

<sup>63</sup> O racismo não é só uma tensão que se dá com negros e índios, mas uma guerra que ocorre dentro de um grupo elitista contra a população. Aqui temos uma relação do Estado contra a sociedade, um Estado colonial que se organiza nos países que passaram pelo processo de colonização, e isso não acontece do mesmo modo na Europa. É importante ressaltar que o país tem a escravidão e o modo como a vida da população negra foi gerida na constituição do Estado nacional desde a colônia depois como reino unido e posteriormente como império. As três passagens foram financiadas e estruturadas em torno da escravidão. Escravidão entendida não apenas pela perspectiva de um viés econômico, mas também como foi maquinada com relações de poder e de retirada da subjetividade de negros e indígenas.

As pessoas negras estão ligadas ao signo da morte<sup>64</sup>. E essa identificação de negro com a morte tem a ver desde o primeiro momento que se cogitou a escravidão utilizando de um aspecto biológico para justificar a violência. "Não o escolhi originalmente. Herdo esse nome por conta da posição que ocupo no espaço do mundo. Quem está marcado com o nome 'Negro' não se engana quanto a essa proveniência externa" (MBEMBE, 2018, p. 263). A morte persegue o negro, desde que lágrimas e sofrimentos também estavam presentes no Atlântico, ali uns amontoados sobre os outros, misturados entre línguas, vômitos, fezes e enfermos. Eram "peças" para os brancos. A morte torna-se personagem da viagem, da vida das pessoas negras, talvez além da morte a maneira como ela se manifestava, chegava perto, começava a acontecer, e se procedia até ser realidade, como expressa Teresa Cárdenas no romance infanto-juvenil *Mãe Sereia* (2018):

Era verdade: a morte estava com eles desde o começo daquela viagem. Foi quem primeiro saiu do depósito de prisioneiros da costa e subiu pela passarela de madeira do navio. Estava com eles sob aquele sol salgado e as nuvens que se misturavam com a água. Estava na bile que expulsavam, no chicote dos brancos e na água gelada que penetrava pelas escotilhas. Os escravos viam sua careta ossuda a cada momento, mesmo quando fechavam os olhos. E tremiam, pensando no que irremediavelmente estava por vir. (CÁRDENAS, 2018, p. 13)

O naufrágio começava quando a vida era roubada. A morte parecia estar sentenciada: "Os escravos viam sua careta ossuda a cada momento, mesmo quando fechavam os olhos", mesmo quando sonhavam. E ainda que esse corpo no mundo estivesse perdido, desconhecendo o que estava acontecendo e para onde estava sendo levado, ele se movimentava mesmo em pensamento.

Nesse contexto, a morte também expandiu o sentido, e isso é agência negra<sup>65</sup>. "Eu sei que não morrer, nem sempre é viver" (EVARISTO, 2016, p. 109).

As correntes, os pelourinhos, as coleiras, as prisões, surgem como símbolos que indicam controle e servidão. A animalização que conduz a diferenciar quem é mais homem e

---

<sup>64</sup> Achille Mbembe também faz alusão à palavra "negro" com a cor da escuridão que, logo, está ligada à noite, às sombras e às trevas. É na noite quando se tem dificuldade de ver, é onde está o desconhecido, o que é difícil de identificar. Também é a cor negra que é impossível de ser modificada. Ele ainda afirma que a palavra "negro" estabelece relação com o que chama de "vínculo de submissão", pois, para ele, só existe "negro" em relação ao "senhor", o primeiro pertence o segundo, o segundo possui o primeiro. Instaurando-se a relação de propriedade, de posse, de pertencimentos "a outro alguém que não seja a si mesmo" (MBEMBE, 2018, p. 264).

<sup>65</sup> "E lá no alto da Serra, durante a solenidade, ficamos pensando naquelas palmarinas, que preferiam matar os próprios filhos e se suicidarem em seguida, para não se deixarem escravizar. (GONZALEZ, 2018, p. 116)

quem é mais animal, "por aí pode-se imaginar o tipo de estereótipo difundido a respeito do negro: passividade, infantilidade, incapacidade intelectual, aceitação tranquila da escravidão, etc." (GONZALEZ, 2018, p. 36). A imagem de "humanidade" que opera nos processos coloniais só consegue ligar as pessoas negras e indígenas ao signo de não ser humano, não destituídas de racionalidade, de senso lógico de progresso. Shirley Barr completa que:

no processo de reconstrução da história negra como um todo, além das manifestações escritas, se constrói o que Muniz Sodré caracteriza como uma "reelaboração política do passado a partir da inteligência presente da vida social". Ele afirma que a memória envolvida "não é repetição do igual, e sim o reencontro de pontos críticos do passado por um sistema reinventivo de valores que coincide com o quadro social presente, ele próprio uma recordação estável e dominante, porém aberto à indeterminação da realidade". (BARR, 2017, p. 23)

Segundo Denise Carrascosa, há uma demanda por uma articulação entre o tempo e o espaço e a subjetividade nas práticas contraculturais negras, a fim de trazer outras perspectivas que não sejam as embranquecidas de ser, estar e fazer. E a linguagem, para ela (para nós), é o coração do que torna possível, é uma das formas que podem afirmar "o agenciamento de nossas formas de produzir narrativas, valores e sujeitos e, obviamente, as relações de poder que daí decorrem e que estruturam o funcionamento das sociedades contemporâneas" (CARRASCOSA, 2017, p. 65).

As ideias de tempo espiralar – de um tempo que não segue em uma linha reta, não é o cronológico, mas um tempo em que o passado e o futuro estão se cruzando no presente, como espiral – desenvolvidas pela ensaísta e poeta Leda Maria Martins<sup>66</sup> (1955), permite-nos refletir e se distanciar de concepções puramente eurocêntricas. Ela também desenvolve a ideia de oralitura ao observar os ritos, como a congada, ela nos lembra que "nem todas as sociedades confiam seus saberes apenas em livros, arquivos, museus e bibliotecas (*liex de mémoire*), mas resguardam, nutrem e veiculam seus repertórios em outros ambientes de memória (*milleux de mémoire*), suas práticas performáticas" (MARTINS, 2002, p. 88), e faz mais uma vez adentrarmos nas tradições de ascendências banto e nagô-iorubá para extrair significações relacionadas às vivências da diáspora negra.

---

<sup>66</sup> Leda Maria Martins (1955), mulher negra, ensaísta, poeta, pesquisadora. Doutora em Literatura Comparada pela FALE/UFMG, onde leciona nos cursos de Graduação e Pós-Graduação. Uma das referências em teatro brasileiro, e teatro negro da contemporaneidade.

A performance aqui aparece também como uma necessidade para recobrir “hiatos e vazios criados pelas diásporas oceânicas e territoriais dos negros, algo que se coloca em lugar de alguma coisa inexoravelmente submersa nas travessias, mas perenemente transcriada, reencorpada, reincorporada e restituída em sua alteridade, sob o signo da reminiscência” (Idem).

Estas conexões não devem ser separadas ao observarmos a literatura negra, parte das personagens presentes nos livros que trago para estudos, cujos corpos apresentam movimentos, vozes, “adereços que grafam esse corpo/corpus, estilística e metonimicamente, como lócus e ambiente do saber e da memória” (Idem). Isso nos faz recordar de Conceição Evaristo que além de destacar a categoria-conceito de escrevivência, afirmou confluências e a importância de olharmos às tradições criadas por autorias negras.

Neste circundar, gostaria de destacar pesquisadoras/es negras/os<sup>67</sup> que vêm de geografias e escolas diferentes das minhas e em pontos de encontro percebo que elevam as discussões sobre as escritoras negras, por meio de perspectivas plurais que observam personagens negras ancoradas também em outras/os pesquisadoras/es negras/os. Este movimento curatorial, por assim dizer, recorda-me a fala de Conceição Evaristo no *Ciclo Carolina Maria de Jesus*<sup>68</sup> sobre a força da narrativa escrita por quem participa de um determinado contexto, e eu acredito que esta força também é existente e agregadora nos olhares de pesquisadoras/es negras/os da literatura.<sup>69</sup>

---

<sup>67</sup> Sugiro a leitura de: SILVA, Andressa Marques da. *Por uma promessa de vida mais viva: relações afetivas de mulheres negras no rap e no romance brasileiro contemporâneo*. 2013. 129 f., il. Dissertação (Mestrado em Literatura). Universidade de Brasília, Brasília, 2013; MATHIAS, Adélia Regina da Silva. *Vozes femininas no "quilombo da literatura": a interface de gênero e raça nos Cadernos Negros*. 2014. 125 f., il. Dissertação (Mestrado em Literatura) Universidade de Brasília, Brasília, 2014; VASCONCELOS, Vania Maria Ferreira. *No colo das Iabás: raça e gênero em escritoras afro-brasileiras contemporâneas*. 2014. 228 f. Tese (Doutorado em Literatura e Práticas Sociais). Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

<sup>68</sup> “Ciclo Carolina Maria de Jesus: 60 anos de Quarto de Despejo”, organizado pela professora Dra. Fernanda Miranda, ocorreu entre 4 e 11 de setembro de 2020, em celebração do aniversário do lançamento da obra em agosto de 2020. Com a participação das/os pesquisadoras/es Vera Eunice, Fernanda Felisberto, Bruna Cassiano, Fernanda Sousa, Mário A. M. Silva e Gabriela Gaia, Raquel Alves, Jess Oliveira, Sérgio Barcellos, Verônica Sousa e Conceição Evaristo.

<sup>69</sup> Não é sobre a impossibilidade de fala advinda de pessoas racialmente diferentes, mas a compreensão que os discursos de teóricas/os brancas/os, em geral, são validados, mesmo quando apresentam dados questionáveis ou equivocados. Estas/es quando são observadoras, e estudam sobre africanidades e contextos negros, automaticamente, são vistas como progressistas e corretas, mesmo quando na prática realizam ações que vão de contra a pensamentos que podem fortalecer na luta “antirracista”, por exemplo.

Tranças, ligadas à cultura negra africana e afro-diaspórica, também tem outro significado na Namíbia. Em xindonga, numa língua bantu, a trança (panda) e o ato de trançar (okupanda) também significam “feliz” ou “para ser feliz”, respectivamente. E acredito que trançar o pensamento, sermos e mostrar o que somos com consciência é um reencontro com a felicidade e com a alacridade de uma liberdade ancestral.

Depois, mudou-se já a estação; as chuvas desapareceram, e aquele mar, que viste, desapareceu com elas, voltou às nuvens formando chuvas do seguinte inverno, e o leito, que outrora fora seu, transformou-se em verde e úmido tapete, matizado pelas brilhantes e lindas flores tropicais, cuja fragrância arrouba e só tem por apreciador algum desgarrado viajor e por afago a brisa que vem conversar com elas no cair da tarde – à hora derradeira do seu triste viver (REIS, 2018, p. 17-18).

Águas de mar e de chuva, e o vento. O que pode ser visto como transgressão nestes estudos, já está marcado lá atrás, quando Maria Firmina dos Reis<sup>70</sup> (1825-1911), primeira romancista brasileira<sup>71</sup>, em *Úrsula* (1859) e já no prólogo, convida a/o leitora/leitor a lê-la, a acompanhar a escrita de “uma mulher, e mulher brasileira<sup>72</sup>, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem”, e que mesmo tendo outra perspectiva, afirma, diante daquele período, possíveis lacunas presentes devido sua instrução e conhecimento que considera limitados. Ela quer que a/o leitora/leitor conheça seu romance, a protagonista *Úrsula* e que a narrativa ao menos possa servir de incentivos a alguém que tenha mais acessos a também escrever.

---

<sup>70</sup> Gostaria de destacar a criação do *Selo Maria Firmina dos Reis*, criado pela Secretaria de Cultura do DF, em 28 de novembro de 2017, com o objetivo de valorizar a produção literária negra. A homenagem ao centenário de morte da primeira romancista brasileira, que dá nome ao selo, marca a necessidade de pensarmos as bibliotecas públicas como espaços de poder necessários para contribuir na formação social plural e que representem e reconstruam perspectivas que são invisibilizadas pelos problemas estruturais e institucionais. A secretaria, no período, contribuiu na ampliação do acervo da biblioteca com mais de 100 obras de autoria negra, dentre eles, o primeiro publicado, *Úrsula* (1859). Sugiro que veja a matéria que fala mais sobre o evento no link a seguir: <<https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2017/11/26/acervo-da-biblioteca-nacional-de-brasilia-ganha-mais-de-100-livros-de-autores-negros/>>.

<sup>71</sup> Maria Firmina dos Reis foi educadora e escritora negra, ela nasceu em São Luiz do Maranhão. Em Guimarães foi criada e ingressou em 1847 via concurso no magistério público. Atuou como professora até 1881. Além da obra *Úrsula*, publicou o livro de poesias *Gupeva* (1861/65) e *Cantos à beira-mar* (1871).

<sup>72</sup> A pesquisadora Fernanda Miranda, em sua tese, sugere que o termo mulher brasileira, nesse contexto se refere a alguém que se distancia de características puramente dos colonos. “Chama atenção ainda o “brasileira” empenhado como qualitativo étnico (arrisco dizer), pois sendo ela filha de uma mulher negra, “a língua de seus pais” é a língua que forma o Brasil”. (MIRANDA, 2019, p. 58)

João da Cruz e Sousa (1861-1898), em *O emparedado* (1898), também rompe com o modelo da elite literária de pensamentos e escritas. Em vários momentos, na longa prosa poética, ele direciona seus pensamentos à crítica literária da época e *aos leitores*, que não eram em maior parte seus pares, por ocuparem um número pequeno de alfabetizados. Já está muito bem afirmado em inúmeros trabalhos que Cruz e Sousa ressignificou o fazer literário. A exemplo, ele traz nessa obra denotações para a palavra noite (preta/o, escura/o e afins), impregnada de entendimentos negativos pelo senso comum, sentido de capacidade, mistério, potência, poder, enquanto para o dia (brancura e afins), sempre direcionada à positividade pelo senso comum, sentido ligado à morte, à superficialidade, à ingenuidade. Ele dentro de uma perspectiva individual-coletiva marca em seu texto críticas ao patriarcado, à forma de fazer arte e compreender pessoas negras na sociedade até então<sup>73</sup>.

Cito brevemente estes artistas das letras para lembrarmos que passados quase 200 anos do nascimento de Maria Firmina dos Reis e 150 do de Cruz e Sousa, a comunidade negra segue se afirmando, ressignificando e (re)existindo suas subjetividades e inquietações individuais-coletivas. E podemos refletir sobre as/os escritoras/es negras/es que contribuíram na formação de tradições dentro da literatura brasileira e que, por muito tempo foram embranquecidos, como o caso de Machado de Assis (1839-1908), ou estereotipados e questionados pelo cânone como Lima Barreto (1881-1922).

E pensarmos também em autoras que desenvolveram trabalhos no século XX, como Geni Guimarães (1947), que inaugura em 1979 sua estreia literária com seu livro de poemas *Terceiro Livro*, publicou *Da flor o afeto, da pedra o protesto* (1981), em *Cadernos Negros* (1981, Quilombhoje), *Leite de peito* (1988), no centenário da abolição formalizada, e 1989 lançou a novela *A cor da ternura*, que recebeu os prêmios Jabuti e Adolfo Aisen, e mais livros de contos, poemas e infantis na década de 1990. Sua última publicação foi o infantil *O pênalti* (2019, Editora Malê). E que ainda é pouco marcada em trabalhos acadêmicos e críticos.<sup>74</sup>

---

<sup>73</sup> Sugiro a leitura de *Escritos da liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista* (2018) de Ana Flávia Magalhães Pinto.

<sup>74</sup> Em *Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006): posse da história e colonialidade nacional confrontada*, de Fernanda Miranda ela apresenta romances enquanto gêneros pouco trabalhados nos estudos relacionados à autoria negra no Brasil. Ela chama a nossa atenção durante seu trabalho para a marca das mulheres negras autoras durante os últimos três séculos, percebendo dentre as obras pontos de encontros. Ela aprofunda o olhar nas obras de Maria Firmina dos Reis (*Úrsula*, 1859), Ruth Guimarães (*Água Funda*, 1946), Carolina Maria de Jesus (*Pedaços da fome*, 1963), Anajá Caetano (*Negra Efigênia: paixão do senhor branco*,

Geni Guimarães em sua apresentação há 31 anos atrás, em *A cor da ternura*, que “o ato de escrever é o veículo de exteriorização da situação de um povo dentro da sociedade e pode, com isso, motivar mudanças”. E estas transformações podem amplificar não somente pelo viés da tolerância e “aceitação” destas obras enquanto “cotas” de ementas, mas do implemento e compromisso das discussões dos temas que estas obras nos oferecem.

Na Bahia, temos a presença da romancista Aline França<sup>75</sup> (1948), que nasceu em Teodoro Sampaio (cidade fronteira a que eu nasci, Conceição do Jacuípe/Berimbau), e que insere uma escrita que inaugura o gênero especulativo para cerne da literatura negra brasileira e que ainda é pouco lembrada com suas obras *A mulher de Aleduma* (1981) e *Negrão Dony* (1978).

Mãe Stella de Oxóssi – Maria Stella Azevedo<sup>76</sup> (1925-2018) também é um exemplo de escritora negra que inscreveu e escreveu textos cujo olhar para as africanidades estiveram sempre presentes em suas publicações. Mesmo eleita por unanimidade para ocupar a cadeira 33, cujo patrono é o poeta Castro Alves, da Academia de Letras da Bahia, em 2013, recebido os títulos Doutor Honoris Causa, pela Universidade Federal da Bahia (2005) e pela Universidade Estadual da Bahia (2009), ainda pouco é citada enquanto escritora/autora literária. Tem como última obra infanto-juvenil *A ialorixá e o pajé* publicada em 2018. Além desta publicou *E daí aconteceu o encanto* (1988), *Meu tempo é agora* (1993/2010), *Ósosi, o caçador de alegrias* (2006), *O que as folhas cantam* (2014/2020), *Òwe-Provérbios* (2007), *Epé Laiyé, terra viva* (2009), *Opinião* (2012), e a Coleção Odú Adajó (Aurale Edições) que

---

1966), Aline França (*A mulher de Aleduma*, 1981), Marilene Felinto (*As mulheres de Tijucoapo*, 1982), Conceição Evaristo (Ponciá Vicêncio, 2003) e Ana Maria Gonçalves (*Um defeito de cor*, 2006), que, segundo Miranda, estas reelaboram a dita “modernidade brasileira, demarcando os lugares de poder e subalternidade, constituídos pela intersecção de gênero e raça” (2019, p. 7).

<sup>75</sup> Aline França (1948) – Aline dos Santos França, nasceu em Teodoro Sampaio (BA) e foi residir em Salvador desde jovem. No dicionário literário afro-brasileiro de Nei Lopes diz: “tonou-se segundo Coelho (2002), ‘elemento dinâmico no movimento de reinvenção da Literatura Negra no Brasil’. Estreando em 1978 com o romance *Negrão Dony*, três anos depois firmava-se com *A mulher de Aleduma*, um novo romance, lançado no Encontro de Entidades Negras promovido pela SBPC-BA, relançado em evento do bloco afro Ilê Aiyê e que, pouco depois, alcançava grande repercussão no exterior, através da resenha feita pela filóloga Yeda Pessoa de Castro. Em 1982, Aline França participou com o poema “Mensagem aos nossos ancestrais” da antologia *Poetas baianos da nefritude* (LOPES, 2011, p. 21).

<sup>76</sup> Maria Stella Azevedo Santos, Mãe Stella de Oxóssi (1925-2018) foi uma ialorixá e escritora baiana. Mãe Stella foi uma das personalidades contemporâneas mais importantes da Bahia. Publicou *Lineamentos da religião dos orixás: memória de ternura* (2004), *Ósosi: o caçador de alegrias* (2006), *Owé: provérbios* (2007), *Epé Laiyé-terra viva* (2009), *Meu tempo é agora* (2010). Somente em 2013 foi eleita para integrar a Academia de Letras da Bahia.

terão na sua totalidade 16 volumes, sendo que alguns foram lançados em setembro de 2020 (dentre estes um relançamento), tendo a marcação da tradição oral: *Ofún* (2013/2019), *Ejonile* (2019), *Ejilògbòn* (2020), *Èjilásebóra* (2020), *Osé* (2020), *Obará* (2020), *Ódì* (2020).

*A ialorixá e o pajé* (2018) de Mãe Stella de Oxóssi, encontramos uma narrativa em que compõe uma temporalidade espiralar, além das relações com a natureza que se distanciam muito do que percebemos de povos ocidentais.

Noto também que existem alguns acordos e negociações presentes em partes na narrativa, “Ela tinha nascido em um país cujo encanto maior estava na mistura das raças e na riqueza da cultura”, o que serve para refletirmos sobre como o mito das três raças era elevado nas primeiras décadas do século XX, período em que a narradora nasceu, e que logo em seguida, contrapõem-se quando afirma “não gostou de recordar o pouco caso que suas colegas de trabalho fizeram quando ela relatou o fantástico encontro com a medicina indígena. Era muito jovem, na época, ainda não entendia o preconceito que existia entre o mundo acadêmico e o mundo das culturas tradicionais” (p. 8). Mãe Stella traz as identidades negras e de povos originários para sua obra, fortalece ainda mais a ideia de circularidade quando apresenta as plantas utilizadas nas duas tradições e as respectivas divindades.

Na outra obra de Mãe Stella de Oxóssi, a infanto-juvenil *Epé Laiyé: terra viva* (2009), é nítida a imersão para um entendimento de vivências localizado em confluência com a natureza. A narrativa se inicia quando o menino Fernando, de 10 anos, questiona a situação do mundo em relação ao meio ambiente e resolve plantar uma árvore, a Epé Layé (Epê Laiê), que em iorubá significa “Terra Viva”. A partir daí a árvore jovem passa a circular na natureza e se depara com problemas, devido à exploração e destruição humanas. A árvore passa a dialogar com os espaços e perceber a tristeza presente nos espaços que habitam as entidades. E neste movimento vai encontrando orixás e aprendendo com eles:

A frágil e forte arvorezinha pensou em desistir. Se até os deuses estavam desistindo, o que poderia ela fazer? Mas Exu surgiu, como sempre repentinamente, e argumentou: “Epê Laiê, sempre se pode fazer algo: se Oxum está fraca, alimente-a. Fortalecida, ela não lhe negará apoio”. Foi assim que, mas uma vez orientado por Exu, Epê Laiê ofertou à deusa sua comida predileta: feijão fradinho com ovos – um omoloku-olelé. (AZEVEDO, 2009, p. 30)

E apesar da narrativa ser numa linguagem totalmente literária, numa linguagem que dialoga visivelmente com um público infanto-juvenil, notamos que a ficha catalográfica está registrada como “1. meio ambiente, 2. ecologia-mesologia”. Não há menção à literatura. Já

em *A ialorixá e o pajé* aparecem 1. Literatura infanto-juvenil, 2. Cultura indígena, 3. Cultura africana, 4 folhas sagradas e medicinais, 5. Saberes tradicionais, 6. Candomblé da Bahia.

Estes entrelaços – e todos os demais entrançamentos que ocorreram/ocorrerão a seguir – fizeram-me pensar cada vez mais nos movimentos ensinados por Miguelina Borges dos Santos para buscar água, algo que ainda é espiralar no tempo, movimento ancestral que se remapeia e reabita em diversos espaços. “Uma parte importante da pescaria começa antes mesmo de se ir ao rio pescar”, nos lembra também mestre Antônio Bispo (2015, p. 100).

### **1.3 Como se fossem folhas espalhadas pelo vento**

O ocultamento de visões africanas e afrodiáspóricas das instituições de ensino, dos campos da cultura, das artes e das concepções filosóficas de observar a sociedade brasileira é mais uma das violências epistêmicas. Pessoas negras em diáspora, trazidas ao Brasil e ao continente americano, durante muitos séculos, pavimentaram com suas forças de trabalho e seus conhecimentos boa parte do *chão* desse estado nação junto com os povos originários. E apesar, das amplitudes relacionadas às contribuições tecnológicas e do conhecimento, a supremacia branca visualiza os estudos negros e dos povos originários como “sem finalidade”, alternativos e optativos. Sempre fomentando a ideia forçosa de “que todos somos brasileiros, portanto, iguais” para promover o distanciamento cada vez mais do olhar atento aos descasos e às violências permanentes em que seleciona quais ascendências de brasileiros são válidas aos campos formadores e de assistências.

Nas tentativas de vedar o que temos a compartilhar, este grupo concentrado no poderio não percebe que entre portas e janelas existem brechas onde a luz atravessa. E em meio as perversidades de olhares controladores que criticam nosso modo de estar e ser no mundo, que oprimiu manifestações culturais, nomes e sobrenomes, espiritualidade de matrizes africanas e de povos originários, que conseguiu imprimir, por meio de “regras” e produtos culturais canônicos, estereótipos para nos inferiorizar, estamos aqui para contrariar o projeto genocida e epistemicida, e para cada vez mais afirmar o orgulho das nossas origens negras<sup>77</sup>.

---

<sup>77</sup> Ver MUNANGA, K. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. Disponível em: <<https://bit.ly/2tdEOMY>>. Acesso em 14 de abril de 2019.

Claro que a afirmação deste orgulho faz parte de um trabalho constante, tendo em vista os movimentos negros que investem na formação de gerações a desafiar a estrutura racista, que dispõe de armadilhas para que estabeleçamos o auto-ódio e nos distanciemos cada vez mais das nossas origens. Como observamos em *A cor da ternura* de Geni Guimarães: “Assim que terminou a arrumação, ela voltou para casa, e eu juntei o pó restante e com ele esfreguei a barriga da perna. Esfreguei, esfreguei e vi que diante de tanta dor era impossível tirar todo negro da pele” (GUIMARÃES, 1998, p. 69). Falar de um pertencimento hoje é paradoxal já que várias gerações de pessoas negras tiveram e ainda assimilam somente o *modus operandi* com base em ideias eurocêntricas para se manterem vivos, sentirem-se aceitos, e assim poderem disputar e ocupar espaços:

Havia os pretos que morriam com vinte e cinco anos: de tristeza, porque ficavam com nojo de serem vendidos. Hoje estavam aqui, amanhã ali, como se fossem folhas espalhadas pelo vento. Eles tinham inveja das árvores que nasciam, cresciam e morriam no mesmo lugar. Os negros não são imigrantes, são acomodados. Não sonham com outras plagas. (JESUS, 2007, p. 61)

Ao mesmo tempo que somos como folhas espalhadas pelo vento e pelo tempo, por conta das inúmeras violências da colonialidade, esta grande árvore nos dá a ideia de unidade quando pensamos na terra em que ela está fincada, nos dá também características diferenciadas, se pensarmos em cada grupo de folhas formado em cada galho e no balanço, localização, formato e tempo de cada uma delas.

Enraizar-se e aterrar-se podem ser entendidos para algumas pessoas negras de África e em diáspora, como movimentos muito simbólicos, devido à relação com a ancestralidade. Como os demais elementos da natureza, a terra está presente em tudo, nos cultos culturais e das religiões de matrizes africanas, o contato com os pés na terra, as saudações aos mais velhos, as cabeças em contato com o chão. A terra-circular é o paraíso. E por ela também se caminha, percorre-se, muda-se.

Perceber *Casa Grande e Senzala*<sup>78</sup> se transformar em *Sobrados e Mucambos*<sup>79</sup>, é compreender uma história em que se mudam os nomes e locais – transição do patriarcado

---

<sup>78</sup> *Casa Grande & Senzala* (1933), escrita pelo sociólogo branco Gilberto Freyre (1900-1987) é a obra de sua tese de doutorado pela Universidade de Stanford. Freyre propõe sua versão de leitura da experiência colonialista e escravagista do Brasil, expondo as contribuições do português, do índio e do negro para a formação nacional. A obra é marcada por ambiguidades, o autor ora sugere a necessidade da empreitada colonial, ora assume o seu

rural para as zonas urbanas – mas as raças dos participantes continuam as mesmas: “Nos altos das casas, moravam os donos. Nos porões, moravam os pretos” (JESUS, 2007, p. 45). Essa dicotomia racial persistente, mostra-nos como se deram as transformações político-sociais das cidades. Às classes mais elevadas, as habitações mais confortáveis, das casas grandes para os sobrados. Para as classes baixas, das senzalas para os porões, os mucambos, as favelas, os quartos de despejo, locais destinados aos subalternos, aos pobres, aos negros que o capitalismo à brasileira não quis incluir junto ao desenvolvimento<sup>80</sup>. Como podemos confirmar mais uma vez pela voz da narradora Bitita:

O Brasil abria imigração para a Itália. Íamos receber seis mil italianos, dois mil iam para São Paulo, dois mil para o Rio Grande do Sul, um mil para o Rio de Janeiro, um mil para o estado de Minas. Eles vinham como colonos, iam arrendar as terras dos fazendeiros para plantações. E os brasileiros tinham que respeitá-los. Quando os italianos chegaram, viram que o único braço ao seu alcance era o braço negro. Os italianos que vieram foram selecionados. Sadios, bons dentes e sabiam ler. (JESUS, 2007, p. 44)

A modernização deixou de fora os negros e indígenas, e investiu na atração de imigrantes como italianos, sírios, japoneses, alemães, etc. Os que estavam no “meio-termo da raça humana”, frutos de relações inter-raciais, embranquecidos pela aparência e pelas relações sociais poderiam acessar alguns espaços, porém, ainda assim os brancos seriam sempre os que teriam privilégios e ditariam as regras, delimitando os espaços de cada grupo.

“Ter uma pele branca era um escudo, um salvo-conduto” (Idem, 2007, p. 55). Aos negros e indígenas cabiam a subcidadania ou “estar entregue à própria sorte”. Por isto que revisitar a formação do Estado brasileiro com atenção às fissuras, os silenciamentos acerca da escravidão é um movimento contra o racismo. Notamos em *A cor da ternura*, no capítulo

---

caráter etnocida (MERCÊS; SANTOS, 2018). Ele esteve na defesa do imperialismo salazarista em países como Angola e Moçambique, na África, e nos deixou o legado que ainda hoje está em debate, que muitos estudiosos e pesquisadores insistem em inserir nos seus trabalhos que é o Brasil enquanto paraíso étnico racial, onde vivemos todos em harmonia.

<sup>79</sup> *Sobrados e Mucambos* (1936), do mesmo autor, aborda a falência do patriarcalismo rural brasileiro entre os séculos XIX e XX. Com a abolição da escravatura, início da industrialização e urbanização, a sociedade escravagista transfere-se para as cidades, onde novas formas de sociabilidade reproduzem as violências da instituição fundadora do Brasil: a escravidão. O autor não dá o devido relevo aos aspectos negativos da formação do país. Apostando no argumento da “confraternização” devido a uma suposta “plasticidade do colonizador”. (MERCÊS; SANTOS, 2018)

<sup>80</sup> Estas discussões foram também percorridas por mim e pelo mestre em Relações Internacionais (UFBA) Anderson Henrique Gonçalves dos Santos, no Fórum Mundial do Pensamento Crítico - CLACSO, em Buenos Aires na Argentina.

chamado “Tempos escolares”, como a falta de conhecimento de epistemes plurais afeta a compreensão e a transmissão das/dos educadoras/es para as/os estudantes. O que ocorre com a menina protagonista, certamente faz parte de experiências reais de muitas crianças negras.

A festa seria depois do recreio, no dia seguinte. Mas, assim que entramos na classe ela se pôs a falar sobre a data:

- Hoje comemoramos a libertação dos escravos. Escravos eram negros que vinham da África. Aqui eram forçados a trabalhar, e pelos serviços prestados nada recebiam. Eram amarrados nos troncos e espancado às vezes até a morte. Quando...

E foi discursando por uns quinze minutos.

Vi que sua narrativa não batia com a que nos fizera a Vó Rosália. Aqueles eram bons, simples, humanos, religiosos. Eram bobos, covardes, imbecis, estes me apresentados então. Não reagiam aos castigos, não se defendiam, ao menos.

Quando dei por mim, a classe inteira me olhava com pena ou sarcasmo. Eu era a única pessoa da classe representando uma raça digna de compaixão, desprezo!

No recreio a Sueli veio presentear-me com uma maçã e a Raquel, filha do administrador da fazenda, ofereceu-se para trocar meu lanche de abobrinha abafada pelo dela, de presunto e mozzarella.

Não os comi, é claro. A compensação desvalia. Não era como o leite que, derramado, passa-se um pano sobre e pronto.

Era sangue. Quem poderia devolvê-lo... Vida?

Que se enxugasse o fino rio a correr mansamente. Mas como estancá-lo lá dentro, onde a ferida aberta era um silêncio todo meu, dor sem parceria? (GUIMARÃES, 2020, p. 64-65)

A ocasião, relatada pela narradora de *A cor da ternura*, remonta como muitas vezes a história da negritude é reduzida a ideia de “falta de agenciamento” das pessoas negras escravizadas. Como se estas, em condições de escassez, tivessem sido passivas, covardes, inertes, aceitassem o roubo de suas vidas que somente e unicamente foram emancipadas por via da “Santa Princesa Isabel”. Como temos dito, o projeto racista sempre quis tomar de nós o saber das nossas tecnologias<sup>81</sup>, o conhecimento do povo negro sobre si mesmo.

Algumas narrativas contemporâneas (ficcionais ou não) podem expandir os horizontes que a história, dita oficial, costuma omitir. Algumas ficções de autoria negra que inscrevem pessoas negras como protagonistas, por exemplo, trazem conexões com histórias ancestrais, algumas das quais, como em *A ialorixá e o pajé*, de Mãe Stella de Oxóssi:

---

<sup>81</sup> Sugiro que visite ou pesquise sobre o acervo do Museu Afro Brasil. A exposição *Coisa de preto*, por exemplo, amplia esta visão que trago para diálogo. Tentam distanciar até hoje distanciar a ideia de que a palavra tecnologia pode ser ligada a nós, quando percebemos que muito do que foi desenvolvido enquanto inovações de construção, cuidado com a terra, por exemplo, foram desenvolvidos por afrodiáspóricos.

Entretanto foi quando precisou presar atendimento a uma casa onde moravam pessoas de descendência indígena que a jovem enfermeira teve a maior surpresa e um bom aprendizado, que terminou por levar por toda a sua vida. Sobre a cultura indígena, no entanto, nada sabia. Ver uma criança deitada no chão, sobre folhas, com adultos dançando ao redor dela e um velho índio soprando fumaça, nada tinha a ver com o que tinha aprendido na Escola de Medicina. Mas a vida e experiência como “Filha de Santo” em um terreiro de Candomblé já tinha lhe ensinado a respeitar, e até mesmo reverenciar a sabedoria não acadêmica, aquela recebida pelo povo através de revelação divina. (SANTOS, 2018, p. 8)

Parte de uma construção familiar, que raramente é respeitada, quando não distorcida em narrativas de autores de outras racialidades – ou até lida equivocadamente por editores ou traduzida para outros idiomas sem a devida pesquisa. Este trafegar nos faz esbarrar na ideia de encruzilhada mais uma vez, que pode ser um ideal momento ou lugar para ampliar as discussões, para se tomar decisões, ou se perceber com vários seguimentos ou perspectivas. O professor e pesquisador Humberto Manoel de Santana Junior<sup>82</sup> (2018) chama atenção ao conceito de encruzilhada epistemológica fazendo-nos lembrar da ideia de encruzilhada a partir do sentido ligado a religiões de matrizes africanas, como um ponto ambíguo: se por um lado, ela é o começo de um estágio, também pode ser um lugar em que se hiberne, paralise, que haja tensões, desconfortos, devido as tantas opções de caminhos, devido ser um lugar com muitas vias de compreensões.

É na encruzilhada que ocorrem os (des)encontros com o que é possível ver e também com o que não se pode ver, a chamada confluência, que pode ser entendida como a possibilidade de elementos se alinharem, se juntarem, serem similares até, porém estes não se misturarem. “A encruzilhada epistemológica é uma noção criada a partir do conceito de encruzilhada, enquanto ponto ambíguo, podendo ser começo, o fim, mas também o iniciar de um fluxo que coloca a epistemologia enquanto a possibilidade de confluências” (SANTANA JR., 2018, p. 253). E são as novas perspectivas que fazem deste lugar ambíguo extremamente forte e poderoso.

É na encruzilhada que podemos (con)fluir sem necessariamente se perder. É nela que observamos inúmeras narrativas com marcas de dor, tristeza, indignação, lembranças ancestrais, por meio de visões plurais de filhas e filhos da diáspora negra. O professor e

---

<sup>82</sup> Humberto Manoel de Santana Júnior é baiano, professor, pesquisador e antropólogo. Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade de Campinas (Unicamp).

pesquisador em psicologia social, Marcio Farias<sup>83</sup> ao fazer uma breve retrospectiva histórica sobre a formação do povo brasileiro, a questão negra e uma leitura psicossocial, traz exemplos da luta da sociedade civil brasileira a fim de denunciar as crueldades ou dar visibilidade aos problemas relacionados à população negra através das linguagens artísticas.

Farias apresenta um remapa de obras com seus respectivos autores<sup>84</sup> que expuseram a forma como a pessoa negra, de forma individual e coletiva, era tratado. Obras como *A morte de Chico Preto* (1980), do cantor e compositor Geraldo Filme, *Trem sujo da Leopodina* (1944), de Solano Trindade, *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960) de Carolina Maria de Jesus, *Ascender a vela* de Zé Ketí, os *Cadernos negros* (desde o final da década de 1970 até hoje), entre outras. Levando em consideração os exemplos de obras de arte usadas como denúncia ou na intenção de revelar uma sociedade, é importante atentar ao que Conceição Evaristo, em seus estudos, destaca a respeito das construções das personagens negras por autores não negros.

Evaristo (2005) exemplifica com alguns dos considerados cânones da literatura brasileira, como Gregório de Matos (1623-1696), Aluísio de Azevedo (1857-1913), José de Alencar (1829-1877), Bernardo Guimarães (1825-1894), e Jorge Amado (1912-2001), que ao marcar personagens negras e indígenas assinalam em suas obras uma ou mais das características a seguir: sexualização e animalização, afirmação do mito da democracia racial<sup>85</sup> por meio de mestiçagem<sup>86</sup>, negação da maternidade e de uma “feminilidade” ou,

---

<sup>83</sup> Márcio Farias é professor, pesquisador, graduado em psicologia, e realiza doutorado em Psicologia Social na PUC-SP.

<sup>84</sup> Machado de Assis, nos contos “O caso da vara” (1891), “Pai contra mãe” (1906) e no romance *Quincas Borba* (1891) denuncia, enquanto testemunha ocular, o quão “grotesco” foi o cotidiano de uma sociedade escravista e o legado nefasto dessa instituição para formação do país. Aluísio de Azevedo em seu livro *O cortiço* (1890) também é explícito – ainda que com forte tendência naturalista – na denúncia sobre as mazelas que acometiam aquela sociedade brasileira do final do século XIX. Os motivos que levaram a personagem Bertoleza ao suicídio forem com aquilo que se pode pensar como ética e dignidade humana. Euclides da Cunha, por sua vez, em seu ensaio jornalístico sobre a campanha de Canudos, *Os sertões* (1902), também é assertivo no que diz respeito à denúncia sobre a mão pesada do Estado para com o povo do arraial de Belo Monte. O sertanejo ali descrito, tipo social formado por camponeses que eram em sua maioria ex-escravizados ou descendentes desse grupo social, acometidos posteriormente pela falta de dinamismo econômico na região do sertão nordestino em fins de século XIX, enfrentou bravamente o exército nacional em defesa de sua terra e produção. Foram massacrados impiedosamente e expostos como derrotados. (FARIAS, 2018, p. 58)

<sup>85</sup> “É interessante notar que a obra de Freyre surgiu na mesma época em que se discutia no Brasil a implementação de um projeto eugênico. As ferramentas deste, segundo estudos de Nancy Leys Stepan, incluíam o controle da natalidade, a segregação e a esterilização daqueles considerados ineptos. Não é preciso muito esforço para apontar os considerados ineptos do ponto de vista racial. Higiene, aqui, deve ser interpretada como

afirmação de mulheres infecundas, perigosas, estereótipo de mãe-preta, de mulher-natureza. Sobre a morte de Bertoleza, por exemplo, Azevedo escolheu o verbo “afocinhar” para descrever a sua morte, animalizando a personagem. Isto sem falar dos homens negros e indígenas que também são mencionados com características de cunhos racistas. Outro exemplo pela voz de Bitita:

Eu estava com cinco anos, achava esquisito aquelas cenas antagônicas, a minha mentalidade embrionária não me auxiliava a compenetrar aquelas divergências. Se o negro passasse cabisbaixo, o branco xingava!  
- Negro, vagabundo! Eu não gosto dessa raça! Eu tinha essa raça para o comércio.  
Eu pensava: “Meu Deus! quem foi que começou essa questão, foi o preto ou foi o branco? Quem procurou o preto? Se foi o branco quem procurou o preto, ele não tem o direito de reclamar. O negro não invadiu suas terras, foram eles que invadiram as terras dos negros”. (JESUS, 2007, p. 62-63)

Neste trecho Bitita faz uma observação de como era (e ainda é) paradoxal as relações das pessoas brancas com as negras. Os indivíduos negros carregam em seus corpos marcas de violências imensuráveis e são tratados como se eles quem tivessem buscado e escolhido este tipo de realidade. Suas dores, sentimentos de inadequação, o andar cabisbaixo, que muito ter a ver com a baixa autoestima, não são pensados como alguns dos efeitos causados pela colonização que impõe uma normatização que tem como parâmetro a branquitude. Em *Pele negra, máscaras brancas* (2008), Fanon reflete sobre ser negro em variadas posições, a respeito da negação do racismo contra o ser negro e as construções que levaram a continuidade do colonialismo moderno:

---

a limpeza do sangue e o embranquecimento da população, pois quando se trata de melhorar uma raça (como se no Brasil houvesse raça pura) não se cogita avermelhá-la, amarelecê-la ou enegrecê-la; o branco é o parâmetro, a verdade única e indiscutível. A imponderabilidade do discurso dominante – e, repetimos, ainda atuante – faz que experimentemos a situação esquizofrênica de ser tecidos por um discurso que contraria nossa condição de fato. A “democracia racial” convive com a discriminação configurada na distribuição de espaços sociais; e sabemos quem ocupa que espaço. Não é necessário perguntar de que cor é a favela, qual é a cor da dor de ser pobre e discriminado nesta sociedade que tem festividades democráticas mas não consegue retirar dos esgotos todo o entulho de uma prática ainda escravagista”. (NASCIMENTO, 2014, posição 619)

<sup>86</sup> Gosto de pensar na ideia de duplo vínculo que Muniz Sodré nos apresenta para contextualizar o racismo à brasileira, em que segue na negação e ao mesmo tempo quando compreendem o racismo, é mantido a proteção dos que lucraram e ainda lucram com a dominação: “Mas com ou sem mestiçagem, à sombra transnacional do racismo como um mal-estar civilizatório, acontece o revelador fenômeno comunicacional do duplo vínculo. Ele pode ser assim formulado: “Eu amo/gosto/aceito o sujeito da pele escura, mas ao mesmo tempo amo/gosto/aceito que permaneça afastado”. Não seria difícil traduzir topologicamente esta fórmula. O racismo brasileiro é mais uma lógica de lugar do que de sentido. É dela que de fato têm hoje saudade os que acham um escândalo liberal proteger as vítimas históricas da dominação racial”. (SODRÉ, 2017, p. 15)

De um dia para o outro, os pretos tiveram de se situar diante de dois sistemas de referência. Sua metafísica ou, menos pretensiosamente, seus costumes e instâncias de referência foram abolidos porque estavam em contradição com uma civilização que não conheciam e que lhes foi imposta (...). Depois tivemos de enfrentar o olhar branco. Um peso inusitado nos oprimiu. O mundo verdadeiro invadia o nosso pedaço. No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera de incertezas. (FANON, 2008, p. 104)

A pessoa negra que açoitam de forma literal e simbolicamente com estas ligações literais negativas é o mesmo que se torna ameaça. É o corpo que demora a ter representações dignas. É o corpo sobre o qual sempre existem ressalvas para serem aceitos nos espaços que não foram naturalizados. São frases repetitivas, mas que não são óbvias na prática. Não bastou somente assimilar a linguagem do colonizador e a forma deles de viver para se manter vivo. Segundo Denise Carrascosa, o projeto colonial escravocrata europeu fez com que “o curso de ser o próprio tempo-espaço” dos povos africanos fosse alterado quando firmaram a migração forçada e um dos genocídios mais violentos do mundo, porém não é somente isto que a migração forçada causou:

A noção de "afrodiáspora", portanto, na medida de seus deslocamentos e ressignificações politicamente estratégicas, carrega consigo a força, não apenas espacial do deslocamento territorial em forma de *iter* narrativo (no contraditório entre escravidão-liberdade); mas também movimenta o eixo do tempo em chave mítico-cíclica, que faz girar as noções lineares e causalistas eurocêntricas de passado e presente que construíram "a" história oficial e legível, articulando paradigmas importantes das contraculturas negras da modernidade. (CARRASCOSA, 2017, p. 74)

E é por meio destas contraculturas negras que se têm formado artes e narrativas que deslocam a visão única e estereotipada da história, onde está presente o sentimento do indivíduo negro que era silenciado ou preterido.<sup>87</sup> Lêda Maria Martins nos lembra que “a

---

<sup>87</sup> Ainda hoje ao observarmos as mais velhas e mais novas gerações de cantoras, compositoras como Elza Soares, Virgínia Rodrigues, Lazzo Matumbi, Tiganá Santana, Luedji Luna, Larissa Luz, Liniker, Letícia Fialho, Xênia França, Bia Ferreira, Baco Exu do Blues, Tássia Reis, Chico César, o Bando de Teatro Olodum, peças como as do Grupo Embarça, Musical Dona Ivone Lara, Musical Elza, O Topo da montanha, Namíbia, não!, o cinema produzido por Yasmin Thayná, Juliana Vicente, Ana Paula Mathias, Lázaro Ramos, performances de Kika Senna, Cristiane Sobral, exposições como “Ex-África”, “A origem do samba”, “Isso é coisa de preto”, com curadorias negras, somente para citar algumas, “têm formulado narrativas, sons e imagens que gestam e reoperacionalizam os sentidos de viagem, perda e exílio (...)” (CARRASCOSA, 2017, p. 65).

performance atualiza os diapasões da memória, lembrança resvalada de esquecimento, tranças aneladas na improvisação que borda os restos, resíduos e vestígios africanos em novas formas expressivas” (MARTINS, 2002, p. 87). Estes movimentos trançados estão muito bem marcados na arte negra, na literatura negra, porque se observarmos parte das obras, elas estão em constante movimento também. Dialogamos com personagens<sup>88</sup> que de alguma maneira afirmam-performam suas existências, mesmo quando a fala é contida, mesmo quando alguns dos espaços que transitam não permutam afeto, mesmo quando a oralitura se apresenta em anexos do corpo, da memória:

O significante oralitura, da forma como o apresento, não nos remete univocamente ao repertório de formas e procedimentos culturais da tradição verbal, mas especificamente, ao que em sua performance indica a presença de um traço residual, estilístico, mnemônico, culturalmente constituinte, inscrito na grafia do corpo em movimento e na vocalidade. Como um estilete, esse traço cinético inscreve saberes, valores, conceitos, visões de mundo e estilos. A oralitura é do âmbito da performance, sua âncora; uma grafia, uma linguagem, seja ela desenhada na letra performática da palavra ou nos volejos do corpo. Numa das línguas banto do Congo, o mesmo verbo, tanga, designa os atos de escrever e de dançar, de cuja raiz deriva-se, ainda, o substantivo ntangu, uma das designações do tempo, uma correlação plurissignificativa, insinuando que a memória dos saberes, inscreve-se, sem ilusórias hierarquias, tanto na letra caligrafada no papel, quanto no corpo em performance. (MARTINS, 2002, p. 87)

E é compreendendo esta relação plurissignificativa, que a literatura – como um artefato cultural, espaço de denúncia social e de possibilidades de legitimação dos discursos, oralituras, performances, encruzilhada, afeto, e como uma das formas de suporte da memória coletiva para uma sociedade – tem um papel fertilizante para corroborar com práticas e ideias que não reproduzam as recorrentes fetichizações dos grupos que continuam sendo violentados cotidianamente e açoitados simbolicamente. De acordo com Denise Carrascosa:

a "afrodiasporicidade", mais que um conceito, pode ser usado como sua força agonística que destitui e reconstitui territórios. Seus deslocamentos, movimentações e reversões contraculturais negras se disseminam em vários espaços e tempos, desfazendo a unidade centrípeta da nação e suas ilusões narrativas sabalternizantes; gerando uma teia de performances que não se reunificam ou retornam para serem aprisionadas em um lugar do passado mítico africano, ao contrário, a partir de sua pujança, projetam-se como potência contemporânea, portanto, ressonante e intempestiva. (CARRASCOSA, 2017, 65)

---

<sup>88</sup> Sugiro a leitura de *Ponciá Vicêncio* (2013) de Conceição Evaristo e *A cor da ternura* (1989) de Geni Guimarães.

Desfazer a unidade de pensamento das narrativas é, de fato, se desprender e desacorrentar uma ideia de como o indivíduo negro deve ser apresentado ou como ele deve se portar diante da sociedade.

Conceição Evaristo ressalta o quanto vários elementos culturais no Brasil são rapidamente compreendidos como de origens africanas, tais como algumas histórias orais, provérbios, personagens folclóricas, etc. Se todos, tanto as elites como o povo reconhecem que tais exemplos de produtos culturais são “ícones de resistência das memórias africanas incorporados à cultura geral brasileira, notadamente a vivida pelo povo”, quando toca na questão do campo literário se tem uma instabilidade. Algumas indagações feitas por ela que são importante retomarmos:

Qual seria, pois, o problema em reconhecer uma literatura, uma escrita afro-brasileira? A questão se localiza em pensar a interferência e o lugar dos afro-brasileiros na escrita literária brasileira? Seria o fazer literário algo reconhecível como sendo de pertença somente para determinados grupos ou sujeitos representativos desses grupos? Por que, na diversidade de produções que compõe a escrita brasileira, o difícil reconhecimento e mesmo a exclusão de textos e de autores(as) que pretendem afirmar seus pertencimentos, suas identificações étnicas em suas escritas? Sem pretensão de esgotar a temática sobre o que seria a literatura afro-brasileira, as considerações aqui levantadas apenas buscam situar a existência de um discurso literário que, ao erigir as suas personagens e histórias, o faz diferentemente do previsível pela literatura canônica, veiculada pelas classes detentoras do poder político-econômico. (EVARISTO, 2009, p. 9)

Se existe uma diversidade de autores que vivem em espaços físicos e sociais diferentes, o discurso, a forma de visualizar, entender e expressar o mundo será também variada no campo literário, como assinalou Evaristo. As/os artistas literárias/os negras/os criarão personagens e narrativas diferentemente das/os brancas/os, pois, provavelmente, as experiências pessoais, leituras e formas de criação literária têm marcações distintas.

#### **1.4 O (mo)ver-se contemporâneo de mulheres negras**

Se queres embarcar nesta viagem, ponha no aparelho um  
disco de Bob Dylan  
Vontade de ser e de caminhar para trás...  
Se queres embarcar nesta viagem, não use a palavra  
sonho no lugar de uma história  
Pois gasta, é um lema que induz à vergonha, ao equívoco  
Se queres embarcar nesta viagem, se embale ao som de  
Bob Dylan quinze anos depois.  
E reflita se não valeu a pena gozar o mundo ideal que  
existiu somente uma vez

Em que viveste como animal voraz, em transe instintual  
Se querem embarcar nesta viagem, transite ao estado inercial de sua galáxia interior  
Se queres embarcar nesta viagem, não esqueça o fardo  
que gerações te legaram, passaporte de alegria e dores,  
sem flash e sem rosto  
Se queres embarcar nesta viagem, deixe rolar as pedras  
inofensivas no tempo, marcas do teu existir.

“Anos 60” – Beatriz Nascimento<sup>89</sup>

(Mo)ver-se. Olhos que correm por estas letras após ler a poesia. Respiração, pulsação, adentrar em expansões, encruzilhadas, literalidades, em tensões sociais. Pensar nas práticas contemporâneas do mover-se<sup>90</sup> é cogitar o embrenhamento em percursos diversos, ondas imprecisas, incluindo os que também ocorrem por meio de outras gramáticas e até sem a necessidade de deslocamento geográfico físico<sup>91</sup>. Ele não finda.

Dentro destas mobilidades plurais e interdisciplinares, podemos compreendê-las observando o seu uso também dentro do campo literário. Zilá Bernd faz um trabalho literário articulador em *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos* com figuras míticas e mobilidades, oferece-nos estas possíveis classificações para observarmos a amplitude do mover-se. Ela oferece uma divisão das mobilidades, como transculturais, a exemplos de deslocamento, deriva, errância/migração, nomadismo, percurso, transação e diáspora; as intersubjetivas ou memoriais, como autoficção e, memória e imaginário; as transacionais, como tradução, mobilidade linguística, metáfora, transportação e variações; espaciais, como circulação urbanas e *flânerie*; e desviantes, como liquidez, desvio (*détour*) e braconagem (BERND, 2010).

Existem outras disposições do mover-se, como em forma de aforismos de Beatriz Nascimento, que sugere “vontade de caminhar para trás”, e aconselha “se querem embarcar

---

<sup>89</sup> Texto de 1987, publicado originalmente no livro *Todas (as) distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento*. Organizado por Alex Ratts e Bethânia Gomes (Editora Ogum's Toques Negros, 2015)

<sup>90</sup> Artigos com o título “Teoria do mover-se” foi publicada em 1833 por Balzac, segundo Michelle Sommer (2015).

<sup>91</sup> “Sair de casa” para os que possuem casa. Em 2020, o mundo se deparou com a Covid-19 (corona vírus), uma pandemia que determinou que ampliássemos outras maneiras de socialização e de mobilidade, por assim dizer. O trabalho remoto passou a ser uma regra, parcialmente adotada e cumprida, por instituições públicas, de ensino, empresas, até mesmo consultas médicas, entrevistas de emprego, terapias, recreações, eventos internacionais dos mais diferentes gêneros. Na área literária, publicações, lançamentos, difusão de narrativas, livros, grupos de estudos, bancas de qualificação e defesas de trabalhos acadêmicos passaram a adotar também o formato digital.

nesta viagem, transite ao estado inercial de sua galáxia interior” e ainda “não esqueça o fardo que gerações te legaram, passaporte de alegria e dores, sem flash e sem rosto” que afirma o caráter *sankofa* do mover-se (NASCIMENTO, 2019, p. 469). Ou também nos textos ficcionais da Octavia Butler<sup>92</sup>, que nos inspira a tensionar a relação de temporalidade e os movimentos ancorados às mudanças.

Sempre existiu uma curiosidade latente sobre as andanças do homem – do antigo até o contemporâneo e suas relações com os locais-objetos, e com abordagens que balizam diferentes áreas de estudos – antropologia, sociologia, psicologia, história, literatura, dentre outras áreas. É recorrente as grandes editoras e a crítica da literatura brasileira optarem por publicar/analisar viagens, narrativas de estrada e de trânsitos com personagens protagonistas brancas/os, cis, heterossexuais, sem deficiências, de classe média/alta. Claro que temos algumas exceções, e também na maior parte das vezes, quando existe variação nas personagens, a/o escritora/escritor que dialoga as narrativas também carrega essas características.

Dentro destas possibilidades, não no sentido de categorizar ou fixar sentidos somente nesta linha de observação, ou ainda marcar estes como únicas possibilidades, longe disto, adiciono verbetes-conceitos dos quais dialogo para pensarmos na literatura negra. Não desejo abraçar dicotomias que não observam as bordas, as dobras das proposições e que limitam as interpretações ou estão preocupadas com as lacunas que apresentam de forma a não considerar o funcionamento da experiência. Portanto, entrecruzo possibilidades a fim de dialogar sobre movimentos negros na literatura.

---

<sup>92</sup> “A ideia em *A parábola do sementeiro* e *A parábola dos talentos* é imaginar um possível futuro não afetado por habilidades parapsíquicas como telepatia ou telecinese, intervenção alienígena ou mágica. São livros que olham para onde estamos agora, o que estamos fazendo agora, e para imaginar onde alguns dos nossos comportamentos atuais e problemas negligenciados podem nos levar. Eu considerei drogas e os efeitos de drogas nos filhos de viciados. Olhei para a crescente distância entre ricos e pobres, para o trabalho precarizado, para a nossa disposição de construir e encher prisões, nossa relutância em construir e reformar escolas e bibliotecas, e para o nosso ataque ao meio ambiente. Em especial, olhei para o aquecimento global e nas maneiras que ele provavelmente mudará as coisas para nós. Há a provável inflação acionada pelo preço de alimentos, porque com a mudança climática, algumas culturas que costumávamos plantar não crescerão tão bem nos lugares que costumamos plantá-las. (...) É um problema mais complexo do que um simples aumento de temperatura. Imaginei a que a fome crescente provocaria maior vulnerabilidade a doenças. E haveria menos dinheiro para vacinas ou tratamento. (...) (BUTLER, 2018, p. 417)”. Octavia Butler publicou originalmente *A parábola do sementeiro* em 1993 e *A parábola dos talentos* em 1998.

*Remapeamento*, que dentro da articulação do dicionário das mobilidades culturais (mobilidade transcultural), *escrevivência*, *exuzilhada*<sup>93</sup>, *oralitura* (mobilidade intersubjetiva ou memorial), *pretuguês* (mobilidade transacional), *encruzilhada* (mobilidade espacial), *quilombo urbano*, *sankofa*, *espiral* (mobilidades desviantes). Compreendendo a extrapolação de fronteiras e paradigmas, Bernd nos lembra da necessidade de observarmos uma força de “caráter insubmisso, transgressor e móvel” destes termos que advém do imaginário do continente americano. Que, na verdade, é também *amefricano*, e, por isso, acrescento palavras, categorias-conceitos negras.

Para muitos indivíduos estar em movimento é sinônimo de ter liberdade. São inúmeros os estudos em literatura que transbordam visões sobre movimentos, pertencimentos, identidades e corpos transeuntes. Por isso, em busca de um compartilhamento de experiências menos engessadas, ligadas a referências de um autor masculino-branco-cis, e que pouco nos amplia experiências advindas de espaços sociais plurais, reivindicamos atenção a obras que optem em narrar sobre uma óptica representativa que acolhem narrativas de indivíduos silenciados pela história dita oficial.

Silviano Santiago nos lembra com seus sugeridos dez gestos, no artigo *Deslocamentos reais e paisagens imaginárias – o cosmopolita pobre*, que o termo diáspora, apresentado no

---

<sup>93</sup> Sobre *Exuzilhada*, o professor de filosofia, Wanderson Flor do Nascimento diz no prefácio do livro *Um Exu em Nova York* (2019) da escritora mineira Cidinha da Silva: “Este livro de Cidinha da Silva é como Exu. E não só por trazê-lo em seu título. Andarilho, mensageiro, comunicador, afeito à política. Senhor das contradições e dos caminhos, Exu anda com as palavras, anda nas palavras, anda pelas palavras, anda as palavras. Por viver (n)as palavras, como vive (n)as ruas, (n)as encruzilhadas, (n)os caminhos, Exu as tem como ferramentas para fazer mundos, encontros, memória. A memória não é só feita de imagens, ela é erigida em palavras, que se modificam e modificam quem as ouve, quem as lê, quem as escreve. Exu é alegre e conhece as dores e as tristezas que nos cercam. Quando aprendemos a ouvi-lo, ele nos avisa com suas palavras, sendo nosso mais fiel mensageiro e mensageiro da nossa ancestralidade. Caminha pelo mundo, mostrando as encruzilhadas que estão pelos muitos caminhos. Exu brinca nelas. E com elas. Nosso desafio é aprender a brincar com ele, como ele, para assim conseguirmos passar pelas encruzilhadas da vida, pela vida, na vida. Nesse aprendizado, a memória é fundamental. Não apenas por guardar as brincadeiras de Exu, mas por trazer a história que nos foi contada. E não é possível caminhar pela vida sem histórias. Elas são como os fios de conta de Exu, que o identificam em suas múltiplas cores e possibilidades. Mas Exu é arteiro: por ter todas as palavras consigo, maneja a história de um modo que nos espanta. E ele nos alerta: é preciso estar atenta ao trazer às palavras as histórias que foram deixadas sobre nós e saber diferenciá-las das histórias que narramos sobre nós mesmas. (...) Talvez uma das maiores riquezas de Exu seja sua pluralidade de línguas, palavras, histórias, caminhos, memórias: uma multiplicidade de/que podermos ser. Nesses encontros, nos ladeamos com outra memória, exuzilhada, sankofada, olhando, desde nosso presente, a outros tempos e a vários lugares que narram nossa história. E avistamos pessoas e seus orixás e inquices. Suas dores, desejos, emoções, que são outros e também nossos. Nesse exuzilhamento da memória, vemos a nós mesmas nas outras, as outras em nós mesmas, nessa interligação de caminhos que a todas nos une e distancia. Nos irmana e aponta diferenças. (NASCIMENTO, W, 2018, p. 11).

*Dicionário Houaiss* como ideia de “dispersão de grupos de cidadãos ou de famílias em consequência de preconceito ou de perseguição política, religiosa ou ética” está limitado na sua significação, uma vez que a palavra também pode ser atribuída para “indivíduos isolados ou a familiares em pequeno grupo, forçados à atitude extrema da fuga para sobreviver como humanos” (SANTIAGO, 2016, p. 16). E esse olhar apresentado por Santiago que amplia o sentido de diáspora nos faz pensar no contemporâneo e em algumas narrativas negras que inserem personagens como Bitita, mulher negra que se desloca para aprender, trabalhar, alimentar-se, buscar melhores condições, por exemplo, e que sempre se depara com os desafios coloniais expostos.

Mesmo com inclinação sobre o deslocar-se, ainda existem descréditos e violências para compreender e tratar os percursos e movimentos de mulheres que transitam sozinhas, ou que gerenciam e lideram os próprios trânsitos. Principalmente, quando se trata de mulheres negras, as que se movimentam desde suas vivências no continente africano, durante os sequestros de suas vidas e também na continuidade da travessia na *terra*. Estas que após “reconquistar a liberdade” tiveram que perseguir os próprios passos, escrever “como uma febre incontrolável, que arde, arde, arde”<sup>94</sup> sem naturalmente ter um provedor e, muito menos, possuir “um teto todo seu”<sup>95</sup>. Estas ideias que apresento se dão muito antes da dita inserção de mulheres brancas na esfera pública, que ocorreu na segunda metade do século passado. As mulheres negras sempre trabalharam<sup>96</sup>, e os papéis reservados de mãe, esposa e filha, no imaginário construído nas obras literárias canônicas, e na realidade social, não eram e nem são pertencentes ou associados a elas/nós. Mesmo sem direito à autodefesa<sup>97</sup>, com poucos espaços visíveis e permitidos para expressar suas subjetividades<sup>98</sup>, a comunidade negra segue

---

<sup>94</sup> Complemento com um trecho de Evaristo em *A gente combinamos de não morrer* em Olhos d’água (2016).

<sup>95</sup> *Um teto todo seu* é uma referência ao ensaio da escritora inglesa Virgínia Woolf (1882-1941). Ela reflete sobre as condições da mulher no período em que viveu mostrando as dificuldades para as expressões artísticas, em especial relacionada à escrita ficcional.

<sup>96</sup> Dados podem ser conferidos no *Dossiê Mulheres Negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil* organizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2013).

<sup>97</sup> Um debate interessante se apresenta na obra *Brutalismo* de Achille Mbembe e *Autodefesa: uma filosofia da violência* de Elsa Dorin.

<sup>98</sup> O debate sobre relações sociais e sofrimento psíquico é uma das formas de entendimento do racismo como impactante na constituição subjetiva de pessoas negras. Para ampliação destas discussões, sugiro a leitura de *Violência e sociedade: o racismo como estruturante da sociedade e da subjetividade do povo brasileiro* organizado por Maria Lucia da Silva, Marcio Farias, Maria Cristina Ocariz e Augusto Stiel Neto.

em luta contra epistemes racistas, em meio a estas articulações construídas socialmente a favor da brutalidade e violências em nossos corpos e mentes.

Ser um corpo negro em movimento no mundo é estar na contracorrente<sup>99</sup>. São vozes tecidas do contradiscurso, como a da poeta brasileira Tatiana Nascimento que expressou na sua poesia que não foi o suficiente “capataz queimarem/ a herança/ de minhas/ ancestrais”, ainda seguimos sendo testemunha de violências como: “cláudia<sup>100</sup>/ arrastada pelo camburão/ rafael braga<sup>101</sup>/ na prisão/ amarildo<sup>102</sup> sum/ ido pelo/ caveirão/ 111 tiros contra/ 5 corpos<sup>103</sup>/ 111 corpos/ mortos/ na prisão”, 88 tiros disparados contra a família Santos Rosa<sup>104</sup>, o caso Cabula<sup>105</sup>, para citar algumas das tantas execuções ocorridas pelo Estado brasileiro que segue

---

<sup>99</sup> Sugiro a leitura de *O direito universal à respiração* (2020) de Achille Mbembe.

<sup>100</sup> Cláudia Silva Ferreira (1976-2014) foi morta, vítima da operação da Polícia Militar (PM) do Rio de Janeiro no Morro da Congonha, e arrastada por uma viatura da PM por 300 metros na Estrada Intendente Magalhães, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Os seis policiais acusados pelo crime estão soltos e não foram julgados.

<sup>101</sup> O jovem negro Rafael Braga (28), catador de materiais recicláveis ficou conhecido por ter sido preso em 2013, nos protestos de 20 de junho de 2013. Ele foi abordado por dois policiais civis enquanto saía do local onde guardava os materiais que coletava pela cidade. Ele não tinha participado das manifestações, tampouco pertencia a grupos políticos. Condenado em primeira instância a 11 anos e três meses de prisão por tráfico e associação ao tráfico por portar em um suspeito flagrante forjado de 0,65 gramas de maconha e 9,6 gramas de cocaína, além de uma garrafa de desinfetante e outra de água sanitária, que segundo os policiais, seriam utilizadas para confecção de um coquetel molotov. O Esquadrão antibombas do Rio em lado, descartou a possibilidade de o material ser transformado em um explosivo, mas mesmo assim, a acusação foi mantida.

<sup>102</sup> Amarildo Dias de Souza (1965-2013), ajudante de pedreiro, morador da favela da Rocinha foi detido por policiais militares, levados até a Unidade Pacificadora do bairro, e até hoje não se sabe do seu paradeiro, é um desaparecimento não esclarecido pela polícia. Até o momento sua família não teve as indenizações determinadas pela justiça entregues.

<sup>103</sup> Em 28 de novembro de 2015, cinco jovens negros – Wilton, Wesley, Cleiton, Carlos Eduardo e Roberto - morreram no bairro Costa Barros, no Rio de Janeiro, quando comemoravam o primeiro emprego de um deles, que era auxiliar de supermercado. 111 tiros foram disparados contra o carro. O irmão de Wilton, de 16 anos, que os acompanhava numa motocicleta se salvou da chacina, foi a principal testemunha, mas morreu com um aneurisma cerebral, que segundo o pai, o estresse causado pelo acontecimento o deixou doente, como aconteceu com a mãe de Roberto, que também morreu de problemas cardíacos, logo após saber que os atiradores aguardariam o julgamento em liberdade. A mãe do Carlos tentou suicídio várias vezes e se encontra adoecida como outros familiares dos jovens.

<sup>104</sup> Oitenta e oito tiros foram disparados por militares do Exército no contra a família Santos Rosa que estava em um veículo no Rio de Janeiro. O músico Evaldo dos Santos Rosa, de 51 anos, que dirigia o carro morreu. Os outros familiares (esposa, filho de 7 anos, enteada e sogro) que estavam no carro sobreviveram. E até o momento o Exército declarou ter confundido o carro da família negra com o de dois criminosos.

<sup>105</sup> O caso Cabula ocorreu em 6 de fevereiro de 2015, em uma operação na Vila Moisés, no bairro Cabula em Salvador (BA) quando 9 policiais armados mataram Adriano de Souza Guimarães (21 anos), Jeferson Pereira dos Santos (22), João Luís Pereira Rodrigues (21), Bruno Pires do Nascimento (19), Vitor Amorim de Araújo (19), Tiago Gomes das Virgens (18), Caique Bastos dos Santos (16), Evson Pereira dos Santos (27), Angenor Vitalino dos Santos Neto (19), Natanael de Jesus Costa (17), Ricardo Vilas Boas Silva (27) e Rodrigo Martins Oliveira (17). Os nove policiais alegam que foi em legítima defesa e foram denunciados pelo Ministério Público

se afirmando genocida e racista, contradizendo a própria constituição que garante direitos iguais a todas as pessoas sem quaisquer distinções.

Não é coincidência a maioria *das/os escritoras/es brasileiras/os* mais conhecidas/os e legitimadas/os Brasil e mundo afora serem *brancas/os*, e que não foi “sem querer” que a cor da pele de Machado de Assis não ter sido marcada por tanto tempo. Não é coincidência Lima Barreto ser marcado sempre como o corpo rebelde, enlouquecido, quando mesmo escritores não negros, são tratados como boêmios, revolucionários e de características transgressoras. Não é somente coincidência ou questão de qualidade literária não divulgarem por anos que a escritora negra Maria Firmina dos Reis (1825-1917) foi a primeira mulher brasileira, que temos conhecimento, cronologicamente, a ter um romance publicado, a obra *Úrsula* (1859). Identidade antes atribuída a uma mulher branca do sul do Brasil, e que tem registros de imagem desconfigurados à negritude. Segundo o escritor, compositor e estudioso sobre culturas, Nei Lopes<sup>106</sup> (1941), a escritora, que também foi professora “no Maranhão patriarcal de seu tempo, foi considerada um dos maiores exemplos de erudição, não obstante seu sexo e suas origens étnicas” (LOPES, 2011, p. 104). No seu prefácio, Maria Firmina dos Reis apresenta o motivo pelo qual decide escrever:

Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume. Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem; com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo. Então por que o publicas? – perguntará o leitor. Como uma tentativa, e mais ainda, por esse amor materno que não tem limites, que tudo desculpa (...) Deixai pois que a minha *Úrsula*, tímida e acanhada, sem dotes da natureza, nem enfeites e louçanias de arte, caminhe entre nós. Não a desprezeis, antes amparai-a nos seus incertos e titubeantes passos para assim dar alento à autora de seus dias que talvez com essa proteção cultive mais o seu engenho, e venha a produzir coisa melhor, ou quanto menos, sirva esse bom acolhimento de incentivo para outra, que com imaginação mais brilhante, com educação mais acurada, com instrução mais vasta e liberal, tenham menos timidez do que nós. (REIS, 2018, p. 15-16)

---

do Estado (MP-BA) em maio do mesmo ano. O julgamento do pedido de federalização foi adiado no Superior Tribunal de Justiça.

<sup>106</sup> Nei Lopes (1941) é uma das referências de pesquisadores brasileiros contemporâneos focados na cultura africana e afrodiáspórica. Nasceu no Rio de Janeiro, e além de estudioso, escritor e compositor, é também bacharel em direito, poeta, contista, sambista e teatrólogo.

Ao observar estes exemplos dos séculos passados, e refletirmos na esfera contemporânea, em que vivenciamos algumas mudanças no contexto político e social do país, ainda lidamos com a realidade de que a comunidade negra lida com violências cotidianas,<sup>107</sup> dado que comprova que o diagnóstico apresentado por Beatriz Nascimento no final da década de 1970 ainda sobrevive.

Angela Davis em *Mulheres, Cultura e Política* (2017), lança a ideia de que não podemos encarar a política distante da vida, logo, não dá para pensar uma determinada arte isenta de marcações políticas ou como um polo contrário, uma vez que são vidas diretamente relacionadas a trabalhos artísticos e escolhas políticas permeiam quem somos. Esta ideia serve para pensarmos que não é à toa ou aleatoriamente que a maioria das obras literárias contemporâneas são publicadas por homens brancos que escrevem sobre homens brancos. A jornalista portuguesa Joana Gorjão Henriques em *Racismo em Português: o lado esquecido do colonialismo* (2017) produz uma pesquisa em que delata situações e sequelas do colonialismo português para as ex-colônias, incluindo o Brasil. No livro ela se reconhece como “portuguesa, branca e de classe média” e questiona os motivos históricos dos quais fazem pessoas como ela, terem a cor do poder. Henriques recorda que:

---

<sup>107</sup> A violência cresceu 190,9%, como indica a pesquisa da Organização das Nações Unidas (ONU). Assim, como a permanência no quadro dos menores salários pagos em relações às mulheres brancas e homens, segundo pesquisas realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA/2016). Segundo dados do Atlas da Violência 2017, divulgado pelo IPEA, o número de mulheres negras assassinadas no Brasil aumentou 22% (5,2 mortes para cada 100 mil mulheres) e ficou acima da média observada na população feminina em geral que caiu 7,4% (passando para 3,1 mortes para cada 100 mil mulheres) no período de 2005 a 2015. Ou seja, o número de negras mortas por feminicídio está acima da média nacional que é de 4,5 mortes para cada 100 mil habitantes. Outro dado da pesquisa mostra que o índice de mulheres negras que já foram vítimas de agressão subiu de 54,8% para 65,3% no mesmo período. O estudo ainda marca que esses índices se devem a soma do racismo com o machismo.

Segundo os dados do Mapa da violência 2020, “uma das principais expressões das desigualdades raciais existentes no Brasil é a forte concentração dos índices de violência letal na população negra. Enquanto os jovens negros figuram como as principais vítimas de homicídios do país e as taxas de mortes de negros apresentam forte crescimento ao longo dos anos, entre os brancos os índices de mortalidade são muito menores quando comparados aos primeiros e, em muitos casos, apresentam redução. Apenas em 2018, para citar o exemplo mais recente, os negros (soma de pretos e pardos, segundo classificação do IBGE) representaram 75,7% das vítimas de homicídios, com uma taxa de homicídios por 100 mil habitantes de 37,8. Comparativamente, entre os não negros (soma de brancos, amarelos e indígenas) a taxa foi de 13,9, o que significa que, para cada indivíduo não negro morto em 2018, 2,7 negros foram mortos. Da mesma forma, as mulheres negras representaram 68% do total das mulheres assassinadas no Brasil, com uma taxa de mortalidade por 100 mil habitantes de 5,2, quase o dobro quando comparada à das mulheres não negras” (IPEA, 2020, p. 47).

chegaram ao Brasil cinco milhões de escravizados traficados de África, cerca da metade de todo o tráfico transatlântico mundial. (...) O colonialismo português foi muito hábil na forma perversa como dividiu para reinar as suas colônias: dentro de cada território ou país ocupado – criando sistemas divisórios, como código indigenado, e acicatando guerras étnicas – entre os diferentes territórios ou países africanos colonizados – gerindo o movimento das populações entre as colônias e criando hierarquias entre elas. Foi tão hábil, que ainda hoje há quem ponha em causa o racismo do sistema e a pertinência de insistirmos neste debate, que tem tudo a ver como presente. (HENRIQUES, 2017, p. 9)

É preciso enxergar que todas estas questões que exaustivamente o movimento negro bate na tecla como a invisibilidade sistêmico-estrutural está ligado ao processo de colonização. A psicóloga e psicanalista, Maria Lucia da Silva<sup>108</sup> diz que “a manutenção ou a superação do racismo no Brasil, e seus efeitos perversos, depende de uma decisão coletiva, que implica corresponsabilidade. O propósito de recordar essa história, visa à elaboração, na busca de caminhos de superação” (KON; ABUD; SILVA, 2017, p. 75). Ou seja, marcar este problema é uma tentativa de alterarmos positivamente o que já está aí posto, afinal, o racismo não deve ser visto como problema das pessoas negras. O esforço para reconhecer os espaços de fala e de criar estratégias para transformar os espaços homogêneos deveria ser de todos.

Sobre espaços e deslocamentos, hoje vivemos, em termos tecnológicos, um momento diferente de tudo que já ocorreu em séculos passados, mas ainda assim sob a ótica de colonialismo(s). O mover-se contemporâneo deveria ser mais leve, pois existem meios de transportes capazes de nos levar para todos os locais do planeta, existe a internet que estende os nossos olhares e nos deixam navegar, conhecer pessoas, percorrer outras culturas e espaços, sem que seja necessário sairmos do lugar. Mas existem para quem?

“Os sonhos dão para o almoço, para o jantar, nunca” (EVARISTO, 2017, p. 50). O personagem Tio Totó em *Becos da memória*, um grande viajante, ao se recordar desta frase que viu no almanaque, descreve para Maria-Nova, a jovem negra que narra boa parte da história, como fora seu processo interpretativo:

Primeiro pensei que era sonho (doce, daquele tão gostoso que sua Tia Maria-Velha faz) (...). Hoje sei que o escrito fala do sonho. Sonho que é uma vontade grande de o melhor acontecer. Sonho que é a gente não acreditar no que vê e inventar para os olhos o que a gente não vê. Eu já tive sonho que podia e não podia ter. Eu tive sonho

---

<sup>108</sup> Maria Lúcia da Silva é psicóloga, psicanalista e estudiosa especializada em trabalhos em grupo com recorte de gênero e raça, também é diretora do Instituto AMMA – Psique e Negritude, co-fundadora da Articulação Nacional de Psicólogas/os Negras/os e Pesquisadoras/es (ANPSINEP).

que dava pra minha vida inteira, para todo o meu viver. Hoje descobri a verdade do dizer daquele ditado. Sonho só alimenta até a hora do almoço, na jantam a gente precisa de ver o sonho acontecer. Tive tanto sonho no almoço de minha vida, na manhã de minha vida, e hoje no jantar, eu só tenho a fome, a desesperança... (EVARISTO, 2017, p. 50)

Tio Totó era um homem negro, filho de escravizados que apesar de demonstrar alegria, trazia desesperança na sua jornada, amargas lembranças, presenciou a morte de sua filha e da sua esposa, numa tentativa de mover-se da família em busca de melhores condições. Por que estas mulheres não conseguiram atravessar o rio? Nesta narrativa, a personagem Maria-Nova é quem nos transmite os movimentos dos que já se foram e dos que ainda estão.

O movimentar-se não é simples para todas e todos. Há lugares que os moradores têm medo de sair de casa em qualquer horário, ou quando a polícia está presente. Existem deslocamentos que são tentativas de uma vida melhor, trajetos que não são para conhecer um novo lugar e trânsitos que foram e ainda são roubados, forjados, forçados. Ainda podemos ver nos jornais diários as situações múltiplas que impedem que o mover-se ocorra de forma menos dolorosa como o analfabetismo, a fome, a falta de moradia e o desemprego. Em *Becos da memória* é descrito o momento, carregado de dores e violências, em que o desfavelamento recomeçara:

E recomeçara bravo. Os homens exigiam a saída rapidamente dos moradores. Que se ajuntassem logo os trapos! Quem escolhia os tijolos e as tábuas, pelo menos, tinha um pouco de material que permitia erguer um barraco em outra favela qualquer. Vó Rita viu o caminhão sumir. Em duas semanas, mais de cinquenta famílias tinham recebido a ordem de despejo antes da morte dos homens-vadios-meninos, tiveram de sair rapidamente. (EVARISTO, 2017, p. 85)

Na literatura escrita por mulheres negras observamos corpos que também se movem de dentro para fora e de fora para dentro, com muitas cicatrizes presentes, não necessariamente próprias, mas dos que já vieram e foram. Marcas que precisam ser expostas para não esquecermos o que e quem as causaram.

Ler *Diário de Bitita* de Carolina Maria de Jesus, *Becos da memória* de Conceição Evaristo, *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis, *Um defeito de cor* de Ana Maria Gonçalves é compreender construções por meio da experiência afrodiáspórica ou rotas do (mo)ver-se de mulheres negras. É adentrar em narrativas que mostram remapeamentos de pelo menos uma mulher negra, algumas que tiveram literalmente a liberdade roubada, outras que forçadamente se movimentou, e ainda as que se mudaram ou empreenderam travessias para resistir.

E essa perspectiva de olhar para a anterioridade, de acreditar e confiar nos que vieram antes, como a personagem Kehinde-Luísia de *Um defeito de cor*, também foi reforçada pela médica e doutora em comunicação negro-brasileira Jurema Werneck<sup>109</sup> em fala durante a Conferência Mundial contra o Racismo, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas na África do Sul em 2000, dentre várias questões, que o pensamento em relação às mulheres negras é muito mais que pensar em si mesmas enquanto indivíduos que sejam capazes, independentes e seguros, mas é algo que fomenta transformar toda a comunidade negra. Ela confirma que o movimento de mulheres negras é anterior ao conceito – feminismo – criado e nomeado a partir da década de 1970 por “mulheres brancas burguesas europeias”, conceito que traz uma visão ocidental, “fundada numa ignorância profunda acerca das demais mulheres do mundo. Além de se fundamentarem num individualismo crescente que teve o capitalismo como pano de fundo” (WERNECK, 2000). Não se trata somente de uma rota individual, mas de um movimento coletivo.

Ela destaca a categoria ialodê – em língua iorubá Ìyálóòde – como um possível conceito de liderança feminina negra, que tem origem no continente africano, e que chegaram aqui “junto com africanos escravizados – o que aconteceu no final do século XVIII”, como um ponto de vista contextualizado de expressar as experiências de mulheres negras e da comunidade. E é por meio da cosmogonia e gramáticas africanas que se compreende a ideia de ialodê, um dos títulos de Oxum, que é uma divindade de origem nigeriana:

em Ijexá e Ijebu. Ialodê se refere também à representante das mulheres, a alguns tipos de mulheres emblemáticas, lideranças políticas femininas de ação fundamentalmente urbana. É, como dissemos, a representante das mulheres, aquela que fala por todas e participa de instâncias de poder. As ialodês, por outro lado, têm afirmado sua presença e atualidade no século XXI a partir das narrativas corporais e orais, passadas de boca para ouvidos, para olhos atentos, nos diferentes espaços onde a tradição herdada é atualizada. No caso brasileiro, é visto em qualquer comunidade negra, onde a mulher, assumindo papéis de liderança ou responsabilidade coletiva, desenvolve ações de afirmação de um futuro para todo o grupo subordinado. Isto através das lutas por melhorias nas condições materiais de vida, bem como no desenvolvimento de condutas e atividades que visam afirmar a pertinência e

---

<sup>109</sup> Jurema Pinto Werneck é graduada em medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense (UFF), mestra em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da UFRJ. Foi fundadora da ONG Criola, é integrante do Grupo Assessor da Sociedade Civil da ONU Mulheres Brasil, Board of Directors do Global Fund for Women, Conselho Curador do Fundo Brasil de Direitos Humanos e o Comitê Técnico de Saúde da População Negra do Ministério da Saúde. E é diretora executiva da Anistia Internacional Brasil.

atualidade da perspectiva imaterial. Assim, não apenas nas comunidades religiosas afrobrasileiras, onde têm papel fundamental na propagação do axé, mas também nela, a figura da ialodê se faz necessária e celebrada. (WERNECK, 2000)

Jurema Werneck (2000), baseando-se em aspectos da cultura africana e africana diaspórica – ditas nesta abordagem por ela do que se convencionou a chamar de América Latina e Caribe – traz mais uma forma de percepção de movimentos de mulheres negras, que não enamora com conceitos que bebem da fonte do patriarcalismo, colonialismo, capitalismo e individualismo, por exemplo.

O que para alguns pensamentos eurocentrados que se concentram na superfície alegando como “mística” à categoria, por esta se revestir de uma divindade, a ideia de ialodê é tão escura e profunda como águas de rios. Quando consultamos a própria historiografia brasileira, muitos trabalhos evidenciam que “em relação aos homens nas mesmas condições, as [escravizadas] se destacavam na aquisição de alforrias, e as libertas, na quantidade de bens (...), tornando-se verdadeiras pontes de processos de mobilidade social” (REIS, A., 2012, p. 24), como observamos na trajetória ficcional em *O defeito de cor* pelos movimentos de Kehinde-Luísia.

Werneck explicita a relação de ialodês com o contemporâneo e a luta que atravessam muitos séculos, em que a mulher negra representa o seu grupo e onde também existe responsabilidade coletiva. A luta não é somente para si, mas para todos que ali se encontram. Os teóricos Marcelo Paixão e Flávio Gomes a despeito do protagonismo da mulher negra, levando em consideração a historiografia afirmam que “nessas outras sociedades, tanto nas africanas como na Diáspora, as mulheres eram conhecidas por sua força e poder espiritual, e elaboraram formas de enfrentamento, contrariando a ideia de que aceitavam a dominação com passividade” (PAIXÃO; GOMES, 2012, p. 298). E ainda sobre caminhos, possibilidades, agenciamentos e posicionamentos políticos, eles nos lembram que:

Uma das bases de poder verificava-se na luta pela manutenção da família negra, quando as mulheres agiam na proteção da integridade física e psíquica de seus filhos e companheiros, e até de toda comunidade que faziam parte. Na tentativa de impedir que filhos e esposos fossem vendidos separadamente, recusavam-se a trabalhar e ameaçavam os senhores com o suicídio ou o infanticídio. Fazendeiros temiam em especial envenenamentos que poderiam ser praticados por mucamas. Em um mundo cercado de opressão, tais mulheres construíram ambientes de autoestima e se tornavam decisivas, por exemplo, para viabilizar fugas ou obter informações a respeito de vendas e transferências indesejáveis. Muitas delas prestavam auxílio àqueles interessados em escapar, além de providenciar suprimentos aos escravos em fuga. Ajudando a manter a integridade dos arranjos familiares, assim como a riqueza e a originalidade da cultura forjada em torno deles, elas foram os primeiros agentes

da emancipação das comunidades afrodescendentes na Diáspora. (PAIXÃO; GOMES, 2012, p. 298)

Paixão e Gomes lembram que nos espaços rurais de trabalho onde a maioria estava na lida com as plantações, “era mediante a linguagem e a música que educavam seus filhos, reinventando sentidos culturais (Idem)”. Portanto, a música e as demais gramáticas da língua e corpórea sempre estiveram presentes.

Os poucos espaços destinados a fala/escuta de mulheres negras não deveriam ser de silêncios de omissão ou de medo, quando se percebe não caber no escopo proposto, de não servirem para figurar as “viajantes-femininas” requeridas nos estudos. É necessário sempre lembrar, nos espaços que ocupamos, que mulheres negras se movimentam com perspectivas coletivas diferentes. A luta continua sendo pelo autoagenciamento de cada vida, mesmo quando as vozes, as mentes, as determinações negras são cotidianamente questionadas. Por isso a importância de se celebrar as ialodês:

mulheres que se colocam como agentes políticos de mudança, detentoras principais das riquezas conquistadas. Assim, recoloca a dimensão ativista que as mulheres negras têm vivenciado, desde seu passado (ou presente) africano até o cotidiano da diáspora. Ainda que se tenha perdido o rastro temporal da origem desta história exemplar, é possível afirmar que as lutas contra o patriarcado e a dominação política e econômica associadas a ele vêm de muito longe para nós mulheres negras. E o vigor com que esta narrativa vem sendo atualizada até o século XXI assinala sua pertinência na modernidade ocidental, guardando uma perspectiva de continuidade fundamental ao longo dos séculos. O feminismo, como teoria, veio depois. (WERNECK, 2000)

As ialodês, mulheres negras, corpos no mundo, vivem a contínua saga de não apenas afirmar os becos e diários pertencentes, além de suas características *desenquadrantes* do que significa ser mulher dentro do escopo socialmente afirmado, é necessário resistir em quaisquer lugares onde se queiram estar<sup>110</sup>.

Na arte literária, trançar o pensamento é a recusa de molhar os pés em epistemes racistas. Como sugere Beatriz Nascimento “Se queres embarcar nesta viagem, ponha no aparelho um disco de Bob Dylan”, e de Luedji Luna, Baco Exu do Blues, Tiganá Santana,

---

<sup>110</sup> E ainda assim “o perigo da história única” é persistente, como nos afirmou Chimamanda Adichie, no TEDex, ao compartilhar a importância e o poder que as histórias têm, podendo destituir ou reparar a dignidade de um povo: “Quando nós rejeitamos uma única história, quando percebemos que nunca há apenas uma história sobre nenhum lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso” (ADICHIE, 2009, online).

Virgínia Rodrigues, Mateus Aleluia, pois, aqui seguiremos em movimentos, afirmando a nós mesmas/os, compreendendo que a recuperação dos nossos recursos é mote de continuidade. O mover-se contemporâneo de ialodês, mulheres negras e da nossa comunidade não finda ao trançarmos pensamentos e traçarmos nossas *terras*. Nem socialmente, nem no campo literário.

Sigamos nós, negras:

Mulheres tecendo-se na contra-história ou na história dos desvios; momento em que seu corpo sai da petrificação imposta e ganha movimento; momento em que a voz se descongela e abre vias alternativas para veicular sua palavra, destoando do mando do mestre; momento em que o corpo, não mais reificado, abre-se para a criação, recuperando sua identidade e sua inteireza. Essa forma de sobrevivência de sua representação produzirá particularidades que influenciarão a formação familiar em que essas mulheres estiverem insertas. (NASCIMENTO, G., 2014, posição 659)

## **2. LEVANDO ÁGUA PARA CASA**

## 2.1 Letras negras<sup>111</sup>

Letras negras  
Canindé 1940.  
Um amanhã  
possível realidade.  
Uma honestidade  
Humanidade nua  
Um despejo em papéis  
Um pedaço da fome  
Invadiu  
Resistiu  
infiltrou  
Corroeu um sistema e foi pra cima  
Muito bem Carolina!!!  
Pérola preta espelho da vida  
Pé na porta de uma cidade letrada  
Levantou a cortina da hipocrisia  
Do monturo à alvenaria.  
E então o silêncio.  
A morte da poesia  
  
Te escuto e te vejo  
Dizendo e escrevendo  
“A favela é um quarto de despejo”  
- Larissa Luz “Letras negras”

“Invadiu/ Resistiu/ Infiltrou/ Corroeu um sistema e foi pra cima/ Muito bem Carolina!!!”. Muito bem, Carolina!, é a frase que ecoa toda vez que leio alguns trechos das obras ou escuto alguém falar de Carolina Maria de Jesus. Ela assumiu a escrita como estratégia de ser e inseriu em suas narrativas o que até hoje soa constrangedor e questionável quanto a verossimilhança com a realidade do país. Ao mesmo tempo que existe gratidão pela trajetória e o simbólico da representação do seu nome no meio literário mais progressista, a afirmação do que configura a inauguração de uma tradição na literatura brasileira, reflito sobre a tamanha injustiça que viveu suas personagens, seus familiares e ela própria.

Carolina Maria de Jesus (1914-1977), filha de meeiros de uma comunidade rural de Sacramento (MG) mudou-se para São Paulo em busca de melhores condições, como muitos, no movimento conhecido como êxodo rural. Em Canindé, favela da zona norte, trabalhou como catadora de papéis e outros recicláveis. É a partir deste local geográfico que Carolina de

---

<sup>111</sup> Assista a cantora e compositora baiana Larissa Luz apresentando *Letras negras* do álbum *Descolonizada* (2016) em <https://youtu.be/yTJ3McW3cVM>.

Jesus começou a desenvolver suas obras, destacando-se entre escritoras/es brasileiras/os e servindo de inspiração para que outras mulheres negras acreditassem que podiam também ser artistas literárias.

Resumir a vida da escritora *en passant*, sem marcar o que significava residir em espaços de extrema pobreza, como se o êxodo rural, tivesse resolvido suas questões e a meritocracia do seu autodidatismo e inteligência aparecesse como um “olha como ela era muito pobre e conseguiu chegar lá”, parece uma forma de omitir algumas questões que alicerça o nosso sistema social. Para uma pessoa negra, ocupar espaços que não foram naturalizados, nem sempre resolve sua vida organicamente.

Abdias do Nascimento em *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado* reflete sobre discriminação racial no país, sobre o mito da “democracia racial” e nos lembra da escassez da participação de pessoas negras em espaços de legitimidade e de possível melhora de suas condições, já que não possuem meios para residir em áreas habitáveis. Abdias confirma que Carolina Maria de Jesus inaugura os movimentos transnacionais, inserindo-se, junto a *Quarto de despejo* no mundo, e também ressalta sobre as dificuldades para as pessoas negras prosperarem numa sociedade estruturada no racismo:

Outra manifestação da “perfeita assimilação dos negros nos *standards* da sociedade próspera” pode ser visto nas condições de vida dos afro-brasileiros ocupando os pardieiros – ou guetos – do país. No nordeste – Recife e outras cidades da área – a moradia de negro é o *mocambo*, geralmente infestado de germes e mosquitos das águas poluídas e estagnadas em cujo meio ou vizinhanças se localizam. Em São Paulo, a moradia mais comum era o porão e, mais recente, as zonas chamadas de favela. O retrato de corpo inteiro da favela paulista está no livro de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo*, um terrível testemunho da vida da autora na favela. Traduzido para várias línguas, *Quarto de Despejo* é um dos raros livros brasileiros de circulação em vários países. Carolina Maria de Jesus, apesar do êxito internacional de seu livro, acaba de falecer em São Paulo nas mesmas condições de favelada. A *Folha de S.Paulo*, em editorial de 16 de fevereiro de 1977, intitulado “A Catadora de Papéis”, se refere a Carolina de Jesus nos seguintes termos: “foi ao mesmo tempo protagonista e cronista de um dos mais dolorosos dramas desta cidade: o de um submundo habitado por homens e mulheres aos quais faltam o mínimo a que têm direito – pela sua simples condição humana”. Mais adiante, o editorial desvanece qualquer esperança de uma mudança para melhor: “o retrato sem retoques exposto por essa escritora iletrada permanece sem maiores modificações até hoje. Ao contrário, é até mais pungente, em nossos dias, o quadro que *Quarto de Despejo* nos aprontava”. (NASCIMENTO, A., 2016, p. 100)

Um editorial de 1977 descrente de melhorias no contexto antidemocrático estruturado pelo racismo. Passados 40 anos, os sintomas do que estava descrito como “submundo” ainda se aproxima de realidades de muitas pessoas negras moradoras de espaços em que saneamento, infraestrutura, escolas, saúde, ainda não chegaram para todas/os. Pessoas que

desde o pós-abolição enfrentam lutas diárias para residirem em melhores moradas, por não terem empregos que deem condições, carga horária menor de trabalhos que permitam se instruírem, um endereço residencial que o empregador confie nelas, e a cor que deem também o aval de transitar com tranquilidade em outros espaços.

Assim como Abdias do Nascimento e Lélia Gonzalez, penso que olhar questões relacionadas à classe econômica e ideologias políticas sem observar a cultura racial empregada na nossa sociedade não nos faz observar a realidade aprofundada. Mesmo quando as mulheres negras (e suas comunidades) acessam espaços de legitimidade, prestígio, prêmios, títulos acadêmicos e condições financeiras altas, elas são questionadas e descreditadas pelas instituições, pela sociedade como um todo, por terem a cor de pele não associada naturalmente com poder, com acertos, com vitórias.

As favelas ainda podem ser vistas como quartos de despejo com seus cotidianos violentos. Dores latentes que são rememoradas em cada ato de racismo que ainda perdura como brindes sociais corriqueiros. Porém, nestes espaços tão estigmatizados com toda carga de negatividade construída junto com eles, guardam pessoas que também sonham, sentem saudades, que querem se alimentar bem, ir ao cinema e ao teatro, que têm fome de saber e de oportunidades para melhorar seus futuros, e que têm coração pulsante com toda a diversidade de sentimentos. Há muitas pessoas das quebradas, dos subúrbios de cidades, de interiores do Brasil construindo narrativas, fazendo arte literária, pautando seus dizeres como fez Carolina Maria de Jesus, agenciando-se e ins/escrevendo para todos que têm interesse em prestar a atenção<sup>112</sup>.

Como é o caso da também mineira Conceição Evaristo, que nasceu em 29 de novembro de 1946 em Belo Horizonte e morou na favela – no alto da Avenida Afonso Pena – com sua família. E que muito antes de se tornar escritora, doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense e também migrar para uma grande cidade, no caso dela

---

<sup>112</sup> No livro *Polifonias marginais*, organizado por Lucía Tennina, Mário Medeiros, Érica Peçanha e Ingrid Hapke temos a possibilidade de dialogar com algumas vozes que amplia a perspectivas que temos de literatura brasileira, literatura negra, literatura marginal, literatura periférica, literatura suburbana, literatura divergente, como Allan da Rosa, Alessandro Buzo, Alisson da Paz, Augusto Cerqueira, Binho, Carlita, Carlos Canu, Cláudio Santista, Drix Solinas, Dugueto Shabazz, Edite Marques da Silva, Elizandra Souza, Esmeralda Ribeiro, Fernando Ferrari, Ferréz, Galo, Luan Luando, Lu Sousa, Márcio Barbosa, Márcio Batista, Michel Yakini, Miró da Muribeca, Nelson Maca, Oswaldo de Carmargo, Paulo Lins, Raquel Almeida, Rodrigo Ciríaco, Rose Dorea, Sacolinha, Sérgio Vaz, Sônia Regina Bischain, Vagner Souza, Zé Batidão e Zinho Trindade. Com exceção de Miró da Muribeca todas as vozes mencionadas estão localizadas geograficamente na região sudeste.

o Rio de Janeiro, teve uma vida também desafiadora, trabalhou como empregada doméstica até 1971.

Os becos e os diários nos pertencem. As narrativas literárias sobre pessoas brasileiras, sobre resistência negra, sobre questões sistêmicas sociais presentes em espaços urbanos são evidenciadas em *Diário de Bitita* de Carolina Maria de Jesus, e *Becos da Memória* de Conceição Evaristo. Duas autoras de estilos diferentes e que fazem de suas narrativas obras de artes concisas por elucidar deslocamentos, geralmente impostos, forçados e necessários, e remapeamentos de vida e da memória possíveis da trajetória de pessoas negras nos romances.

Através do olhar da criança, moradora de uma favela, órfã de pai, consciente do seu local de fala – mulher, negra, pobre – que *Diário de Bitita* é narrado. Uma versão da história do Brasil que apresenta a favela como centro e o que acontece nela em primeiro plano. As pessoas que residem nela têm nomes, sobrenomes, apelidos, cheiros, sentimentos, características que podemos visualizar. As personagens negras existem e não são meras figurantes ou quando são notadas estão estigmatizadas, objetificadas, ou carregadas de aspectos negativos, como ocorrem em obras canônicas.

Traçando questionamentos, críticas que envolviam homens e mulheres familiares, vizinhos, padrões e indivíduos em geral dos locais que pertencia, *Diário de Bitita*, é um romance dividido em 22 partes, nas quais Carolina Maria de Jesus faz relatos a partir da infância da menina Bitita – narradora-participante que pode ser lida como *alter ego* dela. A autora faz marcações raciais em sua obra, sinaliza o racismo como problema sistêmico e ao marcar racialmente as pessoas brancas, convida o leitor a observar o privilégio da branquitude em relação às outras raças. “Os brancos, que eram os donos do Brasil, não defendiam os negros. Apenas sorriam achando graça de ver os negros correndo de um lado para outro. Procurando um refúgio, para não serem atingidos por uma bala”. (JESUS, 2014, p. 59) Ela demonstra também nas observações da menina Bitita, as questões de gênero, como os homens tinham mais vantagens em relação às mulheres, “O homem que trabalha ganha mais dinheiro do que uma mulher e fica rico e pode comprar uma casa bonita para morar”. (p. 17), onde durante vários momentos esta menina negra segue afirmando sobre a vontade que ela tem de ser homem, por observar como estes tinham poder.

E ainda, em *Diário de Bitita*, Carolina Maria de Jesus, afirma a visão capacitista da sociedade, como pessoas com deficiências eram/são excluídas e/ou não levadas a sério. Primeiro, ela lamenta por um artista paraplégico ter sido vaiado ao se apresentar publicamente, insere na construção do personagem características que o humaniza:

Um dia apareceu um senhor que não tinha pernas. Distribuiu uns convites convidando o povo para ir ouvi-lo tocar violão no cine Recreio. Tocou a valsa “Saudades do Matão”. A valsa já era por demais conhecida. Não foi um sucesso. Creio que estava aprendendo, porque não sabia ajustar a melodia tocando e a música cantando. Ou era mentiroso.

Vaiaram o pobre homem!

- Fora! Vai tocar lá na China!

Que gargalhada. Todos sorriam, menos eu.

Porque a tristeza que notei no rosto do artista revelava que deveria existir qualquer coisa funesta na sua vida. Seria o complexo por não ter as pernas? (JESUS, 2014, p. 27)

Em outro momento da narrativa, ela fala sobre os três cegos da sua cidade, o senhor Epifânio Rodrigues, que pedia esmolas, “o João cego, que era preto, e o senhor José cego. Ele era benzedor. Benzia as crianças que estavam com quebranto e as mulheres com dor de cabeça” (Idem, p. 35). A menina ficava inconformada sobre as pessoas não poderem ver o mundo, trazia a ideia de “castigo divino”, onde percebemos a influência da religião cristã mais uma vez presente. “Se eu pudesse dar-lhe um dos meus olhos! Mas eu não posso! Revoltava-me pensando que todas as pessoas deveriam ser iguais” (Idem, p. 35).

Os títulos dos capítulos surgem como acervos de fotografias ou curta-metragens em que Carolina Maria de Jesus realizou a curadoria escolhendo e remapeando o que considerava imperdível para figurar a sua obra. O romance começa com o capítulo “Infância”, onde a narradora-personagem mapeia suas primeiras impressões da vida, como viviam os pobres, como era ser órfã de pai e ter uma mãe lavadeira, a percepção de que ser do sexo masculino era estar em vantagem em relação a quem era do sexo feminino, e percebia o quanto não era aceita e compreendida por ser uma criança negra questionadora. Nas primeiras páginas de leitura já se percebe marcações de raça, classe e gênero presentes.

Ser uma menina negra esperta e observadora era visto como equivocado, como não natural, por isso, sempre era repreendida pelas vizinhas, ou pela sua mãe, que por pressões externas reclamava e a silenciava. O afeto também é uma marca que aparece fortemente sempre que o avô está presente na sua voz, “o vovô nos olhava com carinho” (Idem, p. 62) ou nos pontuais momentos que a mãe a carrega ou tem tempo para cuidar dela. A fome está também sempre inserida nas subdivisões aparecendo inicialmente como um desejo infantil sutil mascarado de necessidade diante da escassez de tudo.

Em seguida ela segue com o capítulo-fotografia “As madrinhas”, em que ela descreve as suas experiências com suas três madrinhas – a branca, a negra de tez clara e a negra de tez escura. Como se estivesse tocando em fotografias do seu álbum da vida e descrevendo cada

detalhe da crisma e das pessoas que aparecem na foto, o vestido que usava, o carro que foi para a igreja, a personalidade das madrinhas, como era a convivência após o dia da crisma, como foi a separação e compreensão de que uma das madrinhas não era como ela fantasiou inicialmente, não era como um porto seguro.

Em “A festa”, “Ser pobre” e “Um pouco de história”, ela contextualiza o período vigente, fala sobre datas comemorativas na comunidade, e sobre os diferentes comportamentos das pessoas negras, brancas e as que eram negras de tez clara, na época chamadas de “mulatas/os<sup>113</sup>”, ela também descrevia as ações e diferenças das pessoas que tinham boas condições financeiras em relação às que eram pobres. E o senso crítico da narradora-personagem vai dilatando quando ela passa a ouvir relatos sobre histórias antigas, notícias de jornais, pedaços de conversas e diálogos com sua mãe. Bitita descreve a violência que sofria todos os dias quando sua mãe batia nela. E em contrapartida falava sobre o avô que ela tanto gostava e que a defendia. A esposa do avô, Siá Maruca, uma das madrinhas, é descrita como carinhosa, boa, risonha, uma mulher que não reclamava.

A narrativa possui filetes históricos e *flashbacks* de períodos passados da própria vida. “O tráfico de negros iniciou-se no ano de 1515. Terminou no ano de 1888. Os negros foram escravizados durante quase 400 anos.” (JESUS, 2007, p. 30). As violências físicas, institucionais e psicológicas, estão sempre marcadas nos capítulos. Ela também descreve uma clássica violência – ocorrida desde o período escravocrata – de filhas/os de empregadas/os negras/os serem espancadas/os, quando não abusadas e/ou estupradas. “Meninas que ainda estavam pensando nas bonecas, nas cirandas e cirandinhas eram brutalizadas pelos filhos do senhor Pereira, Moreira, Oliveira, e outros porqueiras que vieram de além-mar.” (JESUS, 2007, p. 38). E o desdobramento do que ela denuncia como mais uma violência está ligada a negação, quando uma jovem negra gesta e cria uma criança de tez mais clara e jamais afirma a paternidade.<sup>114</sup>

---

<sup>113</sup> Mulata/o é um termo racista. Não é aceita a utilização nos dias atuais por ter uma significação que vem de mula, um animal híbrido, fruto da relação de égua/cavalo com jumenta/o.

<sup>114</sup> Ver: BRUM, Eliane. Coluna/Entrevista com Carlos Moore. Um negro em eterno exílio. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/31/opinion/1441035388\\_761260.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/31/opinion/1441035388_761260.html)>. Acesso em 4 de fevereiro de 2016; e, PACHECO, Ana Claudia Lemos. Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. 2008. 317p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280705>>. Acesso em: 10 de agosto de 2018.

A menina Bitita mostra sua perspicácia de questionar do indivíduo mais pobre ao doutor, dando um tom mais profundo à narrativa. A ideia de lugar de escuta em vários momentos a ajuda a conquistar admiração dos que estão em volta e também a firmar seus pensamentos como coerentes. A vontade de ler e saber aparecem sempre, e sua compaixão, esperança e empatia também.

A narrativa de Carolina Maria de Jesus tem muitos elementos intertextuais como rezas, palavras em outros idiomas (*avant-première*, *vis-à-vis*), citações e informações de personalidades históricas, políticas e literatas, como o Rui Barbosa, a princesa Isabel, Jesus Cristo, rei Herodes, Nietzsche, Castro Alves, Luís Gama, entre outros.

A narradora experiente<sup>115</sup> que além de contar, com doses de ironia e crítica, participa e insere interlocuções ficcionais juntamente com fatos históricos ocorridos no país, desde a escravidão, perpassando pelas revoluções, a inconfidência mineira até o governo de Getúlio Vargas. “E os homens, quando se reuniam, falavam de Getúlio. Que era o pai dos pobres. E eu comecei a gostar do Getúlio e pensava: ‘Será esse político que vai preparar um Brasil para brasileiros?’” (JESUS, 2014, p. 158)

A também autora de *Casa de Alvenaria* (1961), *Pedaços da fome* (1963) e *Provérbios* (1963), marcou as desigualdades sociais, ampliando o olhar para questões raciais e observando os privilégios da branquitude desde o movimentar-se livremente nas ruas e até a confiança em ocuparem cargos importantes sem o devido preparo, apenas por ter a pele branca. “Ter uma pele branca era um escudo, um salvo-conduto”. (Idem, p. 55)

Outros curtas-metragens ou álbuns de fotografias orais com os títulos “Os negros”, “A família”, “A cidade”, “Meu genro”, “A morte do avô”, “A escola”, “A fazenda”, “Retorno à cidade”, “Doméstica”, “A doença”, “A revolução”, “As leis da hospitalidade”, “A cultura”, “O cofre”, “Médium”, “A patroa” e “Ser cozinheira” demonstram variedade temática que não necessariamente atendem a uma ordem cronológica, seguindo a flecha do tempo, típica de alguns diários, mas que em um tom memorialista, apresentam facetas do pensamento e da realidade daquela menina negra até a fase adulta, quando passa a atuar como empregada doméstica e cozinheira. Uma obra que sinaliza a oralidade do povo negro, a inserção da leitura e os movimentos subjetivos e nos territórios.

---

<sup>115</sup> Ver: BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

Observamos por meio destas cartografias, algumas perspectivas de Carolina Maria de Jesus para registrar em sua obra o contexto da cidade de São Paulo na metade do século XX, o aniquilamento das presenças negras nos espaços, a eugenia presente no comportamento da supremacia branca, o projeto nacional que pregava o branqueamento, e ainda as regras que “passavam pano” às violências e criminalizava as pessoas negras. Percebemos também na sua escrita, o espaço de cura, de acalento, de imaginação e possibilidades em movimentos.

A escritora cria em suas obras, *Diário de Bitita* e *Quarto de despejo*, narrativas para si, e é evidente que ela não se preocupa se vai causar desconforto a quem lê, inaugurando um projeto estético e político que evidencia vozes não somente de pessoas, mas também da fome, da cidade, do sonho, das questões existenciais e dos espaços-objetos como centros de observação, todas estas personagens extrapolam fronteiras de como visualizamos a sociedade.

Percebe-se que aquela menina negra sabida do início da trama se torna uma mulher interessada, que galga o sonho de aprender a ler, escrever e de se deslocar geograficamente. Sair do seu local de origem, significava no pensamento de Bitita, avançar, ampliar as dimensões da vida. E, a partir disso, assumir seus deslocamentos para trabalhar, cuidar dos desafios, lidar com as frustrações e os contrastes da metrópole. Talvez, os olhos da menina Bitita fossem os mesmos da mulher que trazia a escrita como foco da sua existência e sonhava, “quem sabe ia conseguir meios para comprar uma casinha e viver o resto de meus dias com tranquilidade” (JESUS, 2014, p. 206).

Bitita destacou nas suas análises sobre os brasileiros algumas previsões para o futuro que os cultos da época diziam, referindo-se ao final do século XX:

Os literatos da época diziam que o homem de 1970 a 1990 ia ser super-homem. Ia predominar o amor, não ia existir ladrões. Os homens já estariam supercivilizados. Seriam mais fortes no físico e no espírito. Não ia haver guerras, nem preconceitos raciais, o homem não ia matar o homem. Porque, todas pessoas que morrem fazem falta para alguém. Eles não iam deixar os preços subjulgá-los, iam se entender em assembleias e não armas. Já estariam avançados na medicina. Todos teriam profissões. A mendicância já estará extinta. (JESUS, 2007, p. 51)

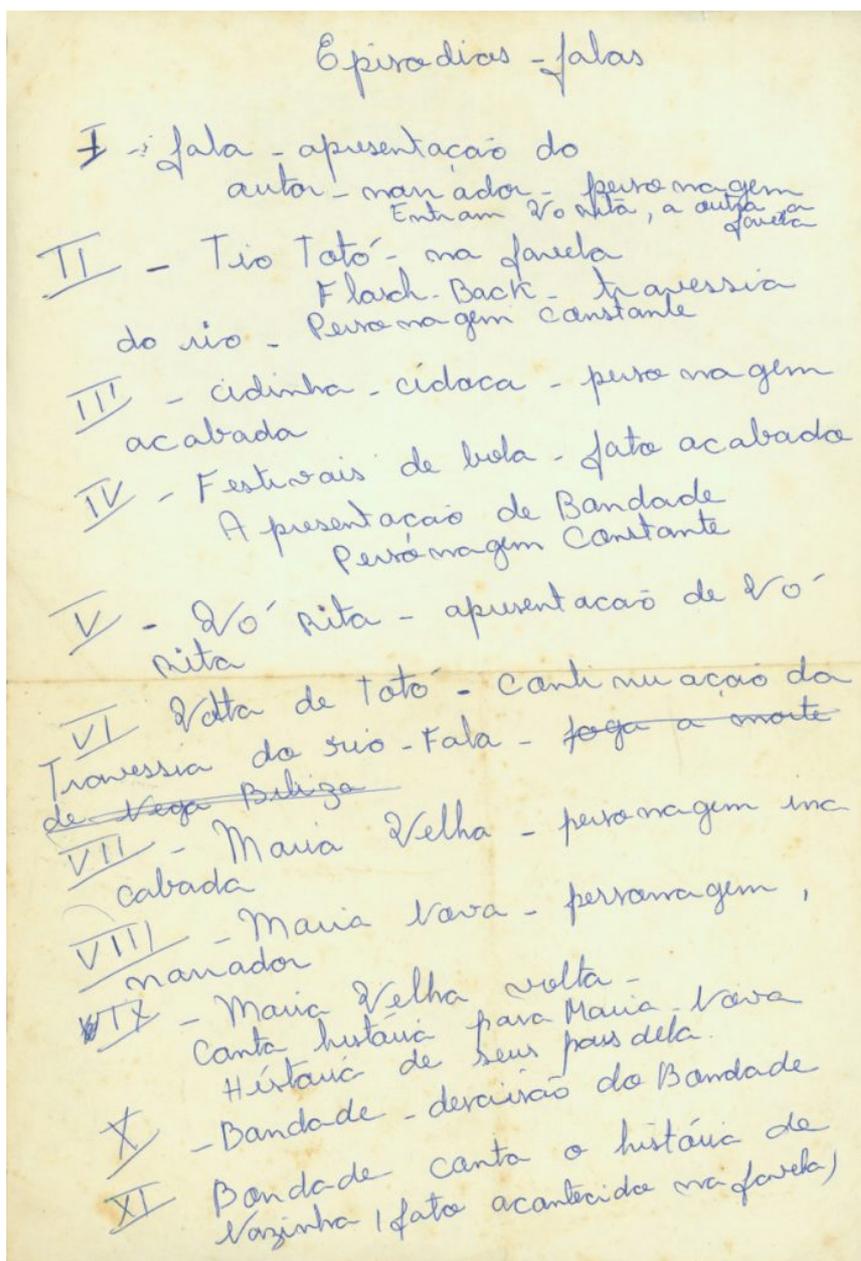
Como seria o mundo se estes literatos utópicos da obra de Carolina Maria de Jesus estivessem acertado alguma das suas previsões? Quantos becos de memórias, quantos diários de moradores de favelas, quantos ‘nós’ em diferentes vozes e ecos são descartados e descreditados por conta da cor da pele?

Ao fim da obra, esperança na continuidade. Como diz a poesia-canção de Larissa Luz, que pode revestir tantas ialodês: “Invadiu / Resistiu / infiltrou / Corroeu um sistema e foi pra

cima / (...) Pérola preta espelho da vida / Pé na porta de uma cidade letrada / Levantou a cortina da hipocrisia / Do monturo à alvenaria.”

## 2.2 Vozes-mulheres

Imagem 5: Escritos de Conceição Evaristo sobre *Becos da memória*



O que seriam os becos de uma memória? Seriam como ruas estreitas e curtas ou sem saída, ou pouco apropriadas para trânsitos de lembranças? Ou becos da memória podem ser centros de grandes movimentos de lembranças de quem nasceu e foi criada/o circulando por

todo o morro, de barraco em barraco, ouvindo e observando o que se passava nas janelas, portas, abertas dos vizinhos, parentes e amigos? Ou becos podem ser retratos, pequenos quadrados finitos com lembranças infinitas de um lugar que existe só em um tempo que não é o cronológico? Ou ainda becos da memória também são estas cartografias escritas, como a que sinaliza no remapa acima, que Conceição Evaristo nos oferece da construção de sua narrativa. Aqui em *Becos da memória*, e em tantos *Quarto de despejo*, é:

O beco conotando o espaço de exclusão social onde vidas e vozes fervilham e proliferam à margem da esfera socialmente reconhecida; o beco conotando também um grande útero onde vidas negras são inesgotavelmente concebidas apesar da corrente e contra ela. As vias de sempre novos nascimentos. Espaço de vias e vidas desviadas, alijadas pela cortante e (cor)reta linearidade histórica. Vozes fora da rota da ocidentalizada sociedade brasileira. (NASCIMENTO, G., 2014, posição 671)

Ao pegar todas as edições de *Becos da memória* da escritora e pesquisadora Conceição Evaristo, é impossível não se atentar aos aspectos intertextuais. Becos e memória, palavras que formam o título da obra, por si só já trazem enchentes de simbolismos, artefatos e metáforas que trafegam na mente. Mas, sem dúvidas, as escolhas estéticas que chegam antes de começarmos a narrativa também chamam bastante a atenção.

Começemos pelas fotografias de família<sup>116</sup>, uma conexão simbólica quando pensamos em memória, nos faz embarcar em uma infinidade de narrativas antes mesmo de abrirmos o livro. “Esse corpo negro ainda que parado para falar ou fixado em fotografia enuncia sentidos. Na memória corporal ou na difícil construção da cidadania, a linha do corpo negro continua desenhando o espaço. Fio da memória. Fio da identidade. Espelho que nos indaga”. (RATTS, 2006, p. 69)

As fotos de família são todas de pessoas negras: homem na porta de um casa sem rebocos em momento de afeto com três crianças; outro mais jovem sentado no chão, com um

---

<sup>116</sup> No workshop *Fotografias de Família: Ancestralidade, Memória e História* em outubro de 2019, ocorrido no Auditório da BCE – UnB, o documentarista e professor Thomas Allen Harris ‘apresentou um panorama de suas estratégias de diálogo interdisciplinar e práticas participativas voltadas à abordagem sobre trajetórias individuais e coletivas, com foco especial em fotografias de família’. Dentro destas reflexões sobre ancestralidade, memória e história, ficou compreensivo para mim que muitas fotografias de família agregam de forma imensurável para afirmarmos narrativas de coletivos, comunidades existentes que são invisibilizados das histórias e que, durante muito tempo, narraram pelo viés do “dominador”. Portanto, as fotografias de família podem colaborar e elaborar narrativas que marcam temporalidade, geografias, trânsitos e especificidades que permitem detalharmos mais sobre momentos ou perspectivas que não foram observadas ou pouco se sabe.

chapéu de palha na cabeça, olhando para a lente; uma senhora de cabelos *black power* brancos sentada entre duas crianças, segurando forte uma mão de cada como quem guarda algo muito precioso próximo do ventre; outro jovem na janela de uma casa sem rebocos, pousando sorridente; 3x4 de mulher, homem, adolescente; alguém na máquina de costura; foto de duas senhoras com vários jovens com semblantes alegres; criança vestida com roupas de primeira comunhão; jovens em frente a uma casa simples; outro jovem de chapéu com fisionomia alegre; um senhor em pé em frente a um portão de madeira; duas mulheres bem vestidas de mãos dadas; um casal jovem abraçado; três senhoras em frente de uma casa simples; um casal com cabelos *black power*; uma senhora segurando uma criança no colo com mais três crianças ao redor (como na capa do livro); outra 3x4 de uma mulher jovem; outras fotos de mulheres.

Imagem 6: Capa de *Becos da memória* – Editora Mazza (2006)

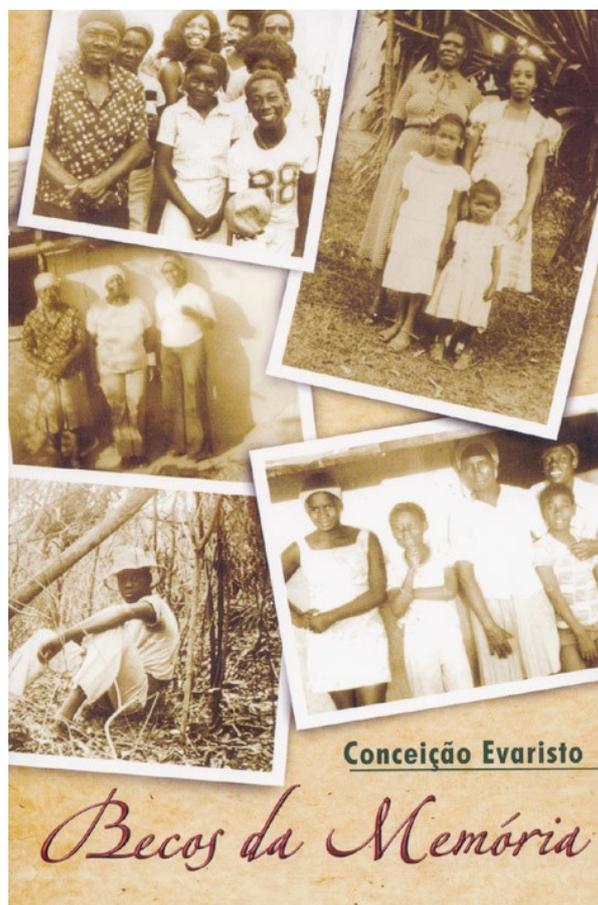


Imagem 7: Capa de *Becos da memória* – Editora Mulheres (2013)

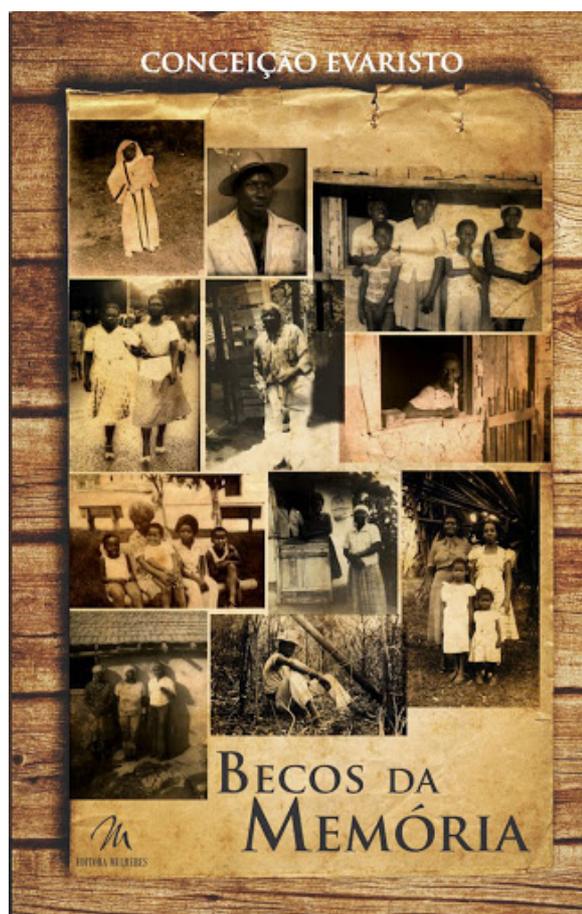


Imagem 8: Capa de *Becos da memória* – Editora Pallas (2017)



A capa da editora Pallas (2017) nos oferece a imagem em preto e branco de uma senhora negra, segurando uma criança no colo, e com outras ao redor, também negras, sorridentes e uma delas mais séria. E a foto da capa junta-se com outras em preto e branco da contracapa e por dentro delas, que são as mesmas ou quase todas que aparecem nas capas das primeiras edições.

Angela Davis, no artigo *Subexposto: a fotografia e a história afro-americana* (2017), discute sobre as relações de racismo dentro da arte nos Estados Unidos, mesmo dentro de “percepções e definições culturais aparentemente progressistas”. O artigo revela os bastidores de uma exposição fotográfica intitulada *Harlem on My Mind: Cultural Capital of Black America, 1900-1968* sobre um dos locais mais negros dos Estados Unidos e a presença insignificante de fotógrafas negras e fotógrafos negros neste evento, nesta curadoria de olhares que revelaria a cultura negra do Harlem. A exposição foi em 1969 nos EUA, mas até hoje, e até mesmo no Brasil, eventos e espaços que atendem por nomes negros ainda exigem curadorias e critérios embranquecidos para a nossa presença.

Quando Conceição Evaristo seleciona do seu acervo fotografias, imagens antigas de um pertencimento pessoal e ao mesmo tempo coletivo, de negras e negros em momentos pessoais, a autora aborda e ratifica no lugar de curadora, mesmo em registros de fotógrafos-autores diversos, uma realidade negra que ela, mulher negra, pertencente àquela terra, escolheu mostrar<sup>117</sup>.

Corpo-território-mapa. Há muito mais em cada fotografia dessas do que rapidamente visualizamos, nessas em que o fotógrafo profissional ou amador tenta uma direção para o clique, chamando a atenção dos fotografados. É importante também salientar que em um espaço literário, a fotografia também pode configurar um documento ficcional, afirmando também a fusão de ficção e memória/realidade, tão afirmada por Evaristo.

É incomum encontrarmos capas de livros de literatura brasileira contemporânea como a de *Becos da memória*, com fotos de família de pessoas negras perpetuando o afeto. Fotografias de pessoas negras, de homens negros sorridentes, de casais negros, de famílias

---

<sup>117</sup> Recordo-me aqui de Walter Benjamin em sua *Pequena história da fotografia* afirmar que “ao mesmo tempo a fotografia revela nesse material os aspectos fisionômicos, mundos de imagens habitando as coisas mais minúsculas, suficientemente ocultas e compreensíveis para encontrarem um refúgio nos devaneios, e que agora, tornando-se grandes e formuláveis, mostram que a diferença entre a técnica e a magia é uma variável totalmente histórica” (BENJAMIN, 2012, p. 101).

negras, que fazem seus registros quase sempre do lado de fora das suas ambiências e moradias modestas. Vivemos ainda um recorrente acúmulo de imagens e fotografias de pessoas negras ligadas ao sofrimento, a escassez, a marginalidade, nos meios artísticos e midiáticos, espaços que ainda que naturalizaram como sendo estes os lugares da pessoa negra. Conceição Evaristo parece inaugurar essa inserção no seu romance.

Stuart Hall em uma entrevista a respeito de fotografias de pessoas negras, e a importância de trabalhos específicos que trazia a imagem negra em diferentes marcações, incluindo de gênero e identidades sexuais, afirma a seriedade de romper a barreira dos estereótipos por meio das imagens:

Essa fronteira não poderia ter sido enfrentada e rompida fora da fotografia porque tinha que ser rompida com relação à imagem. Não podia ser rompida somente com relação à escrita. É uma questão visual. É uma questão de perceber o corpo e a inscrição em certas formas de gênero, sexuais e racializadas – essa inscrição é uma questão de visão, é por que as insígnias estão inscritas no corpo. É o que Fanon diz, o esquema epidérmico. De alguma maneira está inscrito no corpo, o que não significa que possa ser explicado em termos de natureza ou genes. Está escrito, inscrito nas superfícies do corpo, do corpo gay, do corpo negro, do corpo que tem gênero, do corpo inscrito em esquemas raciais. Assim, tinha que ser enfrentado no visual, tinha que ser enfrentado no regime da visão. O que estou tentando dizer é que uma virada incrível aconteceu por causa de trabalho fotográfico, o trabalho com a imagem, na política da representação racial, na imagem. Um deslocamento epistêmico incrível. (HALL, 2017, p. 172)

As fotografias negras têm o poder de fixar em um pedaço de papel ou em *nuvens* lembranças que podem ficar para posteridade. Ao olharmos elas podem nos trazer recordações e sentimentos variados, até vestígios do que só existem no tempo espiralar. Elas também nos ajudam a recontar histórias de espaços e tempos, que nem sempre a história hegemônica registrou. Hall em sua fala afirma a importância da imagem<sup>118</sup> para além da escrita, já Susan

---

<sup>118</sup> Este ponto me faz lembrar de dados de pesquisas que provam que jovens negras/os são maioria presas por engano, devido a erro em reconhecimento fotográfico, o que afirma o racismo institucional e estrutural. “Relatório da Coordenadoria de Defesa Criminal e da Diretoria de Estudos e Pesquisas de Acesso à Justiça da Defensoria Pública do Rio de Janeiro aponta que houve erro em pelo menos 58 casos de reconhecimento fotográfico, que resultaram em acusações injustas e mesmo na prisão de pessoas que nada tinham a ver com o crime que lhes era imputado. Baseado em informações apresentadas por defensores públicos de 19 varas criminais do estado entre 1º de junho de 2019 a 10 de março de 2020, o levantamento reforça, mais uma vez, o impacto do racismo estrutural: 70% dos acusados injustamente eram negros”. (2020, *online*). Disponível em: <<http://www.defensoria.rj.def.br/noticia/detalhes/10660-Relatorio-revela-58-acusados-injustamente-identificados-por-engano>>. Acesso em 14 de outubro de 2020.

Exclusivo: levantamento revela que 90,5% dos presos por monitoramento facial no Brasil são negros: Rede de Observatórios de Segurança monitorou a tecnologia de reconhecimento facial em cinco estados. Resultado: além

Sontag afirma que é a narrativa que permite entendermos e nos aproximamos da história, já as imagens sozinhas não. Porém, ambos se conectam quando concluem que as escolhas sejam elas narrativas ou imagéticas, as duas são políticas.

Em *Depois da fotografia: uma literatura fora de si*, a pesquisadora argentina Natália Brizuela, em seu conjunto de ensaios, discute dinâmicas sobre a literatura contemporânea, e os limites e a “contaminação” desta com outras artes. Ela nos traz perspectivas de obras da ‘américa-latina’ em que as fotografias aparecem em meio à escrita, como as de Mario Bellatin, Diamela Eltit, Nuno Ramos, Juan Rulfo, Euclides da Cunha, este último, por exemplo, que em edições posteriores de *Os sertões*, teve em sua obra as fotografias suprimidas. A reflexão desta observação nos faz pensar que inserir fotografias em obras, não necessariamente implica em uma ideia de verdade, se tratando de ficção escrita, precisamos expandir os sentidos também das fotografias presentes:

Crer que a fotografia pode ser uma testemunha, uma evidência inegável de uma realidade, supõe, é claro, uma concepção do mundo onde há “uma realidade”, visível e objetiva em maior ou menor grau. Essa noção, que permeia o pensamento imperante em torno da História no século XIX, alimentou, sem sombra de dúvida, o modo como se falava sobre a fotografia em seu começo. Poderíamos aprofundar a relação entre o realismo literário e a fotografia com essa concepção da História. Mas a única coisa que eu gostaria de sublinhar aqui é que dessa concepção que poderíamos chamar realista da fotografia emerge, então, a fotografia como documento, reportagem, evidência e, em última instância, verdade. Essa é a leitura que fazem da fotografia críticos como André Bazin, em seu ensaio dos anos 50, e Susan Sontag, duas décadas depois. A âncora do argumento que sublinha o realismo da fotografia é aquilo a que a fotografia remete, ou seja, seu referente. É na relação indexical com o referente – com o passado da imagem – que radica seu realismo. Esse realismo supostamente inegável da fotografia entra em crise se entendemos a fotografia não com relação a seu passado, mas antes com relação a seu presente. Se entendemos que a fotografia muda, que é outra em cada instância em que é olhada, então não há uma realidade a que esta remeta. Cada fotografia se torna uma evidência material de algo inegável e passa a ser o lugar de uma relação dialética entre passado e presente. (BRIZUELA, 2014, s/n)

Nas análises de Brizuela não percebemos a presença de identidades negras ou de povos originários presentes de forma protagonista, expressando características plurais nestas escritas imagéticas. Quando apresenta em seus ensaios perspectivas em que discorre com pensadores e teóricos europeus ou estadunidenses, e de uma América Latina socialmente

---

de ineficiente, sistema agrava o encarceramento de negros. Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/11/21/presos-monitoramento-facial-brasil-negros/>>. Acesso em 14 de outubro de 2020.

branca, alguns argumentos de Brizuela fizeram-me pensar nas correlações da literatura e das fotografias no caso de obras em que os autores e “personagens” se distanciam da norma e do poderio. São fenótipos que tinham as imagens expostas com dor e sofrimento, como o caso de *Os sertões* que em *Becos da memória* estão narrando, assinando a autoria, e protagonizando imagens em que se apartam de uma presente objetificação e estigmatização das suas vivências. Conceição Evaristo diante de uma narrativa em que as dificuldades de uma estrutura social já suprimem as vivências traz para a capa imagens com narrativas afetuosas de pessoas negras para ilustrar uma parte subjetiva que muitas obras que se tornaram cânones e que apresentam pessoas negras e indígenas insistem em ocultar.

Rosana Paulino<sup>119</sup> em *Imagens de sombras* (2011) afirma que em seus trabalhos indagações aparecem muitas vezes e repetidamente relacionadas à “representação do indivíduo negro e, principalmente, da mulher negra na sociedade brasileira e várias questões referentes à psicologia e a representação do corpo feminino na arte” (2011, p. 21). E estas discussões a respeito dos estereótipos presentes nas imagens de pessoas negras, e mulheres negras, especialmente, em imagens, faz-se necessárias para expandirmos o quão a elaboração fotográfica de Conceição Evaristo transborda em muitas narrativas já ali presentes.

*Parede de memória* (1996-2016) de Paulino, por exemplo, é uma obra que nos mostra o quanto pode ser sagrado – dentro de uma ótica epistêmica negra – as fotografias de família. As fotos que ela traz na exposição aparecem todas em forma de patuá, que é muito comum em religiões de matriz africana, carregar consigo aquele quadradinho – como uma 3x4, só que em tecido e costurado – referências do orixá que habita no orí daquele que o carrega. E pensar nessas fotografias – muitas que se mantêm na carteira, dentro de agendas, que caminham junto com as pessoas aonde quer que elas vão – nos oferece uma reflexão também do quanto de sagrado, de cultuado, de fé, estão atribuídas às fotografias de familiares. É uma forma de materializar o ato de carregar os próprios pares consigo, o passado e o futuro, as raízes familiares aonde quer que vá.

---

<sup>119</sup> Rosana Paulino (1967) é uma das grandes artistas visuais negro-brasileiras. Doutora em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP, na qual também é bacharel em gravura, especialista em gravura pelo London Print Studio, de Londres. Vencedora dos prêmios Bravo e ABCA - Associação Brasileira dos Críticos de Arte, na modalidade “Arte contemporânea”, Paulino possui obras em importantes museus tais como MAM e Museu Afro-Brasil, em São Paulo, e UNM (University of New Mexico Art Museum). Ver em: <http://www.rosanapaulino.com.br>.

Ali ao compartilhar fotografias do seu acervo pessoal na abertura do livro, as raízes e a poética já se manifestam, juntamente com o título, a história afirmada e as discussões políticas presentes nas fotografias por ela escolhida. Fotos, que se entendidas como testemunhos de um tempo, passam a ser pertencentes a um individual-coletivo, exatamente por representarem muitas pessoas que ali viveram, e que não tinham condições de possuir muitos registros de si, arquivar memórias<sup>120</sup>, ou ainda que perderam na desocupação/mudança. Precisamos pensar pelo viés ficcional também, que os registros imagéticos não são únicos, que naqueles retratos também têm interrupções, vazios e até incertezas, embora, as fotografias de *Becos da memória* na capa e contra-capas, já nos indique uma estética visual do que podemos fabular em nossas leituras. Uma rota que já nos faz lembrar que àquelas personagens também sorriem, são bonitas, têm família, elos, abraços:

A fotografia é sempre, por natureza, indeterminada; pensemo-la em sua natureza de modo ontológico, fenomenológico ou epistemológico. Isso a torna característica do regime estético. Ou mais ainda: a fotografia permite pensar o regime estético. Quando se observa ou se reflete sobre a fotografia, ela sempre apresenta vazios, aberturas, interrupções: é arte e não é arte. Essa indeterminação é o estético. Então, refletir sobre os encontros, cruzamentos e contaminações entre literatura e fotografia significa pensar o meio em que se manifestou pela primeira vez, de modo contundente, a emergência de um novo regime de distribuição do sensível, junto ao meio que melhor resumiu as características dessa nova distribuição, as características da estética. (BRIZUELA, 2014, s/n)

As fotos juntamente com a dedicatória, nos embarcam a pensar em famílias negras de forma mais abrangente, do que as famílias nucleares brancas costumeiramente representadas, partindo de um lugar de pertencimento, como nos lembra Gizêlda Melo Nascimento em diálogo com o martiniquês Édouard Glissant, onde estabelece a diferença entre o contexto europeu e da América:

Para a primeira, o maior objetivo é buscar o *temps perdu* [tempo perdido], enquanto para a segunda a busca é do *temps éperdu* [numa tradução livre, o tempo triturado ou esgarçado]. A diferença se estabelece porque, como literatura da cultura dominante, a europeia pode se dar ao luxo de mergulhar no tempo de seu passado, “perdido” do ponto de vista da subjetividade. O tempo do colonizado – no caso, dos povos indígenas, dos africanos escravizados e de seus descendentes nas Américas –, ao contrário, não se perde. É triturado ou esgarçado pelo processo colonial e pelo

---

<sup>120</sup> Sugiro a leitura de *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*, de Jaques Derrida. Apesar da influência freudiana, ele realiza crítica ao patriarcado. Arquivo aqui inscrito como ideia de intimidade.

racismo, por meio do massacre físico, da repressão e do genocídio, conceito que inclui a tendência de destruir ou apagar os referenciais da matriz cultural de um povo. Essa perda é objetiva e substancial, incidindo sobre a subjetividade de maneiras profundamente distintas. (NASCIMENTO, G., 2014, posição 684)

Observando este tempo esgarçado pelo processo colonial, utilizando-se desta subjetividade contextualizada, a autora dedica o livro ao companheiro, a filha e aos de sua família, “tios e tias, ancestrais profundamente inscritos em minha memória” e desenvolve para cada ente o motivo da importância para ela. Nos agradecimentos, celebra a terceira edição, salienta a importância das editoras e do público leitor junto a pessoas amigas que fizeram parte deste projeto antes mesmo de ser publicado.

Na apresentação, intitulada *Da construção de Becos*, que segue em rotas do afeto, Conceição Evaristo, em um texto breve, revela que a narrativa nasceu entre os anos de 1987 e 1988, antes de escrever *Ponciá Vicêncio*<sup>121</sup> (2003), que é o seu primeiro livro escrito, mas que somente foi publicado vinte anos depois, mesmo o processo de escrita tendo sido rápido: “tenho dito que *Becos da memória* é uma criação que pode ser lida como ficções da memória. E, como a memória esquece, surge a necessidade da invenção” (EVARISTO, 2017, p. 10-11).

A palavra construção remete à ideia de elaborar, compor, traçar, imaginar, desenhar, existir num espaço. E também quando se pensa em construção, lembra-se de onde se começa a dar forma, como uma construção de uma casa, que se faz sempre de baixo, de um alicerce ligado à terra, ao chão.

A autora arrisca-se a dizer que a origem de *Becos da memória* pode estar numa crônica<sup>122</sup> “Samba-favela”<sup>123</sup>, que escreveu em 1968, em um texto que tinha a intenção de apresentar a favela. De fato, *Becos da memória* descreve a ambiência de uma favela com detalhes atentos do lugar, as pessoas que fazem parte, não performam somente estereótipos costumeiramente ancorados em perfis figurativos e negativos na maioria das obras literárias

---

<sup>121</sup> A autora tem poemas e contos publicados em *Cadernos negros* e em antologias literárias brasileiras e no exterior. Os livros já publicados após *Ponciá Vivêncio* e *Becos da memória*, *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), *Poemas das recordações e outros movimentos* (2008), *Olhos d'água* (2017).

<sup>122</sup> Crônica: “a vida ao rés do chão”, segundo Antônio Cândido. Na dissertação em que trato sobre o escritor sertanejo e baiano Antônio Torres, *Antônio, o menino que queria ser Castro Alves*, destaco as crônicas como este espaço de experimento, foi a partir de algumas delas em que o autor desenvolveu argumentos e posteriormente escreveu romances e também contos maiores. Destino na dissertação um capítulo em que reflito sobre a crônica, que ainda para alguns críticos e estudiosos em literatura ainda é vista como gênero menor.

<sup>123</sup> Publicado no Diário Católico de Belo Horizonte e em uma revista católica do Rio Grande do Sul.

brasileiras publicadas antes. A favela é a terra e a Terra na narrativa. E é naquele chão de lavar e quasar roupas de patroas, de vãos e de subidas e descidas para buscar latas de água que as mulheres, as lavadeiras, inscrevem-se e escrevem-se na narrativa, no mundo.

E assim seguimos com outro convite para caminhar pela favela. Na verdade, por becos, pelas ficções da memória. Subir e descer morros, num ir e vir de histórias de figuras como Vó Rita, Tio Totó, Cidinha-Cidoca, Maria Velha, Negro Alírio, Bondade, Ditinha, Balbina, Filó Gazogênia, Negra Tuína, e, a personagem que também apresenta as narrativas, de quem apreciamos a voz, a menina Maria-Nova.

Nem mentira, nem verdade: ficções da memória. A base do que está narrado em *Becos da memória* foi vivenciada pela autora e pelos seus parentes, como ela mesma afirma: “escrever Becos foi perseguir uma escrevivência. Por isso, também, busco a primeira narração que veio antes da escrita. Busco a voz, a fala de quem conta, para se misturar à minha. Assim nasceu a narrativa *Becos da memória*” (EVARISTO, 2017, p. 11).

Uma ficção que traz a escrevivência e os movimentos de pessoas negras sobre a terra como mote, apresenta consigo intersecções da vida da autora, da personagem que narra a história, bem como da história de negras e negros que viram, viveram e podem se ver em histórias inventadas e/ou reais. “A literatura marcada por uma escrevivência pode con(fundir) a identidade da personagem narradora com a identidade da autora. Esta con(fusão) não me constrange.” (EVARISTO, 2017, p. 12)

A escritora afirma que foi a mãe dela, D. Joana, quem deu a ela a frase com a qual ela começa a narrativa: “Vó Rita dormia embolada com ela” e a coloca em contato com o eu-menina que lembra vivências pessoais da favela que já não existe como descrita em *Becos da memória*, com memórias de um passado vivido. “E como lidar com uma memória ora viva, ora esfacelada? Surgiu então o invento para cobrir os vazios de lembranças transfiguradas. Invento que atendia ao meu desejo de que as memórias aparecessem e parecessem inteiras. E quem me ajudou nesse engenho? Maria-Nova”. Evaristo ainda enfatiza que a favela da narrativa “acabou e *acabou*. Hoje as favelas produzem outras narrativas, provocam outros testemunhos e inspiram outras ficções”. (EVARISTO, 2017, p. 12)

Escrevivência rememora a ideia ancestral de coletividade, de confluências, de exercícios e expressões artísticas que, embora possam até ser apresentados e assinados por um único indivíduo, nunca são e nunca serão pautados no individualismo, nunca é somente sobre uma única pessoa que a obra retrata:

Eu diria que *Becos* da memória é uma escrita que está na confluência da memória e da ficção. Seria uma espécie de ficções da memória. A memória ficcionaliza, pois a memória esquece ou muitas vezes não quer lembrar. E nesse sentido poderia ter entendido como um romance. Nada descrito ali aconteceu como está narrado. Talvez, contando como o livro nasceu, seja possível uma apreensão melhor do gênero em que ele se encaixa, ou entender como a escrita de *Becos* navega nas águas da memória e muito nas da invenção. (EVARISTO, 2017, p. 9)

Os corpos negros direcionados aos afazeres manuais, ao sexo e resistente a grandes esforços, em *Becos de memória* tornam-se diversos em experiências e sensações. Corpo que deita, que se embola, que sente dor, que adocece, que sente saudade, “que pede a terra”, corpo cansado, que ama, que vomita, que chora, que sonha, que viaja, etc. Sensações que quase nunca são mencionadas na nossa literatura para personagens negras/os, que quando aparecem, estão compondo a vida dos outros personagens tidos como mais importantes. Autora de *Ponciá Vicêncio* (2003) e de *Olhos d’água* (2015), Conceição Evaristo chama atenção para os locais urbanos, como as ruas do morro, o rio, e os objetos que compõem os ambientes tão simbólicos, como os barracos e as tinas de lavar roupa. Com dramaticidade e crítica, a escritora aponta para questões como os deslocamentos forçados e a morte:

Todos sabiam que a favela não era o paraíso, mas ninguém queria sair. Ali perto estava o trabalho, a sobrevivência de todos. O que faríamos em lugares tão distantes para onde estávamos sendo obrigado a ir? Havia famílias que moravam ali há anos, meio século até ou mais. O que seria a lei usocapião? Eram estes pensamentos que agitavam a cabeça de Maria-Nova, enquanto olhava o movimento de tratores para lá e para cá. (EVARISTO, 2017, p. 102)

As tinas de lavar roupa devem estar sempre molhadas. As tinas metaforizam a vida de quem gere aquele espaço. Evaristo durante a narrativa descreve, através de personagens femininas, aspectos sobre movimentos da vida e da morte, dos objetos que aparecem como continuidades de corpos, sentenciam. “Filó Gazogênia não vem hoje? Ela não virá mais nunca. É preciso manter a tina cheia, as madeiras molhadas. Filó Gazogênia cansou, encheu-se da vida. A morte veio esvaziando tudo.” (EVARISTO, 2017, p. 154)

Em *Diário de Bitita*, a edição SESI-SP escolheu uma fotografia de família do acervo de Carolina Maria de Jesus. Também em preto e branco, ela aparece focada escrevendo, e ao seu lado observando, sua filha Vera Eunice ainda criança. Outra fotografia de família, que também nos traz a ideia de pertencimento e relação pessoal com a obra, uma mãe negra que escreve e uma filha que observa a ação. Uma capa que por si só diz muito sobre como as palavras movimentam e podem atravessar gerações de meninas e mulheres negras.

Maternidade negra, afeto negro, continuidade negra. Uma fotografia e um romance que é da posteridade, da família, que nos pertence. “Carolina é do povo”, nos lembra Vera Eunice<sup>124</sup>. Resistente, não como mera retórica, a escritora Carolina Maria de Jesus imprimiu em *Diário de Bitita*, escrituras de quem compreende a cadeia produtiva da vida, do argumento do roteiro à atuação das pessoas na sociedade brasileira. Ela que desde 1960, ao situar o Brasil, faz sem meandros a marcação racial nas suas histórias, comprometendo-se com a comunidade a qual ela pertencia e com o contexto social e político brasileiro da época. O que difere de *outras* obras de literatura brasileiras, que se aliam a ideia-fantasma de democracia racial, impedindo sempre que os leitores tenham em seu imaginário uma pluralidade de personagens negras em espaços variados, que percebam o racismo enquanto problema estrutural que não pertence somente às comunidades negras e indígenas, e que observe a objetificação e animalização destas pessoas, em obras consideradas cânones, como *Conceição* Evaristo nos convida a observar dentro das suas pesquisas acadêmicas.

Carolina Maria de Jesus racializou os diferentes grupos - negros, *mulatos* e brancos - na sua história, tanto para indicar privilégios, quanto para demarcar um distanciamento de igualdade entre os povos do "país do carnaval e do futebol", e marcou também a nacionalidade de diferentes grupos, como portugueses, sírios, japoneses e italianos. "Quando havia um conflito, quem ia preso era o negro. E muitas vezes o negro estava apenas olhando. Os soldados não podiam prender os brancos, então prendiam os pretos. Ter uma pele branca era um escudo, um salvo-conduto" (p. 55).

Percebemos na obra de Carolina Maria de Jesus, as tantas estratégias de agência para se movimentar, driblar os olhares controladores das/os brancas/os, “universais”, o homem branco letrado provedor, "dos doutores de Coimbra", dos "senhores”.

Nos séculos passados, os negros contavam com decretos, sempre (des)autorizadores de seu próprio agenciamento, como o nº. 1.331, de 17/02/1854, em que estabelecia que nas escolas públicas do país era proibido a admissão de escravos negros, o nº. 7.031-A, de

---

<sup>124</sup> No *Ciclo Carolina Maria de Jesus: 60 anos de Quarto de Despejo*, que ocorreu em 2020.

06/02/1878, que estabeleciam que os negros somente poderiam ter acesso aos estudos no horário noturno<sup>125</sup>:

No ano de 1925, as escolas admitiam alunas negras. Mas quando as alunas negras voltavam das escolas, estavam chorando. Dizendo que não queriam voltar à escola porque os brancos falavam que os negros eram fedidos. As professoras aceitavam os alunos pretos por imposição. Mas se o negro não passava de ano, as mães iam procurar as professoras e diziam:

- A senhora não deixou meu filho entrar no segundo ano porque ele é negro, mas ele já sabe ler e escrever o a-b-c. Os filhos de Júlio Barges passaram de ano, as netas de José Afonso também. Se eu pudesse com mau-olhado estragar a vida de uma professora como a senhora!

As professoras não respondiam. Compreendiam que havia mentalidades opostas. (...) Depois exclamavam:

- Os abolicionistas, vejam o que fizeram! Essa gente agora pensa que pode falar de igual para igual. Eu, na época da abolição, tinha mandado toda essa gente repugnante de volta para a África. (JESUS, 2016, p. 42-43)

Para além da ficção, o acesso aos estudos para os afrodiáspóricos ainda é uma luta que segue em processo. Não foi somente por meio de decretos oficiais que os estudos chegaram às pessoas negras brasileiras. Ainda existe o movimento do “vou aprender a ler para ensinar os meus camaradas”. Pessoas negras no período de escravidão e pós-emancipação, em que as leis e as brechas eram escassas, transgrediram ensinando aos que conseguiam de forma clandestina. Outras que com a liberdade conquistada começaram a reunir e transmitir conhecimento à sua comunidade, dentre tantas formas encontradas para burlar o sistema. Como explícito no romance, a violência persistiu, mesmo após quase 40 anos da superestimada abolição documentada, os estudantes negros exemplificados no trecho de *Diário de Bitita* passavam por situações racistas que ainda se aproximam na atualidade.

Esta passagem do texto permite pensarmos em duas ações contemporâneas do século XXI que se complementam para atenuar comportamentos como estes: o primeiro são as cotas raciais e o segundo é a Lei 10.639/2003. O que nos leva compreender as cotas de acesso ao ensino superior como uma tentativa de reparo histórico, já que esse *conserto* é utópico, quando se compreende o projeto político que visa a continuidade do genocídio negro e dos povos originários. O mesmo ocorre com a Lei, que tendo em vista o racismo estrutural, propõe um olhar mais atencioso para a história e cultura africano-indígena nos ensinamentos

---

<sup>125</sup> Ver em: CARVALHO, M. P. *História da educação da população negra: o estado da arte sobre educação e relações étnico-raciais (2003-2014)*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/v34n69/0104-4060-er-34-69-211.pdf>>. Acesso em: 10 de março de 2018.

fundamental e médio, a fim de ampliar as perspectivas sobre África na tentativa de mudar a ideia reduzida de uma África subsaariana miserável, única e ignorante. O que ocorre é que estas duas ações que fazem parte de lutas por emancipação<sup>126</sup>, ainda motivadas pelo movimento negro e grupos que lutam contra o racismo e contra movimentos que não aceitam medidas como estas.

Como muitas/os autoras/es com “o teto todo seu”, e suas escrivatinhas e bibliotecas privilegiadas escreveram obras fenomenais, algumas financiadas com proventos públicos ou de grandes editoras, e sequer expressaram de forma honesta, por exemplo, a existência do racismo à brasileira que reverbera nesta sociedade. Mas, quem representa a comunidade negra de maneira plural e não estereotipada? Por que ainda é possível falar de abolição sem trazer a primeira romancista abolicionista brasileira, Maria Firmina dos Reis? Não se pode esquecer, jamais, os movimentos realizados pelas mãos de tantas Carolinas, Marias, Conceições, que, audaciosamente reciclando a miséria de seu cotidiano, lavando roupas ou cuidando de cozinhas alheias, estudando, aprenderam e inventaram para si um papel de escritora.

São movimentos as próprias ficções da memória produzidas pelo imaginário e pela vivência de mulher negra e dos seus pares, frente à miséria, à fome, à pobreza e às complicações da sociedade desigual e preconceituosa, mas também frente à solidariedade, às histórias, aos quilombos, ao afeto e à ternura em *Becos da memória*. E existem trânsitos e deslocamentos descritos na história que mescla personagens negras que surgem intercalando-se aparentemente sem uma ordem consciente, e sendo descritos pela voz da narradora-personagem, a jovem Maria-Nova, e de outra narradora, que conta a história do lado de fora, mas que conhece os fatos e todos que fazem parte o que complementa as observações.

Os dois livros podem soar como continuidade um do outro, complemento, ou ainda versões de tempos e espaços que se inter cruzam. Podem ser entendidos como urgentes, por apresentarem uma dinâmica de emergência ao relatarem sobre períodos (que vão da escravidão até o momento em que foi escrito), os locais (da favela até a metrópole), sobre várias personagens negras, e ainda assim não tratam todos esses elementos de forma incompleta ou superficial. Pelo contrário, as obras são perenes que tanto dizem, que suas falas continuam ecoando em um tempo que não é somente linear.

---

<sup>126</sup> Ver: GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2017.

Segundo Regina Dalcastagnè em *A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea* assim como outros segmentos do discurso, o campo literário também é um espaço de exclusão. Ao perceber isso, que as representações sociais que são construídas e utilizadas na literatura, o entendimento de que as minorias precisam ser ouvidas e falar por si mesmas – com suas muitas vozes, apesar de utilizarmos o termo minoria e também fragmentá-los em grupos – é algo ainda a ser galgado na sociedade:

Por isso, cada vez mais, os estudos literários (e o próprio fazer literário) se preocupam com os problemas ligados ao acesso à voz e à representação dos múltiplos grupos sociais. Ou seja, eles se tornam mais conscientes das dificuldades associadas ao lugar da fala: quem fala e em nome de quem. Ao mesmo tempo, discutem-se as questões correlatas, embora não idênticas, da legitimidade e da autoridade (palavra que, não por acaso, possui a mesma raiz de “autoria”) na representação literária. Tudo isto se traduz no crescente debate sobre o espaço, na literatura brasileira e em outras, dos grupos marginalizados – entendidos, em sentido amplo, como todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva que recebe valoração negativa da cultura dominante, sejam definidos por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério. (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 20)

Tanto Carolina Maria de Jesus quanto Conceição Evaristo trabalham para que a (auto)representação/apresentação atente para a diversidade de questões e particularidades do considerado *outro*. Por possuírem o olhar de dentro que representam em suas obras, não é a voz do forasteiro quem encontra, “descobre” tais realidades, são as vozes conscientes dos seus papéis nos respectivos contextos.

Embora em *Diário de Bitita* seja a voz da menina que direciona a narrativa inicialmente, o romance dá atenção a vozes de várias personagens negras, desta vez tendo densidades de suas características, não sendo personagens homogêneos. Do mesmo modo em *Becos de memória*, onde a jovem narradora também experiente discorre sobre as diferentes histórias que ouviu e tenta em curtos capítulos percorrer o que seria necessário não esquecer. Persiste uma atenção para os ancestrais enquanto protagonistas de suas narrativas.

Memórias negras ficcionalizadas, como um conjunto de fotografias ou de becos, por vezes, sólidos, líquidos, rarefeitos, com lacunas e recortes, dores e risos, dúvidas e fabulações, apresentam-se como mais uma estratégia de remapear a vida com o uso de tecnologias negras. Conceição Evaristo com suas fotografias de família, Carolina Maria de Jesus junto a sua filha

na capa, afirmam sem nenhuma palavra que o que há de mais poderoso em termos de tecnologias negras não tiraram de nós<sup>127</sup>.

### 2.3 O corpo pede terra

Existe essa terra que é terra, que é a coisa que a gente mais tem medo de perder. É o pó. É o pó da terra, que é uma coisa que se equilibra com os outros gases, que dá fundamento”.

- Beatriz Nascimento, 1989

Tio Totó ao saber do desfavelamento e da exigência da saída de todos os moradores concluiu: “Meu corpo pede terra. Cova, lugar de minha derradeira mudança” (EVARISTO, 2017, p. 18). Relações de corpos negros com a terra. Terra como negação, movimento e também como lugar-geográfico, lugar-pertencimento e lugar-afeto. Ser de um lugar considerado ruim e (não) querer sair dele. O corpo pedir a terra. Não ser de lugar nenhum, mas ser dali. Querer ir embora, e não conseguir. Querer ir para um lugar “melhor”. Ser obrigado a ir embora e ponto. Corpo-mapa posicionando-se em busca de uma terra onde possa abrigar suas raízes.

Conceição Evaristo trança pluralidade de personagens e de visões sobre estar e ser de um lugar no centro, mas que estava sendo afastado de uma lógica “ideal” de centro, e (re)constrói afetos e vivências ancestrais, e o mover-se contemporâneo de pessoas negras. O personagem Tio Totó é um dos que tiveram que se deslocar em diferentes escalas subjetivas e geográficas:

Por que a gente não podia nascer, crescer, multiplicar-se e morrer numa mesma terra, num mesmo lugar? Se a gente sai por aí, por esse mundo de déu em déu e não volta, o que vale o respeito, a fê toda quando se está distante, no que para trás ficou? Para que a crença na volta ao lugar onde se enterra o umbigo? Verdade fosse!... (EVARISTO, 2017, p. 18)

---

<sup>127</sup> Percebemos que a literatura assume nestas obras um papel de agregar, reconhecer aspectos político-sociais importantes da história grupos que ainda segue menosprezado por grupos dominantes ainda na contemporaneidade. Estes últimos seguem os seus projetos de devastação de nossas imagens, palavras e sentidos. Omitem, censuram e negam acontecimentos arrasadores de destruição em massa, vide holocausto, ditaduras militares no continente *amefricano*, genocídio indígena e negro no Brasil, só para citar alguns. Homenageiam ditadores, assumem políticas neoliberais, contra a biointeração, criam políticas para que nossas fotografias de família não nos pertençam, e para que sejam cada vez mais raras.

A fala do Tio Totó em *Becos da memória* questiona a difícil condição de ter toda uma vida no mesmo lugar que nasce. Ele estava inconformado com a notícia que teria de se mudar novamente, estava sendo expulso daquele lugar que escolheu depois de tantas travessias, de tantos êxodos, em que ele perdeu de vista lugares e pessoas que eram amores e família.

Nei Lopes, lembra-nos que na tradição dos povos africanos bantos, “toda terra é sacralizada – até mesmo uma terra estrangeira que pode ser ou ter sido propriedade e morada de um ancestral local” (LOPES, 2014, posição 2968). Na narrativa, Maria-Nova, numa perspectiva jovem-adulta, apresenta sobre como era a vida na favela, descreve os objetos que via a sua volta e a relação delas com a *terra*, com o ver mundo à sua volta, com a falta de graça daquele lugar:

Grandes mundos!... Uma bitaquinha que vendia pão, cigarro, cachaça e pedaço de rapadura. (...) A torneira, a água, as lavadeiras, os barracões de zinco, papelões, madeiras e lixo. Roupas das patroas que quaravam ao sol. Eu tinha nojo de lavar o sangue alheio. E nem entendia nem sabia que sangue era aquele. Pensei, por longo tempo, que as patroas, as mulheres ricas, mijassem sangue de vez em quando. (...). Hoje a recordação daquele mundo me traz lágrimas aos olhos. Como éramos pobres! Miseráveis talvez! Como a vida acontecia simples e como tudo era e é complicado! (EVARISTO, 2017, p. 17)

Nesse trecho a visão de mundo era resumida àquela favela, àquela morada, àquela bitaquinha, àquela gente, a torneira, a água, as lavadeiras, as roupas das patroas quarando no sol, os barracões de zinco, papelões, madeiras e lixo. Logo no começo da obra ela descreve a sua marcação social. Pobre, favelada, limitada. Existe no pensamento de Maria-Nova uma ideia de que aquele mundo era sem graça, mas que “havia as doces figuras tenebrosas”, que deram a ela algumas memórias para seu “desejoso dolorido de escrever”.

*Becos da memória* descreve seus personagens individualmente e suas perspectivas de como chegaram àquele lugar e suas relações com o desfavelamento que estava por vir. O Tio Totó era uma das pessoas que Maria-Nova mais gostava de ouvir. Ele não sabia de onde era, nem de onde seus pais eram, somente que foram escravizados e que ele já nascera na “lei do ventre livre”<sup>128</sup>. Ele já tinha transitado bastante, casado três vezes, perdido suas companheiras

---

<sup>128</sup> A lei do ventre livre, segundo o *Dicionário da escravidão e liberdade*, foi criada em 26 de setembro de 1871, por causa das grandes pressões dos movimentos abolicionistas. Empregado com aspas para enfatizar uma medida que como uma criança nascida sob essa lei teria liberdade de fato, se os pais ainda eram escravos? Ver em: ARIZA, M. B. A. Crianças/Ventre livre. In: *Dicionário da escravidão e liberdade*. Org. SCHWARCZ, L.; GOMES, F. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. Versão digital, s/p.

e uma filha, era inconformado com estes acontecimentos trágicos que obrigaram ele a mudar de terra, a mudar a vida. E mais uma vez, já idoso, estava sendo confrontado com o que mais o deixava triste, a ideia de trocar de morada, sair da favela, “Tio Totó estava inconsolável: já velho, mudar de novo, num momento em que seu corpo pedia terra. Ele não sairia da favela. Ali seria sua última morada. Ele olhava o mundo com o olhar de despedida” (EVARISTO, 2017, p. 18). Recorro a Nei Lopes quando afirma sobre as africanidades presentes nas relações com a natureza, que:

Da mesma forma, o pensamento tradicional banto sacraliza as águas de rios e mares, não apenas por sua aplicação econômica, mas principalmente por elas terem servido, um dia, aos antepassados hoje venerados como ancestrais. E, assim como a terra e as águas, são sagradas as árvores e as plantas, por fornecerem sombra, alimento e remédio e também por sua ligação com os antepassados ilustres de cada comunidade. ” (LOPES, 2014, posição 2968)

E são as ligações com tais “antepassados ilustres” que Maria-Nova divide conosco meio de suas lembranças a chance de observarmos movimentos destas/destes arquivados em sua memória. A narrativa centra-se em relações de deslocamentos, que nos estudos sobre cultura, arte, ciências sociais, especialmente, remetem a “diferentes formas de mobilidade, física, espiritual, linguística; a diversas práticas de emigração, exílio, diáspora, êxodos, nomadismos, circulações humanas; é pensar em translados e trânsitos de todo o tipo, em políticas do movimento e em economias da viagem” (GONZALEZ, 2010, p. 109), pensar em deslocamentos plurais que ocorrem ao mesmo tempo.

O primeiro – não numa ordem linear – mover-se diz respeito a própria Conceição Evaristo, que se muda de Belo Horizonte para o Rio de Janeiro. Depois, lidamos com os êxodos e as movimentações das personagens de *Becos da memória*, que apesar do sofrimento ancestral devido a escravidão, ainda necessitaram lidar com mais desmembramentos de espaços geográficos forçosos de uma terra que passou a ser morada afetiva. Pensar na mobilidade espiritual que vai além da geográfica e linguística também é algo agregador para entender comunidades negro-brasileiras. O corpo negro que pede terra para muitos de nós está na contramão de corpos negros executados, como ocorre todos os dias no Brasil.

Os silêncios – estratégico e forçado – são aspectos presente na vida das comunidades negras, tanto no passado, no período da escravidão, quanto no período pós-emancipação até a contemporaneidade. Conceição Evaristo, tendo reconhecimento abrangente da crítica somente aos 70 anos, tem marcado suas escrevivências, e explicitando com esse hiato de atenção os

problemas de desigualdade e racismo existentes deste país que sublima estas questões, optando ainda em utilizar máscaras da harmonia racial.

Sabe-se que devido todas as violências ocorridas e narrativas construídas no período colonial em relação às mulheres negras, estagnou-se no imaginário da maioria da população brasileira a ideia de negras como sendo corpos objetificados, alegorizados, que assumem funções sexuais e servis. Hoje, apesar de avanços, graças às lutas constantes da comunidade negra em diáspora, ainda nos deparamos com índices de violências que ainda ratificam as fortes cicatrizes que carregamos em nossos corpos em movimentos. Em *O olho mais azul* (2019) de Toni Morrison, a personagem Pauline, mãe de Pecola, exemplifica uma das violências que ocorrem frequentemente com mulheres negras:

Um médico baixinho e velho veio me examinar. Ele tinha na mão um montão de instrumento. Pôs a luva, passou um creme na mão e enfiou a mão entre as minhas perna. Depois que ele foi embora, vieram outros médico. Um velho e outros moço. O velho tava ensinando os moço sobre bebês. Mostrando como fazer. Quando chegou a minha vez, ele disse que com essas mulher vocês não têm problema algum. Elas dão à luz logo e sem dor. Exatamente como as égua. Os moço deu um sorrisinho. Olharam a minha barriga e entre as minha perna. Eu encarei ele, ele baixou as vista e ficou vermelho. Acho que entendeu que eu talvez não era um égua parindo. Mas os outro não entendeu. Foram em frente. Eu vi eles conversando com as mulher branca (...) Conversa à toa, claro, mas conversa boa. Conversa boa e atenciosa. Eu fiquei nervosa e, quando as dor piorou, fiquei contente. Contento de ter outra coisa para pensar. (MORRISON, 2019, p. 131-132)

A poesia de Tatiana Nascimento não nos faz esquecer “os complexo de contenção:/ hospício é a mesma coisa que presídio é a mesma coisa/ que/ escolamesmacoisaquepresídioamesmacoisaquehospício/ amesmacoisqu/ as políticas/ uterinas/ de extermínio/ dum povo que não é/ reconhecido como civilização” (NASCIMENTO, T. 2018). Segundo dados do Ministério da Saúde, as mulheres negras são as que mais sofrem violência obstétrica no Brasil. 65,9% das mulheres que sofrem violência nos hospitais no momento do parto são negras, pela crença racista que as animalizam, e que as fazem receber (quanto recebem) quantidade de anestesia inferior à de mulheres brancas, e as fazem esperar mais por atendimento. O que ocasiona em óbitos, 62,8% das mortes maternas são negras.<sup>129</sup>

---

<sup>129</sup> Ver: OLIVEIRA, Ellen Hilda S. A., *Mulheres negras vítimas de violência obstétrica: estudo em um hospital público de Feira de Santana-Bahia*. Disponível em: <<https://bit.ly/2XAzq2u>>. Acesso em: 3 de abril de 2019; ASSIS, Jussara F. *Interseccionalidade, racismo institucional e direitos humanos: compreensões à violência obstétrica*. Disponível em: <<https://bit.ly/2vfIY79>>. Acesso em: 3 de abril de 2019.

Naturalizar a desigualdade para estagnar a população e fazê-la acreditar que não há nada a ser feito é uma das estratégias do racismo. Essa desatenção do mercado editorial não é inconsciente, o que faz recordar uma indagação de Davis publicada em *Mulheres, cultura e política* (2017), “como reconhecemos de maneira coletiva o legado da nossa cultura popular e o transmitimos para as massas de nosso povo, a quem, em sua maioria, tem sido negado o acesso aos espaços sociais reservados à arte e à cultura?” e emendo a questão “por que ainda temos dificuldade de enxergar em prateleiras de grandes livrarias obras de artistas literárias negras?”

Comungo com Davis (2017) a afirmação de que a arte pode sensibilizar e catalisar as pessoas de maneira que elas se envolvam em movimentos de mudanças sociais radicais e até de emancipação cultural. No Brasil, podemos exemplificar isso com o movimento *hip hop*, o *rap*, os *saraus*, os *slams*, as editoras independentes e/ou negras. Conceição Evaristo, enquanto artista literária negra, promove, por meio de sua literatura, além de reflexões que suas obras oferecem, influência para que mais mulheres negras atuem frente a uma arte negada a nós como protagonistas e criadoras, gerando um movimento de continuidade, de resistência, de progresso, de emancipação, de vozes-mulheres, de terra-ancestral. Para ela:

Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito na escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo, E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere as "normas cultas" da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para "ninar os da casagrande" e sim para incomodá-los em seus sonos injustos (EVARISTO, 2007)

Além de Evaristo artistas negro-brasileiras de outros campos, como Rosana Paulino, Renata Felinto<sup>130</sup>, Ani Ganzala<sup>131</sup>, nas artes visuais; na performance, Michelle Mattiuzze<sup>132</sup>,

---

<sup>130</sup> Renata Felinto (1941) é pesquisadora, educadora e artista visual. Idealizou Africanofagias Paulistanas (2011) para a Pinacoteca do Estado, eventos dedicados à cultura de matriz africana produzida em São Paulo. Em 2012, a série Afro-Retratos conquista o 2º Prêmio Nacional Expressões Culturais Afro-Brasileiras, da Fundação Cultural Palmares. Ver em: [www.renatafelinto.com.br](http://www.renatafelinto.com.br)

<sup>131</sup> Ani (Anie) Ganzala Ani Ganzala é mulher negra lésbica, artista visual. Atua como grafiteira e utiliza também a técnica de aquarela em seus trabalhos. Desde 2013, tem realizado intervenções urbanas, exposições e workshops em países como Cuba, Áustria, Chile, Estados Unidos, França, Alemanha, República Dominicana, Colômbia e Brasil. Em 2016 recebe o prêmio de ASTRAEA (Lesbian Foundation for Justice) em New York. Em 2018 participou da Residência artística de Pintura Grafite entre Brasil e Angola.

Jota Mombaça<sup>133</sup>; Grace Passô<sup>134</sup> na atuação e dramaturgia; Ingrid Silva<sup>135</sup>, na dança; e Angélica Dass<sup>136</sup>, na fotografia, entre outras, caminham transgressoras em terras brasileiras e estrangeiras, produzindo artes autoagenciadas ligadas à relação que cada uma tem com ser um corpo negro no mundo que destoa da norma. Uma arte que reivindica, que denuncia, que fala de quem sempre teve voz de outra perspectiva, que pluraliza. Davis afirma ratifica que a arte progressista é capaz de mudar a chave, dando às comunidades negras um sentido de emancipação social:

Embora nem toda arte progressista tenha de lidar com problemas explicitamente políticos – na verdade, uma canção de amor pode ser progressista se incorporar certa sensibilidade em relação à vida de mulheres e homens da classe trabalhadora –, quero explorar especificamente os significados sociopolíticos evidentes da arte com o objetivo de definir o papel que ela pode representar na aceleração do progresso social. (DAVIS, 2017, p. 166-167)

Uma obra de arte que fala de uma terra de difícil morada e que não existe mais geograficamente, mas na memória dos que a conheceram. O que quer a escritora Conceição Evaristo elucidando e ilustrando este lugar, estas pessoas negras e diferentes uma das outras?

A narradora, Maria-Nova, desde o início, antes de começar a jornada que escava passados, rememora notícias, histórias, casos, cores, cheiros, sabores, ela como um gesto ancestral mostra uma sensibilidade e ao mesmo tempo honestidade no que diz respeito a história que será contada, homenageia a todos que “se amontoaram” dentro dela, como eram os barracos do seu chão, da sua terra:

Escrevo como uma homenagem póstuma à vó Rita, que dormia embolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha memória. Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas,

---

<sup>132</sup> “Ex-bancária, ex-recepcionista, ex-operadora de telemarketing, ex-auxiliar de serviços gerais, ex-cuidadora de crianças, ex-dançarina, ex-mulher, ex-atendente de corretora de seguros, ex-esposa, ex-aluna. Foi jubilada pela Universidade Federal da Bahia, por racismo institucional. Negra, escritora, performer, move-se com arte de modo indisciplinar.”, como Michelle Mattiuzzi (1983) é descrita no site do Prêmio PIPA, ao qual foi indicada em 2017. Ver em: [musamattiuzzi.wix.com/musamattiuzzi](https://musamattiuzzi.wix.com/musamattiuzzi) e <https://bit.ly/2vhk1s2>.

<sup>133</sup> Jota Mombaça é (1991) é escritora e artista interdisciplinar, nascida no Rio Grande do Norte. Define-se a si própria como “bicha não binária, racializada como parda, nascida e criada no nordeste do Brasil”.

<sup>134</sup> Grace Passô (1980) é atriz, diretora e dramaturga mineira.

<sup>135</sup> Ingrid Silva (1988) é a primeira bailarina negra brasileira no The Dance Theatre of Harley.

<sup>136</sup> Angelica Dass (1979) é uma fotógrafa e educadora brasileira que mora na Espanha. Entre seus trabalhos, destaca-se o catálogo fotográfico de cores de pele Humanae. Ver em [https://youtu.be/kcYKRNbW\\_iw](https://youtu.be/kcYKRNbW_iw)

suadas, negras, alouradas de poeira do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela. Homenagem póstuma ao Bondade, ao Tião Puxa-Faca, à velha Isolina, à D. Anália, ao Tio Totó, ao Pedro Cândido, ao Sô Noronha, à D. Maria, mãe do Aníbal, ao Catarino, à Velha Lia, à Terezinha da Oscarlinda, à Mariinha, à Donana do Padin. Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos da minha favela. (EVARISTO, 2017, p. 17)

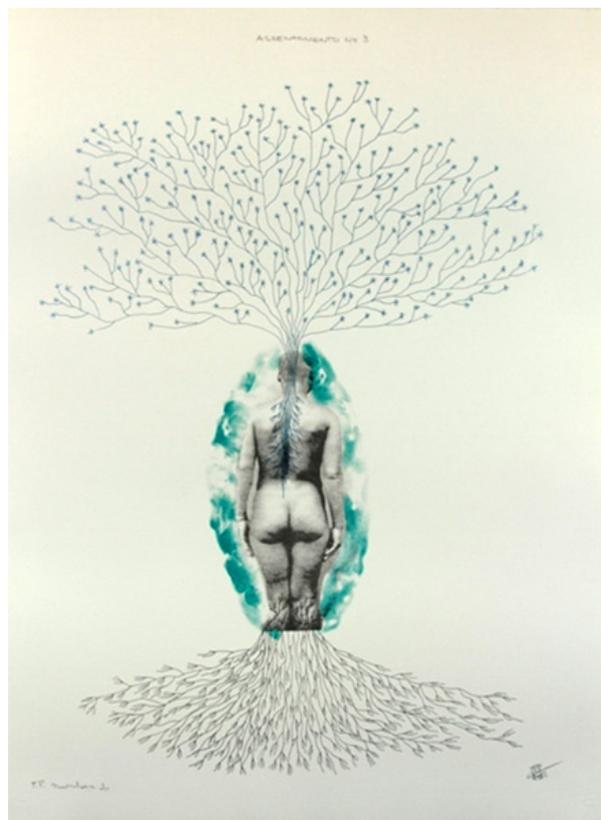
O meu corpo é a minha terra e/ou a minha terra é o meu corpo? *Becos da memória* traz a percepção do adinkra *sankofa*, que é olhar para atrás e perceber nas vivências anteriores aspectos que podem agregar as vivências do presente. Fica evidente e é precioso marcar nesta perspectiva que nos becos, crianças, como Maria-Nova receberam/recebem “princípios e educação de várias mulheres, suas iniciadoras. Essa é a formação natural da criança negra quando a família vai além da fronteira da consanguinidade e a imagem da mulher se fixa representando a orientadora e a responsável pela formação da família”. (NASCIMENTO, G., 2014, posição 674)

Isso faz lembrar também outras narrativas reais de artistas negros, como a do cantor e compositor baiano Mateus Aleluia que fala sobre o grupo musical negro-baiano que surgiu na década de 1960, do qual fez parte, *Os Tincoãs*, e sua viagem do Recôncavo da Bahia para Luanda em 1983 com os parceiros Dadinho e Badu, e o retorno novamente nos anos 2000 para o Recôncavo. Ele fala que a música feita por eles, encontra-se no plano do sensível, da delicadeza e que a grande arma é a gentileza e a arte. No trecho de *Chão de verdade* dos *Tincoãs*, apresenta uma perspectiva de como o mundo pode estar configurado. Aleluia fala que “me recolhi ao chão”, remete a ideia de voltar para unidade, para liberdade plena, “pois é no chão que está a minha entidade. Eu não falo que a entidade está no altar. O altar é chão. O rei está no chão. O discurso daquele rei é o grito daquele plebeu” (ALELUIA, 2017, p. 132).

bell hooks fala que “na luta pela resistência, o poder do dominado de afirmar uma agência ao reivindicar e cultivar “consciência” politiza as relações de “olhar” – a pessoa aprende a olhar de certo modo como forma de resistência” (HOOKS, 2019). Conceição Evaristo resiste, com a arma da escrita, empregando nela a curadoria de fotografias pessoais-coletivas, em *Becos da memória*, uma estratégia de guardar e ensinar conhecimentos ancestrais com ternura mesmo diante da dor e dos constantes assaltos aos direitos de ser e estar no mundo. Mesmo com a mudança, e com muitos cadernos e anotações que se perderam com a destruição da favela que nasceu e morou, como está explícito na exposição *Ocupação*, Evaristo não deixa de fortalecer com sua narrativa os mais novos e aqueles que antes mesmo de Maria-Velha fez valer àquele chão, àquela favela que já nem existe de fato. E aquele chão de verdade é *terra*, terra-resistência.

Nos meus movimentos em direções a visões afrodiaspóricas, deparei-me na exposição<sup>137</sup> de Rosana Paulino, que além de contar a história negra do Brasil pela perspectiva de mulher negra, traz uma ampla composição de significados da palavra que nomeou a série que mais me chamou atenção: *Assentamento* (2013). Palavra esta que pode denotar a ideia de estabelecer residência fixa, acomodar um grupo de pessoas, assentar uma ou outra cultura, e, ao mesmo tempo, quando observamos as religiões de matriz africana, assentamento pode também significar poder, força, canal de energias, aproximação entre o indivíduo e a ancestralidade, responsabilidade, cuidado, um momento de preparação para “acalmar” ou preparar o orí. E talvez seja isso “o mágico da diáspora”, quando é possível “(des)membrar terra-chão” (NASCIMENTO, 2018).

Imagem 9: Assentamento n.3



---

<sup>137</sup> *Rosana Paulino: a costura da memória*, ocorreu na Pinacoteca de São Paulo entre os dias 8 de dezembro de 2018 e 4 de março de 2019. Foi exposto o conjunto de obras da artista com temas raciais, étnicos e de gênero. A curadoria da exposição foi realizada por Valéria Piccoli e Pedro Nery, curadores da Pinacoteca. Esta exposição contou com um conjunto de trabalhos da artista, como: *Bastidores* (1997), *Parede da Memória* (1994-2015), *Tecelãs* (2003), *Assentamento* (2013), *¿História Natural?*, *Brasil Paraíso tropical* (2017) e *A Geometria à brasileira chega ao paraíso* (2018).

A obra da série *Assentamento*<sup>138</sup> de Rosana Paulino apresenta uma mulher negra acoplada a uma árvore ou a árvore que é a mulher negra. Carolina Maria de Jesus em *Diário de Bitita* escreveu que “somos como folhas afastadas pelo vento” e, penso que, ao mesmo tempo, também podemos ser como árvores, cada um com seus desafios, aterradas ou não, com as raízes internas ou expostas, que nem sabemos onde começam e terminam, mas ainda assim seguimos, crescendo e nos desenvolvendo, tentando (nos) entender.

No tronco desta árvore, que pode ser um baobá, aparecem marcas nem sempre feitas por nós mesmos. Depois destes percursos e encontros referenciais, apresentarei uma das minhas estratégias de cuidar da árvore, mesmo em movimento, balançando, aterrada. Esta referência das raízes conecta com a ideia de mapas genealógicos, das conexões familiares que não conhecemos, mas que sabemos que existem. E por estas ausências terem sido forjadas por uma série de violências, e ser uma realidade que muitas vezes não nos dão respostas concretas, tivemos que ampliar e nos apegar a outras lógicas familiares e de parentesco, outras cartografias afetivas. O sentir e saber – com lacunas e ausências – nos fez ampliar nossas tecnologias forjadas em (re)mapas. E é com esta necessidade de encontrar olhares e visões que o projeto *Escritoras Negras* desponta.

E ancora de trançamentos, emaranhados de visões, de leituras e de inquietações, do olhar para dentro e para atrás, para as raízes internas, para o que foi colocado por mim e por outros nesta árvore como adubos. Para dialogar com um futuro, pois sabemos que (r)existir não é deixar legado apenas, é ser ancestral.

Narrativas que deem conta do inarrável e que nos abrace com possibilidades de pensar na nossa origem, instáveis, questionáveis, pluriversais sobre movimentos. “Construir mitos, inventar histórias, criar línguas de ternura que embasem o estar num mundo, que é, quase ininterruptamente, hostil” (CHNAIDERMAN, 2017, p. 195), como afirma Miriam Chnaiderman em *Buscando baobás na aridez do asfalto: instaurando origens*, e nos oferece o “mito da árvore”, para expandirmos nossos olhares e pensarmos que “o silenciamento da

---

<sup>138</sup> Essa é uma das obras da série *Assentamento* de Rosana Paulino, que foi desenvolvida a partir de imagens de uma mulher negra anônima retratada na expedição Thayer. Sugiro a leitura da tese *Corpo, discurso e território: a cidade em disputa nas dobras da narrativa de Carolina Maria de Jesus* (2015) de Gabriela Leandro Pereira, que traz analogias sobre a obra de Rosana Paulino, recordando-nos do percurso utilizado pela artista para desenvolver esta obra. Utilizando-se do que era violência para trazer ressignificações. Gabriela Pereira salienta a dobra, usada por Paulino, que compreendo como importante remapa para trazer novos sentidos e leituras.

história tem duras consequências: ou a idealização de uma tradição levando a um fechamento no passado, ou o silenciamento levando a atuações de repetição infinita” (Idem, p.196).

## 2.4 A ternura é negra

You may write me down in history  
With your bitter, twisted lies,  
You may trod me in the very dirt  
But still, like dust, I'll rise.

Does my sassiness upset you?  
Why are you beset with gloom?  
'Cause I walk like I've got oil wells  
Pumping in my living room.

Just like moons and like suns,  
With the certainty of tides,  
Just like hopes springing high,  
Still I'll rise.

Did you want to see me broken?  
Bowed head and lowered eyes?  
Shoulders falling down like teardrops,  
Weakened by my soulful cries?

Does my haughtiness offend you?  
Don't you take it awful hard  
'Cause I laugh like I've got gold mines  
Diggin' in my own backyard.

You may shoot me with your words,  
You may cut me with your eyes,  
You may kill me with your hatefulness,  
But still, like air, I'll rise.

Does my sexiness upset you?  
Does it come as a surprise  
That I dance like I've got diamonds  
At the meeting of my thighs?

Out of the huts of history's shame  
I rise  
Up from a past that's rooted in pain  
I rise  
I'm a black ocean, leaping and wide,  
Welling and swelling I bear in the tide.

Leaving behind nights of terror and fear  
I rise  
Into a daybreak that's wondrously clear  
I rise  
Bringing the gifts that my ancestors gave,  
I am the dream and the hope of the slave.  
I rise

I rise  
I rise.

- Maya Angelou, *A still I rise*<sup>139</sup>, 1978

Escrever com ternura não é ser dócil, submissa/o, pacífica/o.

Maya Angelou no seu poema *A still I rise*, originalmente escrito em inglês, ou *Ainda assim eu me levanto*, numa tradução para o português, traz a certeza de que a escrita negra contemporânea, marcada com a ternura das palavras, da escolha estética da sua forma de criar, como afirmou Conceição Evaristo, “não será para adormecer a casa-grande”, pelo contrário:

Quando estou escrevendo e quando outras mulheres negras estão escrevendo, me vem à memória a função que as mulheres africanas - dentro das casas-grandes, escravizadas - tinham de contar histórias para adormecer a casa-grande. Eram histórias para adormecer. Nossos textos tentam borrar essa imagem. Nós não escrevemos para adormecer os da casa-grande, pelo contrário, é para acordá-los dos seus sonos injustos. (EVARISTO, 2017, online)

E “para acordá-los dos seus sonos injustos” é necessário que eles prestem a atenção ao que está sendo dito por vozes destoantes das da casa-grande a respeito da ideia de humanidade que forjaram. Ao ler a poesia de Angelou três momentos chegaram à tona. O primeiro é sobre Rísia, personagem de Marilene Felinto (1957) em *As mulheres de Tijucoapapo*, numa con(fusão) de sentimentos afirmados, repetitivos, de quem tem muito a dizer, de quem sente muito, de quem tivera que “engolir o choro”. A narrativa transita no retornar externo, de São Paulo para Tijucoapapo, cidade de interior onde nasceu sua mãe, e para dentro de si, numa geografia subjetiva, uma necessidade de reencontro consigo, com suas raízes. São memórias de infância e de adolescência que como ondas bravias do mar ou chuvas incansáveis de verão

---

<sup>139</sup> Título: Ainda assim eu me levanto. Você pode me inscrever na História/ Com as mentiras amargas que contar,/ Você pode me arrastar no pó/ Mas ainda assim, como o pó, eu vou me levantar./ Minha elegância o perturba?/ Por que você afunda no pesar?/ Porque eu ando como se eu tivesse poços de petróleo/ Jorrando em minha sala de estar./ Assim como a lua e o sol,/ Com a certeza das ondas do mar/ Como se ergue a esperança/ Ainda assim, vou me levantar/ Você queria me ver abatida?/ Cabeça baixa, olhar caído?/ Ombros curvados com lágrimas/ Com a alma a gritar enfraquecida?/ Minha altivez o ofende?/ Não leve isso tão a mal./ Porque eu rio como se eu tivesse/ Minas de ouro no meu quintal./ Você pode me fuzilar com suas palavras,/ E me cortar com o seu olhar/ Você pode me matar com o seu ódio,/ Mas assim, como o ar, eu vou me levantar/ A minha sensualidade o aborrece?/ E você, surpreso, se admira./ Ao me ver dançar como se tivesse,/ Diamantes na altura da virilha?/ Das chochas dessa História escandalosa/ Eu me levanto/ Acima de um passado que está enraizado na dor/ Eu me levanto/ Eu sou um oceano negro, vasto e inquieto,/ Indo e vindo contra as marés, eu me levanto./ Deixando para trás noites de terror e medo/ Eu me levanto/ Em uma madrugada que é maravilhosamente clara/ Eu me levanto/ Trazendo os dons que meus ancestrais deram,/ Eu sou o sonho e as esperanças dos escravizados./ Eu me levanto/ Eu me levanto/ Eu me levanto! [Tradução livre]

aparecem na voz de mulher negra que revela suas vivências, mostrando repetidamente as cicatrizes no seu corpo, as marcas de dentro que nunca saíram, e finalmente, que não estarão mais encobertas em segredo.

Um segundo momento que a poesia de Angelou retornou a minha lembrança, foi ao assistir em 2018, em Rio Branco (Acre), o artista indígena Jaider Eisbel Macuxi (1979), de Roraima, apresentar sobre a *literatura oral indígena e o desafio da formação intercultural*<sup>140</sup>, iniciando com uma saudação na língua macuxi, e em seguida discorrendo na língua inglesa por alguns minutos, e prosseguindo sua fala em português. Ele se questionava sobre a certeza de a organização do evento querê-lo ali para discorrer a respeito de tudo que necessitava, sabendo que ele não permitiria que ninguém colocasse mais palavras em sua boca.

Aquela imagem – Jaider Eisbel com o rosto pintado, usando cocar, colares, junto ao seu *macbook*, seus dizeres em seu idioma macuxi e no dos colonizadores – ficou muito presente durante um tempo na minha mente, pois, a oralitura ali afirmada transmitia o quanto foi necessário perder (e/ou ganhar), para afirmar sobre a sua família, o seu povo mundo afora, em negociações que ainda perduram. Foi naquele “ambiente extrapolado”, como afirmou, onde pediu licença a toda a ancestralidade presente ao que antes era somente floresta, que ele cantou uma ideia de língua macuxi, que reflete sobre a sua fluência estar distante de um macuxi falado por um ancião ou ultrapassado ao ouvir de um mais jovem.

Ao prosseguir falando sobre sua infância, Eisbel declarou que esta foi marcada por sua imersão na terra, as várias marcas da presença comunitária, e que também fora dissonante, com as intervenções da colonização presentes, impregnando diversas violências. Infância preenchida de afazeres, práticas coletivas, aprendizados dentro de casa, para além da escola formal, mas também de violências físicas que ele descreve ser de “origem coronelista”, advindas do colonizador, reproduzidas por alguns de seus familiares. Vive no interfluxo, vida no interior, nas malocas, e também com intervenções “de fora”. E no fim desta fala, afirmou o quanto os mitos e as lendas contadas pelo avô macuxi o impulsionou a ser contador de

---

<sup>140</sup> Refiro-me a sessão temática “*A literatura oral indígena e o desafio da formação intercultural*” por Jaider Esbell Macuxi (Roraima – Brasil) proferida no dia 10 de agosto de 2018, em *Éticas e poéticas dos mundos Andinos-Amazônicos: trânsitos de saberes, linguagens e culturas* na XIII Jornadas Andinas de Literaturas Latinoamericanas (JALLA), entre os dias 06 e 11 de agosto de 2018, no Campus da Universidade Federal do Acre, Brasil.

histórias, o aproximou da literatura e das artes. E que hoje segue afirmando “vida própria e ambiência de existência”.

O terceiro momento que me recordo quando escuto *Ainda assim eu me levanto* é do romance *A cor da ternura* (1989) de Geni Guimarães, que acompanha ilustrações de Saritah Barboza, e fortalece as tantas imagens que a escritora nos fornece com seu repertório de palavras, agregando à ideia de cor da ternura. Percebemos que as escrevivências se estabelecem juntamente ao que a Conceição Evaristo chama de ficção da memória.

Uma infância rica de palavras, a imersão na terra, na comunidade, e a poética maneira de ver seu mundo e as demais existências. A menina Geni observa a vida de forma biointegrada. Mas também é na infância que ela se depara com as interações e demarcações coloniais sempre ditando a respeito da sua forma de ser e da sua família:

“- Não tenho nada com isso, mas vocês de cor são feitos de ferro. O lugar de vocês é dar duro na lavoura. Além de tudo, estudar filho é besteira. Depois eles se casam e a gente mesmo...

A primeira besteira ficou sem resposta, mas a segunda mereceu uma afirmação categórica e maravilhosa que quase me fez desfalecer em ternura e amor.

- É que eu não estou estudando ela pra mim – disse meu pai. – É para ela mesmo.

(GUIMARÃES, 1997, p. 73)

Marilene Felinto, Jaider Eisbel, Geni Guimarães, e tantos outros artistas de interiores do norte, nordeste e de periferias do Brasil, aprenderam outras línguas, outras formas de ser para afirmar a existência de suas *humanidades* e transpuseram estas por meio de suas expressões artísticas um pedaço ou alguns mergulhos de experiências de quem tanto tem a dizer sobre as armadilhas de viver num mundo ditado pela supremacia branca.

Ao retomar aspectos em *A cor da ternura* (1989), a novela ou romance curto, dividido em 10 partes, faz-nos recordar as cartografias ou remapas inseridos em *Diário de Bitita*, e as fotografias de família presentes na capa, contracapa e dentro delas em *Becos da memória*. E são elas, “Primeiras lembranças”, “Solidão de vozes”, “Afinidades: olhos de dentro”, “Viagens”, “Tempos escolares”, “Metamorfose”, “Alicerce”, “Mulher”, “Momento cristalino”, e “Força flutuante”, e são a partir destas marcações que a trama percorre seus trânsitos fluidos, como retratos, ou curtas-metragens, de cada momento, do tornar-se mulher negra na sociedade.

Em *A cor da ternura* observamos marcações temáticas, onde estão expressos movimentos subjetivos e geográficos nos títulos. “Você pode me fuzilar com suas palavras,/ E me cortar com o seu olhar/ Você pode me matar com o seu ódio,/ Mas assim, como o ar, eu

vou me levantar”, esse trecho enamora com o da Geni Guimarães que diz “Sou, desde ontem da minha infância, bagagem esfolada, curando as feridas no arquitetar conteúdo para o cofre dos redutos” (Idem, p. 93).

Em 2019, Marilene Felinto, na Festa Literária de Paraty (FLIP)<sup>141</sup>, a qual homenageou Euclides da Cunha, em vários momentos admitiu o desafio de estar ali naquele evento, e destinou sua fala “aos escritores do interior do Brasil, aos escritores anônimos das cidades e das periferias das grandes cidades, entre estes últimos, jovens e moças negros, vítimas do extermínio cotidiano que ali se processa”. E acredito, assim com Felinto, que são as vozes dos interiores que cada vez mais carecemos de prestar a atenção. São os que estão dentro da convivência com variados sentimentos de negação, escassez, que as desculpas e *mea culpa* de ex-neoliberais, ex-fascistas, e outros ex-opressores, que precisamos focar. E destaco abaixo alguns trechos da fala da escritora na FLIP:

Os ancestrais de minha mãe são possivelmente sobreviventes da degola e da tortura a que foi submetida pelo exército de Euclides da Cunha a gente preta do arraial de Canudos, os milhares de escravos recém-libertos que zanzavam pelo sertão em busca de comida e alguma crença para suportar aquelas condições desumanas de vida (...) Levei anos para superar o estrago do racismo internalizado na mentalidade do brasileiro, tão bem codificado no linguajar culto de Euclides da Cunha e dos sociólogos do seu tempo (...) Minha presença aqui e esta fala, que vocês infelizmente pagaram para ouvir, pode destoar assim do que se espera. Mas é que eu não aceito a norma quando ela significa a manutenção, a naturalização da perversidade, da exclusão, da desigualdade social. Levei décadas para superar o complexo de inferioridade resultado da discriminação de raça e de classe. Durante tempos, acreditei na minha própria feiura. ‘Sou feia’, eu me dizia quando menina, me olhando no espelho. (FELINTO, 2019, *online*)

Nos 33 breves capítulos de *As mulheres de Tijuapapo* (1983), a ternura presente em sua obra, distancia-se do sinônimo de “meiguice”, “docilidade”, e está mais próxima do sentido da palavra “afeto”. Na obra, percebemos que há um movimento de se afetar – ser atingida, incomodar-se e incomodar a outra pessoa – com as experiências que se vivenciou, consonante de um mundo branco entendido como universal que causa transtornos também às

---

<sup>141</sup> Persigo por caminhos como os da professora e pesquisadora brasileira Andressa Marques da Silva, que desenvolveu ainda no mestrado um trabalho que articula a possibilidade de interlocuções com diversidade de arte negra. Trazendo o rap em sintonia com romances, como este de Marilene Felinto, na dissertação: *Por uma promessa de vida mais viva: relações afetivas de mulheres negras no rap e no romance brasileiro contemporâneo*. Além disso, ela escreveu recentemente o artigo *Marilene Felinto: a irmã outsider*, disponível em <[www.gelbc.com.br](http://www.gelbc.com.br)>. Acesso em 20 de julho de 2019.

peças negras<sup>142</sup>. É esse estado emocional que se relaciona com a formação de pulsão que acho valioso marcar nesta leitura.

Nesta obra publicada em 1983, quando a autora tinha 23 anos e o país estava há 19 anos sob o regime militar, a democracia estava hibernada, e refletir sobre estes olhares subjetivos para dentro do que era o interior do nordeste, as vozes de quem precisou sair dos seus lugares natais em busca de melhores condições no sudeste, dos tantos silenciamentos e ao mesmo tempo assumir novos idiomas para falar e se expressar nestes lugares sem ser motivo de chacota ou ainda se sentir menos deslocados, como afirma Felinto.

“Sou uma mulher indo sozinha na estrada” (FELINTO, 2014, p. 137), uma mulher negra indo sozinha na estrada, na vida, desenhando e inscrevendo suas escrevivências, oralituras, subjetividade de uma personagem mulher negra frente a um momento social complexo e mais ainda, uma estrutura social em que a confrontava a todo o tempo. Rísia lutava contra o espelho porque não conseguia se ver, parava diversas vezes, sentava na pedra e ali tentava músicas no violão, cores-desenhos com lápis-cera.

Na dissertação publicada em edição própria, *Autobiografia de uma escrita de ficção: ou: por que as crianças brincam e os escritores escrevem*, Marilene Felinto conta que quando sua família se mudou da região nordeste para São Paulo, necessitou aprender junto com seus irmãos um segundo idioma, o paulistanês, para fugir das discriminações da metrópole. O inglês era seu terceiro idioma, no caso, o que contribuiu para sua inserção na escrita ficcional:

Meus irmãos e eu, para evitar a discriminação de que éramos vítimas na escola por causa do nosso sotaque nordestino, passávamos horas treinando em casa os sotaques e o vocabulário do paulistanês. Naquele tempo, nordestino no Sudeste era tratado como cidadão de segunda classe, casta inferior, retirante sem eira nem beira, sem o charme ou o glamour que certos estratos sociais intelectualizados das metrópoles sudestinas atribuíam anos depois ao sotaque de alguns nichos de gente nordestina, principalmente da música popular. (...) Meus irmãos e eu treinávamos, por exemplo, a pronúncia da palavra “piedade”. Treinávamos trocar a nossa pernambucana [piÊdadi] pela paulistana [piÊdadji]; buscávamos sinônimos para palavras nordestinas desconhecidas dos paulistanos e motivo de chacota das crianças na

---

<sup>142</sup> Em *Alienação e liberdade* de Franz Fanon, o professor Renato Nogueira sinaliza no prefácio, que “o racismo ‘epidêmico’- essa “epiderme da inferioridade” que recai sobre as pessoas negras é um dos aspectos ressaltados por Fanon. O racismo é um sistema que facilita a exploração por meio da identificação de gente ‘civilizada’ e ‘incivilizada’. Para a metrópole branca, esse modo de situar as populações é mais fácil, uma vez que evidente” (2020, p. 11), como podemos constatar nas falas de Rísia, sua dificuldade de interação na grande São Paulo, e também nos relatos da moça Geni, sobre a desconfiança das pessoas brancas em relação a sua integridade e capacidade de ocupar espaços de disputa, como a sala de aula, na função de professora, de quem tem a ensinar.

escola, tais como: “aperreio”, “oxente”, entre dezenas de outras. Buscávamos adaptar nossa identidade nordestina, nossos corpos e mentes às exigências da nova cultura e do novo clima: pela primeira vez em nossas vidas usaríamos calças compridas, casacos, malhas e meias. Na tabela a seguir, exemplos de nosso treino em paulistanês. (FELINTO, 2019, posição 1139-1156)

A voz de Rísia em *As mulheres de Tijucopapo* me fez recordar também do monólogo teatral, livro e filme, *Vaga Carne* da atriz, diretora, curadora e dramaturga mineira Grace Passô<sup>143</sup>. Esta premiada narrativa conta a história de uma voz que invade uma mulher negra e se põe a dialogar sem freios, sem receios, sem filtros, como quem mergulha em um rio ou mar e não sabe a respeito do que encontrará, pois, o externo, o que está na superfície é também denso, profundo. “A voz” é a personagem principal e ela invade uma mulher negra que vive em busca de suas identidades e dos seus pertencimentos. Esta é a sensação que tenho ao escutar a voz de Rísia, e “a voz” em *Vaga Carne*. Como se de algum modo, todas aquelas dores, repetições, falas estivessem presas e necessitassem ser despejadas, sem que nós, leitores, sequer imaginássemos o que estaria por vir:

Estão ouvindo? Você ouve, coração? Pulmão? Sangue? Osso? Lá fora existe um bicho feroz, coisas de manter flechas e armas nas mãos! Sabem que nome tem esse bicho? Sabem que nome tem esse bicho? Sabem como se denomina esse bicho? Sabem que nome tem? O olhar dos outros. Aqui dentro não entra o sol, o sol não entra, mas também não faz falta nenhuma. (...) Peço que me escutem para que vocês tenham consciência de si mesmos, é tudo escuto dentro de ti, ti, ti e ti e ti. E também não são objetos, não, é uma vegetação, ou... uma... máquina, tudo move, move, move, percebem? (...) Nunca precisei fazer tanto esforço. É como uma embarcação estou erguendo uma vela gigantesca, é como mover um barco, como se estivesse uma tempestade e é meu som que move o leme. (PASSÔ, 2020, p. 18-19)

Ouvir/ler a voz de Rísia em *As mulheres de Tijucopapo* implica em escutar tudo da voz que carrega cicatrizes a mostra e que estão presentes em muitas pessoas negras nascidas em interiores e periferias do mundo, e que são afetadas por um projeto estrutural que nos coloca numa poeira do “próximo-distante”. “É como uma embarcação estou erguendo uma vela gigantesca, é como mover um barco, como se estivesse uma tempestade e é meu som que

---

<sup>143</sup> Há uma desarmonia entre o corpo e a fala, uma vertigem entre o que falamos e agimos, e isso é uma metáfora dos nossos tempos: vemos a autoridade da fala e o fracasso do corpo. Em cena, apresentamos o corpo de uma mulher imóvel, mas que está atônita, sem saber como agir enquanto recebe o impulso de uma voz vibrante. (PASSÔ, 2020, online)

move o leme”, e isso faz muito sentido quando nos deparamos com Rísia, nos seus movimentos de volta para a terra da sua mãe, para suas raízes:

Saí de São Paulo porque lá, se eu quisesse eu não podia. Porque lá não chovia, não tinha areia, não tinha pitomba. Lá, se eu quisesse não podia. Lá, às vezes, lá naquelas ruas de entardecer, lá eu parava no meio da ilha esperando que os carros passassem, eu displicente e desconsolada, e me queria dizendo que eu era um puta: “Sou uma puta, me levem para onde quiserem.” Pois que só assim poderia eu entregar-me à displicência plena e total que é a de dar o meu próprio corpo, sem orgulho, sem dignidade, sem amor, sem dor. (FELINTO, 2004, p. 137)

Estas narrativas de pessoas negras que trouxe até aqui desembocam na frase que abre a introdução de *Tornar-se negro* da médica baiana Neusa Santos Souza, publicado em 1983, mesmo ano da publicação de *As mulheres de Tijucopapo*, “uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo” (SOUSA, 1993, p. 17)<sup>144</sup>. E esse agenciar-se torna-se possível quando podemos utilizar nossas epistemes, falar sobre o que desejarmos, sem ter que pedir algum tipo de licença. Poder trançar nossos pensamentos e afirmar nossos mapas para questionar e tocar em fissuras, olhar os passos dados para atrás, que não significa atraso, e nem sempre estes são menores. E talvez possibilite um encontro consciente com o que se é, com as próprias subjetividades. Marilene Felinto no prefácio da quarta edição de *As mulheres de Tijucopapo* afirma que este é um romance de juventude:

Por isso mesmo cheio dos defeitos, do ímpeto equivocado, dos impulsos irascíveis daquele período da vida (para não dizer da minha já tresloucada personalidade). Mas é nele também que reconheço a força inconfundível, o vigor imbatível da fase única em que uma pessoa se move impulsionada por uma fé cega no amanhã. (FELINTO, 2019, posição 109)

As narrativas de mulheres negras têm o compromisso de ampliar também a noção das identidades e subjetividades negras, são construções desenvolvidas alinhadas ao processo histórico, cultural, onde se percebe um acordo com um eu, que é individual-coletivo, por isso a diferença, quando refletimos sobre escrituras nesta obra de Felinto.

Já chegando as páginas finais de *A cor da ternura*, vemos novamente recortes, como fotografias, ou curtas-metragens, a imagem da criança indo, com as mudanças corpóreas, o

---

<sup>144</sup> O sobrenome de Neusa Santos Souza aparece na própria ficha catalográfica com essa duplicidade. Oras com s, oras com z. Mantive com s, ao grafar o Sousa da citação, conforme a ficha catalográfica para citá-la, e com z ao escrever seu nome completo, que é onde consta a grafia conforme documentos oficiais.

tempo da brincadeira sumindo, cada vez mais restrito, tornando-se mulher negra “a caminho do professorado, cumprindo o prometido (...), cuidando da fala, misturando palavras, pronúncias suburbanas aos mil modos de sinônimos rolantes no tagarelar social requintado (...), jogando cintura, diante das coações e preconceitos” (GUIMARÃES, 1997, p. 81).

Neusa Santos Souza reflete que saber-se negra na sociedade e brasileira é mais que a ideia óbvia de constatar a cor da pele:

é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades. (SOUZA, 1993, p. 17-18)

Ao adentrar nas narrativas destas protagonistas percebemos este comprometimento, em ir em busca de suas raízes, adentrar na sociedade afirmando-se, ir em busca de respostas, motivações que explicassem tamanha desordem social, preconceitos, desdêns.

Em “Força flutuante”, em *A cor da ternura*, a narradora descreve seus primeiros momentos após ter se formado, a busca por emprego, e a sua primeira oportunidade foi numa substituição na série que “sobrou”, na escola, que ela descreve como estabelecimento. Os olhares que a fitaram podem ser similares aos de *O corpo do mundo* de Luedji Luna, “suportei o olhar duvidoso da diretora e das mães, que incrédulas, cochichavam e me despiam em intenções veladas. Só faltaram perder-me o certificado de conclusão ‘para simples conferência’” (GUIMARÃES, 1997, p. 87). E após provar que podia estar ali, ela se depara com outra situação já vivenciando a sala de aula:

Soou o sinal de entrada e meus pequerruchos entraram barulhentos, agitados.  
Só uma menina clara, linda, terna, empacou na porta e se pôs a chorar baixinho.  
Corri para ver se conseguia coloca-la na sala de aula.  
- Eu tenho medo de professora preta – disse-me ela, simples e puramente.  
Tanto medo e doces misturados desarmaram-me. Procurei argumentos.  
(GUIMARÃES, 1997, p. 87)

Nesta passagem de *A cor da ternura*, podemos recordar de uma passagem que Franz Fanon expressa um exemplo clássico de como um corpo negro é animalizado, demonizado:

O preto é um animal, o preto é ruim, o preto é malvado, o preto é feio; olhe, um preto! Faz frio, o preto treme, o preto treme porque sente frio, o menino treme porque tem medo do preto, o preto treme de frio, um frio que morde os ossos, o menino bonito treme porque pensa que o preto treme de raiva, o menino branco se joga nos braços da mãe: mamãe, o preto vai me comer! (FANON, 2006, p. 106-107)

Escrever com ternura não é ser dócil. A cor da ternura é negra e as nossas vivências têm confluências, existem movimentos que se repetem, mesmo não sendo iguais. Geni Guimarães traz no último capítulo da sua narrativa a voz em primeira pessoa dizendo compreender com nitidez os ensinamentos do pai, da família, das raízes ancestrais, âncoras de suas rotas lhe dera “nas palavras curtas, nas suas parábolas decifradas na cartilha da existência” (GUIMARÃES, 1997, p. 92-93). E ao mesmo tempo é com a própria presença que afirma e leva os seus pares consigo em espaços que considera potentes e afetuosos. Marilene Felinto nos oferece enfrentamento, uma revolução protagonizada pelas mulheres de Tijucoapapo. A voz de sua protagonista assegura: “Não vou desrespeitar jamais a menina que existe dentro de mim. A menina que existe dentro de mim está sentada num trono. O mundo não está tão assentado dobre a reatividade que às vezes penso. Pois eu posso transformar o mundo a lápis de cera. Vou pintar uma revolução” (FELINTO, 2004, p. 138). E ela pinta, ao final, descobre que onde sua mãe nasceu tem mulheres diferentes da sua mãe, tem plurais referências de pessoas e de imagens que estagnaram no seu imaginário. Ela foi fazer a revolução para derrubar “os culpados por todo o desamor que eu sofri e por toda a pobreza que vivi” (Idem, p. 186).

Nossas histórias da diáspora negra, nossas histórias anteriores a colonização, durante e pós-emancipação estão sendo afirmadas com afeto, ternura, raiva, com o que é necessário. São revoluções.

[Rísia disse: “É isso. Passou-se o meio-dia como passam as nuvens por você quando você está num avião. Quando você está num avião você passa pelo paraíso”. Jaider Esbell falou que em uma viagem de avião que ele teve noção do tamanho, da imensidão do continente. Carolina Maria de Jesus escreveu e criou textos em que amplia a existência de personagens populares, e que influenciou outras/os escritoras/es negras/os a traçarem caminhos transnacionais. Conceição Evaristo diz que a literatura a persegue, conseguiu publicar *Becos da memória* somente depois de 20 anos após ter escrito. Hoje traduzidos para vários países do mundo. Será que tem outras narrativas como essas ainda guardadas? Hoje ela tem sido homenageada no Brasil e no mundo, e tem-se ampliado cada vez mais sua fortuna crítica. E foi ela quem me lembrou da transversalização histórica presente nas tantas narrativas de negras e negros em diáspora. Geni Guimarães (1997, p. 93) encerra o seu livro *A cor da ternura* afirmando: “Meu porte de arma tenho-o descoberto e limpo entre, em cima, embaixo e no meio do cordel das

palavras”. Refleti muito sobre estas frases que juntas são como ondas. E são anotações escritas aqui para não esquecermos quando mudarem de assunto.]

## 2.5 Becos e diários que nos pertencem

Não, nós nos negamos a acreditar  
que um corpo tombe vazio  
e se desfaça no espaço  
feito poeira ou fumaça  
adentrando-se no nada dos nadas  
nadificando-se.  
Por isso, na solidão desse banzo antigo  
rememorador de todas e de todos  
os que de nós já se foram,  
é no espaço de nossa dor  
que desenhamos  
a sua luz-mulher – Marielle Franco –  
E as pontas de sua estrela  
enfeitarão os dias  
que ainda nos aguardam  
e cruzarão com as pontas  
das pontas de outras estrelas,  
habitantes que nos guiam,  
iluminando-nos e nos fortalecendo  
na constelação de nossas saudades.

- Conceição Evaristo, 2018

14 de março.

Dois mil e dezoito. Para arrematar o debate de quase duas horas, leu a seguinte frase da escritora caribenha-estadunidense Audre Lorde: "Não sou livre enquanto outra mulher for prisioneira mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas", e, ao fim, cumprimentou as conhecidas e parceiras de luta. Talvez tenha pensado num *after*. Talvez cansada ou querendo se recolher, resolveu ir para casa, pois no dia seguinte teria mais compromissos. Entrou no carro junto com o motorista e a assessora de comunicação, e seguiram<sup>145</sup>.

---

<sup>145</sup> Ver: <<https://drive.google.com/drive/folders/12qcGeRUI7bkcAz-yLMMvsTWfP2avOye6?usp=sharing>>. Algumas informações foram tiradas desta matéria escrita por Lígia Mesquita para BBC Brasil.

21h30. No meio do caminho, estava solto o ódio, mataram o amor. Marielle Franco<sup>146</sup> e o motorista Anderson Gomes morrem no Estácio, "não de amor", como na música do cantor e compositor carioca Luiz Melodia (1951-2017), que fora criado no Morro de São Carlos no bairro do Estácio.

Infelizmente, essa narrativa não é ficção. O Estácio, da poesia-canção, a partir deste dia, ficará associado como o lugar em que Marielle Franco, nascida no Complexo da Maré no Rio de Janeiro, foi morta em um crime que chocou o mundo, e que até o momento não se tem informações sobre quem mandou matá-la e o porquê. Foram quatro tiros: três acertaram a cabeça, um o pescoço. Uma mulher negra executada com tiros direcionados à cabeça - ao orí - não é um irrisório simbolismo, como lembrou a professora e poeta Livia Natália no Seminário de Literatura Crítica promovido pelo Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea, em 2018, na Universidade de Brasília.

“O orí zonte / é todo sal”, diz Tatiana Nascimento na poesia. Alex Ratts, trazendo a perspectiva de corpo-mapa em que aborda intelecto, memória e corporeidade em *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*, nos lembra que “a cabeça sintetiza tudo isso. Rosto e cabelo são marcas da raça social e política que nos diferencia. Cabeça – intelecto, memória, pensamento” (RATTS, 2006, p. 68).

É explícito como tentaram matar Marielle diversas vezes após seu corpo físico não estar mais presente, com calúnias, difamações, afirmações e compartilhamentos de *fake news*, em tentativas de mesclar a sua imagem ao crime organizado, a anexos negativos, algo que não condizia com sua trajetória de vida-militância e trabalhos em prol da comunidade que pertencia. Com isso, será impossível ficar manso, amansar a dor.

Por que silenciar uma voz negra feminina que discursava e denunciava abusos e descasos políticos? Por que pessoas negras que se posicionam de forma horizontal nas relações raciais tornam-se alvos? O que faz da inteligência e da voz de uma mulher negra, que

---

<sup>146</sup> Marielle Franco (1979-2018), mulher negra, carioca, 38 anos, bissexual, mãe, socióloga, vereadora, voltava do evento chamado *Jovens Negras Movendo as Estruturas* na Casa das Pretas, espaço coletivo de mulheres negras na Lapa, no centro do Rio de Janeiro. Marielle Franco era socióloga, mestre em Administração Pública pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Foi a quinta vereadora mais votada nas eleições de 2016 na cidade do Rio de Janeiro, com mais de 46 mil votos. Em sua dissertação tratou do funcionamento das Unidades de Polícia Pacificadoras (UPPs) nas favelas.

historicamente ocupa, juntamente com homens negros, a base da "pirâmide de privilégios" na sociedade, ser tão potente e ameaçadora?

14 de março.

Data em que nasceu a escritora mineira Carolina Maria de Jesus, também negra e moradora de favela, em 1914. Explicitou no romance *Diário de Bitita* (1982) vidas plurais de pessoas negras, especialmente a vida da menina Bitita, que se torna mulher inserida na vida de comunidades, em que as variadas formas de violências residiam. As escrituras contidas nas obras de Carolina de Jesus, como as de *Quarto de despejo* (1960) podem ser lidas como (auto)representações do cotidiano que ela mesma presenciava, mas também como denúncias de um país que engana o mundo com a falsa ideia de paraíso, de democracia racial, e com ações cotidianas declara "a carne mais barata do mercado".

Carolina Maria de Jesus é um dos *escritores* brasileiros mais lidos no mundo, que somente *Quarto de despejo: diário de uma favelada* foi traduzido para 29 idiomas<sup>147</sup> e vendeu mais de cem mil exemplares somente no ano de lançamento. Ela foi incluída no *Dicionário mundial de mulheres notáveis*, publicado em Lisboa por Lello & Irmão, e participou de outras publicações internacionais, contudo, quando morreu estava esquecida pela crítica e com condição financeira escassa. *Diário de Bitita* foi publicado primeiramente em 1982 na França, como *Journal de Bitita*, e somente em 1986, aproximadamente um ano depois do término da Ditadura Militar, quase uma década após ao falecimento da autora, pela editora Nova Fronteira. Continua sendo um livro pouco estudado comparado ao de autores da mesma geração, e que, desde seu lançamento, a crítica literária brasileira - que tem cor predominante - não deu a devida atenção. Por que não era interessante ampliar a força, ou colocar holofotes para as narrativas que Carolina Maria de Jesus produziu?

---

<sup>147</sup> *Beyond All Pity* [Quarto de despejo]. Trad. David St. Clair. Londres: Souvenir Press, 1962. 190 p. Prefácio de David St. Clair e fotografias da autora; 2ª ed. Trad. David St. Clair. Londres: Panther, 1970. 170 p. Prefácio de David St. Clair; *Child of the Dark, the diary of Carolina Maria de Jesus* [Quarto de despejo]. Trad. David St. Clair. Nova York: E.p. Dutton, 1962. 190 p. Prefácio de David St. Clair e fotografias da autora; 2ª ed. Trad. David St. Clair. Nova York: Signet, 1962. 159 p. Prefácio de David St. Clair e fotografias da autora; *Journal de Bitita*. [Diário de Bitita]. Trad. Régine Valbert. Paris: éditions A. M. Métailé. 1982. 238 p. Prefácio de Clélia Pisa; *La favela* [Quarto de despejo]. Havana: Casa de las Américas, 1965. 235 p. Prefácio de Mario Trejo e introdução de Audálio Dantas; *Le dépôt* [Quarto de despejo]. Paris: Éditions Stock, 1962 cf. Kennedy, 1988). Em 1995, foi retratada no livro *The life and the death of Carolina Maria de Jesus*, de R.M. Levine e J.C.S.B. Meihy, publicados nos Estados Unidos. (LOPES, 2011)

Segundo Joel Rufino dos Santos, Carolina foi cortejada pela sociedade envolvente, a qual se deslumbrou com a sua história de vida mas logo se desapontou ao ver que se tratava de uma “pobre soberba”. Outra decepção, segundo Rufino, teria ela causado à intelectualidade de esquerda que, não encontrando nela e nem em seu texto a “pobre comunista” de que necessitava para seu proselitismo e propaganda, mas sim uma mulher individualista, de forte personalidade e com um discurso sempre “politicamente incorreto” também logo a abandonou. (LOPES, 2011, p. 41)

Tentaram matar Carolina muitas vezes. Ela foi descreditada por parte da crítica na época que lançou seu primeiro livro, achavam que não tinha sido ela que o havia escrito. Ainda tem a discussão sobre as divergências sobre a língua culta, que reforçada de forma equivocada fez com que a obra demorasse de adentrar nas escolas. E até hoje tentam eliminá-la quando afirmam que a obra da escritora não é literatura.<sup>148</sup>. Porém, diferentemente do que pessoas racistas talvez tenham imaginado sentenciar, apagar, e seguir com os ritos da supremacia branca, derramando o enojado empenho de apontar aos que não são iguais como inadequados nos espaços de legitimidade, cada vez mais estão lidando com respostas, como esta da atriz e escritora Elisa Lucinda<sup>149</sup>:

se me perguntarem o que mais me incomoda no epidêmico e sistemático racismo direi que é o olhar que depositam sobre nós a proferir as mesmas mudas perguntas: “como ousas? O que você está fazendo aqui? Você não sabe que aqui não é o seu lugar?”. Sem flagrante aparente mas intimidadora essa pergunta é feita com o olhar e não deixa dúvidas. [...] Absolutamente confortável para o senhor Ivan que, encrustado no velho classicismo deixou claro e explícito aquele velho olhar que pergunta: “o que você está fazendo aqui?”. Foi isso que aquele senhor que não merece apresentar a Carolina Maria de Jesus por não estar à altura de entendê-la, de entender a sofisticada simplicidade de sua narrativa, por não respeitá-la, por discriminá-la e por representar assim as velhas vozes machistas, classistas e racistas que não conseguem engolir a presença de uma mulher, ex-catadora de papel, negra ainda por cima, nos incensados e vaidosos salões das academias. Não será simbólica essa atitude do avesso homenageador? Não representará sua grosseira atitude o olhar de desprezo de muitos neste país? Para o senhor Ivan, Carolina Maria de Jesus jamais deveria ter se recusado a ser o resto, a ser a nula e invisível voz. Que

---

<sup>148</sup> Como ocorreu, por exemplo, em 17 de abril de 2017, quando Ivan Cavalcanti Proença, homem branco, professor de literatura, no evento de homenagem à escritora na Academia Carioca de Letras, sem nenhum pudor disse que a obra de Carolina de Jesus não pode ser considerada literatura, pois se parecia mais com um diário, “é o relato natural e espontâneo de uma pessoa que não tinha condições de existir por completo (...) Ouvi de muitos intelectuais paulistas: ‘Se essa mulher escreve, qualquer um pode escrever’”. O que configura um pensamento do grupo ao qual pertence. O áudio em que está gravada a fala do professor está disponível em: <<https://goo.gl/fsbC61>>. Acesso em 12 de outubro de 2018.

<sup>149</sup> Elisa Lucinda (1958) é atriz, escritora, cantora e jornalista negra nascida em Cariacica (ES). Ver: LUCINDA, Elisa. *Carolina de Jesus é literatura sim!* Disponível em: <<https://bit.ly/2KU9qxs>>. Acesso em 21 de abril de 2019.

vergonha. Mas sua voz não morreu. Está viva e grita aqui. (LUCINDA, 2017, online)

Quando o assunto é literatura brasileira, existem grupos de professoras/es, artistas e teóricas/os, que não aceitam a marcação étnico-racial e/ou de gênero, porque na opinião desses, "o que há é literatura brasileira". Ou seja, é dita uma afirmação da ideia de universalidade, o mito da democracia racial em que "sujeitos" brancos têm privilégios, e desconsidera o contexto histórico em que seus pares desumanizaram pessoas indígenas e negras, dentro das páginas dos livros e fora, no âmbito social, da vida real.

O caderno Folha Ilustrada do jornal Folha de São Paulo, no dia 4 de dezembro de 2011, publicou *Preconceito cultural*<sup>150</sup> do poeta branco maranhense, Ferreira Gullar (1930-2016) que afirmou em seu texto que "falar de literatura brasileira negra não tem cabimento". Para ele, "os negros, que para cá vieram na condição de escravos, não tinham literatura, já que essa manifestação não fazia parte de sua cultura. Conseqüentemente, foi aqui que tomaram conhecimento dela e, com os anos, passaram a cultivá-la".

Gullar representa um grupo privilegiado que sequer reconhece a literatura secular dos povos africanos e que, certamente, compreende a branquitude como a redenção e a salvação dos africanos e afrodiáspóricos. O autor de *Poema sujo* menciona, "Cruz e Sousa era negro; Machado de Assis, mulato, mas tanto um quanto outro foram herdeiros de tendências literárias europeias, fazendo delas veículo de seu modo particular de sentir e expressar a vida", ou seja, para ele, ser branco é a norma, portanto, a intelectualidade é, em sua totalidade, branca europeia. Ao referir-se a Machado de Assis e Cruz de Souza, ele insiste que "não se pode, portanto, afirmar que faziam 'literatura negra' por terem negra ou parda a cor da pele", demonstrando que o ato de assimilação da identidade racial não reverbera nas produções. Ferreira Gullar talvez não tenha recordado das obras *Emparedado* de Cruz e Sousa, e *Pai contra mãe* de Machado e refletido sobre como estas duas obras questionam o patriarcado, branquitude e caminhos covardes que escravizam as pessoas que distanciavam da dita norma. O que remete a uma afirmação o filósofo e psiquiatra martinicano Frantz Fanon, em suas observações sobre o negro e a linguagem, "provavelmente aqui está a origem dos esforços dos

---

<sup>150</sup> Em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/12790-preconceito-cultural.shtml>.

negros contemporâneos em provar ao mundo branco, custe o que custar, a existência de uma civilização negra." (FANON, 2008, p. 46)

O artigo de Gullar é uma coleção de pensamentos racistas, publicizado e impresso sem nenhuma barreira, por um dos jornais brasileiros de maior audiência, não como denúncia de pensamentos racistas, mas como uma opinião aceitável para estampar páginas de um veículo de comunicação de um país que tem o racismo como problema estrutural. Por que Ferreira Gullar e seu grupo não precisam responder pela sua raça?

A Academia Brasileira de Letras (ABL), fundada em 1897, por Machado de Assis, que foi embranquecido para o desconhecimento da sua origem africana (pois ser negro e intelectual ao mesmo tempo não era aceitável), por exemplo, tem apenas um imortal negro atualmente, o professor, pesquisador e poeta carioca Domicio Proença Filho. Em 1976, o estatuto da ABL foi alterado para que mulheres pudessem fazer parte, e desde então, dos 295 membros que a compôs, apenas 8 eram mulheres. E desses 295, apenas os dois negros já citados. Nenhuma mulher negra. A primeira escritora negra a se candidatar foi Conceição Evaristo, em 2018, que recebeu 1 dos 35 votos para ocupar a cadeira 7 que ficou com o cineasta alagoano branco Cacá Diegues.

Romper com o que foi naturalizado por um projeto político e ideológico, não ocorrerá sem que esta seja uma tentativa de equiparar a representação da diversidade e de desconstruir estereótipos. O mesmo ocorre com estudos sobre feminismos, LGBTQI+ e outras construções identitárias que se mostram necessárias a marcação racial, já que o dito "universal" não contempla a totalidade. Diante disso, se as instituições legitimadoras - como universidades, escolas e academias de letras - não incorporam autoras/es negras/os como grupo identitário que, com suas perspectivas diversas, representam o país, seguir com a estratégia de visibilizar a existência de escritoras/es e personagens negras/os como protagonistas é questão de sobrevivência.

Depois das demarcações - que sim, existem autoras/es negro-brasileiras/os e existe uma literatura negra - sejam por meio de mapeamentos, sejam por meio de autoafirmação fica difícil manter a premissa de que não existem negras/os e indígenas capazes de falarem por si e sobre si, e isso vale para a política, pesquisa e artes, em geral. E a partir daí, pensar que contribuir para a manutenção do racismo estrutural é uma questão de escolha.

Alguns exemplos facilmente encontrados são matérias jornalísticas, como as da editoria Cultura-Literatura, do jornal EIPaís, em que, o fato da obra de Carolina Maria de Jesus tornar-se leitura obrigatória para vestibulares de instituições como a Universidade de

Campinas (Unicamp) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a notícia carrega a seguinte manchete, *A vez da literatura produzida por negros e pobres*<sup>151</sup>, ou quando o escritor Lima Barreto foi o homenageado da Festa Literária de Paraty no Rio de Janeiro, *Lima Barreto, escritor negro e pobre, será homenageado na Flip 2017*<sup>152</sup>. O mesmo não ocorre com pessoas brancas, os seus nomes nunca vêm acompanhados de adjetivos ou apostos incluindo sua raça e até mesmo seus privilégios de classe como em *A história para crianças que Jorge Luis Borges nunca escreveu*<sup>153</sup>, e nem em *"Meu livro é sobre a ditadura. Jamais pensei que seria censurado"*, diz autor de *'Meninos Sem Pátria'*<sup>154</sup>, que não consta a inserção racial branca do autor no título e no texto. Por que afirmar o nome de um indivíduo branco é o bastante e a inserção de sua raça e classe média/alta não se faz necessário em matérias e pesquisas? Por que a/o leitora/leitor não precisa saber que o escritor Borges era branco, bilíngue desde criança, portanto, tinha acessos, boas condições financeiras, assim como sabe que Carolina de Jesus, mulher negra, estudou parte do primário e era de origem pobre?

O livro *Quarto de despejo*<sup>155</sup> em apenas uma semana de lançamento vendeu 10 mil exemplares, em 1960. A obra de Carolina Maria de Jesus foi traduzida<sup>156</sup> para mais de vinte países. Carolina Maria de Jesus inaugura entre a escrita de mulheres negras a possibilidade de

---

<sup>151</sup> LOZANO, J. R. *A vez da literatura produzida por negros e pobres*. Disponível em: <<https://goo.gl/YzjyK8>>. Acesso em 2 de janeiro de 2019.

<sup>152</sup> MORAES, C. *Lima Barreto, escritor negro e pobre, será homenageado na Flip 2017*. Disponível em: <<https://goo.gl/qsLvAi>>. Acesso em 2 de janeiro de 2019.

<sup>153</sup> MOLINA, F. R. *A história para crianças que Jorge Luis Borges nunca escreveu*. Disponível em: <<https://goo.gl/WpceFE>>. Acesso em 2 de janeiro de 2019.

<sup>154</sup> PIRES, B. *"Meu livro é sobre a ditadura. Jamais pensei que seria censurado"*, diz autor de *'Meninos Sem Pátria'*. Disponível em: <<https://goo.gl/FFyqvD>>. Acesso em 2 de janeiro de 2019.

<sup>155</sup> *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus completou em 2020 completou 60 anos, e com esse aniversário, além das homenagens, a confirmação de que toda sua obra completa será publicada por uma grande editora brasileira, tendo como comissão editorial, sua filha Vera Eunice, a escritora Conceição Evaristo e pesquisadoras negras-brasileiras como Fernanda Felisberto e Fernanda Miranda.

<sup>156</sup> Gostaria de chamar a atenção aqui para pesquisas das tradutoras e pesquisadoras Raquel Alves e Jess Oliveira (Jéssica F. Oliveira de Jesus) sobre tradução. Em diálogo com elas no *Ciclo Carolina Maria de Jesus: 60 anos de Quarto de Despejo*, chamaram a atenção para os efeitos complexos de trabalhos de tradução que não foram/são executados respeitando de forma mais próxima as estratégias e projeto estético da autora, dando aos leitores estrangeiros outras conexões e até um sentido diferente da linguagem e descrições de determinada narrativa. A depender de como o tradutor recebe o texto e não compreende contexto que aquela obra e as palavras são colocadas, pode inserir e reforçar racismos, excluir o pretuguês e inserir epistemes que não são apropriadas para o contexto negro. Sugiro a leitura de *Literatura negra, feminismo negro e tradução: uma entrevista com Conceição Evaristo*. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/57055>>. Acesso em 9 de setembro de 2020.

uma escritora negra e obra negra transitar pelo mundo, os movimentos de circular em outros espaços geográficos e imaginários. E, apesar de todo sucesso, ela morreu em 1977, deixada de lado pela crítica. E o "descobridor", editor da obra dela, homem branco, jornalista, Audálio Dantas<sup>157</sup>, ficou marcado como herói.

E são tantas tentativas de excluir Carolina: questionar a "qualidade literária" de suas obras; afirmar em apostos insistentes que ela era catadora de recicláveis, como se isso tirasse ou diminuísse o mérito de escritora; não ter recebido todos seus direitos autorais; ter o pretuguês alvo de críticas e desqualificação da sua escrita e ao mesmo tempo quando teve o seu romance *Diário de Bitita* revisado também foi alvo de julgamentos.

Imagem 10: Clarice Lispector e Carolina Maria de Jesus durante o lançamento de livro



---

<sup>157</sup> Aqui, de forma alguma quero desmerecer ou fazer juízo de valor sobre o trabalho de Audálio Dantas. Acredito que o encontro de Carolina Maria de Jesus com ele foi importante para que ela tivesse oportunidade de difundir seu trabalho autoral literário. Aqui, aponto para a disparidade causada pela estrutura racista, que sempre tende a colocar pessoas brancas em lugares de legitimidade, heroísmo, paternalismo, enquanto pessoas negras, por mais que tenham seus trabalhos relevantes, continuam sempre tendo que provar e lutar contra todas as insistentes mortes. Há um estudo em curso da pesquisadora Verônica de Souza que se dedica a observar os originais e as intervenções do editor em *Quarto de despejo*, e nesta pesquisa poderemos observar o que foi suprimido, as alterações e escolhas do editor. Em diálogos com ela e sua pesquisa, Souza destaca e já nos sinaliza que mesmo Carolina optando em usar ênclise, o editor substituiu por próclises, por exemplo. Por que alterar o léxico formal e rebuscado que marca um letramento para um tom mais coloquial? Este é apenas um dos elementos que ela destacou em diálogos no *Ciclo Carolina Maria de Jesus* em 2020.

A fotografia em que estão Clarice Lispector e Carolina Maria de Jesus, ambas olhando para um livro que está nas mãos da primeira, é fácil de encontrar na internet. Ao fundo da foto aparecem muitos livros em estantes que parecem ser infinitas e duas pessoas brancas ao fundo como figurantes de um evento social. Em várias ocasiões que vão falar da Carolina de Jesus, seja qual for o tema, esta foto é inserida, como se o fato dela estar ao lado de Lispector desse a ela mais legitimidade. Esta foto fez-me lembrar de duas poesias<sup>158</sup> do livro *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008) de Conceição Evaristo e um trecho do livro *Clarice* do biógrafo estadunidense branco, Benjamin Moser (2009):

Numa foto, ela aparece em pé, ao lado de Carolina Maria de Jesus, negra que escreveu um angustiante livro de memórias da pobreza brasileira, *Quarto de despejo*, uma das revelações literárias de 1960. Ao lado da proverbialmente linda Clarice, com a roupa sob medida e os grandes óculos escuros que a faziam parecer uma estrela de cinema, Carolina parece tensa e fora do lugar, como se alguém tivesse arrastado a empregada doméstica de Clarice para dentro do quadro. (MOSER, 2009, p. 25)

Moser, na biografia da escritora nascida na Ucrânia, tenta esvaziar o sentido de artista literária de Carolina Maria de Jesus ao mencioná-la como "negra que escreveu" e omitir que ela era sim uma escritora negra que escreveu. Um jogo linguístico aparentemente sutil para não conectar estas duas mulheres diferentes em quaisquer intersecções, nem a de escritoras. Quando o biógrafo de Lispector sentencia que Carolina Maria de Jesus está parecendo "tensa e fora do lugar", ele indica que existe um lugar natural para ela que não é aquele ali da foto. Que para a branca é aceitável estar ali no quadro como escritora, esbanjando uma elegância "nata", mas a preta, por melhor roupa que estivesse vestida, penteado, colares, holofotes, não poderia estar em uma posição que não fosse servil, como ele mencionou "como se alguém tivesse arrastado a empregada doméstica da Clarice".

Sobre este evento, Moser, que, aparece em matérias prometendo alterar o trecho em edições outras depois da cobrança de leitores e da crítica, ainda revidou não concordando que foi "preconceituoso". Este é outro exemplo de como a naturalização de realidades sociais e a

---

<sup>158</sup> No trabalho de Maria Aparecida de Oliveira (Cida de Oliveira), ela também analisa estas poesias (2019, p. 26-27) de Conceição Evaristo. O trabalho dela intitulado *Representações decoloniais: as meninas negras no romance afro-brasileiro contemporâneo* analisa as meninas negras nas obras *Um defeito de cor* de Ana Maria Gonçalves e *Becos da memória* de Conceição Evaristo, utilizando teorias e análises dentro da perspectiva decolonial desenvolvida pelo argentino Walter Mignolo, correlacionando com pensamentos de outras/os teóricas/os.

(in)visibilização dos indivíduos negros se configuram, mesmo com o avanço das discussões no século XXI. O escritor não conseguiu perceber racismo na oração: "como se alguém tivesse arrastado a empregada doméstica de Clarice para dentro do quadro". Talvez não tenha se dado conta dos vários contos da própria Clarice em que empregadas domésticas aparecem pela perspectiva da patroa, ou ainda desconheça a historiografia do período colonial brasileiro.

Recordar para não repetir foi o mote utilizado pelos estudos desenvolvidos por Maria Lúcia da Silva, que afirma que "a manutenção ou a superação do racismo depende de uma decisão coletiva, que implica corresponsabilidade. O propósito de recordar essa história visa à elaboração, na busca de caminhos de superação" (SILVA, 2017, p. 74). Ou seja, brancos precisam compreender que racismo não é problema exclusivo de pessoas negras. Segundo estudos psicanalíticos, o racismo promove sofrimento psíquico e interfere na subjetividade de todas as pessoas – negras e brancas.

Evaristo, nos seus *Poemas de recordação*, traz em poemas diferentes, perspectivas para não nos esquecermos: "Carolina na hora da estrela" e "Clarice no quarto de despejo". O que faria cada escritora inserida na obra da outra? "E lá se vai Carolina/ com seus olhos fundos,/ macabeando todas as dores do mundo.../ Na hora da estrela, Clarice nem sabe/ que uma mulher cata letras e escreve:/ De dia tenho sono e de noite poesia." (EVARISTO, 2017, p. 93); e "a fome nem em pedaços/ alimenta a escrita clariceana" (Idem, p. 95). Os dois trechos poderiam servir de poemas-legendas para a fotografia que o Moser não conseguiu descrever sem racismo.

As poesias de Evaristo nos permitem refletir sobre os abismos sociais que distanciam Clarice Lispector e Carolina de Jesus de serem vistas por todos de forma similar quanto ao respeito, quando o assunto é ocupar o espaço de autoria literária. As poesias me embarcaram à pergunta emblemática feita por Sojourner Truth<sup>159</sup>, repetida por bell hooks, Luedji Luna e tantas de nós, "e eu não sou uma mulher?". Uma provocação para questionar de quais mulheres os ambientes de legitimidade estão se referindo quando generalizam quando não há marcação racial, por exemplo.

---

<sup>159</sup> Sojourner Truth (1797-1883) foi uma afro-estadunidense que lutou pelos direitos civis das pessoas negras. Em "Toda história tem cor: uma breve conversa sobre pluralidade e subjetividades", no livro *Gênero e Perspectiva* (IFB, CRV Editora, 2020), organizado pela professora doutora Larissa Ferreira, reflito a respeito deste tópico.

Uma mulher que cata letras e escreve, que alimenta seus textos com sonhos, fome, conhecimentos, contradições, personagens plurais, movimentos, ternura, becos e memórias, que remapeia os espaços de dentro e de fora, e respondeu escurecidamente ao que ainda parafraseamos “e mulheres negras não podem ser escritoras?”.

Na foto vejo, Clarice Lispector, uma mulher branca escritora, ao lado de Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra escritora. As palavras ‘branca’ e ‘negra’ no Brasil precisam ser lidas e compreendidas seriamente, pois até mesmo dentro desta frase curta anterior, e aparentemente lógica, ambas possuem na realidade a profundidade de um rio.

Quanto mais a marca de identidades que estão na "dobra" ou se distanciam do que é considerado "padrão", a tentativa de deslegitimar é ampliada. Quanto mais mulheres negras, de diferentes campos de atuação, distanciam-se do lugar considerado natural para a sua permanência, os boicotes são ampliados. Para Fanon, é necessário para a comunidade negra a libertação "do arsenal de complexos germinados no seio da situação colonial", por isso devemos confrontar as situações que imprimem racismo no cotidiano e não aceitar certas imposições:

Sim, do negro exige-se que seja um bom preto; isso posto, o resto vem naturalmente. Levá-lo a falar *petit-nègre* é aprisioná-lo a uma imagem embebê-lo, vítima eterna de uma essência, de um aparecer pelo qual ele não é responsável. E naturalmente, do mesmo modo que um judeu que gasta dinheiro sem contá-lo é suspeito, o negro que cita Monstesquieu deve ser vigiado. Que nos compreendam: vigiado, na medida em que com ele começa algo. Claro, não penso que o estudante negro seja suspeito diante de seus colegas ou de seus professores. Mas fora do meio universitário, subsiste um exército de imbecis: o importante não é educá-los, mas levar o negro a não ser mais escravo de seus arquétipos. Estamos convencidos de que estes imbecis são o produto de uma estrutura econômico-psicológica: mas é preciso avançar mais a partir daí. (FANON, 2006, p. 47)

Quando o indivíduo negro contraria a norma e sai da armadilha de ser “um bom preto”, ele tem suas escolhas, suas ações, seus passos todo tempo questionados. É como se tivesse que sempre se apresentar ou ser apresentado aonde chega, tendo que mostrar uma espécie de alforria contemporânea, pois suas características físicas já são o bastante para ser suspeito e descreditado. Por isso, apesar de desafiador e ainda desgastante, outras formas de ser e estar da pessoa negra se fazem necessárias para que ela não continue escravizada em arquétipos ditados pela norma.

Existe um fio condutor na trajetória das mulheres negras contemporâneas: artistas, ativistas, intelectuais, pensadoras, militantes, políticas, pesquisadoras, mestras. É muito recorrente observarmos em seus diálogos a presença de outras mulheres negras citadas como

pontos de referências em suas trajetórias. Em quase todas as entrevistas e palestras, Conceição Evaristo, por exemplo, destaca a importância da própria mãe e das tias, de Carolina Maria de Jesus na sua formação enquanto leitora e como aquela literatura fora uma ponte para os seus escritos. Maya Angelou (1928-2014), também aparece como uma das inspiradoras que a fez acreditar em sua carreira literária<sup>160</sup>. Assim como Evaristo menciona Marielle Franco, Marielle também citava Evaristo, Audre Lorde e tantas outras referências negras familiares e das suas leituras de mundo.

Em vida, tanto Carolina Maria de Jesus no campo literário, quanto a vereadora Marielle Franco no campo político, eram ialodês, vozes-plurais, que prezavam a horizontalidade das relações sociais e dos direitos políticos, não permitindo silenciamento e submissão, para não repetir o sofrimento marcado nas histórias das/dos ancestrais, em que o agenciamento dos próprios corpos era questionado.

A dinâmica social racista é seguir aproximando pessoas negras do signo da morte, matar fisicamente e simbolicamente pessoas que não se regulavam a uma ordem coletiva da supremacia branca, que são consideradas ultrajantes ao ocuparem espaços comuns dos que sempre estiveram no topo da pirâmide de privilégios.

Antônio Bispo dos Santos diz em poesia que "mesmo que queimem a escrita,/ Não queimarão a oralidade./ Mesmo que queimem os símbolos,/ Não queimarão os significados./ Mesmo queimando o nosso povo,/ não queimarão a ancestralidade", Evaristo no poema dedicado a Marielle Franco arremata que "as pontas de sua estrela/ enfeitarão os dias que ainda nos aguardam/ e cruzarão com as pontas/ das pontas de outras estrelas,/ habitantes que nos guiam,/ iluminando-nos e nos fortalecendo/ na constelação de nossas saudades." (2015, p. 45)

Marielle Franco tem sido lembrada em eventos acadêmicos, culturais, políticos, no Brasil e em todo o mundo. Seu nome é mencionado e também tem se tornado símbolo de lutas que envolve a comunidade negra em espaços sociais políticos que, como ela, batalha por dignidade e por dias mais leves. Em vez de podar, esta grande árvore cheia de sabedorias de

---

<sup>160</sup> Como é informado no livro complementar do projeto TAG, que teve a Conceição Evaristo como curadora em setembro de 2018 e onde ela escolheu o livro *Eu sei porque o pássaro canta na gaiola* da Maya Angelou.

mulheres negras, outras estão enveredando ou seguindo com coragem na política/militância, continuando a saga na busca "da ressonância o eco da vida-liberdade"<sup>161</sup>.

---

<sup>161</sup> Em *Vozes-Mulheres*, de Conceição Evaristo.

### **3 COLOCANDO ÁGUA NO FILTRO DE BARRO**

### 3.1 (Re)mapeamentos de escritoras negras

Antes de morder, veja com atenção, se é pedra ou é pão.

- Mãe Stella de Oxóssi - “Owè”

Somos (des)encontros e remapeamentos. Somos todos os elementos da natureza em diferentes estados. Folhas espalhadas pelo vento ou árvores-corpos circulantes remapeados. Somos encruzilhadas, oralituras, brechas obscuras, escuras. Idas, ilhas, mares, marés, pontos, pontes, chuvas. Cacofonias, desejo pela travessia, convocações, dimensão vibracional-rítmica. Somos *mundanças* em movimentos. Silêncios.

Escrever para mim é um alívio. “Gosto de ver as palavras plenas de sentido ou carregadas de vazio dependuradas no varal da linha. Palavras caídas, apanhadas, surgidas, inventadas na corda bamba da vida” (EVARISTO, 2016, p. 108). Eu lembro do primeiro livro de poesias que ganhei, dos quadrinhos que amava, do primeiro romance, dos livros emprestados de autoria estrangeira que lia aos 11-12 anos, e dos livros que lia nas bibliotecas públicas e nas escolas que frequentei. Todos foram imprescindíveis para minha formação e me deram muitas oportunidades de viajar no tempo, conhecer lugares fantásticos dentro da minha realidade de cidade pequena do nordeste do país.

Todos estes livros tinham cor. A maioria deles era branca. E, apesar das viagens no tempo, eu conheci poucas pessoas como eu ou parecidas com meus pares nessas viagens como protagonistas ou contadoras das histórias. Atualmente, escrever e ler sobre universos que não conseguia ver nas palavras dessas/es escritoras/es brancas/os é transgressão. São narrativas que preenchem o imaginário com movimentos (em busca) de liberdade, desejos pela travessia, e que só nos faz ter a certeza da potência que as pessoas negras em diáspora é e têm sido durante todos estes anos. É um alívio escrever, mesmo que “escrever é (seja) uma maneira de sangrar. Acrescento: e de muito sangrar, muito e muito...” (Idem, p. 109)

Em 2019, o Grupo Embarça<sup>162</sup> apresentou *Afeto* em várias regiões administrativas do DF. Uma peça teatral que expressa movimentos afetivos de mulheres negras na sociedade, nos

---

<sup>162</sup> Embarça é um grupo de teatro negro de Brasília-DF, composto pelas dramaturgas, diretoras e atrizes negras Fernanda Jacob (1989) e Tuanny Araújo (1990). Ambas formadas pela UnB, fundaram o grupo quando perceberam a ausência de testes, convites por parte de outras companhias para pessoas negras na cidade atuar em papéis fora dos corriqueiros estereótipos. Desde então têm apresentado seus trabalhos que trazem sempre o protagonismo negro e discussões sociais para o palco. Além disso, elas se destacam por agregar aos seus

sentidos mais abrangentes que afetar possui. A peça amplia aos espectadores as noções de lugares e de sentimentos da mulher negra. São narrativas que questionam, reafirmam e ressignificam palavras e experiências, faz pensarmos sobre os papéis designados às mulheres negras socialmente. A peça trança pensamentos, nos faz querer abraçar a nós próprias e dizer junto a personagem interpretada pela atriz Tuanny Araújo que sim, que “não quero carregar o mundo nas costas”, e colocar também na ação, o grito, o fogo, a raiva, a poesia, como artilharias diante das dores que sentimos.

Em um momento da peça, a atriz Fernanda Jacob, caminha até a espada de São Jorge<sup>163</sup> que está em uma das extremidades do palco, tira uma carta que está entre as folhas e antes de abri-la, e se deslocando até o centro do palco, fala sobre a pista rápida que une a Asa Norte e a Asa Sul (bairros que pertencem ao Plano Piloto em Brasília), conhecida como “buraco do tatu”, em que é possível dirigir “sem interrupção por semáforo ou faixa de pedestre, verdadeira extensão da pista central do eixo rodoviário (Eixão). A velocidade, no trecho é reduzida para 60km/h. Para um carro numa batida a 65 Km/h os passageiros sofrem um impacto equivalente a 820 Kg”.

Após dizer isso, ela abre a carta, e inicia de pés uma leitura focada. A carta data 4 de agosto de 1976 e conta uma história de família. A voz da carta é de uma menina negra contando para a mãe sobre a nova vida em Brasília:

Não tem um dia que eu não me lembro das nossas conversas no fundo do quintal. O chão lotado de mangas maduras e esmagadas pelo caminhar firme de minhas irmãs, o cheiro do café forte da vizinha que teimava em invadir toda nossa casa. Lembra do vestido branco que você me deu? Você se desculpou ao me entregar o embrulho, dizendo que era um presente singelo, já usado. Hoje eu já nem sei mais o que é meu corpo ou o vestido. Ele nunca mais foi retirado. Quando estou sem ele me sinto sem um pedaço de mim e talvez eu queira me sentir inteira. Se eu disser que o vestido combina com a cidade? A verdade é que daqui eu só consigo ver poeira, às vezes é até muito difícil de respirar. O calor machuca. O meu nariz passou a sangrar. Confesso: antes de chegar a Brasília, o ônibus parou no meio da estrada, perto de uma pequena vendinha. Os 10 cruzeiros que me deu não foram usados para refrescos e salgados. Foi irresistível não comprar o caderno de arame, um lápis e uma borracha. Dona Lúcia veio ao meu encontro. Ela estava numa caminhonete gigante.

---

trabalhos, outrxs artistas negros e/ou de RA's consideradas parte do entorno do Plano Piloto. As peças sempre têm sonoplastia de bandas que ficam no palco e compõe a peça. Outras peças do grupo: *Pentes*, *Ninguém canta para ninguém*, *Ramal 003*, *Calamatraca*.

<sup>163</sup> Espada de São Jorge é uma planta herbácea de origem africana que um dos simbolismos é o poder de espantar maus-olhados e proteger as pessoas que a têm.

Chegando em sua casa, me acomodei em um pequeno quarto nos fundos. Um colchão no chão, uma cadeira para segurar a porta e uma fresta. A janela está emperrada, não fecha por completo. O que me entristece não é o medo do novo, afinal de contas, já estou por essa cidade mais de seis meses, mas a vida não parece correta comigo. Tiveram dias que arranhei a parede com as unhas, deixando as pontas de meus dedos em carne viva de tanta raiva. Quando deixei minha casa e virei à esquina, saí compartilhando um sonho que era nosso: de estudar, aprender. Depois de várias promessas que frequentaria uma escola, conforme havíamos combinado, Dona Lúcia não tocou mais no assunto. Foi aí que me encontrei em um labirinto sem saída. Passei a lidar diariamente com panos de chão, vassouras, pratos, gritos, e mais gritos. Lavo, passo, cozinho... E o caderno de arame continua em branco, vazio. Um dia o filho mais novo de Dona Lúcia, veio me perguntar se eu estava morta. Pode parecer estranho, mas não me senti incomodada com a pergunta. Segundo ele, seu tio havia lhe contado que quando uma pessoa está morrendo, a primeira coisa que acontece é a perda do brilho dos olhos... Talvez ele tenha reparado os meus olhos muito de perto. A verdade é que a saudade me corta o pescoço lentamente com uma navalha todos os dias. Sinto saudade de vocês e para sempre sentirei. Assinado, Meire da Silva Pereira, minha tia. (JACOB; ARAÚJO, 2019)

A personagem, mulher negra, cabelos *black power*, trajando um vestido longo marrom, interpretada por Fernanda Jacob, após ler a carta, chorando muito, quebra a quarta parede, um recurso teatral que é como saísse da peça e da personagem, olha para as/os espectadoras/es e complementa:

Minha tia e minha mãe foram dadas pela minha avó para duas famílias aqui de Brasília. Elas vieram de Tocantins (Palmas), achando que seriam acolhidas, que realizariam o sonho de frequentarem uma escola, mas isso não aconteceu. Elas se tornaram empregadas domésticas nas casas. Minha tia, com 15 anos na época, não aguentou ver seu sonho indo embora, e na frente de algumas amigas que também vieram para a capital em busca de uma vida melhor, se jogou na frente dos carros, embaixo do buraco do tatu. Um ônibus arremessou ela longe. Dela não se tem foto, histórias engraçadas para contar...E sabe o que mais me dói? É que eu não gostaria de ter que criar palavras fictícias sobre alguém real. (JACOB; ARAÚJO, 2019)

E foi com a fusão de memórias e ficção que Jacob pode trazer uma história de família que as histórias oficiais sobre a cidade de Brasília deixaram de contar, que algumas literaturas canônicas também não contam<sup>164</sup>. Quantas Meires da Silva não puderam escrever seus sonhos? Somente depois de anos do seu falecimento, sua sobrinha pode marcar a sua breve

---

<sup>164</sup> Em 2019, foi lançada a exposição *Reintegração de posse*, no Museu Nacional, com o objetivo de apresentar histórias das pessoas negras que construíram Brasília. Projeto coordenado pela professora Dra. Ana Flávia Magalhães Pinto, que traz para o centro e registra, por meio de pesquisas, narrativas de tantas pessoas negras que fizeram parte da construção física e sociocultural da capital e que não foram antes citadas como co-fundadoras. As imagens fotográficas, remapas pontencializados por esta pesquisa, ajuda a construir imaginários que não foram permitidos durante décadas. Iniciativas como esta, ao meu ver, faz jus ao que compreendemos como sankofa.

existência e de tantas outras Meires por meio das palavras, da oralitura, da sua performance. Lembro das minhas avós, tanto a paterna, quanto a materna serem excelentes contadoras de histórias, e donas, cada uma, de uma biblioteca sobre a terra, as plantas e o poder destas. Elas contavam, narravam, descreviam, instruíam, mas, nada ficou marcado por escrito. Como ocorre a tantas mulheres negras ancestrais como de *Afeto*, da Bahia e do mundo:

Ser mulher negra é repassar sentimento de justiça, de igualdade, de luta dos meus ancestrais, toda a liderança feminina dos meus antepassados. Demonstrar através da arte, o poder que tem a mulher negra, o poder de transformação que a arte tem na vida de cada um. E como mulher negra, fazer com que as outras sintam-se fortalecidas, encorajadas nesse mundo de injustiça que carece de amor. E arte fez esta transformação na minha vida. (...) Ser escritora é botar no papel todo sentimento que a gente tem dentro do coração, dentro da gente. É transparecer através da escrita toda essa desigualdade que eu já falei, toda essa força que a gente tem. Escrever para mim é um alívio. (ANJOS, 2017, *entrevista*)<sup>165</sup>

Escrever é um alívio. As palavras de Simone dos Anjos expressam o sentido amplo de escrita e da necessidade de podermos atravessar várias dimensões da nossa própria história. A fala dela agrega dizeres e também ações identificadas nas escritoras negras mais velhas, como a alusão a ancestralidade, a ênfase às ialodês e o fortalecimento das comunidades negras frente a luta por uma sociedade contra o racismo. Na voz dela, ouvimos o trançar do pensamento de alguém que se autoafirma com linguagens e ações. Eu demorei para conhecer Simone dos Anjos e a poesia dela que parece ao mesmo tempo ser ela segurando minha mão e depois me dando um abraço afetivo e encorajador.

Este trabalho me colocou mais uma vez na estrada, em contato com as águas e com a *terra*. Ele me fez sair das minhas zonas de conforto e me movimentar dentro de experiências de outras autoras que eu desconhecia e que residem em espaços diferentes dos que eu conhecia. Colocar os pés na terra e nas águas enquanto pesquisadora de literatura foi uma maneira de extrapolar as rotas e escalas de análises, os olhares treinados para medir uma ideia de qualidade literária que se distanciam da minha busca que não é quantitativa e qualitativa, somente, e sim da autoafirmação e das estratégias de mulheres negras.

---

<sup>165</sup> Simone dos Anjos, falou ao projeto Escritoras Negras da Bahia em Caravelas-BA, em 2017. Simone dos Anjos é poeta, escritora negra e uma das fundadoras do Movimento Cultural Artemanha, que tem mais de vinte anos de atuação na região e representa um grande elo de arte, cultura e conhecimento de comunidades afroindígenas, como eles se autodefinem.

Durante o mover-se deste trabalho, estar em um lugar em que você aprende desde a infância ver beleza na história colonial – ser fruto de “miscigenação pacífica”, viver no país da “harmonia e democracia racial” – faz com que se automatize lugares de negação. E esta negação não é somente dizer “eu não sou...” (KILOMBA, 2018), ela está carregada de repudição, de rejeição absoluta do que se é, de assimilação de características externas que a pessoa passa a acreditar que as possui e recusa o que de fato são características próprias, por acreditar que não são “certas” ou positivas.

Em *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*, bell hooks, fez um *flashback* contextual da sua experiência em espaços de ensino, e contou sobre quando conheceu pessoas que se diziam comprometidas com a liberdade e a justiça para todos, mas que na prática, os hábitos e comportamentos cotidianos afirmavam e mantinham a cultura da dominação, ou seja, se distanciavam da liberdade. Ela sublinhou um trecho de uma fala de Martin Luther King que me fez pensar novamente no naufrágio que aparece nas primeiras páginas deste trabalho, na poesia da escritora Tatiana Nascimento.

No trecho, Luther King fala sobre a sociedade estar orientada mais para “a ambição de lucros e os direitos de propriedade” do que para as pessoas, e que enquanto isso ocorrer será “impossível vencer os gigantes trigêmeos do racismo, do materialismo e do militarismo. É tão fácil a civilização naufragar diante da falência moral e espiritual quanto diante da falência financeira” (KING *apud* HOOKS, 2018, p. 42). A partir desta ideia hooks reconhece que “Hoje vivemos no meio desse naufrágio. Vivemos no caos, na incerteza que será possível construir e manter uma comunidade. (...) Nos ensinam a crer que a dominação é ‘natural’, que os fortes e poderosos têm o direito de governar os fracos e impotentes”. (HOOKS, 2018, p. 42)

Quando a consciência coletiva se apresentou por meio das representações artísticas, das leituras e palestras de pensadoras/es, escritoras/es e teóricas/os negras/os e indígenas, fui conduzida a discussões que transformaram o meu modo de percepção sobre a sociedade brasileira e ampliaram as minhas perspectivas.

Compreender Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo como marcos da literatura possibilitou com que eu pensasse nos efeitos colaterais dentro do ensino e dos estudos de literatura brasileira nos espaços e eventos em que pude circular. Temáticas negras assim como dos povos originários tinham e têm que ser marcadas para existir enquanto ponto de observação, mas a racialização ainda ocorre somente para quem é visto como contra-norma,

como demonstrei nas matérias da imprensa ao falar de pessoas negras que são destacadas em alguma atividade ou eventualidade.

Em 2016, já discente no programa de Pós-Graduação em Literatura, nos estudos de doutoramento, resolvi ampliar minha observação sobre a cadeia produtiva do livro, mas desta vez observando de forma mais específica às mulheres negras. Já tinha realizado pesquisas sobre economia criativa na literatura, “Econocriativa: mapeamento e diagnóstico das editoras baianas” (CNPq/MinC/SEC, 2016)<sup>166</sup>, e outro mapeamento de escritoras baianas apenas com recorte de gênero “Escritoras Mulheres da Bahia” (Edital Setorial de Culturas Digitais/Secult-BA), o que, mais uma vez, fez-me chegar a ratificação da pouca presença das mulheres negras em espaços de legitimação – da criação à edição, dos lançamentos de livros à participação de grandes eventos literários, dos espaços midiáticos à crítica literária especializada. Por isso, alinhei os meus movimentos à conscientização coletiva, porque este incômodo nunca foi somente meu<sup>167</sup>, como a poesia “Emparedada” de *Cortesianas* (2019) da escritora baiana, Rita Santana<sup>168</sup> tão bem traduz:

Diante da minha loucura,  
do meu emparedamento social,  
esmero nos azuis, nas nuvens,  
em uivos e serpentes cintilantes,  
cujas línguas, agora e dantes, lambem,  
lamberam, lambiam e lambeão nossas dores,  
nossas feridas, nunca cicatrizadas, nem tratadas,  
diante da brutalidade do racismo sobre nossos dentes, nucas,  
sexualidade, orfandade, cabelos, textos, seixos que rolam,  
teatro, cinema, poemas, cenas, cenários, escolas, descolados,  
diante dos críticos otários políticos parciais  
dentro das suas gaiolas estéticas, éticas  
contornos e contorções para serem sérios

---

<sup>166</sup> Ver em: SEIDEL, Roberto H. *Econocriativa: mapeamento e diagnóstico das editoras baianas*. Roberto Henrique Seidel, Raquel Machado Galvão e Calila das Mercês Oliveira. Feira de Santana: UEFS Editora, 2016.

<sup>167</sup> Ver: BARBOSA, Lindinalva Amaro. *As encruzilhadas, o ferro e o espelho: a poética negra de Abdias do Nascimento*. Universidade do Estado da Bahia. Dissertação (mestrado). Salvador, 2009. SILVA, Ana Rita Santiago da. *Vozes literárias de escritoras negras baianas: identidades, escrita, cuidado e memórias de si em cena*. Tese (doutorado). Salvador, 2010. SOUZA, Florentina. *Mulheres negras escritoras*. In: Revista Crioula nº 20 – 2º semestre, 2017. SOUZA, Florentina; LIMA, Maria. *Literatura afro-brasileira*. Org. Florentina Souza, Maria Nazaré Lima. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

<sup>168</sup> Rita Santana é atriz, escritora e professora. Nasceu em Ilhéus em 1969, graduou-se em Letras na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Como atriz, iniciou a sua carreira em 1985 no teatro. No cinema atuou em *Tieta do Agreste*, de Cacá Diegues, em que interpretou a jovem Tonha. Tem obras de contos (*Tramela*, 2004) e de poesias (*Tratado das veias*, 2006; *Alforrias*, 2010 e *Cortesianas*, 2019), dentre outros textos em antologias.

contorcionistas racistas sonsos,  
socos em seu estômago, em seu nariz branco,  
velho, macho hétero e tal, o caralho a quatro.  
Deseduquei-me à força, força, fofocações  
forjadas em literaturas altas, literaturas baixas, literaturas medianas,  
baixarias, baixo astral, astros, lírios, rios, delírios, delações,  
delatores, tratores das gentes pretas e pobres e putrefatas, azeite,  
leite psicossocial,  
das exclusões exclusivistas das vistas grossas,  
e coitos sobre vossas casas, vossas igrejas, vossos cultos  
onde tudo é luta para a cura gay, babacas! curai-vos de vossas casas,  
de vossas igrejas, de vossos cultos, de vossas bondades.  
Esmeraldas nascem de minhas lágrimas.  
Eu, emparedada entre Cruz e Sousa e Lima Barreto!  
Eu abraçada a Carolina de Jesus: emparedadas!  
Abraçados e juntos, todos nós: emparedados! (SANTANA, 2019, p. 79)

Mulheres negras que escrevem, que expõe suas pesquisas e pensamentos estão se remapeando e expondo seus pontos de vista faz muito tempo. Talvez neste século, dentro de alguns espaços, estamos sendo mais percebidas em relação aos nossos pontos de vista, de localizações e de movimentos.

*Escritoras Negras da Bahia* é um projeto além academia que surgiu com inquietações individuais-coletivas de muitos anos atrás somadas a outras mais novas: Por que não me apresentaram nenhuma personagem como minha avó, mãe, irmã, primas/os, pai, tias/os nas narrativas infanto-juvenis? Por que pessoas que eram tão familiares nas descrições físicas quando estavam nas histórias eram sempre vilãs, pobres, servis, figurantes, falavam pouco, falavam “errado”, ou não falavam? Por que as/os escritoras/es que ilustravam textos que aprendi na escola eram brancas/os? Quando pensa imediatamente em uma/um escritora/escritor brasileira/o, ou até mesmo baiana/o, saberia mencionar uma mulher negra (considerando que a maior parte da população brasileira e da Bahia são compostas por pessoas negras)?

Estas e tantas outras perguntas, com possíveis respostas que mesclam invisibilização de pessoas negras em espaços de legitimidade, e que também mesclam incômodos e raiva<sup>169</sup> são necessárias para questionarmos pontos da cadeia produtiva do livro e da literatura que insistem em seguir ignorando questões estruturais e sistêmicas sociais.

---

<sup>169</sup> Ver em LORDE, Audre. *Os usos da raiva: mulheres respondendo ao racismo*.

Estudar autoras negras e perceber que conhecia poucas e, ainda assim, mais nomes e obras de escritoras negras da região sudeste, e até de outros países, e desconhecer as da minha região, do meu estado de nascimento, as do estado em que começaram as narrativas ditas “brasileiras”, compreendi que além das lacunas da cadeia produtiva do livro – difusão, circulação e distribuição – existem curadorias do que “deve” ser legitimado, mesmo quando se trata do grupo que é maior em quantidade de pessoas e menor em termos de representação. E esta curadoria, que maior parte das vezes atende a norma junto a sua geopolítica colonial – cis, branca, heterossexual, sul-sudeste, grandes cidades, titulações – é realizada por diferentes frentes, tais como crítica literária, políticas públicas, academias, festas e feiras, instituições e editais de fomento à cultura, editoras, pesquisas acadêmicas.

E a ideia de mapear novamente, extrapolando a ideia de escalas reduzidas se fez necessária, porque as escritoras negras já estão firmadas com suas *escrevivências*, *exuzilhadas*, *oralituras* e/ou tantas outras experiências conceituais, ou apenas estética, do campo das ideias. Suas obras, suas narrativas orais e escritas transbordam e movimentam-se há muito tempo. A ideia de remapear é criar possibilidades de ampliar perspectivas, conhecer mais escritas negras, e dialogar com mulheres negras leitoras, pesquisadoras e escritoras sobre suas compreensões sobre escritas, processos criativos e comunidades negras.

A escrita é entendida aqui como ato político, como uma ressignificação e transgressão de grupos que sempre tiveram seus locais selecionados e escolhidos pelos que detém a norma. Seguimos reivindicando espaços que sempre foram nossos e impactam na nossa construção social consciente da compreensão individual-coletiva. A professora e pesquisadora Florentina Souza no artigo *Mulheres negras escritoras* (2017), além de discorrer sobre o quanto a escrita de mulheres negras foi ignorada pela crítica e ainda minimizada a respeito de uma ideia de valor literário, ela também fala sobre a produção das mulheres negras como estratégia de resistência ao epistemicídio:

As escritoras negras e seus textos pareciam estar duas vezes fora de lugar. Ao assumirem a posição de sujeitos da escrita, elas rompem com o determinismo instaurado por séculos que aponta para as mesmas exclusivamente o lugar de serviçais e de objetos. Suas falas/vozes não autorizadas foram, a priori, ignoradas, o que vem a constituir um epistemicídio, no dizer de Sueli Carneiro que, apropriando-se de Sousa Santos, utiliza o termo para caracterizar o modo como as tradições ocidentais negam às pessoas negras o lugar de sujeitos de conhecimento. (SOUZA, 2017, p. 22)

Compreendendo o contexto que a professora Florentina Souza chama de “duplamente fora de lugar”, é que as autoras negras inseriram e imprimiram com sua arte, marcas de suas

múltiplas experiências contemporâneas. Ela ainda destaca os *Cadernos Negros* como espaço principal de publicação entre as décadas de 1980 e 1990, e afirma que na contemporaneidade termos ampliado as perspectivas para outros suportes, além de “livros, sites, blogs, no Facebook, em revistas e jornais e também declamando nos saraus e slams” (SOUZA, 2017, p. 27). A professora Ana Rita Santiago, em sua pesquisa de doutorado, dedicou a atenção para oito escritoras negras baianas, *Escritoras Negras Baianas: Vozes (Des)Veladas sobre Afrodescendências* que posteriormente foi publicado em formato de livro pela UFRB Editora, em *Vozes literárias de escritoras negras baianas: identidades, escrita, cuidado e memórias de si em cena* em que ela analisa as autoras que reafirmam suas vidas com a arte literária, e “embora ausentes de circuitos editoriais e literários instituídos, elas escrevem, publicam e tencionam as interdições de suas vozes, abalando os traços depreciativos sobre si e suas africanidades” (SANTIAGO, 2010, p. 9).

São elas: Jocélia Fonseca (1973), Rita Santana (1969), Mel Adún (1978), Elque Santos (1979), Urânia Munzanzu (1972), Angelita (Lita) Passos (1954), Fátima Trinchão (1959) e Aline França (1948). A pesquisa da professora Ana Santiago nos orienta a refletir sobre as textualidades literárias presentes nas escritas femininas negras de geografias e percursos distintos dentro da Bahia. Ela também faz um remonte histórico marcando períodos relevantes sobre movimentos sociais negros e organizações que contribuíram para a partilha e fortalecimento da literatura negra no Brasil, mais uma vez destacando a atuação dos *Cadernos Negros*<sup>170</sup>.

E aqui como soma a trabalhos desta rede de mulheres negras pesquisadoras que em suas trajetórias fizeram sempre questão de chamar a atenção para os traços da ancestralidade africana e afro-brasileira, e para as tantas escritoras negras brasileiras e baianas, o projeto *Escritoras Negras da Bahia* inicialmente foi dividido em ações/metasp como rodas de vivências nas cidades do extremo-sul baiano, palestras para a comunidade acadêmica de Teixeira de Freitas (Uneb) e para agentes de cultura e comunidade geral de Caravelas no

---

<sup>170</sup> Sugiro a leitura de: NASCIMENTO, Tássia. *Vozes afrofemininas nos Cadernos Negros: memórias e significados*. Rio de Janeiro, 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018. E também do livro: *Tranças e tessituras*, organizado pela professora Ana Rita Santiago.

Fórum de Cultura, portal virtual com informações do remapeamento, intervenção artística nas cidades do extremo-sul da Bahia e publicação bilíngue de autoras negras da Bahia.

Comecei este percurso na Bahia, por identificação, mas comecei a pensar não somente na minha área de maior vivência, o Recôncavo, mas na região do extremo-sul baiano, que faz parte de narrativas que envolvem o “mito do descobrimento”, ou melhor, o momento quando os colonizadores europeus chegaram a costa, invadiram, escravizaram e tomaram terras que pertenciam aos povos originários. E mais tarde, trouxeram pessoas de Áfricas para ampliar a lógica violenta do capitalismo com o mercado escravocrata.

O que me fez pensar na força da ancestralidade desta localidade que é pouco mencionada. E mais tarde, conforme fomos interagindo com as nuances do projeto, ele ganhou desdobramentos com mais circulação, rodas de conversa, participação de escritoras mapeadas para publicações, eventos literários. Os corpos-mapas, mapas-territórios, remapas seguiram e seguem como possibilidades, chovendo, marejando e sendo rio. Escrever para mim é um alívio.

### **3.2 Rodas em movimentos<sup>171</sup>**

Cachoeira na Bahia é uma das cidades que me fizeram. Ter residido lá, literalmente, foi um divisor de águas, e foram necessárias algumas estações para eu compreender o que aquele espaço estava me convocando. Lá aprendi que “a água sempre descobre um meio”. Em 2015, residindo no agreste baiano, retornei ao recôncavo, e fui à Festa Literária de Cachoeira (FLICA), que na edição homenageava o escritor sertanejo Antônio Torres<sup>172</sup>. Na ocasião, eu (re)conheci Rita Santana (1969), Lívia Natália (1979), Carlos Limeira (1951-2016), Guellwaar Adun (1971), e tantas/os escritoras/es da Bahia que eu não pude encontrar antes.

---

<sup>171</sup> Antes do projeto ENB, não conhecia o extremo-sul da Bahia, nunca sequer tinha ido a Porto Seguro, mas, paradoxalmente, conhecia toda a costa e área histórica portuguesa que descreve em grandes monumentos as narrativas das conhecidas “grandes navegações”. Quantas pessoas nascidas e criadas no Brasil conhecem mais aparelhos e elementos culturais e artísticos de fora do país do que os próprios? Quantas já ouviram falar em Fernando Pessoa? E quantas em Carolina Maria de Jesus? Quantas já transitaram e tiveram oportunidade de dialogar com herdeiras desse arcabouço ancestral de povos originários e em diáspora?

<sup>172</sup> Como falei anteriormente, minha dissertação de mestrado foi sobre Antônio Torres. *Antônio, o menino que queria ser Castro Alves* foi também título de um curta-metragem que roteirizei e co-dirigi, com o objetivo de disseminar um pouco da vida e obra deste escritor sertanejo baiano. Este projeto recebeu prêmio da Fundação Biblioteca Nacional 2015.

Lembrei dos tantos sambas de roda que vivenciei no recôncavo. E observei naquelas terras, as pessoas que cruzaram os meus caminhos, e que hoje fazem parte de quem eu sou. Não se dança só na roda. O tambor está ali marcando um tempo para que os pés toquem no chão em um chamado rítmico que levanta a poeira de encantamentos-palavras ditos em coro. Encantamentos-palavras ditos como na FLICA, Carlos Limeira nos lembrou: “se Palmares não vive mais, faremos Palmares de novo”. Ou quando Dona Dalva do Samba<sup>173</sup> entoava nas ruas junto a tantas outras mulheres e homens, que dançavam, tocavam e cantavam repetidamente: “Minha Santa Barbra / Aê, minha Oyá / Ôh minha Santa Barbra / Aê minha Oyá / Anágua rendada / Ponta de punhal / Eu vi tropejar”. A roda não morre. É uma gramática que nos ensina sobre existências pretas que se redobram, gingham, circundam no tempo e no contratempo para se manterem presente.

*Alforrias* (2012) de Rita Santana, *Correntezas e outros estudos marinhos* (2015) de Livia Natália, *Olhos d'água* (2016) de Conceição Evaristo e *Diário de Bitita* (2016) de Carolina Maria de Jesus, foram algumas das obras que circularam no extremo-sul da Bahia nas rodas sobre literatura de mulheres negras. Além destas, poesias de escritoras como Graça Graúna, Elizandra Souza, Louise Queiroz, Giselle de Oliveira, Vânia Melo, dentre escritoras negras de outras geografias, também fizeram parte dos nossos diálogos sobre ser mulher negra e/ou afroindígena no mundo. Nei Lopes traz a perspectiva que:

O negro banto, em terra brasileira, reconheceu essa atitude igualmente como sua verdade: respeitou-a, colheu-a e reprocessou-a. Porque, de todas as culturas que vieram formar a nação brasileira, nenhuma delas compreendeu melhor o índio e sua relação com a natureza e sua ancestralidade do que as oriundas da África. E, entre elas, as culturas dos povos bantos em especial. (LOPES, 2014, posição 2968)

Essa articulação e conexão entre pessoas negras e de origem indígena está marcada não apenas simbolicamente por termos semelhanças em observar o mundo de forma

---

<sup>173</sup> Dalva Damiana de Freitas (1927), conhecida como Dona Dalva do Samba é cantora e compositora cachoeirana, fundadora do Grupo de Samba de Roda Suerdieck (1961), integrante da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte e Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (2012). O Grupo de Samba de Roda Suerdieck contribuiu para que o Samba de Roda do Recôncavo da Bahia fosse tombado pelo IPHAN como Patrimônio Imaterial Nacional e posteriormente reconhecido pela Unesco como Patrimônio Imaterial da Humanidade.

biointerativa e circular<sup>174</sup>. São alianças reais que têm conexões práticas, que é marcada, por exemplo na obra de Mãe Stella de Oxóssi, *A ialorixá e o pajé*, onde demonstra o respeito e assimilações aos cultos, rituais e também a relação com ancestralidade, a terra, as plantas. “Índios e bantos, juntos, entendiam a natureza como divina e ativa, e nunca indagavam de uma floresta, por exemplo, em que medida cada árvore poderia ser útil em termos de qualidade e valor econômico de cada metro cúbico de sua madeira” (Idem, posição 2968), confirma Nei Lopes. Temos no Brasil, a umbanda, candomblé de caboclo, banto-ameríndio na região amazônica, rituais que constam expressões em tupi-guaranis e angolano-congueses e que confirma a interação destes grupos. “Neles, também, a presença do termo “Aruanda” (morada mítica de pretos-velhos, caboclos e outras entidades), referência ao porto de Luanda, em Angola, é frequente”. (Idem)

Em Cachoeira, na Bahia, onde a população é majoritariamente negra afro-diaspórica, observamos destes encontros a tradição da festa da Cabocla e do Caboclo em 2 de julho, que embora a maioria das pessoas que estivessem ali lutando pela independência da Bahia fossem pessoas negras, afro-diaspóricas, foi e é uma forma também de incluir e fazer reverência as divindades dos povos originários.

Em uma palestra da II Jornada de Crítica Literária organizada pelo GELBC, em 2018, mediei uma mesa intitulada Literatura e Direitos Humanos, onde estavam a escritora indígena e professora Graça Graúna e o líder de povos originários e escritor Álvaro Tukano. Na ocasião, dentre várias afirmações sobre literaturas e experiências, Graça Graúna falou sobre as rodas, sobre as estruturas circulares, como elas estavam fortemente relacionadas a maneira e a lógica de se pensar na comunidade que ela pertencia.

Aquela imagem das mãos dela naquele conjunto de colares de sementes escuras envolta do próprio pescoço explicando a feitura circular nunca saiu da minha mente.<sup>175</sup>, junto

---

<sup>174</sup> Na maioria das vezes, organizadas em estruturas circulares, com pessoas de todas as idades, gênero, sem limite de participantes, assim como não existe juízes ou lado vencedor, pois todos podem participar de diferentes formas e “no final a manifestação é a grande vencedora, porque se desenvolveu de forma integrada, do individual para o coletivo (onde as ações e atividades desenvolvidas por cada pessoa são uma expressão das tradições de vida e de sabedoria da comunidade” (2015, p. 41). A exemplos das rodas de capoeira, de samba, dos cultos, etc., e pensar nisso elucidada outra perspectiva que não é aprendida nas escolas, por exemplo, como uma forma potente de percepção da vida.

<sup>175</sup> Ainda mais quando minha mãe me contou sobre minha bisavó Dindinha (Adelina), a que aparece em uma das fotos da epígrafe, sentada ao lado da minha avó em Bom Jesus da Lapa. Adelina era de origem indígena – não sabemos a respeito da etnia do seu grupo originário –, ela fazia artesanatos variados, alguns com palhas de ariri,

ao trecho de *Mulheres Sagradas* (2017) de Aidil Araújo Lima que diz “família assentada à porta, debulham milho, feijão, outras tecem palhas fazendo colares, depois de prontos enfeitam com contas azuis. Enquanto as mãos trabalham, as mulheres fazem recordação, a conversa nasce da vontade da ocasião, a lembrança chega devagar” (p. 32). O mestre Antônio Bispo dos Santos descreve que as manifestações negras e de povos originários partem de estruturas circulares, exemplifica com roda de capoeira, de samba, dos cultos religiosos e festivos, rituais. Por serem presentes em um sentido integrado da vida, as rodas são epistemes, metodologias aprendizagens e trocas, nos devolvem a aproximação de olhares, de forma que todos podem se observar, sem que alguém tenha um ângulo privilegiado, sem que uma única pessoa seja um ponto de destaque por ocupar um lugar a frente de todos, mais alto, compreendido como melhor.

Nas três cidades, Alcobaça, Caravelas e Prado, sugeri rodas para que todas as participantes pudessem se ver e participar dos diálogos com suas linguagens e experiências. Nas três cidades, palavras e silêncios foram acolhidos. Ali pudemos nos escutar, partilhar conhecimentos, histórias e as ficções da memória. Audre Lorde pontua que:

compartilhamos um compromisso com a linguagem, com o poder da linguagem e com o ato de ressignificar essa linguagem que foi criada para operar contra nós. Na transformação do silêncio em linguagem e em ação, é essencial que cada uma de nós estabeleça ou analise seu papel nessa transformação e reconheça que seu papel é vital nesse processo. (LORDE, 2020, posição 728)

As rodas de vivências ocorreram em Alcobaça, Caravelas e Prado (Cumuruxatiba) com mulheres negras e afroindígenas moradoras das respectivas cidades. As rodas *Escrevivências (resistências e representações na literatura de autoria negra)* foram um espaço que utilizamos para falar sobre narrativas de mulheres negras e sobre as produções artísticas literárias coletivas e individuais. A meu convite, as outras rodas *Literatura e tecnologias (mídias e mobilidades em redes)* e *A magia da mulher negra (poética e estética das cineastas negras)* que prosseguiram o projeto foram ministradas pelas pesquisadoras e

---

um movimento trançado, contínuo e circular repassado para outras gerações de artesãs que existem até hoje na minha família materna. As rodas sempre estiveram presentes, elas sempre existiram.

professoras Raquel Machado Galvão<sup>176</sup> e Kênia Freitas<sup>177</sup>. Fizemos registros fotográficos sob o olhar da fotógrafa baiana de Ilhéus, Analee Sales<sup>178</sup>.

A ideia é que pudéssemos também falar de tecnologias ancestrais e contemporâneas, e ampliar as leituras sobre cinema de mulheres negras, sob a ótica do afrofuturismo, para colocarmos na roda narrativas contemporâneas e suas aplicações, diversidades e diálogos. Os registros dos encontros exaltam os diferentes tons de pele e a beleza das mulheres negras, estas que aparecem como destaques em mídias sempre como a exceção que confirma a regra. E nas nossas rodas nós éramos a regra. Se ver é sempre uma interpretação, e para este trabalho eu gostaria do olhar de mais uma mulher negra do interior da Bahia, que inserisse suas perspectivas, participasse e criasse também conosco uma narrativa sobre o que estava acontecendo durante aqueles dias.

Outra artista que participou do projeto com ilustrações para a publicação foi a artista plástica soteropolitana Ani Ganzala, que já circula internacionalmente com seus trabalhos, reforçando a ideia de que podemos ser representadas com nossas infinitas pluralidades e afetos em espaços inimagináveis. Ela traz em muitas de suas ilustrações a ideia de zami, categoria-conceito defendido e experimentado por Audre Lorde sobre a conexão entre mulheres.

---

<sup>176</sup> Raquel Machado Galvão é jornalista, ativista cultural e pesquisadora em literatura. Doutoranda em Teoria e história literária pela Unicamp. Mestre em Literatura e Diversidade Cultural/Estudos Literários pela UEFS, especialista em Gestão pública pela Uneb e bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Ufes.

<sup>177</sup> Kênia Freitas é professora, crítica e curadora de cinema, com pesquisas sobre afrofuturismo e cinema negro. Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Realizou a curadoria das mostras “Africanfuturism: cinema e música em uma diáspora intergaláctica”, “A magia da mulher negra” e “Diretoras negras no cinema brasileiro”.

<sup>178</sup> Analee Sales é fotógrafa, graduada em pela Universidade Estadual de Santana Cruz. Realiza trabalhos culturais, fotografias de família e projetos artísticos, onde suas poesias com as lentes podem ser vistas.

Imagem 11: Fotografia de Analee Sales - Roda de conversa sobre literatura de mulheres negras – Projeto ENB - Alcobaça-BA



Imagem 12: Imagem de Ani Ganzala



Voltando àquela ocasião, da Jornada Crítica, li *Resistência* de Graça Graúna, poesia publicada em *Cadernos Negros 29*, que diz:

Ouvi do meu pai que a minha avó benzia e o meu avô dançava  
o bambelô na praia, e batia palmas  
com as mãos encovadas  
ao coco improvisado,  
ritmando as paixões  
na alma da gente.  
Ouvi do meu pai que o meu avô cantava as noites de lua, e contava histórias  
de alegrar a gente e as três Marias.

Meu avô contava:  
a nossa África será sempre uma menina. Meu pai dizia:  
ô lapa de caboclo é esse Brasil, menino! E coro entoava:  
\_ dançamos a dor  
tecemos o encanto  
de índios e negros  
da nossa gente. (GRAÚNA, 2006, p.120)

### 3.3 Escritoras Negras da Bahia

Da terra e das águas – de rio, de mar e da chuva – e de dentro. Trançar pensamentos, des/re/fazer leituras e diálogos sobre algumas obras de escritoras negras da Bahia que remapei, e que publicaram no período desta pesquisa: Aidil Araújo Lima com as obras de contos *Mulheres Sagradas* (2017) e *Páginas Rasgadas* (2020), e as poetisas, Jovina Souza *O caminho das estações* (2018) e *O amor não está* (2019), Livia Natália com *Água negra e outras águas* (2017) e *Um dia bonito para chover* (2018), Rita Santana com *Cortesias* (2019), Érica Azevedo com *A chuva e o labirinto* (2017) e *Cata-vento de sonhos* (2019), Louise Queiroz com *Girassóis estendidos na chuva* (2019), Deisiane Barbosa com *Refugos* (2020) e Vânia Melo com *Um breve voo da borborleta e suas esquinas* (2019).

Os remapeamentos cruzaram por estas rotas. Por litorais de cidades com populações pequenas e da capital atravessando bairros diferentes, pelo recôncavo banhado pelo rio Paraguaçu, mas também de frente para a estrada, em zonas rurais em que o verde está ali, e por sertões de quem espera pelo verde.

“Água abre as fronteiras do tempo”, comecei toda esta jornada de movimentos de mulheres negras afirmando, na carta que abre este trabalho, esta frase da escritora cachoeirana, Aidil Lima Araújo, escritas no conto “Cheiro de jasmim” de *Mulheres Sagradas* (2017), que na verdade começa assim:

Maria gostava de água. Água abre as fronteiras do tempo. Quando o dia amanhecia, pegava a bacia e mergulhava as roupas nuas, abertas ao envelhecimento, a inutilidade. Silenciava as mãos na água fria, passeava livremente nos momentos da vida, que se misturam num esfrega, esfrega, até se encolher no ventre da mãe, o mundo se aconchega, embala a vida. Adianta o passo e vê a mãe, uma mulher valente de mãos fortes, ajudou muita gente a desembarcar nesse mundo, era parteira; ela também amansava animal brabo, sua força estava no espírito que só de olhar, o animal ficava quieto, com medo do que avistavam; alguma coisa despercebida das gentes. (LIMA, 2017, p. 61)

Maria é uma ialodê que se relaciona com a vida para além dela, com o sol, com a água, compreendia e deixava “a ternura arrombar as fronteiras entre a vida e morte” (LIMA, 2017, p. 62). Pessoa que gosta do ritmo da vida, acordar cedo, e não deseja ter sua vida “engessada” como de outra que tem muitos bens materiais, mas tem tristeza. Ela ama e é amada por seu companheiro que depois de um acidente em que fora “amansar um touro”, ainda a encontra, “diz de outros lugares até que as palavras se calam” (Idem, p. 62). Maria é rezadeira, usa as folhas para espantar o quebranto, a tristeza de quem se perdeu junto a móveis e gavetas que “prendiam a alma das pessoas lá dentro, para que o sol não as visse” (Idem, p. 62).

Aidil Lima Araújo (1958), nasceu e reside em Cachoeira, é das autoras que se relacionam com a terra e com o rio, especialmente. Lançou *Mulheres Sagradas* (2017) e *Páginas rasgadas* (2020), no intervalo desta pesquisa, e nestas obras apresenta narrativas curtas que se aprofundam, como um rio que somente vemos as bordas, mas não até onde dá pé. São palavras-lampejos nas águas, aquelas histórias contadas que nos deixam ali por um tempo degustando aquele cheiro que pode ser de mãe, de alfazema, de jasmim, lidando com as luzes que escapam das frestas, ou ainda se perguntando o que está acontecendo agora com estas vozes de mulheres negras que se distanciam completamente da “máscara de silenciamento”. Contos com uma riqueza de signos e gramáticas que quem é de dentro não demora a compreender.

Quando realizou o cadastramento para o portal *ENB*, o seu primeiro livro ainda não havia sido lançado. Ela conta nas linhas do seu texto de apresentação: “Minha mãe foi professora de Língua Portuguesa e Literatura. Cresci rodeada de livros. Daí minha paixão pela leitura. Escrevia crônicas, poesias, contos. Fui professora, bancária e aposentada me dedico exclusivamente a leitura e escrita” (LIMA, 2017). Em *Mulheres sagradas*, em que mulheres negras e saberes ancestrais tomam o centro da narrativa, notamos os curtas metragens de letras que ela traz para nosso imaginário quando numa imensa vontade de devolver a nós a

lembança de mulheres que têm suas vivências ignoradas devido às violências estruturais que já evidenciei durante este trabalho.

São histórias de muitas mulheres junto às suas trajetórias e suas interlocuções com o espaço que não é somente o físico, mas também interno, subjetivo, o que tem relação com histórias de outros tempos, heranças ancestrais, biointeração, tempo espiralar, encruzilhadas, encantamento, com as/os que estão em outros lugares, ou em outros planos. A música e os sons são elementos marcantes na escrita de Aidil Araújo Lima como no conto “Vinte e sete de setembro, a oferta e o rio”, quando “A canoa deslizava tranquila, minha mãe cantava” (p. 28), em “Milho ou feijão”, quando “lembanças acesas dos atabaques embalam a memória, o toque do agogô acorda o transe, elas dançam pela floresta, rios, mares, retornam suadas e felizes” (p. 68), em sinos, sons da rua, barulhos de dentro, músicas-danças de tantas mulheres.

Adentrar nessas narrativas de mulheres negras baianas é entrar em contato com o que Conceição Evaristo nos lembra quando indica a necessidade de reconstruir nossas representações, afim de destruir construções brancas sobre nós. Ler Aidil Araújo Lima e escritoras/es negras/os que fazem parte da minha geografia, como *Torto Arado* (2019) do escritor baiano, Itamar Vieira Lima, por exemplo, devolveu a mim (nós) as histórias das minhas avós, tias consanguíneas e não consanguíneas, das ialodês da minha rua da infância, histórias que não eram delas, mas que elas “já tinham escutado dizer”, e o principal, confirmar que as “fantasias brancas” inseridas em obras literárias canônicas com injustas desumanizações de pessoas negras e indígenas afirma a dependência da identidade branca de explorar e negar a nossa existência. “Fantasias que não nos representam, mas, sim, o imaginário *branco*. Tais fantasias são os aspectos negados do eu branco reprojatados em nós, como se fossem retratos autoritários e objetivos de nós mesmas/os. Elas não são, portanto, de nosso interesse” (KILOMBA, 2018, p. 38).

Observo que no contexto baiano também ocorrem as referências entre autoras negras, a irmandade. É muito comum visualizarmos escritoras negras baianas e de outros estados participando de elementos intertextuais umas das outras – orelhas, prefácios, posfácio, comentários. Em *Mulheres Sagradas*, a escritora Rita Santana escreve o prefácio intitulado “O oráculo de Aidil” descreve que a obra se localiza “onde não é um olhar do estrangeiro percorrendo sobre terras nunca percorridas e mares nunca dantes navegados”, ratificando o que muito já foi dito sobre a importância dos escritos de mulheres negras, uma imersão a narrativas de quem rompem com os regimes brutais do colonialismo.

Nos 32 contos percebemos que a autora se aproxima muito das personagens para expressar com afinco de quem as conhece muito bem, com intimidade, com respeito às suas contradições e subjetividades. Percorremos becos, cômodos, casas, pedaços de rua, de rios e de memórias. Percebemos a oralidade do povo do recôncavo baiano nas vozes de suas personagens e os movimentos de pretuguês linguístico e gestual. O recôncavo baiano é o chão, a terra, o paraíso. Nas narrativas algumas percepções já observadas por Mãe Stella de Oxóssi, Mestre Bispo, Mbembe, Krenak indicando o desligamento social com a natureza, o distanciamento da pluriversalidade, o epistemicídio latente, “as meninas perderam interesse pela riqueza da comunidade, largaram os costumes, respeito pela natureza, cultivo da terra para o alimento, rumando para o outro lado. Largaram até as quartinhas, que secou no abandono” (2017, p. 33). Rita Santana nos lembra que “a contista traz em suas narrativas expressões pertinentes ao universo das estratégias de resistência, que nos remetem a códigos e subterfúgios da linguagem para serem decifrados apenas pelos iniciados (Idem, p. 11). E acredito que esses movimentos que escritora traz dialoga com o de tantas de nós como Ana Maria Gonçalves, Conceição Evaristo, que rememoram a ancestralidade na prática, na ação das personagens, trazendo entidades comuns das vivências destas pessoas. No resguardo que é o silêncio agenciado de sentido, a longa caminhada, a fé. O que pode ser lido como fantástico para alguns leitores, para outros configuram sentidos reais de vivências.

Aidil Lima nos mostra a pluralidade de maternidades negras<sup>179</sup> onde as águas internas são seguras, “lembro-me de você dentro do meu corpo, protegida pelas águas”, observamos os diálogos, a presença dessas mães que lidam com suas limitações, distâncias, liberdades, e seus movimentos. São narrativas de várias Marias, Joanas, donas e jovens de nomes próprios, algumas mães que nunca tiveram filhos biológicos, outras que perderam nas águas do rio. A orelha do livro, possui escritos do seu primo, o cantor e compositor Mateus Aleluia, em que reflete sobre a obra nos lembrando que:

---

<sup>179</sup> Upile Chisala, contadora de histórias do Malawi, em *Eu destilo melanina e meu*, escreve em suas poesias curtas: “Querida mamãe,/ espero herdar toda a sua ternura / e o jeito minucioso com que você ama.” (2020, p. 112); “A voz da minha mãe é o meu lá (2020, p. 119). Algumas/ns escritoras/es afrodiáspóricas, além das/os já mencionadas/os, que também apresentam a maternidade negra evidenciada nas suas obras: Teresa Cárdenas em *Cartas para minha mãe*, Maya Angelou, *Mamãe&Eu&Mamãe*, Allan da Rosa, *Reza de mãe*.

Nesta viagem inconsciente, mas com uma consciência existencial cachoeirana deparei-me com os contos cantados e contos falados que norteou nossa sensibilidade de Ser Humano – O Animal que fala. Parte integrante desse manancial universal que não entendemos, mas nos deleitamos – a majestática Natureza e, permitam-me o neologismo “cachoeiranamente” conscientizei-me que Sou “Meio Ambiente” em sua expressão mais “Terra”, cujo espírito da palavra representa um Elemental circundada do Elemental “Água” por todos os lados, altura e profundidade (água de baixo – água de cima) e, sempre acompanhada do Elemental “Fogo” e do Elemental “AR” formando o equilíbrio dos elementos. (LIMA, 2017)

*Mulheres sagradas* nos lembra do curso da vida, dos mistérios do rio, “às vezes ele enche, se derramando na cidade; ganha largueza, depois volta ao leito e dorme tranquilo” (LIMA, 2017, p. 31) e em *Páginas rasgadas* (2020) não é diferente. O conjunto de 27 contos nos traz mais vivências de mulheres negras, seguindo sua proposta de narrativas curtas, os curtas-metragens literários, em que visualizamos como em frames cada frase dita que corta o tempo não linear. Ela nos mostra os problemas estruturais da sociedade que prega “humanidade” sem ser humana, tudo isso sem perder de vista a ternura, a biointeração e a relação pluriversal. Sem perder de vista os sons que embalam as ruas de pedras de Cachoeira. No conto *Águas que curam* termina com o trecho:

Passado o tempo, decide morar à beira do rio numa casa azul, azul celeste, quintal com flores – rosa, angélica, dália, crisântemo. Ainda não decifrou os mistérios do mundo dos sonhos nos livros, mas já tem certeza que somente mergulhando em águas profundas poderá conhecer as respostas da vida.

Um dia decide descer a escada até o rio, entra molhando pés, pernas, mergulha corpo inteiro e caminha triunfante, vencendo temores e pavores. (LIMA, 2020, p. 81)

No posfácio, Livia Natália afirma aspectos que considero presentes nas duas obras de Aidil, “li contos que, longe de serem narrativas fantásticas, contam histórias que compõem a vivência de pessoas cotidianas, isso que chamam maravilhoso enquanto categoria teórica, aqui, é a maravilha que nos enche de horizontes possíveis (...)” (Idem, p. 106).

E na orelha, Lílian Almeida, também escritora e professora universitária<sup>180</sup>, conta que “As diferentes narrativas poupo a pouco compõe um leito para o rio Paraguaçu, que assume status de personagem confidente e receptáculo de alegrias e esperanças” (LIMA, 2017).

---

<sup>180</sup> Lílian Almeida é escritora baiana, nasceu em Salvador, é professora na Universidade do Estado da Bahia e doutora em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Publicou o livro *Todas as cartas de amor* (Quarteto, 2014, contos). Participou de várias antologias, e tem artigos em jornais, revistas e livros e em mídias digitais.

Seguindo as águas do rio Paraguaçu, testemunha e personagem de tantas de nós, e que une Cachoeira e São Félix, adentramos em *Refugos* (2019)<sup>181</sup>. “Ao vento, que move chuvas com lucidez”, assim Deisiane Barbosa dá início e abre o seu conjunto de poesias<sup>182</sup>. Ela, também residente de terras do recôncavo, apresenta a conexão com as águas, envolta a outros elementos, como o vento, e neste projeto aparece em diferentes estados físicos em suas poesias: *sólidos*, *líquidos* e *gasosos* – assim, em itálico, em movimento. Um convite para subverter nos é dado ao início da leitura, e a música também se apresenta na abertura de cada conjunto de poesias: Adriana Calcanhoto – “como um silêncio ao contrário / escrevo uns versos / depois rasgo”, Dominginhos – “o céu logo escurece/ quando vai chover” e, Milton Nascimento “pó, poeira, movimento / o meu nome é nuvem / ventania, flor de vento”, embalam a abertura dos refugos em cada estado físico, respetivamente.

Em *sólidos*, ela apresenta um poema-glossário, em que nos permite compreender parte da proposta do conjunto de poesias:

farelos  
rebarbas  
resíduos  
raspas  
sobras  
sobejos  
restolhos  
resquícios  
restantes  
detritos  
borras  
despejos  
rejeitos  
refugos

---

<sup>181</sup> As obras de Aidil A. Lima e Deisiane Barbosa fazem parte da edição da Segundo Selo, coordenação da *Coleção Das Pretas* (escrito desta forma) da editora Segundo Selo é de Zoraide Portela. Conselho editorial formado por Ana Carla Portela, Cristiane S. de Souza Paixão, Hildália Fernandes, Maria Dolores Sosin Rodrigues e Silvana Carvalho da Fonseca. Ilustração da capa de Íldima Lima e projeto gráfico de Thaís Geckseni. Editora executiva, Fernanda Santiago. Além delas duas, tem também na coleção os livros das escritoras negras baianas de Salvador, Gonesa Gonçalves com *Cata-ventos*, Patrícia Silva com *Ouroboros* e a recifense Odailta Alves com *Nenhuma palavra de amor*.

<sup>182</sup> Em *Refugos*, sobre Deisiane Barbosa consta que ela: é poeta / andarilha / escritora de cartas / artista visual / etc. Nasceu em São Félix-BA, e desde 1992 vive entre Cachoeira, Povoado do Cruzeiro e à beira de várias estradas. Bacharela em Artes Visuais, pela UFRB / especialista em Estudos Literários pela UEFB/ mestranda em Artes Visuais, pelo Programa Interinstitucional de Pós-Graduação em Artes Visuais – UFPB/UFPE. Desenvolve pesquisas entre literatura, performance, videoarte e livro de artista. Em outubro de 2015 publicou seu primeiro volume de “cartas à Tereza: fragmentos de uma correspondência incompleta, um ano depois produziu desavesso, um livro de poemas e fotografias.

- 1 fragmentos de resquício.
  - 2 dilaceramentos pulsantes.
  - 3 dispersos sem encaixe.
  - 4 porções do que fica.
  - 5 o que resistiu mesmo após.
  - 6 ressignificações de rebarbas.
  - 7 etc.
- (BARBOSA, 2019, p. 7)

Deisiane Barbosa (1992) nos convida a olhar para pedaços de observações que são rejeitados, talvez pedaços de si e de nós que não cabem em um todo social que ainda nega as nossas formas de existência. Existe uma tendência a rotular a escrita de mulheres negras como sendo similares, ou iguais, por talvez transmitirem as problemáticas comuns que nos atravessam. As confluências existem, as influências, as inspirações, mas, mais que isso, existem diferentes espaços e perspectivas de dizer e imprimir o que não é possível guardar somente para si. Tatiana Nascimento, na orelha do livro, afirma:

de “cartas à tereza” até aqui, o labor com a palavra feito por deisiane barbosa ganhou fundura. achei que há, entre a primeira obra da autora que li y os poemas daqui, meticulosamente organizados em três estados de refugo, uma talvez pareença: sua escrita em ambos pede longo tempo de cozimento, em fogo baixo, submerso em água, para que a carne da fruta-não seja colhida com maciez pelas mordidas do entendimento. (BARBOSA, 2019)

Em *líquidos*, na poesia “palafitas”, em que “os alagados olhos / de vovó” me recordaram o conto *Olhos d’água* de Conceição Evaristo, e ademais movimentos de mulheres negras matriarcas, como na poesia “As mãos da minha mãe” de Livia Natália, em *Correntezas e outros estudos marinhos* (2015). “As mãos da minha mãe, cada vez mais idosas,/ guardam, em suas linhas, o segredo de nosso/ destino,/ elas se cruzam no ventre da espera,/ e gestam frutos de um futuro/ sempre feliz, sempre feminino” (NATÁLIA, 2015, p. 21). Evaristo afirma no prefácio<sup>183</sup> que a obra de Livia Natália se atenta para “lembranças das águas primordiais”, onde referencia a(s) mãe(s) desde a abertura do livro, e quando compreendemos, dentro de epistemes negras o sentido que todas as águas têm podemos observar as maternidades de outras mães, as orixás.

---

<sup>183</sup> E o posfácio foi escrito pelo poeta Carlos Limeira (1951-2016).

Voltemos agora para “palafitas” de Deisiane Barbosa:

os alagados olhos  
de vovó  
afundam  
progressivos  
nas estrias do rosto antigo

tanto tempo de lágrimas  
tanto somo remendado  
tanta tanta saudade

são dois barcos já miúdos  
beirando a curva da linha  
longe  
minha vista tremulada acena

nafragam  
cada dia mais  
duas bacias enterradas na cara moída  
à espera na vida à espera  
paciente piedade dum sono abrupto  
que tanto ela suplica  
à sua divindade (BARBOSA, 2019, p. 37)

Deisiane Barbosa trabalha olhares e interlocuções de leituras e vozes de tantas outras escritoras e poetas, como lembrou Tatiana Nascimento “notei, especialmente, referência a alguns exercícios sintáticos típicos da poesia de daisy serena, amiga da autora, mas também inspiração de minha própria poesia”, e eu ratifico no posfácio “li tantas e tantos de nós inseridos nos poemas-fragmentos ou poesias-pulsantes, como referências e resistências das leituras feitas pela autora-andarilha que traz para sua obra um pouquinho de alguns que já marcaram em outrora” (BARBOSA, 2019, p. 59). O que também dá potência à assinatura de Deisiane Barbosa, assim como a de Aidil Araújo Lima, é o seu *chão-recôncavo*, sua relação com as águas, as pedras que compõem seus caminhos, as mulheres ialodês que observa nas beiras das estradas, mas também nas comunidades aonde fez e faz morada.

Observo nas escritoras negras baianas que dialogo com as obras a presença da biointeração. Percebo a presença da interação com a natureza e seus elementos em localizações e cartografias afetivas. Nesta interação com a natureza está incluída a relação com o sagrado, com forças invisíveis, com a ideia integrada de vivências que é compreendida como parte da construção do ser, e não somente do ponto de vista eurocêntrico que intui esta compreensão como uma parte fragmentada chamada de religião.

Ao compreender a biointeração, no conjunto de poesias da escritora Livia Natália, em que os diálogos com as águas já aparecem em todos os títulos, exceto no infante-juvenil em

*As aventuras de Lili* (2018), mas que ainda assim constam na obra “Na Lagoa, onde morava com seus brincos e anéis / Oxum criava peixinhos (...)” (2018, p. 9), “Yemanjá, serei encantada, na água tinha uma cauda de peixe” (2018, p. 16), recordo-me de Audre Lorde quando diz que “fazer poemas de verdade é ensinar, cavar boas trincheiras é ensinar, sobreviver é ensinar” (LORDE, 2020, p. 106). No caso de Livia Natália, eu acrescentaria que os poemas dela também nos ensinam sobre aprender com as águas marinhas, das chuvas, dos rios, além de outras águas e seus sentidos, uma ideia que abarca este trajeto de pesquisa.

Livia Natália<sup>184</sup> além do infanto-juvenil, lançou *Água negra e outras águas* (2017a), a quem dedica “à dona de todas as minhas Águas, Osun” e *Dia bonito para chover* (2017b), que recebeu o prêmio APCA - Associação Paulista de Críticos de Artes (2017). Livro que o próprio título já molha e traz subjetividades de quem também é movimento, em “Olhos d’água”, diz “ele tem pés de peixe,/ e eu sou água” (2017b, p. 11), afetos em “Antes que chova”, “e apenas por que eu sou inteira/ ele vem completar-me ali,/ onde nada falta.” (2017b, p. 68), e amor existentes dentro e fora de eus-mulheres negras, “Com alguém hei de partilhar esta herança imensa e maldita” (2017b, p. 23), trecho de “Poema” a quem dedica à escritora Rita Santana.

Na poesia de Livia Natália há canções e interlocuções de quem vive e faz sobreviver as palavras que traduzem suas (nossas) vivências. Em *Água negra e outras águas*, a escritora Mel Adún<sup>185</sup>, afirma no prefácio “Água Negra é um mergulho pra dentro de nós mesmas. Depois de séculos sendo personagens, nos tornamos senhoras de nossas histórias. (...) Água

---

<sup>184</sup> Para o *ENB*, Livia Natália contou que: “Em 2010, inscrevi o meu livro *Água Negra* no concurso Banco Capital de Poesia, sendo premiada em primeiro lugar, este prêmio oportunizou uma visibilidade maior da minha escrita, tendo sido, nos anos posteriores, convidada para inúmeros eventos literários em vários lugares, com destaque para Lisboa, Ilha da Madeira, e outros lugares dentro do País. Em 2015, foi lançado *Correntezas e Outros Estudos Marinhos*, que saiu pela editora Ogum’s Toques. Este livro foi adotado em algumas escolas de Salvador, foi um livro bem recebido pela crítica. Com o *Correntezas* eu participei pela primeira vez da feira internacional de Cachoeira – BA em 2016. Neste Livro, está presente o poema Quadrilha, no qual discuto sobre genocídio da juventude negra pela Polícia Militar brasileira, e que resultou numa enorme polêmica no ano de 2016 com a corporação, graças a este episódio, que culminou com a censura do poema, o poema viralizou nas redes sociais, e numa recente lista da ONU, eu compareço como artista brasileira que sofreu censura pelo seu trabalho no pós-ditadura civil militar brasileira (1964-1984). Em 2016, foi relançado o livro *Água Negra*, com a reunião de mais 17 poemas, com o título *Água negra e outras águas*”. (NATÁLIA, 2017, entrevista)

<sup>185</sup> Mel Adún (1978) é escritora, jornalista e fotógrafa. Nasceu em Washington DC., “quando seus pais estavam fugindo da ditadura militar”, segundo o portal Literafro. Na Bahia, junto com seu companheiro Guellwaar Adún, fundou a editora Ogum’s Toques Negros. Escreveu as obras infantis: *A lua cheia de vento*, 2015 e *Adumbi*, 2016.

Negra nos devolve o corpo”. A poesias de Livia Natália nos devolve os nossos corpos femininos negros, com marcas, inteligência, lacunas, e agência de quem teceu as experiências próprias, de quem observa os autoprocessos, e de quem vivenciou a História que a branquitude nega:

Da cura

Já amei sem me dar porque.  
E todo jasmim negro era colhido  
apenas maduro  
no meu quintal.

Já amei, e as mãos ardiam tanto  
que soltei no ar,  
pomba voando,  
com asas feitas de esquecimento.

Já amei sem verdades,  
amor sem dobras,  
e a velocidade,  
lacerava-me as pontas dos pés.

Já amei demais constante.  
Lambendo a ar da voz.  
E do sopro úmido,  
Lancinante,  
fiz fogueiras que não dormiam acesas  
jamais.

Já amei atando  
os nós da ausência.  
Tecendo, da costela, um homem inteiro  
e acendi os gravetos de um amor  
todo feito contra o vento.

Amo hoje esta mulher:  
Eu, no espelho de onde me vejo,  
e as Águas do que desejo me transformam em imensidão. (NATÁLIA, 2017, p. 65-66)

Obras que não se distanciam, nem divorciam de quem se é: “baiana de Salvador, e como boa filha de Oxum, foi criada nas dunas no Abaeté e, alimentada por Iemanjá, banhou-se na poética praia de Itapuã”, como dito na orelha de *Correntezas* (2015). Nesta poesia, nos mostra como os movimentos das águas e do amor, vistos com consciência de quem compreende ou de que busca entendimento via epistemes deixadas por ialodês fazem a diferença no caminhar de mulheres negras do presente e do futuro.

Indo nessa direção do amor, lembro de escritoras baianas que também encontrei em terras marítimas, que trazem propostas distintas, mas atravessam o afeto e as águas, como

Jovina Souza (1957), escritora nascida em Feira de Santana, residente em Salvador, e que publicou duas obras dentro do intervalo da pesquisa<sup>186</sup>, *O caminho das estações* (2018), para quem dedica à Carolina Maria de Jesus, e *O amor não está* (2019), cuja dedicatória é:

Para todos os negros e negras que vivem no contexto do racismo brasileiro, o mais letal do mundo e, mesmo assim, gritam que são amados(as) pelos indivíduos pertencentes ao grupo que os matam de todas as formas, oferecendo-lhes bens materiais e imateriais. Dedico, ainda, a todos aqueles que também vagam na indigência de tudo, subjugados, humilhados, discriminados e, ainda assim, procuram o amor no coração do opressor, acreditando que ele existe e virá libertá-los e saciá-los de todas as suas fomes. Que suas inteligências os libertem dessa trama espúria e deletéria. (SOUZA, J., 2019, p. 5)

Jovina Souza marca sua trajetória com publicações também em *Cadernos Negros* 37, 39 e 41. O eu poético em “Em movimento” em *O caminho das estações* diz: “Sou um mar revolto./ Meu encanto é poder de novo serenar,/ ter alma plácida e vida fecunda todo dia” (2018, p. 84). A autora, que também afirma suas identidades de mulher negra que percebe as artimanhas sociais, não utiliza suas raízes para fazer “literatura simpática”.

Ela é uma das referências de poetas que utilizam o espaço para dizer o que visualizamos no cotidiano em forma de poesias afetivas, daquelas que demoram para passar o efeito reflexivo. Em o *Amor não está*, lemos poesias que falam sobre a existência de amor e sobre a falta dele entre espaços íntimos afetivos, individuais-coletivos e nos sociais como em “Os dias pós-modernos”:

O mar é pequeno para abrigar  
as indiferenças,  
vencendo os dias e todas as horas.  
Gente segue pra lá e pra cá, apartadas  
dos versos.  
É um deserto de água, de lua e de pão.  
Perto e longe do céu,  
nem áureo, nem brilho na imensidão.  
Morre-se sem lugar e com os lábios secos  
onde nenhum desejo mais vive,  
só a recusa em saciar os vivos.  
Morre-se então de balas, de bombas,  
de fome, de racismo, de desgosto...

---

<sup>186</sup> Jovina da Conceição de Souza é graduada em Letras vernáculas, especialista em Estudos literários e mestra em Teoria e Crítica da Cultura e da Literatura. Autora também de *Agdá* (2012). Participou de antologias como “Protagonismo feminino” (Editora Scortecci, 2016), “Outras Carolinas” (Penalux, 2017).

Morre-se de tudo,  
Morre-se no útero e em todo lugar. (SOUZA, 2019, p. 26)

Inserir as próprias bússolas, sentidos e sonoridades nos movimentos é necessário para seguir, marcando que estamos atentas/os ao presente, como sempre estivemos, e que não de acordo com a metodologia mortífera de “humanidade” desenvolvida pela supremacia branca. A morte que os versos de Jovina Souza nos remetem, não é a que se espera aos que cumprem a própria jornada. Não é esta morte que celebramos. O que tem ocorrido aos nossos pares é traduzido pela autora com afirmações reais e de difícil digestão, ela dá visibilidade ao que já é visível, mas que muitas vezes não é considerado relevante na nossa sociedade, especialmente, quando está relacionada a finitude violenta de vidas negras:

Sou mulher preta e escrevo o que sinto e desejo, o que vejo e o que não quero mais ver. Porque preciso, porque vivo a urgência de falar, de contar sobre minhas observações e leituras de um espaço que ocupo e que está repleto de dor, de tensão, de luta, de amor, de água, de sangue, de fê, de poesia. Escrevo sobre Pretas, sobre Pretos, sobre Encantados, sobre a metalinguagem de uma vida em versos esculpido com sangue escrevo com sangue arbitrariamente derramado por violências que nos atingem em nossas vísceras e doem a todo momento, escrevo com sangue que pulsa, que está vivo, com o sangue que inicia. (MELO, 2017, entrevista)

Em diálogo com Jovina Souza, este trecho dito pela escritora soteropolitana Vânia Melo, ao *ENB*, junto às leituras de autoras/es negras/os, levou-me ao livro *Encantamento: sobre a política da vida* (2020), onde é refletido que para a maioria das pessoas que não degustam a vida por meio dos “alpendres da Casa Grande, das sacadas dos sobrados imperiais e das salas de reunião de edifícios de grandes corporações”, compreende encantamento “como ato de desobediência, transgressão, invenção e reconexão”, como resistência, remapeamentos, trançar o pensamento, como forma de afirmar a presença. Quem estagna em ideias colonialistas, provavelmente prossegue a vida sem compreender que pessoas que se propõem a considerar os “encantados”, escrever sobre os que estão ignorados socialmente, estão conectadas a pluralidade, reconexões, conhecimentos que acontecem nas brechas, nos espaços aonde a liberdade pode ser regada:

Nas bandas daqui a noção de encantamento vem sendo ao longo do tempo trabalhada como uma gira política e poética que fala sobre outros modos de existir e de praticar o saber. O encantado é aquele que obteve a experiência de atravessar o tempo e se transmutar em diferentes expressões da natureza. A encantaria, no Brasil, plasmada na virada dos tambores, das matas e no transe de sua gente cruza inúmeros referenciais para desenhar nas margens do Novo Mundo uma política de vida firmada em princípios cósmicos e cosmopolitas. A noção de encantamento traz para

nós o princípio da integração entre todos as formas que habitam a biosfera, a integração entre o visível e o invisível (materialidade e espiritualidade) e a conexão e relação responsiva/responsável entre diferentes espaços-tempos (ancestralidade). (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 5-6)

O encantamento como uma capacidade de transitar nas inúmeras voltas do tempo, invocar espiritualidades de batalha e de cura, primar por uma política e educação de base comunitária entre todos os seres e ancestrais, inscrever o cotidiano como rito de leitura e escrita em diferentes sistemas poéticos e primar pela inteligibilidade dos ciclos é luta frente ao paradigma de desencanto instalado aqui. Ou seja, o encanto é fundamento político que confronta as limitações da chamada consciência das mentalidades ocidentalizadas.

São sobre estes movimentos políticos e epistêmicos que pensam em gramáticas de amparos e não de destruição que precisamos acolher para tentar outras maneiras de viver em sociedade, já que as que estiveram em vigência têm nos mostrado caos. Com genocídios e descasos com quilombolas e povos originários, ganâncias rentáveis, e cada vez mais explorações sem precedentes de uma natureza que já faz falta e nos mostra os resultados das destruições. Ainda sobre o que a mobiliza para a escrita, Melo descreve:

Escrevo porque preciso abrir espaços, bordar os caminhos com a palavra, preme de grito, com as escritas sobre nós e por nós, nossa história, pois nos reconhecemos em nossos passos, nos nossos afetos, nos nossos estilos a cada verso. Falo sobre erotismo, sobre os ocultos da minha mente, as entranhas do meu corpo, de outros corpos, preciso falar de amor, de luta, de sonhos, de facas, de borboletas... Preciso escrever sem cerceamentos, sem impedimentos, sem qualquer violência que tente me travancar a escrita, a lida. (MELO, 2017, entrevista)

Um tempo depois, Vânia Melo me contou a notícia que sua primeira publicação estava no prelo e em sua obra *Sobre um breve voo da borboleta e suas esquinas* (2019), percebemos unidade e coerência, o projeto gráfico do livro está interligado aos poemas. Imprimindo à experiência de leitura, uma sensação de mergulho intenso junto com a autora. Vânia Melo realiza em versos as suas justificativas da sua escrita, ela borda caminhos com as palavras ritmadas de quem vive de dentro, de quem anda nas ruas e visualiza como em espelho a si própria. Ela fala de gente. E gente de verdade sonha, sente, luta, ama, discorda, aprende.

Em sua obra, quando mais torna-se negra/o ou compreende-se o devir negro, e adquire-se consciência negra, as poesias junto às páginas do livro vão ficando mais escuras, enegrecendo em sentido e na cor literal da página, encorpando, definindo, chegando ao preto. E na última página, a que é totalmente preta, a poesia:

### Borboleta Preta

Partilho dilemas  
sou a vida de muitas  
toda Preta, Borboleta Intensa  
breve vida Preta e tensa  
ainda querem cercear meu voo,  
mas sigo escrevendo o que quero  
pousando em breve vida minha palavra  
não para,  
Borboleta Preta malha  
minha escritanavalha,  
me atravessa e não me cala  
me renova a fala, nobre espada  
que corta fria a cara dos canalhas. (MELO, 2019, p. 67)

Vânia Melo, seguindo muitos das/os autoras/es e teóricas/os negras/os, converte o sentido de preto e escuridão, e mostra que somente preta, sabendo-se negra, é quando a borboleta-mulher finalmente pode voar. Suas poesias nos trazem esta conexão do desafio que é uma lagarta se transformar numa borboleta que saiu do casulo. Uma metáfora para refletirmos que construir consciência negra é processual, envolve dor, e também uma trajetória que necessita ser vivida e respeitada. E que continua mesmo quando se sabe livre.

Livia Natália, no prefácio, assegura:

Recolhemos cada um dos pedaços da couraça da lagarta e o labirinto muitos se estreita até encontrar seu fim. Nos vemos então, de repente, com as mãos pesadas dos destroços do bicho que se arrastava e, ao levantarmos os olhos, vemos a borboleta pronta para desembaraçar das asas imensas: o voo. (MELO, 2019, p. 5)

Saber-se negra/o é um movimento contínuo. Os trajetos de artistas literárias/os negras/os, especialmente, nos interiores do Brasil, são regidos por desafios, e muitos percursos anteriores. A maioria destas/destes publicam por editoras independentes e de pequeno porte. Muitas/os delas/es são suas/seus próprias/os agentes, vendedoras/es e assessoras/es, embora tenham esforços para difundirem e circularem com as obras em coletivos e parcerias. O pacto narcísico da branquitude (BENTO, 2002b) que ocorre no contexto da cadeia produtiva do livro, durante muito tempo, elegeu escritoras/es, obras, premiações, curadorias conscientes, desvalendo da existência de escritas negras que, quando apareciam, eram sempre como exceção que confirma a regra. A regra de que o racismo é perspicaz enquanto projeto e garante que as nossas elaborações sejam vistas como menores.

Porém, as criações de quem voa, apesar dos destroços, pode ser uma das entradas mais potentes para enfrentar o caos social presente e uma ideia de “humanidade” que falhou.

Mulher negra e lésbica, Louise Queiroz, estudante de Letras na Universidade Federal da Bahia, nascida e criada em Salvador, que em 2016 publicou pela primeira vez no *Cadernos Negros 39: poemas afro-brasileiros* e no livro *Enegrescência: coletânea poética*<sup>187</sup>.

A coletânea, fruto do Projeto Enegrescência, publicado pela editora Ogum’s Toques Negros, cujos fundadores, Mel Adún e Guellwaar Adún. Note que a editora, assim como outras editoras negras, foi o ponto de partida e é de estadia de muitas/os escritoras/es negras/os. Isso para lembrar que “nossos passos vêm de longe”, como nos lembra Jurema Werneck. E muitos de nossos passos, senão todos, só são potencializados quando estamos em coletivo. Editoras negras independentes<sup>188</sup> surgem da falta, dos descasos estruturais que implicam em um mercado editorial que ignora nossas existências. Diante dos desafios, quando nos reconhecemos os movimentos e escolhas adquirem sentidos:

Quando me reconheci enquanto mulher negra me descobri mais forte. Foi no seio da literatura que encontrei força para ressignificar o meu olhar forjado sobre mim mesma. E é quando deito meus olhos na palma das palavras que sou resistência. Tenho muita fé na palavra-preta e é através dela que busco tecer empoderamento e reconhecimento nas vidas que me leem. Escrevo para romper represas. Aprendi a enaltecer minha cor e hoje são pretos os meus caminhos. (QUEIROZ, 2017, *entrevista*)

Romper represas é deixar as águas rolarem sem aprisionamentos. Em *Girassóis estendidos na chuva* (2019), Louise Queiroz (1993) assim o faz, e aposta em um conjunto poético em que como afirma a escritora Nina Rizzi “um livro-cartografia, nele, uma bússola nos torna também flecha”. Poesias que propõem movimentos de escuta, de ação, o encontro

---

<sup>187</sup> Neste livro, além de Louise Queiroz, também publicaram as escritoras negras da Bahia, Lidiane Ferreira, Emanuelli Aduni Goes, Gonesa Gonçalves, Jan Góes, Lohana Kárita e Patrícia Maria. Escritores negros baianos César Sobrinho, Davi Nunes, Davi Alves, Jorge Augusto Maia e Marcelo Ricardo. E além delas/es, Átomo “Pseudopoeta” (RJ), Cristiane Sobral (RJ/DF), Sales Sertão (GO), Hudson Ribeiro (ES), JP Dilha (RS), Madson de Moraes (MA) e Viviane Moraes (RJ). As/os idealizadoras/es e coordenadoras/es do projeto são Gonesa Gonçalves, Lidiane Ferreira, David Alves e Fábio Cunha. Abrem a obra com epígrafes da escritora Miriam Alves “A fala é um falo que abre suas entranhas”, de *Feminiz-Ação*, e, de Livia Natália, “O que partilhamos, multiplicando estrelas no nosso céu, não nos divide”, de *Correntezas*.

<sup>188</sup> Na Bahia existem algumas editoras negras independentes que realizam um trabalho necessário para ampliar as possibilidades de circulação de referências negras. Selo Negro, Editora Organismo, Reaja Editora, Andarilha, são algumas delas.

com o silêncio que se transforma em poesias sentidas, dedicadas a letras-pessoas, nomes, e a todas nós, mulheres negras.

Na epígrafe, uma frase de Conceição Evaristo: “há mudos submersos que só o silêncio da poesia penetra”, em seguida dedica o livro a sua mãe, “por me dar caminhos para fazer de minhas mãos afluentes das palavras”. Com linguagem marítima, Louise Queiroz divide em dois momentos: “Onde cresce silêncio não finda barulho” e “Toda poesia tem uma mulher dentro”. Estes dois títulos me lembraram Audre Lorde quando diz propõe a transformação do silêncio em linguagem e ação, e quando alerta que a poesia para nós, mulheres negras, não é um luxo:

Os patriarcas brancos nos disseram: “Penso, logo existo”. A mãe negra dentro de cada uma de nós – a poeta – sussurra em nossos sonhos: “Sinto, logo posso ser livre”. A poesia cria a linguagem para expressar e registrar essa demanda revolucionária, a implementação da liberdade” (LORDE, 2019, p. 38)

Lorde em *Sou sua irmã* se autoafirma: “sou uma mulher negra poeta lésbica mãe amante professora amiga guerreira”, assim sem vírgulas, e depois deste longo substantivo adjetivado complementa “e sou tímida, forte gorda, generosa, leal e irritável” (LORDE, 2020, p. 106). Esta marcação ao inserir “mulher negra” em vez de “mulher, negra” faz toda a diferença quando vivemos numa sociedade em que a questão racial está imbrincada dentro de todos os espaços.<sup>189</sup> Destaco a poesia “MAREZIA”, em que diz:

Quando o negro do meu afeto  
tocar sua pele e lacerar todas as suas certezas  
com a mais real entrega  
não tente mensurar o que te cerca.

A urgência diluída em ternura  
que me escorre pelos dedos  
e posa e finca em suas mãos  
pequenas

é o canto de Kaia  
ecoando no seio das marés profundas:

---

<sup>189</sup> Nós, mulheres negras, nunca somos apenas “mulheres”, Fanon nos lembra isso em *Peles negras, máscaras brancas*. Inserir, por exemplo, o gênero sempre a frente ou separado a fim de criar uma hierarquia de opressão não é o caminho mais adequado. Assim como não é para se pensar questões relacionadas a classes sociais. Existem discussões cada vez mais latentes sobre a noção de interseccionalidade no Brasil, como por exemplo, no título homônimo de Carla Akotirene, que reflete sobre a importância de atentar-se para estas perspectivas que fazem a diferença no contexto que vivemos. O professor Osmundo Pinho, antropólogo negro, sempre nos traz reflexões atualizadas em relação a este mote sobre questões étnico-raciais.

que nossos destinos se cruzem  
e nossas vidas se trancem  
inteiras. (QUEIROZ, 2019, p. 58)

Louise Queiroz traz em poesias ritmadas suas mãos, mãos de outras pessoas, em encontro ou não com as suas, são poesias sobre um eu-mulher que se observa e observa ao seu redor, que lida com o mundo, as dores, amores, “meu corpo: um barco à espera do encontro/ com o mais fundo de suas Águas”. Traz conexões fortes com os símbolos aquáticos, “os peixes ainda brincam de roer as miudezas da falta” (p. 66), “são vinte e cinco/ os naufrágios que orlam meu corpo:/ nesta ida/ nada vai e tudo se assemelha /à partida.” (2019, p. 65)

Chão molhado de chuva, como aparecem no título, mas também águas profundas silenciosas que gritam e imergem em terras que acumulam intimidade com a presença negra. Na sua biografia ao fim do livro, destaca a participação do Escritoras Negras da Bahia. Para ela a publicação é uma possibilidade de trazer partes de sua memória:

É, como aquilo que principia, a maturação. Haveria possibilidade de falar do que está por vir sem falar de tudo aquilo que antecede? Estar em silêncio é fazer um movimento de estuda, deixando ecoar internamente todas as vozes – as ancestrais e as nossas – e, a partir daí, dar corpo e fluidez à palavra. Este livro insinua uma intenção de romper aquilo que me paralisa e me põe em movimento: o silêncio. (QUEIROZ, 2019, p. 71)

Algumas escritoras não moram em cidades banhadas pelo rio ou pelo mar, mas por terem residido ou residirem em espaços considerados sertão, agreste, alto sertão, possuem uma sinergia com as águas da chuva tão representativas e celebrativas para suas regiões. E não pense que não aparecem interlocuções com outras águas. Érica Azevedo<sup>190</sup>, escritora de Santo Estêvão, nos diz em *A chuva e o labirinto*, dedica o livro “a todos que carregam a chuva na alma”, e faz dessa chuva espaços profundos de encontros e desencontros com suas questões existenciais e também chama a atenção ao impulso convidatório das águas. Azevedo

---

<sup>190</sup> Sobre si, para o projeto ENB, Érica Azevedo se autodescreveu: nasceu em Santo Estêvão, Bahia, é graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), mesma instituição em que se especializou em Estudos Literários e defendeu o mestrado em Literatura e Diversidade Cultural. É professora de Língua portuguesa, Redação e Literatura. Publicou seu primeiro livro, *Vida em poesias* (Edições MAC/ Feira de Santana), em 2002, *Outros Eus* (Kalango, 2013). Participou da coletânea *Sangue Novo: 21 poetas baianos do século XXI* (Escrituras, 2011) e *Confraria Poética Feminina* (Penalux, 2016). Seu livro mais recente é *A chuva e o labirinto* (Mondrongo, 2017).

também afirma que “palavra é água que nasce na pedra da língua”. Na sua poesia, “Dia de chuva” em *Cata-vento de sonhos*, diz:

É dia de chuva  
e as palavras brincam  
no quintal de minhas memórias

É dia de chuva  
e a vida segue líquida  
e incerta como sempre.

É dia de chuva  
e a rua encharcada alimenta  
a raiva dos apressados  
e a alegria dos sonhadores.

É dia de chuva  
a terra molhada  
fertiliza os sonhos  
e apaga o medo da fome.

Na noite molhada  
o barulho da chuva  
é música que convida o sono:  
afago. (AZEVEDO, 2019, p. 39)

A autora nos mostra que é com a presença da chuva e suas águas que os sonhos são fertilizados “e apaga o medo da fome” e a vida acontece. Realidade ainda pungente nos sertões do Brasil. São os dias de chuva que nos dão a certeza de que a vida segue líquida, passageira e incerta, são os dias em que os sonhos para quem vive na escassez de água retomam seus cursos, suas sintonias. Ela também menciona na orelha do seu livro participação no *ENB*.

Retorno novamente para o litoral sul da Bahia, agora com a poesia de Rita Santana presente em *Cortesianias* (2019), ela que envereda para uma poética inspirada em Cruz e Sousa e Lima Barreto, e nos apresenta “As Comedoras de Batatas”, a quem dedica à Vincent Van Gogh:

A tempestade de granizo destruiu  
a colheita de batatas,  
casas perderam os telhados.  
Eu agonizo por temer intervenções – olivas –  
em todo o sonho tenso do meu País.  
Negros morrem linchados nas esquinas do Brasil.  
A Pororoca morreu – de banzo!  
Um tufão – de saudades – atinge a China.

Organizo o noticiário que me invade

e desacata a harmonia dos pardais,  
abrsa o amarelo encardido dos canários,  
provoca desalinho no voo das andorinhas,  
torna-me uma pietà preta a chorar  
seus filhos mortos!

Em dias de chuva, desmaio.  
Enquanto tu te esquivas de mim  
e eliminas as marcas dos meus avanços  
sobre o solo fértil da Pátria!  
Adivinhas o abandono do porvir:  
Deixo-te! Amaldiçoo-te!  
Deixo contigo a abnegada e a de mutismos.  
Deixo a amorosa e parto!

Minhas mãos negras estão pretas de terra!  
Cozinho batatas! Sirvo-as sôfregas àqueles que dividem o pão comigo!  
Como batatas com meus companheiros,  
Como batatas com meus camaradas,  
como batatas com outras escribas:  
- aquelas que também plantam.  
Há outras, mas estão – alhures – do outro lado do front!  
São donas de vastas terras improdutivas.

Entorpeço os sentidos descascando versos,  
comendo a poesia dos carvoeiros.  
Aqueles que dividem o pão com o pastor holandês,  
cujos deuses são o transtorno dos girassóis,  
e a convulsão de uma noite estrelada. (SANTANA, 2019, p. 21-22)

O eu-poético come batatas para as pessoas às quais escrevo e dedico este trabalho, “aquelas que também plantam”. Rita Santana nos rememora as águas em formatos instáveis, incontroláveis, transformadores, que também são possíveis. Assim como a sociedade que não a observa, que não cuida, que a maltrata junto às pessoas que vivem nela. E esta poesia que tem muitas influências, dentro das artes plásticas, o quadro “Os comedores de batatas” de Van Gogh, em que aparece uma família branca de carvoeiros. Mas também me remeteu a uma crônica de Lima Barreto “Elogio da morte”, em que ele diz “A vida não pode ser uma dor, uma humilhação de contínuos e burocratas idiotas; a vida deve ser uma vitória. (...) A covardia mental e moral do Brasil não permite movimentos de independência; ela só quer acompanhadores de procissão, que só visam lucros” (1995, p. 47). Lima Barreto ao

reverenciar a morte como algo a ser venerado, diante de tantas lacunas sociais às pessoas negras, termina o texto: “Aos vencedores, batatas! (1995, p. 47-49)<sup>191</sup>”.

Estas leituras aqui apresentadas fazem parte de um recorte, de pedaços, partes de uma ampla biblioteca de escritos de mulheres negras que nos oferecem estratégias de refletir subjetividades de um individual-coletivo, e também estratégias de criação dentro do que consideramos ficção literária presentes em prosa e poesia. São águas distintas que dialogam entre si e com a terra, por meio das lacunas, de possíveis escrevivências, movimentos (ancestrais e próprios), remapeamentos, leituras e suas identidades.

Sustentação, percursos, afirmar identidades: movimentos que realizamos quando nos encontramos e podemos olhar a vida de outro ângulo, remapeamentos onde buscamos outras maneiras de ler o que antes era impedido. A vida insiste, e nós, mulheres negras insistimos em marcar a vida com palavras que nos alimentam, retroalimentam, circundam nas brechas.

Da terra, do mar, do rio e da chuva. Águas aparecem em todas as obras não somente como um elemento que configura metáforas, mas como epistemes, tecnologia de encontros, de possibilidades, de futuro. Confluências, movimentos, encruzilhadas e remapeamentos. Poderia ter intitulado esta tese como *chão e águas: estudos sobre escritoras negras*, talvez seja um título para observações contínuas.

Mogobe Ramose, filósofo que sugiro leituras no início, para falar de pluriversalidade, quando pensa a ideia de *ubuntu*, considerando-o como ontologia, epistemologia e ética, chama a atenção no sentido atribuído, primeiramente ao coletivo, à comunidade.

Ao revelar a ancestralidade, rememorei das moringas e filtros de barro existentes na memória, das fontes de águas da chuva que aparecem nesses movimentos escritos de diferentes pontos, bairros, cidades, tempos, todas presentes nas escritas que antecedem a nós, mas também na nossa. As águas lavam, molham, aprofundam, nos dão leveza, e também pesam, alagam, rompem, elas carregam consigo um tempo que não é linear:

Nesse tempo tradicional africano não existe um fim absoluto a ser perseguido nem sequer um final do mundo previsto, mas a geração e o giro de formas a se relacionar com a precariedade e com a permanência do mundo, que é nitidamente ambivalente no seu cotidiano. Modelado desse barro, o lugar afro-brasileiro existe num entre-

---

<sup>191</sup> “Ao vendedor as batatas!” (1977) é um título de Roberto Schuartz em que realiza análises sobre *Senhora* de José de Alencar e romances de Machado de Assis.

lugares e também se faz teia, num entre tempos. Pois é trança entre repetição e inédito. (ROSA, 2020, p. 42)

E neste trançar entre repetição e inédito, como afirma o também escritor e professor Allan da Rosa, recordei-me de uma entrevista na Revista Organismo em que a escritora Aline França disse ao professor Jorge Araújo:

Comecei a escrever desde criança. Ajudava os meus pais trabalhando na plantação e na colheita. Numa manhã ensolarada, estava na roça trabalhando, minha mãe sempre mandava eu ficar na cabana coberta de palhas para ficar protegida do sol. Peguei minha moringa e fui pegar água numa fonte. Fiquei observando um pássaro de plumagem azul e negra que bebia água. Quando retornei para a cabana, fiz a descrição do pássaro; então, ele ganhou plumagem de diversas cores e a vegetação em volta da fonte foi totalmente modificada. Ainda criei uma menina africana que cantava e dançava e jogava água para o alto, que ficou muito minha amiga. Minha mãe disse que eu jamais iria voltar para aquele lugar, que estava escrevendo sobre coisas que não existiam. (FRANÇA, 2015, p. 22)

Considero a escritora Aline França, sendo uma destas escritoras-faróis que contribuiu para a literatura brasileira com o gênero especulativo, que criou imaginários de um futuro, passado, presentes que nos pertence. Assim, como as mulheres negras escritoras que tive a oportunidade de por meio dos remapas, acessar seus movimentos de tornar as palavras móveis como as águas.

“Minhas mãos negras estão pretas de terra! Cozinho batatas. Sirvo-as sôfregas àqueles que dividem o pão comigo (...) aquelas que também plantam” (SANTANA, 2019, p. 21-22). Colocar água no filtro de barro é um gesto individual-coletivo, um movimento de tornar uma ação, parte de um processo, acontece um pouco antes da colheita, antes do itinerário que tanto deseja chegar. Numa casa em que residem mais pessoas, o gesto de colocar água no filtro tem como intuito anteceder a falta, organizar-se com o momento de espera para enfim matar a sede. É necessário colocar a água nos trânsitos do filtro antes de bebê-la. Compreender o que recebemos, refletir, para depois bebermos. Numa sociedade em que habitam pessoas, não percorremos com nossas epistemes negras a fim de engrandecer, matar a sede de nós mesmas/os, em um modelo normativo e egocêntrico que não é nosso. A circularidade e o tempo espiralar nos ensina que não é somente uma vez que saímos de casa, buscamos água no tanque de terra, colocamos água no filtro e bebemos ela.

[Da terra, do mar, do rio e da chuva. Misturando-se ao vento e ao fogo. A vida não se prende a uma única forma. A escrita negra pulsa, pluraliza, descentraliza. As confluências de nossas

narrativas é que fazem de nós vivas. Como diria Nina Simone, “Sim, temos nossas vidas!” E nunca me esquecerei o que Vânia Melo disse em 2017 ao *ENB*, sobre o porquê de ela escrever:

Preciso invadir com as mãos, com minha voz, todas as melhores possibilidades e sei que quando assim faço, muitas mulheres vão comigo, muitas mulheres pretas vão comigo, muito poder e beleza acompanham escritas pretas femininas. Quando uma mulher escreve, quando uma mulher preta escreve, quando ocupa seu espaço de fala, empodera a si e a outras, presentifica a ação. Fazemos poesia há muito tempo, não vamos parar! (MELO, 2017, *entrevista*)

Não vamos parar. Escrever para mim é um alívio.]

### 3.4 Quantas escritoras negras você já leu?

Imagem 13: Quantas escritoras negras você já leu?<sup>192</sup>



<sup>192</sup> Este é o título da intervenção artística que fizemos em três cidades do extremo-sul da Bahia – Caravelas, Alcobaça e Prado, com o projeto Escritoras Negras da Bahia. O registro na cidade de Caravelas é da fotógrafa negra baiana Analee Sales, natural de Ilhéus. A ideia era inserir a pergunta em pontos de acesso das cidades – encruzilhadas – que tem uma história marcada pela atuação de grupos negros e afro-indígenas para que as pessoas pudessem refletir a respeito das suas buscas e acessos enquanto se movimentam. Estas localidades que apresentam muito de nós com a categoria político-cultural de amefricanidade alcunhada por Lélia Gonzalez, permitiram que os meus olhares sobre literaturas afrodiaspóricas tivessem outros caminhos. Realizamos ações durante aproximadamente 30 dias nestas cidades (incluindo pré-produção e execução das atividades).

Apesar do projeto se chamar *Escritoras Negras da Bahia*, queríamos falar de questões que envolvem especialmente às mulheres negras, mas também às comunidades negras, por compreendermos a ideia de ialodê como amplificadora a todos e a ancestralidade. Essa perspectiva de olhar para a anterioridade, reforçada por Jurema Werneck, quando imprime, dentre várias questões, que o pensamento em relação às mulheres negras é muito mais que pensar em si mesmas enquanto indivíduos que sejam capazes, independentes e seguros, mas é algo que fomenta transformar toda a comunidade negra, observando mulheres como líderes devido sua função sócio-histórica nas famílias negras e ao mesmo tempo em um estado em que a população é de maioria negra, temos grandes problemas em termos de representatividade.

Contadoras de histórias, poetisas, contistas, romancistas, cordelistas, performers, *slamers*, artistas interdisciplinares, que fazem da sua arte espaço para romper barreiras, falar do seu próprio povo, de diversos temas, produzir discussões e reflexões, e marcar suas existências a partir de seus movimentos que perpassam diferentes territórios de identidades baianos, cartografias múltiplas para além dos espaços segmentados e enquadrantes.

Escritoras negras da Bahia são escritoras do mundo, que vivem, pensam, escrevem, e constroem, por meio de sua arte, pluralidades de pensamentos e extrações de sentidos. Mulheres que lutam contra as opressões que colocam o nosso povo na frente de violências físicas e simbólicas. Muitas delas colocando seus mundos a vista por meio das suas criações. Trazendo o encantamento, que tanto necessitamos, em prol de uma sociedade em que possamos viver e morrer com dignidade.

São elas: Aidil Araújo Lima, Aline França, Ana Fátima dos Santos, Anajara Tavares, Ana Rita do Nascimento, Anamy Lemos, Anastácia Rasta, Andréa Mattos, Andrielle Antonia, Camila Freire Macedo, Carolina Magalhães, Celeste Pacheco, Cíntia Barra, Daiane Dória, Daianna Quelle, Deise Oliveira, Deisiane Barbosa, Dinéia Pires-Santos, Eliza Metzker, Elque Santos, Eloah Monteiro, Emanuelli Aduni Goes, Érica Azevedo, Fatima Nascimento, Fátima Trinchão, Giselli Oliveira, Gonesa Gonçalves, Helen Salomão, Helena dos Santos, Hildália Fernandes, I'sis Almeida, Ione Carla, Izabel Lima, Jacquinha Nogueira, Jade Lôbo, Jamile Santana, Jan Góes, Jessica Almeida, Jéssica Silva, Jessika de Oliveira, Jocélia Fonseca, Júlia Suzart, Jovina Souza, Karen Oliveira, Lia Sena, Lidiane Ferreira, Lílian Almeida, Lita Passos, Lívia Natália, Louise Queiroz, Lohana Kárita, Mãe Stella de Oxóssi, NegrAnória d'Óxum, Manuela Barbosa, Manuela Barreto, Martha Monteiro, Mel Adun, Nádia Cerqueira, Nina

Maria, Patrícia Maria Silva, Paula Brito, Rita Santana, Simone Anjos, Tai Sousa, Tatah Café, Tatiana Dias Gomes, Tereza Sá, Urânia Munzanzu, Vânia Melo, Yasmin Moraes, Yves Samara.

[E muitas outras que ainda irei encontrar.]

Imagem 14: Recorte do site *Escritoras Negras da Bahia*



Imagem 15: Recorte de parte do site do Escritoras Negras da Bahia - [www.escritorasnegras.com.br](http://www.escritorasnegras.com.br) - onde arquivava as últimas escritoras cadastradas e abaixo onde ficava a longa lista de todas as escritoras.



Inseri alguns gráficos para mostrar alguns dos dados colhidos das 60 escritoras que responderam o formulário virtual. Obviamente que estes registros realizados em 2017, não realizei no intuito de apresentar um censo ou afirmar de forma estanque números, até porque nem todas as escritoras negras que conheço preencheram este formulário, por motivos múltiplos. Mas esses dados servem para termos uma ideia de como estas autoafirmadas escritoras indicaram algumas informações e percepções de si e da cadeia produtiva do livro. A

ideia desta pesquisa era a abertura para diálogos, compreensão de movimentos, desafios, e formular estratégias para prosseguirmos.

Quase por unanimidade, as escritoras que responderam o formulário descreveram o racismo como o empecilho principal que dificulta a circulação dos seus trabalhos. Falta de políticas públicas culturais também para escritoras negras foi marcada.

O primeiro gráfico indica que a maioria das escritoras que responderam o formulário pertencem à capital da Bahia, Salvador. Embora no gráfico, tendemos a ver o número menor relacionado a capital, a leitura desde dado isoladamente afirma que nenhuma das cidades identificadas tem a quantidade de pertencimento maior que Salvador.

Em seguida observamos que a maioria das escritoras não têm publicação autoral. Observo que na resposta desta pergunta, a maioria das que possuem publicação se autofinanciaram e publicaram em editoras independentes. Ainda são muito poucas as escritoras negras da Bahia que possuem contrato com editoras e parcerias em que viabilizam a circulação e difusão de suas obras em todo o Brasil. Muitas realizam também a tarefa de vender, postar e negociar a venda dos seus livros com as/os leitoras/es. Existem também movimentos de realizações de coletâneas, publicações coletivas ou colaborativas, antologias, com o objetivo de possibilitar esta inserção dentro do mercado.

Imagem 16: Gráfico sobre a quantidade de escritoras na capital e fora dela

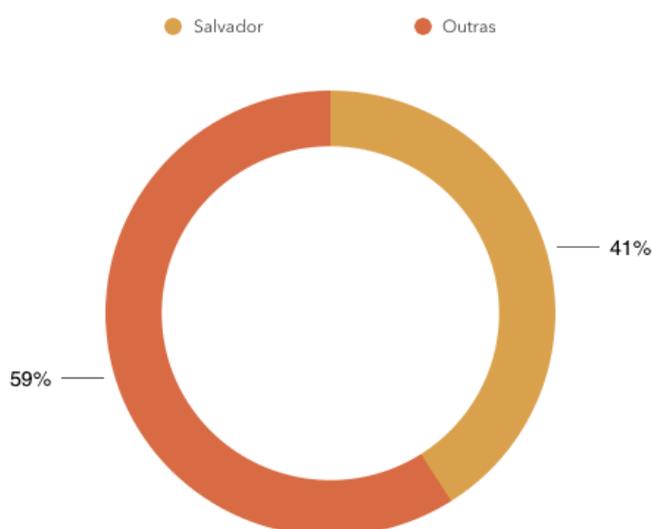
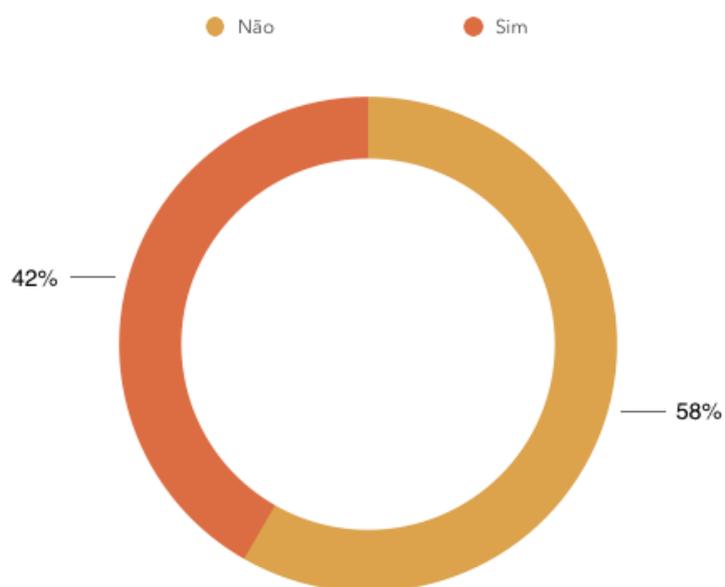
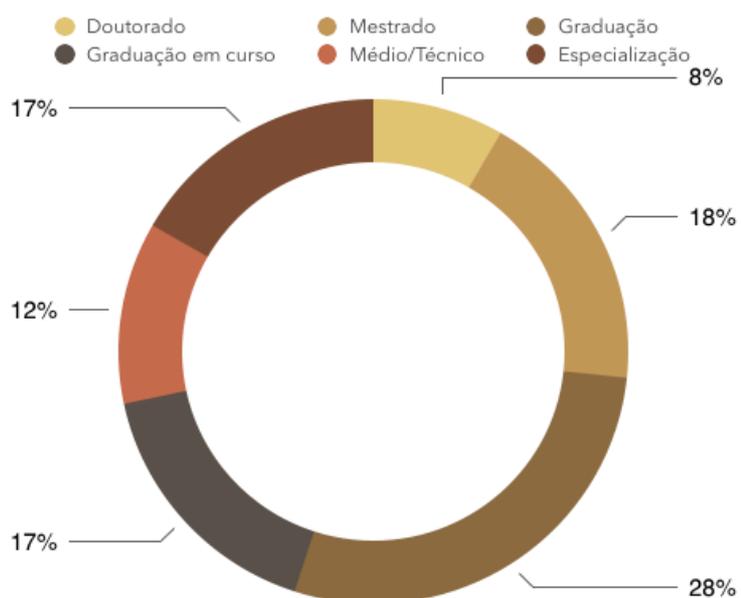


Imagem 17: Gráfico sobre Publicação autoral



Sobre o grau de escolaridade observamos que todas as escritoras que preencheram o formulário possuem formação em escolas tradicionais. A maioria das que responderam o formulário já possui graduação.

Imagem 18: Gráfico sobre grau de escolaridade



Esses mapas que apresento no projeto ENB<sup>193</sup> é uma mostra representativa da pluriversalidade da escrita de mulheres negras. Todos estes dados que trago nesse diálogo é no intuito de afirmar que nós, mulheres negras, estamos nos movimentando, expondo nossos escritos, nossas formas de visualizar o mundo, as nossas vivências.

---

<sup>193</sup> O pesquisador negro, mestre Bruno Duarte Nascimento, em sua dissertação *Negras presenças: feminilizações e enegrecimentos de autorias no campo literário brasileiro contemporâneo* apresentou projetos-estratégias de enegrecer, especialmente, e trazer a contribuição de mulheres negras ao campo literário brasileiro contemporâneo, dentre esses projetos, ele destaca o Escritoras Negras da Bahia, como um dos *corpus* de seu estudo, quando o projeto ainda estava em andamento. Interessante ver como estes tipos de iniciativas chegam em outros campos estudos e também na sociedade.

## **BEBENDO ÁGUA**

## Considerações em movimentos ou notas para (con)seguir a travessia

*Remapear a vida e se manter em movimentos* são duas noções que precisam reverberar no futuro. Falar de afrofuturo lembrando de *sankofa*, em tecnologias de resistência, e em gramáticas que expandem perspectivas, necessariamente, imbrica em um compromisso de atentar-se para epistemes dos povos originários e das comunidades negras, por todo o arcabouço e continuidade da vida que estes dois grupos reivindicam como premissa.

Portanto, *trançar o pensamento* é mote para refletirmos uma ideia de literatura contemporânea brasileira que tenha responsabilidade de enfrentar os problemas estruturais e institucionais dentro e fora das obras literárias. O racismo se reinventa, mas nós não deixamos de nos movimentar e desenvolver nossos mapas e demais estratégias dentro dos espaços literário e social.

As leituras de escritoras, pesquisadoras e personagens negras tomando por regra articulações com o próprio *chão*, *biointeração* e *confluências* estão ancoradas a um comprometimento ético de respeito com as epistemes de grupos que foram e são invisibilizados e, ainda assim, seguem contribuindo para o desenvolvimento social, histórico, científico e cultural do Brasil.

Observar movimentos de mulheres negras – escritoras, pesquisadoras e personagens – é compreender que as nossas existências precisam ser cada vez mais compreendidas como sinônimo de pluralidade, e não como exceção que confirma a regra. Precisamos assumir que não daremos conta, muitas vezes, de expressar uma totalidade dentro das tentativas de explicitar representações, tampouco rotular a finitude de interpretações. Com isso, teremos que observar e assumir os nossos *remapas* e os motivos pelos quais chegamos neles para usar determinadas referências como parte de nossas análises e leituras dentro de pesquisas.

*Remapear* é reinventar-se também, com conhecimentos que nos pertencem. É escolher se continuará por uma “trilha zona de conforto”, ou, arriscar-se por caminhos que desafiam o tempo todo a expandir epistemes e paradigmas. É preciso acolher o *tempo espiralar* e as memórias que circundam vidas e histórias.

E esta pesquisa é também uma busca de reintegração de posse, de ancorar-se em escritoras, pesquisadoras e personagens que contribuíram no desenvolvimento de histórias que ampliaram os movimentos, as andanças, as narrativas de estrada, de continuidade, de migrações, de subjetividades e *mundanças*. A literatura negra faz isso. Devolve

possibilidades, geografias, incômodos, lacunas, cheiros, famílias, gestos, comidas típicas, encantados, estratégias, palavras, rodas, imagens, respostas, filosofias e coragem a inúmeras pessoas que sabem pouco sobre suas histórias individuais e coletivas.

Observamos as estratégias de continuidade realizadas por meio das articulações dentro das comunidades. São mulheres negras dialogando com mulheres negras, a comunidade negra com a própria comunidade, como percebemos entre as editoras e escritoras baianas no movimento de encontro de águas. Tombamentos, pororocas, irmandades nas leituras umas das outras como estratégia de quem elabora narrativas que nos devolve respiros, sonhos e vida. Beatriz Nascimento chamou de *aquilombar-se*, e também nos lembrou que somos *corpos-mapas*. Corpos-mapas que também falam em pretuguês, e aonde quer que vá dialogam com o mundo, com a biointeração.

As artes negras dialogam umas com as outras e uma *ialodê* garante que a comunidade agregue e contribua para toda a comunidade. A *roda* de mulheres negras é uma das epistemes que garantiram a manutenção das nossas partilhas. Algumas rodas de conversa que realizamos tempos atrás, podemos perceber resultados no agora, ou algum tempo depois, quando uma menina dali tornar-se mulher negra em busca do *eco da vida-liberdade*, como aconteceu com as personagens de Geni Guimarães, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Aidil Araújo Lima, Marilene Felinto, e de tantas/os escritoras/es da diáspora negra.

As escritoras negras nos ensinam que afirmação das próprias identidades é um movimento imensurável. A construção de inserções cada vez mais amplas em espaços que não foram pensados para a comunidade negra é também resultado desta imersão literária de pessoas negras que criam futuro e vida em personagens que passam a ser existentes nos nossos imaginários e nas nossas histórias.

Percebemos durante esta caminhada as *confluências* que ocorrem quando pessoas negras que não se conhecem expressam experiências utilizando argumentos similares, sem estas nunca terem dialogado antes. Existem também movimentos parecidos que desembocam em perspectivas diferentes, devido as marcas subjetivas, e estes ainda indicam olhar individual-coletivo, e nos envolve a participar, dialogar, recontar e remarcar o que já estava ali, talvez, ainda não sentido ou registrado.

Acredito no *afrofuturismo* não somente como categoria na literatura e ideia filosófica, mas como política social, como possibilidade de pensarmos “no mágico da diáspora”, nas tecnologias que podemos continuar desenvolvendo enquanto comunidades negras. E a nossa existência consciente e inconsciente é uma das estratégias mais eficazes.

Marcação racial é um ato político, é compromisso em pensar numa literatura que não somente tolere a diversidade, mas agregue às discussões epistêmicas plurais, já que a sociedade não é habitada apenas por um grupo. Pesquisadoras/es comprometidas/os com mudanças para reduzir os problemas estruturais devem agir não perpetuando violências como a objetificação da existência negra e de povos originários, desqualificação das epistemes não-europeias, e diminuição de pessoas negras e indígenas da cadeia produtiva do livro.<sup>194</sup>

Abrir estes livros todos que refleti durante esta pesquisa exige coragem, ou o amor que bell hooks fala em *Vivendo de amor*, e a ternura que essas/es artistas negras/os reinventam com suas experiências expressivas. Com elas/es é possível sentir cheiros, reivindicar espaços, errar, e não carregar o mundo nas costas. Com a literatura de mulheres negras, aprende-se que o tornar-se negra/o é contínuo.

Isso tudo para assumir as lacunas e afirmar o quanto categorizações feitas por parte da crítica branca tenta, por vezes, estabilizar textos que não param. A escrita negra está cheia de terra, sonhos, gente, luta, também, porque esta última não tira a beleza, a necessidade e a tentativa de tocar os pares e os diferentes com uma realidade que invade a ponto de transbordar. Não é defeituosa uma literatura que luta, que é contra aniquilações de pessoas que sonham.

Precisamos olhar para um dos grandes desafios atuais, imergir em pensamentos e conhecimentos que também nascem das brechas. Carolina Maria de Jesus, Conceição

---

<sup>194</sup> Na pesquisa do GELBC, sobre o perfil do autor e do personagem, um dos dados interessantes é que o perfil do autor – homem, branco, cisgênero, heterossexual, classe média/alta, morador do eixo Rio-SP, média de idade 50 anos – traz em suas temáticas similaridades com o perfil do personagem – segue com as mesmas características de quem escreve situados nas mesmas profissões e em dilemas também parecidos. E, pasmem, pouco a crítica literária aponta e destaca com ênfase para as obras destes autores sinalizando que o assunto já foi tratado e que novamente nos depararemos com mais uma narrativa sobre “um jornalista/escritor branco que está em busca de desafios na grande metrópole” e afins. Enfim, apenas para trazer aqui uma interpretação minha considerando um dado desta pesquisa que nos revela tanto. Algo que já venho discutindo ao longo desta pesquisa sobre a manutenção do racismo na cadeia produtiva do livro no Brasil.

Observo o interesse de editoras de grande porte publicando parte de escritoras/es que décadas atrás sequer tinham suas obras consideradas à publicação. O que podemos considerar avanço se entendermos que estamos conseguindo chegar nessas pessoas, mas, também não afirmaria nesta direção, pois ainda temos que discutir dados sobre a estrutura da cadeia produtiva. Quem tem assinado dentro das editoras papéis importantes ainda são mãos brancas? Precisamos nos atentar se têm existido uma mudança também na cultura dentro da empresa.

Outro ponto que não perco de vista é observar que muitas obras de autoria negra têm batido recorde em vendas em festas literárias e livrarias. Se não existe mudança dentro da cultura empresarial, podemos entender que na dinâmica capitalista o que está em xeque é mais uma vez o lucro? Precisamos olhar para isso, pois, antirracismo não é um selo que se recebe apenas por ter em seu catálogo a presença representativa de autoria negra.

Evaristo, Jovina Souza, por exemplo, ensina-nos sobre o que é criar mesmo com as lacunas, usando a dobra, a *escrevivência*, a oralitura. E estando em encruzilhadas, muitas destas mulheres negras, na pesquisa e na escrita literária, foram capazes de potencializar suas maneiras de estar, ser e ver o mundo, e a partir das redes e rodas partilhá-las. Com as pesquisadoras, estudiosas, intelectuais negras podemos interagir com realidades e olhares sobre quem fala de dentro, das experiências vivenciadas e discutidas em suas leituras e tessituras com outras/os pesquisadoras/es, artistas, observações e análises. O trançar pensamento é uma realidade importante na pesquisa, enquanto construção de epistemes, mas também sobre a experiência de ser uma pesquisadora negra em ambientes acadêmicos.

Mãe Stella de Oxóssi ensina: “ninguém testa a profundidade de um rio com ambos os pés”. *(Con)seguir travessias* exige não esquecer o caminho de casa mesmo se estiver com venda nos olhos, mesmo com muitos meses, anos sem voltar lá, mesmo se não pudesse retornar mais. É preciso guardar cada detalhe, cada sensação, cheiros, barulhos, silêncios, cada informação para ser usada, às vezes, depois de muito tempo. E é necessário ser responsável em passar as informações adiante para que histórias não se percam, nomes não sejam esquecidos ou deletados.

*(Con)seguir* e sobreviver à travessia é ter paciência e, sobretudo, pés no chão e em águas. É o entendimento que aqui podemos ter encontros e compartilhá-los em vez de guardá-los todos somente para si. É também pensar nas práticas sociais que estão afirmadas nestes estudos literários, e na parte que o trabalho não mostra que são os eventos com a comunidade, as lutas diárias durante a escrita, as greves dos estudantes, dos funcionários, dos professores, das nossas guerras diárias para sermos atendidas/os numa agência bancária como pessoas e sairmos vivas/os de um supermercado. São as tantas manifestações exigindo saúde e educação pública e gratuita. Exigindo uma política comprometida com todas as pessoas.

Este trabalho que você leu/ouviu, é atravessado por muitas interrogações, dúvidas, dores, *impeachment*, golpes, despedidas, rompimentos, eleições, saudades, problemas de saúde, distâncias, viagens, aniversários, mortes, racismos, filas, livros, aulas, terra, amigos, mudanças, artes, não, pandemia, machucados, poesias, discordâncias, redes sociais, brigas, descasos, amores, silêncios, pandemia, isolamento social, águas, bênçãos... Foram dias, meses, anos, em que tive a oportunidade de estar em busca de respostas sobre a importância de remapear a vida e dos movimentos de mulheres negras na literatura e na sociedade. O escritor Allan da Rosa disse algo que comungo:

Quando um repicado no berimbau ou uma melodia de ladainha, um gesto corporal de pernas pro ar ou uma folha, ou ainda o uso de determinada técnica cultuada de se construir uma casa (com determinado material que ressoa misticamente), te trazem o primordial e te levam ao antigo, à casa de nascença do toque, a companhia que vem morar em ti e que você exerce refaz o mesmo gesto e cintila a mesma presença de espírito que um ancestral havia iniciado. E que em ti é virgem e é amor renovado, sendo também campo de intensa invenção e de continuidade desejada de um rito, numa linguagem de quem assume responsabilidades e realiza uma compreensão de existência. Consciência de harmonia com as forças grandes, sem intenção apriorística, mas de retorno, de criatividade e de continuidade recíprocas. Espiral que também gira para trás e para fora do tempo social. (ROSA, 2020, p. 42)

Nesta cartografia de “águas litosféricas”, tento oferecer mais uma referência de cartografia (des)oportunizada para apresentar as escritoras baianas. Não gostaria de afirmar uma ideia classificatória, estanque, redutora, no sentido pragmático. Aqui não somente se trata da relação que cada uma tem com as águas, mas de como, nas minhas leituras, o espaço de onde ou que se fala está atribuído aos movimentos de águas que é metafórica, por vezes, e ainda pode nos ajudar a compreender alguns elementos epistêmicos. Mulheres negras se movimentam, na pesquisa, na autoria e nas narrativas. Lembre-se: as águas – do rio, do mar e das chuvas – se fundem como tranças partindo da terra. E dialogam com o vento e o fogo:

Assim está lançada a tarefa do encantamento: afirmar a vida neste e nos outros mundos – múltiplos feito as folhas – como pássaros capazes de bailar acima das fogueiras, com a coragem para desafiar o incêndio e o cuidado para não queimar as asas. Chamuscados, feridos, mas plenos e intensos, cantando por saber que a vida é voo. (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 15)

Ou ainda, como disse Octavia Butler “para ressurgir das cinzas, a fênix deve primeiro queimar (BUTLER, 2018, p. 9). Não existe fim para quem sempre recomeça. Pensar em movimentos de mulheres negras na literatura brasileira contemporânea é urgente, e é necessário alargar o tempo, compreendendo o encantamento como expansão do entendimento de comunidade. Afirmer pluriversos, não é somente beber a água e reconhecer o percurso, mas observar as biointerações, a permanência das águas mesmo quando é seca.

### **Próximo-distante**

Fiquei com esta palavra composta – próximo-distante – atravessando a minha pesquisa e minha garganta durante parte dos meus movimentos pessoais e acadêmicos. Como não conhecia autoras negras que circundavam a minha geografia?

Durante esta caminhada para buscar água, no caminho, fui percebendo o quanto de armadilhas estão dispostas para que a gente caia ou perca tempo em atalhos infrutíferos e escorregadios. Ninguém disse que as encruzilhadas são espaços de paz e tranquilidade. E que a construção de subjetividades e de consciência negra é linear e segue a ideia cronológica do tempo. Este trabalho provou que nos transformamos, metamorfoseamos e necessitamos cada vez mais propor a mobilidade dos pensamentos.

Deve-se ler esta pesquisa com a ideia de *pretérito contínuo* e como um *manto* que me(nos) (re)veste de forma individual-coletiva, como uma plataforma de mobilizações.

Decidi propor um trabalho em que também me coloco na encruzilhada e, em que aviso meus (des)encontros e ousadias, algumas das minhas leituras e poesias, como práticas sociais. Aqui, sobre o parâmetro de recorte desta tese, reivindico o protagonismo das geografias *amefricanas*, que são relegadas “à margem” em um projeto tão feroz que fez com que referências próximas se distanciassem, e outras de perspectivas distantes chegassem mais rapidamente. O próximo-distante são vozes plurais ecoantes como as águas presentes na natureza e as que encontrei no caminho. Todas elas. Água é um singular-plural por natureza.

Ao pensar que o fim é também o começo, fica marcado que esta tese não termina com a finalização desta leitura. Aprendi com a ialodê, aquela que ensinou a buscar água, que o *Ariri não existe mais* daquele jeito, mas ele ainda existe, porque eu-nós ainda existimos, e podemos ainda ir a salinha, e até beber água por outras metodologias. O fim não é o fim literal, este está inscrito no tempo espiralar.

Lêda Maria Martins afirma sobre relação pendular que envolvem perdas e memórias, das tradições nossas que se constituíram face do sistema de escravidão, a duplicidade que envolve as pessoas negras – do que esperam de nós (projeção colonial) e as estratégias que criamos para aqui estar (dinâmica dupla). E também pensar sobre a ideia de ancestralidade que não é estanque somente para trazer os mortos, mas é uma articulação para além do passado, do presente e do que está por vir. A noção de uma temporalidade espiralar articula o tempo e permite que pensemos que seremos ancestrais junto aos que já são para nós, e em um dado momento para os que virão. Não tem a ver com a linearidade moderna.

Ler Carolina Maria de Jesus, Mãe Stella de Oxóssi, Conceição Evaristo, Aidil Lima, Geni Guimarães, Ana Maria Gonçalves, Marilene Felinto, Ruth Guimarães, Lívia Natália, Rita Santana, Deisiane Barbosa, Vânia Melo, Louise Queiroz, Érica Azevêdo, dentre todas as aqui presentes, é sobre isto. Expandir a ideia de temporalidade, de movimentos e de análises.

É bem verdade que o deslocamento fez-me metamorfosear, camuflar, transformar e reconhecer o meu desconhecimento, as não captações, as reduções e também reconhecer a força das palavras negras impregnadas de um *equilíbrio assimétrico* com o mundo. Somos muitos ambientes de memória. Eu sou muito do que não estagnou nos recalques e estilhaçamentos.

Trançar o pensamento, apresentando ideias sobre ancestralidade ao trazer a produção literária de escritoras negras, incluindo as baianas contemporâneas é, sem dúvidas, afirmar que os fios são próximos e distantes.

Buscamos água em tempo para que o filtro nunca seque. Lembramos sempre do processo. Enquanto alguns estão bebendo, outros buscando, outros ainda na estrada chegando na fonte, e ainda tem outros, que aguardam a água filtrar. A falta de água em casa não nos impediu de sonhar com o mar, com a chuva e com o rio, e de encontrá-los em momentos diversos, de celebração e de escassez. Diante de todas essas caminhadas, movimentos, um oriki me lembrou que “exu matou um pássaro ontem com a pedra que arremessou hoje”. “A viagem no tempo não é o final do progresso”, Jota Mombaça também nos fala. Lívia Natália me lembrou de não me esquecer dos *adinkras sankofa* e *aya*, e desde o começo eles insistiram na minha cabeça para eu chegar até aqui.

Agora a casa de adobo, de telhados velhos, onde tem a salinha de água, tem a presença ancestral de quem partiu “como um passarinho” (MERCÊS, 2019, p. 21).

Não é o fim, pois, ainda tem águas nos filtros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHEBE, Chinua. *O mundo se despedaça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ADICHIE, Chimamanda. *O perigo da história única*. TEDGlobal 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/mWpkpd>>. Acesso em 20 de março de 2016.
- ADORNO, Sérgio. *Os aprendizes do poder: o bacharelismo liberal na política brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ANGELOU, Maya. *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*. Tradução Regiane Winarski. Bauru, SP: Astral Cultural, 2018.
- \_\_\_\_\_. *And still I rise*. Estados Unidos: Hachette Digital, 1978.
- ANIEVAS et al. Confronting the Global Colour Line. In: \_\_\_\_\_. *Race and Racism in International Relations: Confronting the Colour Global Line*. London and New York: Routledge, 2015.
- ARAUJO, Jorge de Souza. *Organismo / entrevistas*. Salvador: Editora Organismo. 2015.
- AZEVEDO, Érica. *A chuva e o labirinto*. Itabuna: Mondrongo, 2017.
- \_\_\_\_\_. *Cata-vento de sonhos*. Itabuna: Mondrongo, 2019.
- BACO EXU DO BLUES. *Blvesman*. (1 álbum) 9 faixas. 2018.
- BARBOSA, Deisiane. *Refugos*. Salvador: Segundo Selo, 2019.
- BARBOSA, Lindinalva Amaro. *As encruzilhadas, o ferro e o espelho: a poética negra de Abdias do Nascimento*. Universidade do Estado da Bahia. Dissertação (mestrado). Salvador, 2009.
- BARRETO, Lima. *Elogio da morte*. In: *Crônicas escolhidas de Lima Barreto*. Coleção Folha – não dá para não ler. São Paulo: Ática, 1995, p. 47-49.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. *Branqueamento e branquitude no Brasil*. In: *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Organizadoras)* Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58).
- \_\_\_\_\_. *Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público*. Tese (doutorado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade. São Paulo, 2002b.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BERND, Zilá. *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. (Org.). Porto Alegre: Literalis, 2010.

BISPO, Vilma Neres. *Trajetórias e olhares não convexos das (foto)escre(vivências): condições de atuação e de (auto)representação de fotógrafas negras e de fotógrafos negros contemporâneo*. Dissertação (Mestrado). Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Rio de Janeiro, 2016.

BLUESMAN. Direção: Douglas Bernardt. Produção: Stink Films. Intérpretes: Kelson Succi, Hilton Cobra. Roteiro: Baco Exu do Blues, Douglas Ratzlaff Bernardt, Christiano Vellutini, Lucas Andrade, Hugo Veiga, Diego Machado, Renato Zandoná, Paula Santana, Beatriz Durlo. (curta-metragem) 2018. (8'15'').

BRIZUELA, Natalia. *Depois da fotografia: uma literatura fora de si*. (e-book). Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

BUTLER, Octavia. *A parábola do semeador*. São Paulo: Editora Morro Branco, 2018

CÁRDENAS, Teresa. *Cartas para minha mãe*. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

\_\_\_\_\_. *Mãe Sereia*. Ilustração de Vanina Starkoff. Tradução de Michelle Strzoda. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

\_\_\_\_\_. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo: São Paulo, 2005.

CARRASCOSA, Denise. (Org.) *Traduzindo o Atlântico negro: cartas náuticas afrodiaspóricas para travessias literárias*. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2017.

CARVALHO, M. P. História da educação da população negra: o estado da arte sobre educação e relações étnico-raciais (2003-2014). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/v34n69/0104-4060-er-34-69-211.pdf>>. Acesso em: 10 de março de 2018.

CÉSAR, Chico. *Chico César: “Vejo o Brasil de 2020 com otimismo. Quando as máscaras caem é que as caras são vistas”*. In: El País. Cultura, 19 de setembro de 2020. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/cultura/2020-09-18/chico-cesar-vejo-o-brasil-de-2020-com-otimismo-quando-as-mascaras-caem-e-que-as-caras-sao-vistas.html#?sma=newsletter\\_brasil20200919](https://brasil.elpais.com/cultura/2020-09-18/chico-cesar-vejo-o-brasil-de-2020-com-otimismo-quando-as-mascaras-caem-e-que-as-caras-sao-vistas.html#?sma=newsletter_brasil20200919)>. Acesso em 28 de setembro de 2020.

CHNAIDERMAN, Miriam. Buscando baobás na aridez do asfalto: instaurando origens. IN: KON, N.; SILVA, M.; ABUD, C (org.). *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within\*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista sociedade e estado*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2016

CRUZ E SOUSA. *O emparedado*. Disponível em: <<https://bit.ly/2pTYm9O>>. Acesso em: 10 de agosto de 2019.

- CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- \_\_\_\_\_. Quem tem medo da palavra negro. Org. KON, N. M.; SILVA, M. L.; ABUD, C. C. In: *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Belo Horizonte, 2012.
- DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. Heci Regina Candiani. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2018.
- \_\_\_\_\_. *Mulheres, cultura e política*. Tradução: Heci Regina Candiani. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2017.
- \_\_\_\_\_. *Mulheres, raça e classe*. Heci Regina Candiani. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- \_\_\_\_\_. *O feminismo negro e as lutas por igualdade global*. PINTO, A. F. M.; DECHEN, C.; FERNANDES, J. (Org.) In: *Griôs da Diáspora Negra*. Brasília: Griô Produções, 2017.
- Escritoras Negras da Bahia*. Org. MERCÊS, C. Disponível em <[www.escritorasnegras.com.br](http://www.escritorasnegras.com.br)>. Acesso em 29.09.2017.
- DUARTE, C. L.; CÔRTEZ, C.; PEREIRA, M. R. A. (Org.). *Escrevivências: identidade gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea, 2016.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 1 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- \_\_\_\_\_. Conceição Evaristo. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6851/conceicao-evaristo>>. Acesso em: 25 de Mar. 2020. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7
- \_\_\_\_\_. *Da representação a auto-representação da mulher negra na literatura brasileira*. Revista Palmares: cultura afro-brasileira, Brasília, ano 1, n. 1, ago. 2005, pp. 52-54.
- \_\_\_\_\_. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, jul./dez. 2009.
- \_\_\_\_\_. *Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- \_\_\_\_\_. "Não escrevemos para adormecer os da casa-grande, pelo contrário", diz Conceição Evaristo sobre escritoras negras. Disponível em: <<https://tvbrasil.ebc.com.br/estacao-plural/2017/06/nao-escrevemos-para-adormecer-os-da-casa-grande-pelo-contrario-diz-conceicao>>. Acesso em 08/04/ 2018.

FANON, Franz. *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. Traduzido por Sebastião Nascimento; prefácio de Renato Nogueira; introdução e notas de Jean Khalfá. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

\_\_\_\_\_. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: Edufba, 2008.

FARIAS, Marcio. Formação do povo brasileiro e a questão negra: uma leitura psicossocial. In: SILVA, Maria Lucia; FARIAS, Marcio; OCARIZ, Maria Cristina; STIEL NETO, Augusto (Org). *Violência e sociedade: o racismo como estruturante da sociedade e da subjetividade do povo brasileiro*. São Paulo: Escuta, 2018.

FELINTO, Marilene. *As mulheres de Tijucopapo*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

\_\_\_\_\_. *Contos reunidos*. [e-book]. São Paulo: Edição da Autora, 2019.

\_\_\_\_\_. *Fama e infâmia: bastidores do jornalismo brasileiro*. [e-book]. São Paulo: Edição da Autora, 2019.

\_\_\_\_\_. *Mulheres negras: carta aberta a um dia amiga Márcia*. [e-book]. São Paulo: Edição da Autora, 2019.

\_\_\_\_\_. *Autobiografia de uma escrita de ficção: ou: por que as crianças brincam e os escritores escrevem*. [e-book]. São Paulo: Edição da Autora, 2019.

GRAÚNA, Graça. "Resistência". In: *Cadernos Negros 29*. São Paulo: Quilombhoje, 2006, p. 120.

GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2017.

GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa*. Diáspora Africana: UCPA, 2018.

GUIMARÃES, Geni. *A cor da ternura*. Ilustrações Saritah Barboza. 12ª ed. São Paulo: FTD, 1998.

GUIMARÃES, Ruth. *Água funda*. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

\_\_\_\_\_. *Contos negro*. São Paulo: Faro editorial, 2020.

HALEY, Alex. *Negras vozes: a saga de uma família americana*. Tradução A. B. Pinheiro de Lemos. 5ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1976.

HALL, Stuart. *Sobre fotografia*. Tradução Liv Sovik. *Dossiê Racismo*. Eco-Pós – ISSN 2175-8689 – v. 21, n. 3, 2018. Disponível em: <revistas.ufrj.br/index.php/eco\_pos>. Acesso em 20 de novembro de 2018.

HENRIQUES, Joana Gorjão. *Racismo em português: o lado esquecido do colonialismo*. Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil, 2017.

HOOKS, Bell. *Alisando nossos cabelos*. Revista Gazeta de Cuba – União de escritores y Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Disponível em:

<<http://coletivomarias.blogspot.com/.../alisando-o-nossocabelo.html>> Acesso em 15 de fevereiro de 2017.

\_\_\_\_\_. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. Trad. Marcelo B. Cipolla. 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

\_\_\_\_\_. *E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo*. Trad. Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

\_\_\_\_\_. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

\_\_\_\_\_. *Vivendo de amor*. Trad. Máisa Mendonça. Portal Geledés, 2010. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>>. Acesso em 26 de novembro de 2016.

IPEA. *Atlas da Violência 2020*. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>>. Acesso em: 13 de dezembro de 2020.

\_\_\_\_\_. *Atlas da Violência 2017*. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/47/atlas-da-violencia-2017>>. Acesso em 13 de dezembro de 2020.

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. São Paulo: SESI-SP Editora, 2014.

\_\_\_\_\_. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014.

KILOMBA, Grada. *Descolonizando o conhecimento: uma palestra-performance*. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/22573825-Descolonizando-o-conhecimento-uma-palestra-performance-de-grada-kilomba.htm>>. Acesso em 20 de junho de 2018.

\_\_\_\_\_. *Memórias de plantação – Episódios de racismo cotidiano*. Tradução Jess Oliveira. 1.ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KON, N. M.; SILVA, M. L.; ABUD, C. C. In: *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

\_\_\_\_\_. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Tradução: Stephanie Borges. 1. ed. Autêntica Editora: Belo Horizonte, 2019.

\_\_\_\_\_. *Sou sua irmã: escritos reunidos*. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

LIMA, Aidil Araújo. *Mulheres sagradas*. Cachoeira: Portuário Atelier Editorial, 2017.

\_\_\_\_\_. *Páginas rasgadas*. Salvador: Segundo Selo, 2020.

LOPES, Nei. Bantos, índios, ancestralidade e meio ambiente. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. (Org.). *Guerreiras da natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente*. São Paulo: Selo negro, 2014.

\_\_\_\_\_. *Dicionário literário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

LUNA, Luedji. Um corpo no mundo. In: *Um corpo no mundo*. Direção artística: Luedji Luna. 1 disco sonoro. (11 músicas, 49 minutos) São Paulo: YBMusic, 2017. (álbum)

\_\_\_\_\_. *Iodo+Now frágil*. Estúdio Showlivre. Disponível em <<https://youtu.be/v06Ky3bnwJg>>. Acesso em 21 de julho de 2018.

\_\_\_\_\_. *Memórias de “Um corpo no mundo”*. Direção artística: Luedji Luna. 33’29”. Brasil, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9WYnjuk9anI>>. Acesso em 2 de novembro de 2019.

LUNA, Luedji; PRADO, Joyce. *Um corpo no mundo*. Direção: Joyce Prado. Concepção: Luedji Luna, 2017. (clipe musical). Disponível em: <<https://youtu.be/V-G7LC6QzTA>>. Acesso em 10 de janeiro de 2018.

LUZ, Larissa. Letras negras. In: *Território conquistado*. Produção Musical: Larissa Luz, Pedro Tie, Jr Tostoi, Pedro Itan. 1 disco sonoro. (10 músicas, 36 minutos). Ministério Estúdio 2016. (álbum)

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória: o reino do Rosário no Jatobá*. Belo Horizonte: Mazza, 1997.

\_\_\_\_\_. Performances da oralitura: corpo, lugar de memória. *Letras: Língua e Literatura: Limites e Fronteiras*, Santa Maria, n. 26, UFSM, jun. 2003.

\_\_\_\_\_. Performances do tempo espiralar. In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia (Org.). *Performance, exílio, fronteiras, errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Poslit, FALE/UFMG, 2002.

MATHIAS, Ana Paula. *Sobretudo*. Disponível em: <<https://vimeo.com/263063011>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2020.

MBEMBE, Achile. *Crítica da razão negra*. Tradução: Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.

\_\_\_\_\_. *O direito universal a respiração*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598111-o-direito-universal-a-respiracao-artigo-de-achille-mbembe>>. Acesso em 20 de maio de 2020.

\_\_\_\_\_. *Políticas da inimizade*. Lisboa: Antígona, 2017.

MELO, Vânia. *Sobre o breve voo da borboleta e suas esquinas*. Salvador: Organismo Editora, 2019.

MERCÊS, Calila das. *Notas de um interior circundante e outros afetos*. Brasília: Padê Editorial, 2019.

MINC. *Plano Setorial para Cultura Afro-Brasileira*. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/file/2017/04/Plano-Setorial-para-Cultura-Afro-Brasilira-para-PUBLICAÇÃO-EM-MARÇO-2017.pdf>>. Acesso em 29 de janeiro de 2018.

MIRANDA, Fernanda. *Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006): posse da história e colonialidade nacional confrontada*. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, 2019.

MORRISON, Toni. *A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

\_\_\_\_\_. *O corpo escravizado e o corpo negro: racismo e fascismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

\_\_\_\_\_. *O olho mais azul*. Tradução: Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MOURA, Clóvis. *O racismo como arma ideológica de dominação de Clóvis Moura*. Edição 34, Agosto/Setembro/Outubro, 1994, p. 28-38.

MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora [recurso eletrônico]: carta às que vivem e vibram apesar do Brasil / Jota Mombaça*. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

MUNANGA, Kabengele. As ambiguidades do racismo à brasileira. In: *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. KON, Noemi. M; ABUD, Cristiane C.; SILVA, Maria Lúcia (org). 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

\_\_\_\_\_. *Diversidade, etnicidade, identidade e cidadania*. Ação Educativa, ANPED. Palestra proferida no 1º Seminário de Formação Teórica Metodológica-SP, 2003. <<http://www.acaoeducativa.org/kabe.PDF>>. Acesso em 20 de julho de 2018.

\_\_\_\_\_. *Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações*. São Paulo: Global Editora, 2009.

\_\_\_\_\_. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: BRANDÃO, André Augusto P. (Org.). *Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira*. Niterói: 2004.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, Aline Maia. *Em defesa de uma epistemologia destoante: notas sobre a epistemologia africanocentrada*. Revista Eixo – Especial Educação, Negritude e raça no Brasil. Vol 6, nº 2, 2017, pp. 44-50.

NASCIMENTO, Beatriz. *Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: possibilidade nos dias da destruição*. Diáspora Africana: UCPA/Editora Filhos da África, 2018.

NASCIMENTO, Bruno Duarte. *Negras presenças: feminilizações e enegrecimentos de autorias no campo literário brasileiro contemporâneo*. Orientadora: Andréa Borges Leão.

2021. 171 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-graduação em Sociologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. (Org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. 1. ed. - São Paulo: Selo Negro, 2014.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin; NASCIMENTO, Gizêlda Melo. Reflexões sobre o “descobrimento” das Américas. In: NASCIMENTO, E. L. (Org.). *A matriz africana no mundo*. São Paulo: Selo Negro, 2008.
- NASCIMENTO, Gizêlda Melo. Grandes mães, reais senhoras. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. (Org.). *Guerreiras da natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente*. São Paulo: Selo negro, 2014.
- NASCIMENTO, Tatiana. *Mil994*. Brasília: Padê Editorial, 2019.
- NASCIMENTO, Tássia. *Vozes afrofemininas nos Cadernos Negros: memórias e significados*. Rio de Janeiro, 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.
- NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Prefácio: Exuzinhando a memória. In: SILVA, Cidinha. *Um exu em Nova York*. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.
- NATÁLIA, Livia. *Águas negras e outras águas*. Organização e ilustração Fernando Oberlaender. 2.ed. Salvador: EPP, 2016.
- \_\_\_\_\_. *As férias fantásticas de Lili*. Ilustrações de Carolina Teixeira. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.
- \_\_\_\_\_. *Correntezas e outros estudos marinhos*. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Dia bonito para chover*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- \_\_\_\_\_. *Intelectuais negras e racismo institucional: um corpo fora de lugar*. In: LIMA, E; GONÇALVES, L.; CORDEIRO, V. (Orgs.). *Leitura e literatura do centro às margens: entre vozes, livros e redes*. Campinas: Pontes Editores, 2016.
- NIANE, Djibril Tamsir. *Sundjata, ou, A epopeia mandinga*. São Paulo: Ática, 1982.
- OLIVEIRA, Eliana de. *Mulher negra professora universitária: trajetória, conflitos e identidade*. Brasília: Líber Livros Editora, 2006.
- PAIXÃO, Marcelo; GOMES, Flavio. Histórias das diferenças e das desigualdades revisitadas: notas sobre gênero, escravidão, raça e pós emancipação. In: XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flavio. (Orgs.). *Mulheres negras: no Brasil escravista e do pós-emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2012.
- PAULINO, Rosana. *Imagens de Sombra*. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo: R. Paulino, 2011.

\_\_\_\_\_. *Rosana Paulino: Artista visual, pesquisadora e educadora*. Disponível em: <<http://www.rosanapaulino.com.br/>>. Acesso em 20 de abril de 2018.

PASSÔ, Grace. *Vaga carne*. Belo Horizonte: Editora Javali, 2018.

\_\_\_\_\_. In: CUNHA, G. *'Vaga carne': premiada peça teatral com Grace Passô vira filme disponível na internet*. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/rioshow/vaga-carne-premiada-peca-teatral-com-grace-passo-vira-filme-disponivel-na-internet-24425660>>. Acesso em 16 de maio de 2020.

PATER, Ruben. *Políticas do design*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Escritos da liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista*, Campinas: Editora Unicamp, 2018.

BARR, Shirley C. Letras e vozes da diáspora negra. In: PINTO, A. F. M.; DECHEN, C.; FERNANDES, J. (Org.) *Griôs da Diáspora Negra*. Brasília: Griô Produções, 2017.

QUEIROZ, Louise. *Girassóis estendidos na chuva*. Salvador: Boto-cor-de-rosa livros arte e café / paraLeLo13S, 2019.

RACEBAITR. *How academia uses poverty, oppression, and pain for intellectual masturbation*. Disponível em: <<http://racebaitr.com/2017/04/06/how-academia-uses-poverty-oppression/>>. Acesso em: 30 out. 2016.

RAMOSE, Magobe. *Sobre a legitimidade e o estudo da filosofia africana*. Ensaios Filosóficos, Volume IV - outubro/2011.

RATTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa oficial, 2006.

RATTS, Alex; GOMES, Bethania. *Todas (as) distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento*. Salvador: Ogum's Toque negros, 2015.

RATTS, Alex; RIOS, Flávia. *Lélia Gonzalez*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

REIS, Adriana Dantas. Mulheres “afro-ascendentes” na Bahia: gênero, cor e mobilidade social (1780-1830). In: XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flavio. (Orgs.). *Mulheres negras: no Brasil escravista e do pós-emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2012.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018.

*Revista Cult*. Quem é e sobre o que escreve o autor brasileiro. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/>>. Acesso em: 2 de junho de 2018.

ROSA, Allan da Pedagoginga: autonomia e mocambagem. São Paulo : Jandaíra, 2020.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Morula: Rio de Janeiro, 2019.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

- SANTANA, Rita. *Alforrias*. Ilhéus: Editus, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Cortesianias*. 1ª ed. Salvador: FB Publicações, 2019.
- SANTANA JR., Humberto Manoel de. *Conhecimento universal na encruzilhada: quando o europeu se torna nativo*. VII Seminário de Alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional-UFRJ, 2017.
- SANTIAGO, Ana Rita. *Vozes literárias de escritoras negras*. Cruz das Almas-BA: Editora UFRB, 2012.
- SANTIAGO, Silviano. Deslocamentos reais e paisagens imaginárias – o cosmopolita pobre. In: OLIVEIRA NETO, G. de; CHIARELLI, S. (Org.). *Falando com estranhos: o estrangeiro e a literatura brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília: INCT, 2015.
- SANTOS, Gevanilda. *Relações raciais e desigualdades no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- SANTOS, José Henrique de Freitas; RISO, Ricardo. *Afro-Rizomas na Diáspora Negra: as literaturas africanas na encruzilhada brasileira*. Rio de Janeiro: Kitabu, 2013.
- SCEGO, Igiaba. *Minha casa é onde estou*. Tradução: Francesca Cricelli. São Paulo: Editora Nós, 2018.
- SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo*. São Paulo: Annablume, 2014.
- SCHWARCZ, L.; GOMES, F. *Dicionário da escravidão e liberdade*. Org. SCHWARCZ, L.; GOMES, F. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. Versão digital, s/p.
- SILVA, Ana Rita Santiago da. *Vozes literárias de escritoras negras baianas: identidades, escrita, cuidado e memórias de si em cena*. Tese (doutorado). Salvador, 2010.
- SILVA, Andressa Marques da. *Por uma promessa de vida mais viva: relações afetivas de mulheres negras no rap e no romance brasileiro contemporâneo*. 2013. 129 f., il. Dissertação (Mestrado em Literatura). Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Marilene Felinto: a irmã outsider*. Disponível em <[www.gelbc.com.br](http://www.gelbc.com.br)>. Acesso em 20 de julho de 2019.
- SILVA, Cidinha da (Org.). *Insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014
- SILVA, Fernanda Felisberto da. *Escrevivências na diáspora: escritoras negras, produção editorial e suas escolhas afetivas, uma leitura de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e Zora Neale Hurston*. UERJ, 2011. Tese.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. *A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)* / Mário Augusto Medeiros da Silva. - Campinas, SP : [s. n.], 2011.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Encantamento: sobre política de vida*. Mórula: Rio de Janeiro, 2020.

SOBOTA, Guilherme. *Flip 2019: Aplaudida de pé, Marilene Felinto diz que levou décadas para superar o racismo brasileiro*. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/flip-2019-aplaudida-de-pe-marilene-felinto-diz-que-levou-decadas-para-superar-o-racismo-brasileiro/>>. Acesso em 20 de julho de 2019.

SOBRINHO, C.; NUNES, D.; ALVES, D. *Enegrescência – coletânea poética*. Salvador: Editora Ogum's Toque negros, 2016.

SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Pensar nagô*. Petrópolis: Vozes, 2017.

\_\_\_\_\_. Uma lógica perversa de lugar. Dossiê Racismo. Eco Pós. ISSN 2175-8689 – v. 21, n. 3, 2018. Disponível em <[revistas.ufrj.br/index.php/eco\\_pos](http://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos)>. Acesso em 15 de novembro de 2018.

SOUSA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social* / Neusa Santos Souza. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SOUZA, Elizandra. *Águas da cabaça*. Edição da Autora: São Paulo, 2012.

SOUZA, Florentina. Mulheres negras escritoras. In: Revista Crioula nº 20 – 2º semestre, 2017.

SOUZA, Florentina; LIMA, Maria. Literatura afro-brasileira. Org. Florentina Souza, Maria Nazaré Lima. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

SOUZA, Jessé. *A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2000.

SOUZA, Jovina. *O amor não está*. Salvador: Ed. Ômnira, 2019.

SUPLEMENTO PERNAMBUCO. *Do que tem tratado a crítica acadêmica?*. Disponível em: <<http://www.suplementopernambuco.com.br/artigos/1859-do-que-tem-tratado-a-cr%C3%ADtica-acad%C3%AAmica.html>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

TENNINA, L; MEDEIROS, M.; PEÇANHA, E; HAPKE, I., *Polifonias marginais*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2015.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo In: *Vents d'Est, vents d'Ouest: Mouvements de femmes et féminismes anticoloniaux* [en línea]. Genève: Graduate Institute Publications,

2009 (gerado el 12 octubre 2018). Disponível em:  
<<http://books.openedition.org/iheid/6316>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. *Of Ialodês and Feminists: Reflections on Black Women's Political Action in Latin America and the Caribbean*. Disponível em:

<<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0921374007077383?journalCode=cdya>>.  
Acesso em: 01/12/2018.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

## MORINGAS

[As moringas são espaços onde colocamos água para que ela fique ainda mais fresca. Aqui mais águas de filtro que transbordam.]

Imagem 19: Fotografia de Analee Sales - Roda de conversa sobre literatura de mulheres negras – Alcobaça-BA



Imagem 20: Fotografia de Analee Sales - Roda de conversa sobre literatura de mulheres negras – Caravelas-BA



Imagem 21: Fotografia de Analee Sales - Roda de conversa sobre literatura de mulheres negras – Caravelas-BA



Imagem 22: Fotografia de Analee Sales - Roda de conversa sobre literatura de mulheres negras – Alcobaça - BA



Imagem 23: Fotografia de Analee Sales - Roda de conversa sobre literatura de mulheres negras – Alcobaça-BA



Imagem 24: Fotografia de Analee Sales – Palestra sobre autoria negra Uneb– Teixeira de Freitas -BA



Imagem 25: Fotografia de Analee Sales – Palestra sobre autoria negra Uneb– Teixeira de Freitas - BA



Imagem 26: Fotografia de Analee Sales - Roda de conversa sobre literatura de mulheres negras – Cumuruxatiba-Prado-BA



Imagem 27: Fotografia de Analee Sales – Intervenção artística – colagens de lambes-lambes em Alcobaça-BA

